

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA  
LINHA DE PESQUISA EM MÍDIA E MEDIAÇÕES SOCIOCULTURAIS

**AMANDA MEDEIROS**

**“DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS”:  
O Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções**

RIO DE JANEIRO

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA  
LINHA DE PESQUISA EM MÍDIA E MEDIAÇÕES SOCIOCULTURAIS

**AMANDA MEDEIROS**

“DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA  
DE SEUS CASTELOS”:

O Movimento Brasil Livre (MBL) e a  
mobilização política de emoções

Tese de Doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Comunicação e  
Cultura vinculado à Escola de Comunicação  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito para a obtenção do título de  
Doutora em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

RIO DE JANEIRO

2020

### CIP - Catalogação na Publicação

MM488" Medeiros, Amanda  
"DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS":  
o Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização  
política de emoções / Amanda Medeiros. -- Rio de  
Janeiro, 2020.  
249 f.

Orientador: João Freire Filho.  
Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio  
de Janeiro, Escola da Comunicação, Programa de Pós  
Graduação em Comunicação, 2020.

1. Movimentos Sociais. 2. Emoções. 3. Política. 4.  
Internet. 5. Movimento Brasil Livre. I. Freire  
Filho, João, orient. II. Título.

## **AMANDA MEDEIROS**

“DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS”:

O Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura vinculado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

### **Banca examinadora**

---

**Prof. Dr. João Batista de Macedo Freire Filho**, Orientador

Doutor em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

**Profa. Dra. Leticia Cantarela Matheus**

Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

**Prof. Dr. Bruno Roberto Campanella**

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

**Profa. Dra. Denise Tavares da Silva**

Doutora em Prolam pela Universidade de São Paulo (USP)  
Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

**Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti**

Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)  
Departamento de Comunicação Social, Universidade Federal de Viçosa (UFV)



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO  
UFRJ



Programa de Pós-Graduação em Comunicação

**ATA DA QUADRIGENTÉSIMA NONAGÉSIMA SEGUNDA SESSÃO  
PÚBLICA DE EXAME DE TESE DE DOUTORADO DEFENDIDA POR  
AMANDA CÍNTIA MEDEIROS E SILVA NA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
DA UFRJ**

Aos cinco dias do mês de junho de dois mil e vinte, às quatorze horas e trinta minutos, através de videoconferência, foi realizada a defesa de tese de doutorado de **Amanda Cíntia Medeiros e Silva**, intitulada: **“DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS”: O Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções**” perante a banca examinadora composta por: **João Batista de Macedo Freire Filho** [orientador e presidente], **Leticia Cantarela Matheus**, **Denise Tavares da Silva**, **Bruno Roberto Campanella** e **Henrique Moreira Mazetti**. Tendo a candidata respondido a contento todas as perguntas, foi sua tese:

(X) aprovada ( ) reprovada ( ) aprovada mediante alterações  
A banca destaca a relevância do objeto, a qualidade do texto e a profundidade da pesquisa empírica.

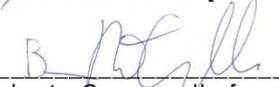
E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente, que segue datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pela candidata ao título de Doutora em Comunicação e Cultura.

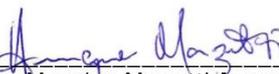
Rio de Janeiro, 05 de junho de 2020

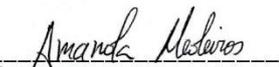
  
-----  
João Batista de Macedo Freire Filho [orientador e presidente]

  
-----  
Leticia Cantarela Matheus [examinadora]

  
-----  
Denise Tavares da Silva [examinadora]

  
-----  
Bruno Roberto Campanella [examinador]

  
-----  
Henrique Moreira Mazetti [examinador]

  
-----  
Amanda Cíntia Medeiros e Silva [candidata]

## AGRADECIMENTOS

*Gratidão: 1- qualidade de quem é grato; 2- Reconhecimento por um benefício recebido, agradecimento.*

A partir daqui, deixo para trás toda a lista de emoções estudadas ao longo desses quatro anos e sigo movida, especialmente, pela gratidão diante de tantos nomes e histórias que cruzaram o meu caminho e me ajudaram, de alguma maneira, na construção deste trabalho.

Aos meus pais, Ana e José, por terem me ensinado a voar. Desde sempre vocês me mostraram que eu poderia ir além, e não mediram esforços quando esse *além* se tornou o *nosso* maior e mais importante desafio.

À minha família, em nome do meu irmão Genilson Filho, da minha avó Socorro e da minha tia Regy, pela compreensão diante de tantas ausências, pelas orações e pelo incentivo que me fizeram seguir quando a missão se mostrou mais árdua.

Ao meu namorado, Antonio, por ser, por estar tanto...sem seu companheirismo, dedicação, paciência e amor diários tudo teria sido muito mais difícil. Pelas tantas leituras, já te concedo o título de engenheiro das emoções.

Aos amigos de *sempre* em nome de Déborah, Cíntia, Lili, Divino, Papito e Lídia. Obrigada por terem sorrido comigo antes, durante e depois dessa longa jornada.

Aos novos amigos que o Rio de Janeiro me deu. Especialmente às meninas que passaram pelo *HomeRio301* (Gabi, Raisal, Naya, Dani e Martina) e que tanto me ensinaram sobre convivência e cuidado; aos *Toneiros* e agregados (Elói, Bruno, Felipe, Ronaldo, Sophia, Duda, Jéssi, Luana e Léo), que estiveram comigo desde antes do início dessa missão, dividindo, dia a dia, os perrengues acadêmicos e carnavalescos; e às meninas do *CopaPole* (Suellen, Júlia, Marina, Cecília, Anais, Carla) que, ao longo desses anos, foram terapia, alegria compartilhada com hora e local marcados.

De uma forma bem espacial, à Tati e à Júlia, por terem permitido que os nossos vínculos acadêmicos fossem tão longe a ponto de eu não me enxergar, hoje, sem ter por perto esses dois jeitos tão diferentes e tão inspiradores de levar a vida.

Ao meu orientador João Freire, pela oportunidade, pelas aulas instigantes, pelas orientações, pelas conversas mais aleatórias, pela paciência. Tive sorte de ter um mestre e de construir, a partir dessa relação, um laço de amizade. Em nome dele, agradeço, ainda, a todos que compõem o Nemes pela constante troca de conhecimentos e pela partilha de boas horas nos corredores da Eco e mesas do Outback. Tati, Bruna, Júlia Anjos, Júlia Sagado, Mayka, Renata, Francine, Isabela, Amanda, Lígia, vocês tornaram isso mais leve!

Aos professores Bruno Campanella, Leticia Matheus, Henrique Mazetti, Denise Tavares e Renata Tomaz por se disponibilizarem a ler e contribuir com este trabalho, mesmo nos difíceis tempos de uma pandemia.

À Escola de Comunicação da UFRJ e a todos os docentes que fazem dela um espaço tão rico para a construção da ciência. Em nome do Thiago, agradeço aos técnicos que viabilizam o funcionamento diário deste lugar que aprendi a chamar de *casa*. Agradeço, ainda, aos alunos de Teoria da Comunicação III, que me receberam, que exigiram de mim e me incentivaram a sempre buscar o aperfeiçoamento da arte da docência.

À UFRN, por ter sido a minha base, meu exemplo de que a universidade pública, gratuita e de qualidade realiza sonhos.

À CAPES pelo apoio financeiro essencial à execução desta pesquisa.

Agradeço a Deus.

Aos que movem a universidade pública,  
gratuita e de qualidade.

## RESUMO

MEDEIROS, Amanda. “*DEVEMOS IMPLODIR O QUE RESTA DE SEUS CASTELOS*”: o Movimento Brasil Livre (MBL) e a mobilização política de emoções. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Desde as Jornadas de Junho de 2013, o Brasil tem atravessado intensos períodos de inquietação política, contexto em que atores sociais dos mais distintos alinhamentos ideológicos ganharam projeção. De lá até aqui, muitos desses grupos socialmente organizados ficaram pelo caminho: perderam notoriedade, caíram no esquecimento, desfizeram-se por razões variadas. O Movimento Brasil Livre (MBL) revisou formas de atuação, ampliou pautas e número de seguidores, garantindo posição relevante em meio aos embates políticos que se desenrolam no país; por isso, figura como objeto empírico desta pesquisa. Na busca por recrutar e manter indivíduos e coletividades vinculados às suas causas, movimentos socialmente organizados se utilizam dos espaços interativos da internet para mobilizar emoções politicamente. Cabe, portanto, analisar qual a lógica de funcionamento das dinâmicas comunicacionais – compostas por diferentes estratégias e táticas retóricas – lançadas pelo MBL no Facebook com o objetivo de incitar emoções para aproximar novos atores. Assim sendo, defendo a seguinte tese: visando o engajamento e a manutenção de apoios imprescindíveis ao seu projeto de poder, o Movimento constrói narrativas com o intuito de manipular crenças que mobilizam emoções, tais como medo, raiva, ódio, nojo, indignação e ressentimento em relação àquele *Outro* que seria o responsável por situações desagradáveis e que, por consequência, deve ser negado. Como desdobramento dessa tese, argumento que, ao tentar impedir qualquer possível vinculação empática com os que se mostram avessos às ideias do grupo, o MBL não só amplia as condições para a conquista de novos seguidores, como também reforça a aversão compartilhada e garante a permanência dos laços que mantêm seus membros coesos numa coletividade. A minha principal hipótese de trabalho consiste, pois, na ideia de que as emoções são exploradas de maneira que a validação do *nós* se dê, sobretudo, mediante a negação ininterrupta do *Outro*, o que acontece por meio da retórica da construção do adversário político. Para desenvolver a análise, concentrei-me nas postagens feitas na *fanpage* do grupo no período que vai de novembro de 2016 a novembro de 2017, em torno de quatro distintas narrativas: *a esquerda é corrupta*; *a esquerda é violenta*; *a esquerda é oportunista*; *a esquerda é doutrinadora*. Algumas questões guiaram a atividade analítica centrada no uso estratégico da retórica: quem fala e a quem se destina a mensagem?; qual o seu objetivo inicial?; quais emoções estão diretamente postas nos materiais, e quais podem estar sutilmente presentes?. Pelo fato de o conteúdo se estruturar em distintos formatos, o trabalho exigiu uma dinâmica de análise cumulativa – que contemplou textos, imagens estáticas e vídeos – para se chegar a uma visão geral dos discursos persuasivos. Este percurso metodológico permitiu o entendimento de quais são as emoções incitadas pelo MBL no ciberespaço, além do modo como se dá este tipo de exploração com a finalidade política clara de desconstruir a esquerda. Em se tratando de um objeto do tempo presente com tamanha capacidade de afetar a ordem social – basta remontar ao processo de *impeachment* por ele orquestrado – os resultados da pesquisa, para além de uma contribuição acadêmica, servem ao estímulo de um pensamento crítico acerca dos embates políticos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais; Emoções; Política; Internet; MBL.

## ABSTRACT

MEDEIROS, Amanda. "WE MUST IMPLOD WHAT IS LEFT OF THEIR CASTLES": the Movimento Brasil Livre (MBL) and the political mobilization of emotions. Thesis (Doctorate in Communication and Culture). School of Communication, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Since the June 2013 Journeys, Brazil has faced intense periods of political unrest, a context in which different social actors have achieved prominence. Over time, many of these groups lost notoriety, fell into oblivion, or disbanded for different reasons. The MBL reviewed ways of acting, expanding its agendas and the number of followers, and ensuring a relevant position in the political clashes taking place in the country; for this reason, it is the empirical object of this research. Seeking to recruit and retain individuals and communities linked to the causes they support, social movements use the interactive spaces of the internet to mobilize emotions for political purposes. In view of this, we analyze the working logic of the communication dynamics - composed of different rhetorical strategies and tactics - explored by MBL on Facebook with the aim of inciting emotions to bring new actors together. I defend the following thesis: aiming at engaging and maintaining indispensable support for its project of power, the Movement builds narratives in order to manipulate beliefs that mobilize emotions, such as anger, hatred, disgust, indignation and resentment towards that Other that would be responsible for unpleasant situations and that, consequently, must be denied. As a continuation of the central thesis, I argue that, by trying to prevent any possible empathic link with its opponents, the MBL not only expands the conditions for the conquest of new followers but also reinforces the shared aversion and ensures the permanence of the ties that maintain its members cohesive in a collectivity. My main working hypothesis is the idea that emotions are explored in such a way that the validation of the we happen, above all, through the uninterrupted denial of the Other, which happens through the rhetoric of the construction of the political adversary. To develop the analysis, I focused on the posts made on the group's fan page in the period from November 2016 to November 2017, around four different narratives: the left is corrupt; the left is violent; the left is opportunistic; the left is doctrinaire. Some questions guided the analytical activity centered on the strategic use of rhetoric: who speaks and to who is the message addressed?; what is your initial objective?; which emotions are directly placed in the materials, and which ones can be subtly present?. Because the content is structured in different formats, the work required a dynamics of cumulative analysis – which included texts, static images and videos – to reach an overview of the persuasive discourses. This methodological approach allowed the understanding of the emotions incited by the MBL in cyberspace, as well as the way in which this type of exploration takes place with the political purpose of deconstructing the left. Because it is an object of the present time with such a capacity to affect the social order – just look at the impeachment process orchestrated by it – the research results, in addition to an academic contribution, serve to stimulate critical thinking about the conflicts contemporary politicians.

**Keywords:** Social movements; Emotions; Policy; Internet; MBL.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Banner</i> publicado em 12 de fevereiro/2017 expondo possível consequência da corrupção no Brasil.....	131
Figura 2: <i>Banner</i> publicado em 30 de julho/2017 atribuindo ao PT o <i>status</i> de partido mais corrupto do país .....	131
Figura 3: Arte publicada em 20 de setembro/2017 para reforçar a imagem de Lula como símbolo principal do PT, identificando um responsável pela corrupção.....	134
Figura 4: <i>Banner</i> publicado em 05 de julho/2017 como estratégia direta de interação/engajamento envolvendo a negação de Lula .....	136
Figura 5: Conjunto de postagens que repetem fotografias descontextualizadas para sugerir uma imagem raivosa de Lula.....	138
Figura 6: <i>Banner</i> publicado em 06 de maio/2017 para reforçar a imagem de Lula como ameaça real .....	140
Figura 7: <i>Banner</i> publicado em 17 de julho/2017 para responsabilizar Dilma por altas despesas que seriam bancadas pelo brasileiro .....	142
Figura 8: <i>Banner</i> publicado em 20 de julho/2017 para evidenciar o sucesso imerecido de Lula .....	143
Figura 9: <i>Banner</i> publicado em 07 de agosto/2017 que responsabiliza, em paralelo, Dilma e Lula por gastos indevidos .....	144
Figura 10: Publicações que apelam para a aproximação/comparação de imagens a serem negadas pela audiência .....	147
Figura 11: <i>Banner</i> publicado em 23 de agosto/2017 com o objetivo de vincular e negatar por extensão a imagem de Lula .....	149
Figura 12: Conjunto de publicações que exploram a possibilidade de Lula prisioneiro.....	151
Figura 13: Conjunto de publicações que se utilizam de um humor ácido para tratar de possível prisão do ex-presidente Lula.....	152
Figura 14: <i>Banner</i> publicado em 08 de novembro/2016 como alerta ao povo brasileiro .....	154
Figura 15: Imagem replicada a partir do perfil de um apoiador em 03 de novembro/2016...	156
Figura 16: Conjunto de publicações utilizadas para atribuir à extrema esquerda a identificação de grupo violento.....	157
Figura 17: Conjunto de publicações que culpabilizam a “extrema esquerda violenta” por danos físicos e materiais .....	158

Figura 18: <i>Banner</i> publicado em 13 de dezembro/2016 para responsabilizar a extrema-esquerda por atitudes violentas durante manifestação.....	161
Figura 19: <i>Banner</i> publicado em 17 de janeiro/2017 noticiando e comemorando suposta prisão de Guilherme Boulos .....	162
Figura 20: Conjunto de publicações que buscam culpabilizar determinados sindicatos e outras entidades de classe.....	164
Figura 21: <i>Banner</i> publicado em 24 de abril/2017 identificando vinculações possíveis entre Lula, os sindicatos e o cidadão brasileiro .....	165
Figura 22: <i>Banner</i> publicado em 17 de abril/2017 instigando um enfrentamento entre Lula e a CUT .....	167
Figura 23: Conjunto de publicações feitas com o objetivo de comparar e inferiorizar o <i>Outro</i> violento.....	169
Figura 24: <i>Banner</i> publicado em 14 de agosto/2017 com o objetivo de igualar (inferiorizando) movimentos políticos nacionais e internacionais .....	170
Figura 25: <i>Banner</i> publicado em 07 de novembro/2016 para generalizar ações da esquerda a partir de um caso pontual.....	171
Figura 26: <i>Banner</i> publicado em 10 de fevereiro/2017 acusando vereadora petista de desequilíbrio emocional e despreparo político .....	172
Figura 27: <i>Banner</i> publicado em 13 de setembro/2017 com o objetivo de deslegitimar a causa LGBT.....	175
Figura 28: <i>Banner</i> publicado em 15 de outubro/2017 para acusar esquerdistas por atitude desumana .....	176
Figura 29: <i>Banner</i> publicado em 26 de maio/2017 para provar a suposta face desumana da esquerda.....	178
Figura 30: <i>Banner</i> publicado em 02 de fevereiro/2017 para noticiar a morte de Marisa Letícia .....	183
Figura 31: <i>Banner</i> publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração de Kim Kataguri acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia .....	186
Figura 32: <i>Banner</i> publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração de Augusto de Franco acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia .....	188
Figura 33: <i>Banner</i> publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração do deputado Paulo Eduardo Martins acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia.....	189

Figura 34: <i>Banner</i> publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração do governador Ronaldo Caiado acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia.....	191
Figura 35: Fala replicada de um ator estratégico da imprensa em alusão ao comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia, em 05 de fevereiro/2017 .....	192
Figura 36: <i>Banner</i> publicado em 05 de fevereiro/2017 acusando a deputada Luiza Erudina de comportamento oportunista semelhante ao de Lula .....	193
Figura 37: Imagem publicada em 06 de fevereiro/2017 caricaturando o comportamento dito oportunista do ex-presidente Lula .....	194
Figura 38: Meme publicado em 15 de maio de 2017 em alusão aos depoimentos dados por Lula à Justiça Federal .....	196
Figura 39: <i>Banner</i> publicado em 16 de outubro/2017 questionando a origem dos bens somados por Lula e Marisa Letícia.....	198
Figura 40: <i>Banner</i> publicado em 15 de setembro/2017 sugerindo a incoerência de Lula e os lugares opostos ocupados por ele e pelo juiz Sérgio Moro .....	199
Figura 41: <i>Banner</i> publicado em 03 de março/2017 recorrendo a personagens fictícios para reforçar a oposição entre Lula e Sérgio Moro .....	200
Figura 42: <i>Banner</i> publicado em 28 de agosto/2017 resgatando a acusação de oportunismo no comportamento de Lula .....	202
Figura 43: <i>Banner</i> publicado em 07 de novembro/2016 tratando ironicamente o tema da doutrinação nas escolas .....	204
Figura 44: Imagem publicada em 12 de novembro/2016 ressignificando cena de desenho animado para acusar a esquerda de doutrinação.....	205
Figura 45: <i>Banner</i> publicado em 15 de agosto/2017 para convocar o público a participar de ato em defesa do projeto Escola sem Partido .....	206
Figura 46: <i>Banner</i> publicado em 11 de agosto/2017 que se utiliza de uma acusação para estimular o público a participar da “Marcha pelo Escola sem Partido” .....	207
Figura 47: <i>Banner</i> publicado em 14 de agosto/2017 identificando figuras políticas que, supostamente, agem para facilitar a doutrinação dos “seus filhos”.....	208
Figura 48: <i>Banner</i> publicado em 17 de abril/2017 com declaração de Fernando Holiday acerca dos papéis da escola e da família na educação de uma criança .....	209
Figura 49: <i>Banner</i> publicado em 16 de maio/2017 com declaração de Luiz Felipe Pondé acerca do “aparelhamento das universidades pela esquerda populista” .....	212

Figura 50: Imagem publicada em 22 de abril/2017 para ratificar a narrativa de que as universidades públicas são territórios férteis para comportamentos imorais .....	213
Figura 51: <i>Banner</i> publicado em 22 de julho/2017 alinhado à narrativa de que a universidade pública é lugar de balbúrdia, motivo da queda em termos qualitativos .....	214
Figura 52: Imagem publicada em 26 de outubro/2017 como prova material da existência de doutrinação nas universidades públicas.....	215
Figura 53: Imagem publicada em 30 de agosto/2017 identificando a universidade pública brasileira como máquina de desvirtuar quem nela ingressa .....	216
Figura 54: <i>Banner</i> publicado em 17 de novembro/2017 tratando de suposta imposição do “ensino de ideologia de gênero para crianças” .....	218
Figura 55: Imagens publicadas entre os meses de abril e maio/2020 tendo como objetivo atacar o presidente Jair Bolsonaro .....	229
Figura 56: Imagens publicadas em abril/2020 que evidenciam estratégias similares de construção do adversário político .....	230

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Dados do <i>Google Trends</i> sobre buscas na ferramenta de pesquisa pelo termo “MBL” entre novembro de 2014 e novembro de 2017 .....	24
Gráfico 2: Distribuição de <i>posts</i> por tema no Facebook do MBL - Novembro/2016 .....	74
Gráfico 3: Distribuição de <i>posts</i> por tema no Facebook do MBL - Novembro/2017 .....	75
Gráfico 4: Distribuição de imagens por eixo temático .....	120

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>18</b>
<b>1- O Movimento Brasil Livre e o uso da internet como espaço para engajamento .....</b>	<b>35</b>
1.1- Quem diz o quê? A autonarrativa e a narrativa da imprensa .....	37
1.2- Ocupar a rede e articular-se em rede: um fenômeno do tempo presente .....	47
1.3- Estratégias e táticas de engajamento e manutenção de apoiadores .....	58
1.4- Mudar para permanecer: das pautas técnicas às <i>guerras culturais</i> .....	69
1.5- A <i>celebrificação</i> dos líderes e o híbrido fã/seguidor.....	78
<b>2- Crenças, emoções e sentimentos morais na ação coletiva.....</b>	<b>85</b>
2.1- Creio, logo sinto: uma abordagem cognitivista das emoções .....	86
2.1.1- Emoções sob a perspectiva neoestoica de Nussbaum .....	92
2.2- A potência política das emoções e a moldagem do corpo coletivo.....	98
2.2.1- Emoções e moralidade .....	101
2.2.2- O uso estratégico da <i>empatia</i> : negando o <i>Outro</i> para afirmar o <i>nós</i> .....	105
<b>3- O percurso metodológico .....</b>	<b>110</b>
3.1- A construção da pesquisa a partir da relação observador <i>versus</i> objeto .....	111
3.2- Dinâmicas da investigação e definição do <i>corpus</i> .....	115
3.3- A retórica como ponto de partida para a análise .....	121
<b>4- A cruzada antiesquerda em duas frentes narrativas cotidianas: corrupção e violência .....</b>	<b>127</b>
4.1- A esquerda é corrupta, sinta raiva .....	128
4.2- A esquerda é violenta, tenha medo.....	154
<b>5- A cruzada antiesquerda em duas frentes narrativas factuais: oportunismo e doutrinação.....</b>	<b>180</b>
5.1- A esquerda é oportunista, trate com desprezo.....	182
5.2- A esquerda é doutrinadora, a ela nada menos que o ódio .....	203

**Conclusões .....222**

**Referências .....232**

**APÊNDICE A:** Teses e Dissertações publicadas no Brasil sobre o MBL

**ANEXO A:** Panfleto do III Congresso Nacional do MBL

## Introdução

Para animar uma plateia predominantemente jovem e masculina que ocupava cerca de 200 lugares em um salão frio e pouco confortável, o palestrante convidado propôs a seguinte dinâmica: “imaginem que eu sou o Lula, e então quando eu disser ‘bom dia’ me respondam falando o que vocês diriam para ele!”. O estímulo obteve retorno imediato: o auditório foi rapidamente tomado pelos ânimos exaltados de indivíduos que, apesar de gestos e palavras distintos, aparentavam sentir uma emoção comum: o ódio. As pessoas se ergueram subitamente; o barulho das cadeiras parecia ensaiado; nos rostos inflamados pela paixão compartilhada, notavam-se sorrisos largos e orgulhosos, como se estivessem prestes a alcançar o que há muito era pretendido.

Pude observar, pessoalmente, o fato narrado acima, em 12 de novembro de 2017, durante o segundo dia de programação do III Congresso Nacional do Movimento Brasil Livre (MBL)<sup>1</sup>. Repetindo a estrutura das duas edições anteriores<sup>2</sup>, o Congresso foi realizado em São Paulo; desta vez, em um dos maiores centros de convenções da América Latina, o WCITY Events Center<sup>3</sup>. O palestrante em questão era Filipe Barros<sup>4</sup>, vereador da cidade de Londrina-PR pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB) e militante do MBL. O público, em sua grande maioria, lideranças estaduais e municipais do Movimento, além de seguidores fortemente engajados ao grupo, dispostos à militância e procedentes das mais diversas regiões do país.

Durante um longo minuto, palmas, vaias e insultos – “ladrão!”, “vagabundo!”, “petralha!”, “merece cadeia!”, “tinha que morrer!” etc. – inseriram o ambiente numa atmosfera bastante peculiar. Um movimento social que é de direita e define-se como “uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”<sup>5</sup>, em um evento que propunha debater “a moral e os bons costumes”<sup>6</sup>, mobilizava emoções no sentido de ratificar a negação – com toda a carga semântica que o termo possa assumir – do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, figura pública que personifica a imagem da esquerda política brasileira, graças à sua ligação com o Partido dos Trabalhadores (PT).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/events/116418352361812/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

<sup>2</sup> O I e o II Congresso Nacional do MBL ocorreram, respectivamente, nos dias 28 de novembro de 2015, e 26 e 27 de novembro de 2016, no Centro de Convenções Rebouças e no CREA-SP.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.wtceventscenter.com.br/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.filipebarros.com.br/atuacao>. Acesso em: 30 nov. 2017.

<sup>5</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/mblivre/about/?ref=page_internal). Acesso em: 30 nov. 2017.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/11/1934576-moral-e-costumes-entram-em-foco-em-congresso-do-mbl.shtml>; <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/mbl-faz-congresso-para-debater-moral-e-bons-costumes/>. Acesso em: 30 nov. 2017.

Apesar de impactante, o episódio descrito não foi um caso isolado durante o evento; o incentivo ao “extermínio do câncer que é o PT” atravessou, de alguma maneira, as mais de vinte horas de falas dos líderes do MBL e dos palestrantes convidados, além de ser o assunto predominante nas conversas paralelas entre participantes do Congresso. Como disse categoricamente a comentarista política da *Rádio Jovem Pan*, Joice Hasselmann, em um painel que pretendia debater *O papel da direita no Brasil pós-impeachment*, “é preciso desesquerdizar, despertizar o país!”<sup>7</sup>. A todo tempo o argumento era reforçado com alertas: “nunca se esqueçam que vocês são figuras nojentas, abjetas e odiosas na cabeça deles”, enfatizou Renan Santos, um dos líderes nacionais do Movimento, ao referir-se ao “povo da esquerda” que precisa ser combatido.

A ideia de enfrentamento da esquerda de uma forma geral compõe a base criativa do vídeo *Nós somos o MBL*<sup>8</sup>, lançado durante o evento e publicado no *site* de rede social Facebook no dia 24 de novembro de 2017. Em menos de uma semana, o produto audiovisual já contava com mais de 195 mil visualizações na página, 1.805 compartilhamentos e 3.700 reações. O material se utiliza de recursos discursivos e imagéticos para reforçar o argumento da esquerda política como um câncer que se espalhou por décadas e está alojado nos mais diferentes espaços (“redações de jornais, sindicatos e corporações, a escola dos seus filhos...é lá que o inimigo se encontra”). São feitas constatações (“a esquerda resiste”), acusações (“fortunas jorrando de dinheiro roubado, imposto sindical e fundações bilionárias”), e alertas (“ela prepara o seu retorno triunfal, como lobo em pele de cordeiro”).

Na narrativa, o efeito visual de alvo a ser atingido é sobreposto à imagem de acontecimentos e de pessoas vinculados à esquerda, ao mesmo tempo em que são ditas palavras de ordem como “devemos implodir o que resta de seus castelos”. No minuto final, reforça-se a necessidade do engajamento para a manutenção da resistência proposta pelo MBL:

Ninguém lhe disse que a luta seria fácil. Mas é nela que surgem os heróis. E heróis são heróis não por causa de suas vitórias; mas sim pela sua capacidade de resistir. Você já sabe o que fazer. Não precisa de nenhum grande guia ou líder político para mudar o seu destino. Você é um de nós. Pois assim como você, lutaremos esta guerra mesmo quando a vitória pareça impossível. Nós somos o *front*; nós somos a resistência. Você pode até discordar de nós; pode até

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://jovempan.uol.com.br/opiniaio-jovem-pan/comentaristas/joyce-hasselmann>. Acesso em: 30 nov. 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 30 nov. 2017.

questionar nossos métodos... mas você já nos conhece. Nós somos o MBL. Sempre que precisar, estaremos lá!

A dinâmica de Filipe Barros e o vídeo lançado durante o III Congresso Nacional do MBL (posteriormente compartilhado na *fanpage* do Movimento) têm em comum a mobilização de emoções no sentido tanto da fidelização daqueles que já apoiam a iniciativa, quanto da busca pelo engajamento do maior número possível de novos adeptos. Esta mobilização, portanto, atravessa simultaneamente os espaços *off-line* e *on-line*. A experiência de participar do evento me permitiu *sentir* particularidades da força de atuação do MBL, a qual se sustenta, de modo perspicaz, no uso da retórica para a manipulação de certas crenças que possam suscitar emoções específicas na audiência. Com efeito, a presença no Congresso garantiu a obtenção de dados empíricos suficientemente consistentes para ir além com o argumento de que a culpabilização e a negação do *Outro* são pontos centrais das estratégias e táticas de mobilização política das emoções lançadas pelo respectivo movimento, no atual contexto brasileiro.

Comparado com os mais de 2.500.000 seguidores no Facebook, 100.000 seguidores no Twitter, e 150.000 inscritos no Youtube<sup>9</sup>, os cerca de 600 participantes do III Congresso Nacional do MBL podem, a princípio, parecer uma amostra de pouco valor. Todavia, ao menos dois fatores precisam ser levados em conta neste cotejo: a facilidade e a gratuidade de acesso aos referidos *sites* de redes sociais, enquanto o evento demandava um investimento financeiro (R\$ 55,00 para participar em um dos dias e R\$ 100,00 para os dois dias do Congresso) e deslocamento físico. O segundo fator, que está diretamente relacionado ao primeiro, diz respeito às possíveis diferenças e semelhanças entre os perfis gerais dos seguidores destas páginas *on-line* e dos pagantes que estiveram no evento.

Pelo formato de organização, conteúdo e tom das falas, as cadeiras daquele auditório estavam ocupadas, salvo raras exceções<sup>10</sup>, por pessoas que apoiam a iniciativa, que compartilham dos mesmos pensamentos e estavam ali, como impresso no panfleto do evento, pela troca de experiências, “pois é do encontro entre teoria e prática política que fomentamos nossa ação transformadora”. Logo, os participantes do Congresso são, por uma lógica simples, apoiadores e seguidores do MBL em suas redes sociais. O contrário, entretanto, não

---

<sup>9</sup> Dados impressos no panfleto distribuído durante o III Congresso Nacional do MBL (disponível, na íntegra, nos anexos desta tese).

<sup>10</sup> As conversas paralelas durante o Congresso e as matérias que posteriormente circularam na imprensa confirmam que, assim como eu, alguns “curiosos” e jornalistas de movimentos e/ou veículos que fazem oposição ao MBL integraram o público presente com finalidades que divergem do simples apoio à iniciativa.

pode ser afirmado: estar, de alguma maneira, presente em determinada rede social não garante total adesão às ideias difundidas através dessa ferramenta comunicacional. As características dos espaços virtuais de sociabilidade permitem o *ir e vir* dos indivíduos sem que estas movimentações indiquem, de fato, o apoio ou o abandono das causas expostas por este ou aquele perfil virtual.

Para Raquel Recuero (2007, 2009), as redes de sociabilidade na internet se sustentam em conexões constituídas através de variadas formas de interação e trocas sociais, sendo elas mais, ou menos densas – *laços fortes e fracos*. A partir do pensamento de Mark Granovetter (1973), a autora argumenta que, no âmbito das redes mediadas por computador, a força dos laços é diretamente proporcional à combinação de variáveis como tempo investido, intimidade, confiança e reciprocidade – o que, a rigor, é tratado pelo sociólogo norte-americano como “emotional intensity”<sup>11</sup> (GRANOVETTER, 1973, p. 1361). Para além desta classificação binária, os laços sociais, ao refletirem interações acontecendo em diversos espaços e sistemas, podem também ser identificados como *multiplexos* (DEGENNE e FORSÉ, 1999; SCOTT, 2000 *apud* RECUERO, 2009).

Uma vez que os *laços fortes* constituem “vias mais amplas e concretas para as trocas sociais” (RECUERO, 2009, p. 41), o MBL, com o intuito de garantir a execução de seu projeto de poder, empreende esforços no sentido de transformar vínculos mais dispersos em relações fortalecidas. Em uma experiência bem-sucedida, o indivíduo que antes circulara livremente em meio aos espaços virtuais habitados pelo grupo direitista – ligado ao movimento por *laços fracos* –, assumiria um perfil mais próximo daquelas pessoas que participaram do III Congresso Nacional do Movimento Brasil Livre, as quais, levando em considerações as variáveis já citadas, mantêm *laços fortes* com o coletivo em questão.

Sendo assim, é nesse sujeito *flutuante* que movimentos sociais como o MBL concentram suas energias no sentido de engajá-los. A internet se configura, portanto, como espaço oportuno não só de manutenção de apoiadores de uma ideia, mas, sobretudo, como lugar de aplicação de estratégias e táticas capazes de proporcionar a passagem de um indivíduo qualquer de mero observador a seguidor – no sentido amplo da palavra. Remetendo às Jornadas de Junho de 2013, momento em que indivíduos e coletividades ocuparam a interface porosa entre ruas e redes (ALZAMORA *et al.*, 2014) para protestar em torno de questões como mobilidade urbana, saúde, educação, segurança pública e corrupção, podemos

---

<sup>11</sup> No original: “the strength of a tie is a (probably linear) combination of the amount of time, the emotional intensity, the intimacy (mutual confiding), and the reciprocal services which characterize the tie” (Tradução minha).

notar que este tipo de investimento de mobilização nos espaços interativos da *web* tem alcançado resultados relevantes.

A amplitude, a velocidade e o potencial de impacto das manifestações que eclodiram nesse contexto ofereceram as condições para que tais atos fossem vistos como consequência direta de uma espécie de propagação viral, em que protestos localizados se difundiram, atravessaram cidades, estados e países, adquirindo a condição de um fenômeno em cadeia (BARREIRA, 2014). Ao referir-se a movimentos como a Primavera Árabe, o Occupy Wall Street e o Indignados, Henrique Carneiro (2012, p. 7) afirma que 2011 ficou marcado por um acontecimento de base epidêmica, que há muito tempo não tomava tamanhas proporções. As Jornadas de Junho viriam a somar-se ao que o autor nomeou como “eclosão simultânea e contagiosa” de movimentos sociais de protestos que possuem reivindicações específicas, mas formas de luta assemelhadas.

Se, nas ciências biológicas, a ideia de propagação viral diz respeito a um processo abrangente, veloz e que dificilmente será controlado, no campo dos estudos comunicacionais é inviável que pensemos hoje sobre este tipo de contágio sem levar em conta o papel da internet. Não é de agora que, cada qual com a sua *bandeira*, movimentos diversos atuam em rede buscando a atenção e o apoio do maior número possível de pessoas através da ocupação vital, contínua e simultânea de espaços físicos e virtuais (CASTELLS, 2017). As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) se mostram, pois, essenciais à amplitude do alcance de estratégias de engajamento. O baixo custo de produção de conteúdo, a rápida circulação de dados e o acesso facilitado à grande maioria das informações disponibilizadas fazem da internet um terreno fértil para a multiplicação das narrativas de movimentos que lideram ações políticas no mundo contemporâneo.

Contudo, acreditar que esse tipo de apropriação da internet é, neste contexto, o principal ou, mesmo, o único fator que oferece as condições de possibilidade para a mobilização política por parte de movimentos sociais constitui uma forma simplória de tratar uma questão bem mais ampla e complexa. Seria reduzir o ser humano a uma espécie puramente racional e instrumental, deixando de lado toda uma gama de paixões que o movem em situações críticas, como a crise multidimensional em que o país adentrava a partir de Junho de 2013. Para Manuel Castells (2017, p. 171), as redes sociais digitais são “ferramentas à disposição de qualquer indivíduo ou rede de indivíduos autoconstituída que deseje ter suas opiniões divulgadas e convocar os que compartilham sua indignação para se juntar num projeto no espaço urbano”.

Nessa perspectiva, em vez de assumir uma visão determinista e responsabilizar unicamente a internet pelas mudanças nas práticas políticas da sociedade contemporânea, interessa-me traçar uma linha de investigação que considere, em paralelo, aspectos tecnológicos e humanos. Esforço necessário para que eu possa discutir as possibilidades de mobilização política das emoções, no ciberespaço, por parte de movimentos sociais atuantes no contexto brasileiro.

Diante da gama de coletivos que têm se envolvido ativamente em dilemas do cenário político nacional, variáveis qualitativas e quantitativas – intimamente relacionadas – foram levadas em conta na escolha do MBL como objeto empírico da investigação aqui proposta – recorte necessário para garantir a exequibilidade da pesquisa. Em termos qualitativos, o Movimento se destaca por lançar mão de estratégias e táticas retóricas que buscam manejar emoções com a finalidade de mobilização política, o que fica evidente tanto nos relatos expostos na abertura deste trabalho, quanto nas narrativas construídas e exploradas diariamente por meio de textos, vídeos, fotografias e *memes* postados no Facebook – material de análise desta pesquisa.

A projeção alcançada pelo movimento social em questão é um fato indiscutível. Durante o III Congresso Nacional do MBL, ao término de sua exposição sobre *A falácia do discurso da liberdade*, o “especialista em política internacional<sup>12</sup>”, Marek Troczinski, foi indagado acerca de “como deveríamos agir” no enfrentamento de situações adversas (do ponto de vista da direita política) que têm emergido no atual contexto do país. Troczinski respondeu prontamente: “vocês, brasileiros, já possuem a chave da questão”; em seguida explicou seu pensamento sublinhando que as ações bem-sucedidas do MBL têm apresentado-se ao mundo como modelo de resistência a ser seguido. Não seria necessário, pois, buscar outros meios para chegar-se a este fim.

Dados quantitativos<sup>13</sup> ratificam esta projeção. Dentre movimentos sociais de diferentes alinhamentos ideológicos que se destacaram nos últimos anos e mantêm-se atuantes, o MBL se mostra amplamente à frente no que tange à quantidade de seguidores em sua página no Facebook: são mais de 2.580.500 seguidores do MBL<sup>14</sup> diante de 1.627.905 do

---

<sup>12</sup> Nas duas últimas edições do Congresso Nacional do MBL, Marek Troczinski foi o convidado externo de destaque, apresentado ao público como “especialista em política internacional”. Uma busca no *Google* vincula o nome unicamente aos eventos do grupo; não foram encontradas outras informações que confirmem este título, ou sequer digam algo mais sobre o palestrante.

<sup>13</sup> Os dados foram coletados em 1 de dezembro de 2017 nas *fanpages* nacionais de cada um dos movimentos.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/>. Acesso em: 1 dez. 2017.

Vem Pra Rua (VPR)<sup>15</sup>, 344.125 do Levante Popular da Juventude (LPJ)<sup>16</sup>, 85.807 da União da Juventude Socialista (UJS)<sup>17</sup>, e 23.855 do Movimento Passe Livre (MPL)<sup>18</sup>. O Gráfico 1 aponta que, para além dos picos de interesse – registrados geralmente em períodos de grande mobilização, como as manifestações em torno do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – a busca por “MBL” na ferramenta de pesquisa do *Google* tem se mostrado, em termos gerais, ascendente.

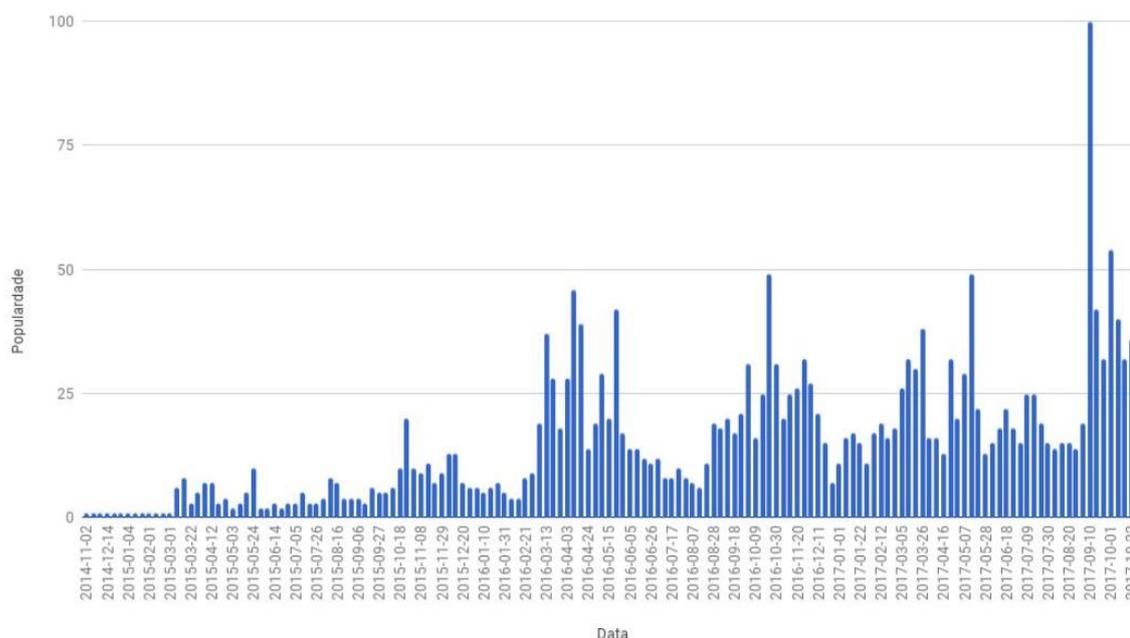


Gráfico 1: Dados do *Google Trends* sobre buscas na ferramenta de pesquisa pelo termo “MBL” entre novembro de 2014 e novembro de 2017<sup>19</sup>

Fonte: a autora (2017)

Cumprе frisar que, por emergir e atuar em uma paisagem cultural amplamente atravessada pelas TICs, o MBL ocupa, estrategicamente, múltiplas plataformas de

<sup>15</sup> O VPR surgiu em outubro de 2014 e sua descrição resumida no *Facebook* consiste em: “VemPraRua manifestar sua indignação conosco. Nossa bandeira é a DEMOCRACIA, a ÉTICA NA POLÍTICA e um ESTADO EFICIENTE e DESINCHADO. Disponível em: [https://www.facebook.com/vempraru.net/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/vempraru.net/?ref=br_rs). Acesso em: 1 dez. 2017.

<sup>16</sup> O LPJ surgiu em 2016 e sua descrição resumida no *Facebook* consiste em: “Uma organização de jovens militantes voltada para a luta de massas em busca da transformação da sociedade.”. Disponível em: <https://www.facebook.com/levantepopulardejuventude/>. Acesso em: 1 dez. 2017.

<sup>17</sup> A UJS surgiu em setembro de 1984 e sua descrição resumida no *Facebook* consiste em: “Nas redes e nas ruas na luta pelo Brasil dos nossos sonhos!”. Disponível em: <https://www.facebook.com/UJSBRASIL/>. Acesso em: 1 dez. 2017.

<sup>18</sup> O MPL surgiu em 2005 e sua descrição resumida no *Facebook* consiste em: “Movimento social autônomo, horizontal, independente e apartidário que luta por um transporte público gratuito e de qualidade, sem catracas e sem tarifa.”. Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoPasseLivrempl/>. Acesso em: 1 dez. 2017.

<sup>19</sup> Além do recorte de tempo (que soma três anos e foi determinado a partir da data de início das atividades do MBL no Facebook), utilizei os filtros de localização da pesquisa (“Brasil”) e tipo de material buscado (“Pesquisa na web”).

comunicação – do Facebook ao Instagram, do YouTube aos palanques políticos, dos aplicativos de mensagem à página institucional etc. –, as quais, sem dúvida, servem à mobilização de emoções que garante a permanência política do Movimento. Além das diferenças formais técnicas, por vezes as narrativas disseminadas, a depender do meio em que circulam, podem sofrer alterações; de todo modo, diante da abundância de dados pertinentes à pesquisa, foi preciso selecionar um espaço para realizar a coleta do material. O Facebook, além do alcance que possui no Brasil<sup>20</sup> e da facilidade do acesso às informações, é a rede social do MBL em que percebi a maior diversidade de conteúdo, possibilitando a construção e circulação de uma narrativa mais completa e complexa.

Uma consequência direta da projeção alcançada pelo MBL é a abordagem do grupo sob diversas lentes descritivas e analíticas, conforme será discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Nas narrativas construídas pelo próprio Movimento e pela imprensa, aspectos como contexto de surgimento, características gerais e finalidade nem sempre convergem. Durante a abertura do já referido III Congresso Nacional, os líderes reforçaram a informação de que o grupo surgiu somente em 2014. No “Manifesto por um Brasil livre”<sup>21</sup>, publicado no Facebook quatro dias após a suposta criação da página *MBL - Movimento Brasil Livre* (04 de novembro de 2014), os membros do coletivo declararam preocupação com o rumo do país, exigindo mudança, lutando e torcendo por uma nação independente em relação a qualquer que seja o governo. Em seguida, foram listados cinco pontos que indicavam a finalidade do Movimento:

- IMPRENSA LIVRE E INDEPENDENTE, sem verbas ou regulamentações governamentais que influenciem seus posicionamentos
- TRANSPARÊNCIA E LISURA nas investigações de todos os crimes contra a Petrobras, patrimônio de todos os brasileiros
- AUDITORIA EXTERNA das urnas eletrônicas utilizadas nas eleições
- INVESTIGAÇÃO SOBRE A ATUAÇÃO DOS CORREIOS NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS
- RESPEITO À SEPARAÇÃO DE PODERES E À ORDEM CONSTITUCIONAL
- FIM DOS SUBSÍDIOS DIRETOS E INDIRETOS A DITADURAS<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Com 130 milhões de contas registradas, o Brasil está em terceiro lugar no *ranking* de número de usuários da plataforma, perdendo apenas para a Índia (300 milhões) e os Estados Unidos (230 milhões). Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/139130-brasil-terceiro-pais-usuarios-facebook.htm> Acesso em: 03 mar. 2019.

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/mblivre/photos/a.204296283027856.1073741829.204223673035117/272030822921068/>. Acesso em: 02 dez. 2017.

<sup>22</sup> Nas transcrições de textos publicados pelo MBL, optei por mantê-los em caixa alta e baixa, tal como no original, no esforço de aproximar ao máximo o leitor do tom usado pelo Movimento em suas postagens.

O documento conta ainda com uma convocação para as manifestações que seriam realizadas pelo Brasil no dia 15 de novembro daquele ano (125º aniversário da Proclamação da República), “reafirmando nosso compromisso com a liberdade, a justiça e as instituições democráticas, repudiando qualquer tentativa de ataque a elas”. Trata-se de uma variável que justifica, ao menos parcialmente, os 1.400 *likes*<sup>23</sup>, 1.830 compartilhamentos e 110 comentários atrelados ao manifesto no Facebook do MBL – números estes que ganham peso se considerada a informação de ser um movimento que, naquela data, contava com menos de uma semana de existência. Quatro dias após a publicação do manifesto, uma nova postagem no mesmo *site* de rede social reforça o convite, afirmando que o mote da mobilização seria “MAIS BRASIL, MENOS PT”<sup>24</sup>.

Os protestos ocorridos em novembro de 2014 são apontados pelo Movimento como seus primeiros atos nas ruas do país; desde então, mantendo-se alinhado à ideia de liberalismo econômico e capitaneando diversas ações antiesquerda, o MBL ampliou suas pautas de reivindicação e seus apoiadores. Em entrevista concedida à *Gazeta do Povo*<sup>25</sup> em outubro de 2017, Kim Kataguiri, um dos líderes nacionais do grupo, afirmou que o MBL age como um partido político liberal – embora não seja oficialmente – e não se trata de um movimento conservador: “no sentido burqueano<sup>26</sup> da palavra, eu acho que hoje o MBL é um partido político. O MBL tem quadros, tem pessoas que se unem em torno de um mesmo ideal, de um mesmo projeto de país, para disputar o poder”.

Se buscarmos responder aos mesmos questionamentos – contexto de emergência, características gerais e finalidade do grupo – a partir das narrativas circulantes na imprensa, encontraremos informações complementares e, não raro, contraditórias. O que seria, de fato, esta organização coletiva? Com que objetivo(s) atua? Como se organiza? Quais as dinâmicas aplicadas para engajamento e manutenção de apoiadores? Apesar de estas e outras indagações atravessarem inevitavelmente a minha pesquisa, interessa-me compreender, mais especificamente, de que forma suas estratégias e táticas são postas em prática no Facebook; dessa maneira, parto da premissa de que o MBL, na busca por aproximar e manter indivíduos e coletividades vinculados à sua causa, mobiliza emoções politicamente.

---

<sup>23</sup> À época o *like*, ou curtida, era a única forma de reagir às postagens feitas no Facebook.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/272733782850772>. Acesso em: 02 dez. 2017.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/o-mbl-e-um-partido-politico-admite-kim-kataguiri-07rbcpdkjkemdy6pklw83416z>. Acesso em: 08 dez. 2017.

<sup>26</sup> Em alusão ao pensador irlandês Edmund Burke (1729-1797), que defendia que a função dos partidos é fazer oposição ao poder e evitar abusos.

Sigo, portanto, norteada pela seguinte questão central: *qual a lógica de funcionamento das dinâmicas comunicacionais – compostas por diferentes estratégias e táticas – lançadas pelo MBL no Facebook com o objetivo de mobilização política das emoções?* Defendo a tese de que, para alcançar o engajamento e a manutenção de apoios imprescindíveis ao seu projeto de poder, o Movimento explora potencialidades da retórica para manipular crenças que mobilizam emoções, tais como medo, raiva, ódio, nojo, desprezo, indignação e ressentimento em relação àquele *Outro* que seria o responsável por situações desagradáveis e que, por consequência, deve ser negado. Como desdobramento desta tese, argumento que, ao negar qualquer possível vinculação empática com os que se mostram avessos às ideias do grupo, o MBL não só reforça os laços que mantêm seus membros coesos numa coletividade, como também amplia as condições de possibilidade de engajamento de novos sujeitos.

A minha hipótese de trabalho consiste, pois, na ideia de que essas emoções são exploradas de maneira que a validação do *nós* se dê, especialmente – mas não só –, mediante a negação do *Outro*. Há uma retórica da construção do adversário político. É preciso manter *inflamadas* entre os apoiadores, de modo ininterrupto e progressivo, as crenças de que eles estão sendo injustiçados, enganados, vivendo sob ameaça real incessante. Sendo o *nós* o próprio MBL, o *Outro* a que me refiro não é necessariamente uma pessoa ou grupo de pessoas, podendo também apresentar-se, de maneira menos objetiva, como pensamentos, posicionamentos políticos e ideológicos. Com efeito, o cenário de forte divisão política e de personificação de siglas partidárias – a exemplo da imagem do ex-presidente Lula com o PT – dificulta uma análise em separado deste *Outro* como pessoa e/ou ideia.

Para argumentar em defesa desta tese, é necessário que consideremos *emoções* não como “forças cegas”, impulsivas, que concernem somente a sensações do corpo, mas, sim, como algo que mantém íntima relação com nossos pensamentos e avaliações e, logo, pouco se assemelha a apetites corporais e estados de ânimo sem razão (NUSSBAUM, 2004). De acordo com a autora, os pensamentos envolvidos nas emoções não são “simplesmente concomitantes ou requisitos prévios causais. Se são necessários para identificar ou definir uma emoção, e para distinguir uma emoção de outra, isto significa que formam parte do que é a emoção em si mesma, são constitutivos de sua identidade”<sup>27</sup> (2004, p. 28).

---

<sup>27</sup> No original: “We cannot, then, regard the thoughts involved in emotion as simply concomitants or causal pre requisites. If they are needed to identify or define an emotion, and to distinguish one emotion from another, this means that they are part of what the emotion itself is, constitutive of its very identity” (Tradução minha).

Num esforço para clarear tal distinção conceitual, a filósofa estadunidense aponta que as emoções possuem objetos, estando, pois, ancoradas em algo; tais objetos, por sua vez, são *intencionais*, alvos *vagos* a que direcionamos os nossos pensamentos/intenções. Assim sendo, não são eles que definem a emoção a ser experienciada por determinada pessoa, mas a maneira como esse indivíduo enxerga e interpreta esses objetos é que vai dizer em que dimensões a emoção o afetará. Um terceiro aspecto reforça essa distinção: as emoções envolvem crenças em relação a seus objetos, e tais crenças podem ser manipuladas com o intuito de mobilizá-las.

Martha Nussbaum (2004) retoma uma passagem de Aristóteles em que o filósofo grego, ao tratar da retórica, dava conselhos a jovens oradores acerca de como mobilizar paixões em seus públicos. Para despertar o medo seria necessário, portanto, fazer com que os presentes sentissem que algo de ruim pudesse ocorrer a eles ou a pessoas próximas; a ira seria sentida quando o público acreditasse sofrer por algo injustamente; já o pesar estaria relacionado à percepção do sofrimento significativo de outra pessoa.

A versão de Aristóteles é convincente: as crenças são bases essenciais para a emoção. Cada tipo de emoção está associada com uma família específica de crenças de maneira que, se uma pessoa não crê ou deixa de crer na família relevante, não terá ou deixará de ter a emoção. Por isso, a retórica política é emocionalmente poderosa. É óbvio que os políticos não têm como influenciar diretamente no estado corporal e nas sensações de seu auditório. O que podem influenciar é nas crenças das pessoas a respeito de uma situação (NUSSBAUM, 2004, p. 26-27).<sup>28</sup>

Os argumentos apresentados pela pesquisadora norte-americana em torno da relação existente entre *emoções* e *crenças* auxiliam na sustentação do eixo teórico central deste trabalho. A real possibilidade do uso de estratégias retóricas para a manipulação de crenças e, logo, a mobilização de emoções com fins pré-determinados, viabiliza, pois, a defesa da minha tese. Cabe a mim, portanto, o esforço de identificação das ditas “famílias específicas de crenças” relacionadas a cada uma das emoções mobilizadas pelo MBL em suas estratégias comunicacionais de engajamento político.

---

<sup>28</sup> No original: “Aristotle’s account is convincing: beliefs are essential bases for emotion. Each type of emotion is associated with a specific family of beliefs such that, if a person doesn’t have, or ceases to have, the beliefs in the relevant family, she will not have, or will cease to have, the emotion. That is why political rhetoric is emotionally powerful. Obviously enough, politicians have no way of directly influencing the bodily states and the feelings of their audience. What they can influence is the beliefs people have about a situation” (Tradução minha).

A cada tempo histórico, novos atores políticos entram em cena e passam a disputar espaços com os já atuantes. Ao considerar movimentos organizados do contemporâneo como sendo esforços persistentes e intencionais no sentido da promoção ou da obstrução de mudanças jurídicas e sociais de longo alcance – a partir do lado externo dos canais comuns institucionais sancionados pelas autoridades –, é compreensível que os enxerguemos como intimamente ligados a um papel político na sociedade (JASPER, 2016). Neste cenário, a arte da retórica da qual trata Aristóteles, uma vez que “emocionalmente poderosa” (NUSSBAUM, 2004, p. 41) e possível de ser explorada por outros que não os pertencentes à classe política profissional, continua sendo estratégica na busca pelo convencimento em torno de determinada ideia.

Ainda que seja oportuno e crescente o interesse acadêmico pelo tema dos movimentos sociais advindo do protagonismo dessas coletividades sobretudo nas Jornadas de Junho de 2013, o meu olhar atento para as limitações e potencialidades desses grupos socialmente organizados tem noutra *lugar* o seu ponto de partida. cursando o mestrado em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), iniciei em 2013 minha pesquisa junto à Agência de Informação Frei Tito para a América Latina (Adital); veículo que, com uma proposta de comunicação cidadã (participativa, dialógica e horizontal), operava em rede em todo o território latino-americano e caribenho diretamente envolvido com movimentos sociais atuantes nestas regiões.

O trabalho de ouvir e disseminar as vozes de grupos socialmente organizados compostos por minorias – indígenas, mulheres, negros, imigrantes etc. – era, pois, um esforço colaborativo. Em suas relações com a agência, os membros desses movimentos, de uma forma geral, não mantinham posições rígidas e, a depender da ocasião, podiam ocupar papéis diferentes no processo produtivo do veículo: leitor final, fonte, colaborador ou multiplicador; encaixavam-se, portanto, no perfil dos “leitores multifacetados” que garantiam, ao menos em parte, o funcionamento da Adital como meio alternativo e contra-hegemônico (MEDEIROS, 2016). Aqui, interessavam-me, digamos, as emoções percebidas por esses atores como positivas sociais, quase afetuosas que sustentavam o trabalho colaborativo de agências com propósito semelhante.

Já no doutorado, aproximando-me dos recentes estudos desenvolvidos pelo meu orientador João Freire Filho – que perpassam as temáticas do ódio, do ressentimento e do asco (FREIRE FILHO 2013, 2014, 2015) –, bem como de outras pesquisas realizadas no âmbito do

Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (Nemes)<sup>29</sup> do qual faço parte (ANJOS, 2019; LEAL, 2019), passei a olhar atentamente não mais para as emoções que precisavam ser afirmadas com a perspectiva de união dos movimentos sociais em torno de uma rede de agências de informação. O foco, agora, reside nas emoções que, no atual momento do país – pós Jornadas de Junho de 2013, com um processo de *impeachment* executado e marcado pela forte separação entre direita e esquerda política –, são exploradas pelo MBL no sentido de culpabilização e negação do *Outro* para a validação e afirmação do *nós*.

O valor científico e social do objeto *movimentos sociais* no Brasil contemporâneo se evidencia nos diferentes e complementares esforços que pesquisadores de áreas distintas têm somado com o objetivo comum de compreender o fenômeno em todas as suas nuances. No que concerne especificamente ao MBL, por se tratar de um objeto empírico que até o ano de 2014 sequer tinha contornos bem definidos, ainda são escassas as investigações acadêmicas aprofundadas acerca do tema. Uma busca no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) aponta para 18 pesquisas de mestrado e quatro de doutorado que abordam mais, ou menos diretamente a temática<sup>30</sup>. Os trabalhos, defendidos entre os anos de 2016 e 2019, foram desenvolvidos em diferentes áreas de conhecimento – Mídia e Tecnologia, Ciência da Informação, Tecnologia da Inteligência Digital, Linguística, Teoria Literária, Ciências Sociais, Ciências Políticas, Sociologia, Serviço Social, Psicologia, História –, e apenas três deles a partir de um Programa de Pós-graduação em Comunicação, o que ratifica a necessidade de ampla análise do objeto no nosso campo.

Apesar de manter diálogo com pensamentos advindos de outras áreas de saberes, construo esta pesquisa sob o viés da Comunicação, com o objetivo principal de compreender a dinâmica de manipulação de crenças e mobilização política de emoções no Facebook do MBL. Traço, para tanto, um percurso metodológico geral que perpassa os seguintes objetivos específicos/etapas de trabalho: 1- identificação dos diferentes formatos de conteúdos utilizados na execução das estratégias e táticas comunicativas lançadas pelo Movimento no referido *site* de rede social; 2- mapeamento e categorização dos conteúdos a partir das narrativas predominantemente exploradas; 3- análise do material para entendimento da relação entre emoções percebidas e as crenças que as mobilizaram.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.nemesufrj.com/>. Acesso em: 06 dez. 2019.

<sup>30</sup> Uma coleta inicial, feita em março de 2018, indicava apenas quatro pesquisas de mestrado relacionadas ao tema. Os dados, que sugerem uma ampliação do debate, foram atualizados em abril de 2020 e estão dispostos no APÊNDICE A: Teses e Dissertações publicadas no Brasil sobre o MBL deste trabalho.

Três fatores se apresentaram como obstáculos iniciais a serem enfrentados: a grande quantidade de informações disponíveis e pertinentes para a análise; a forma de abordagem de um objeto empírico que se insere na história do tempo imediato (LACOUTURE, 1990); as possíveis dificuldades pessoais no trato de um objeto que, devido ao meu posicionamento político e ideológico, apresenta-se como um “tema desagradável<sup>31</sup>” (SHOSHAN, 2015).

Diante da grande quantidade de postagens diárias feitas pelo MBL em sua página do Facebook, filtros temporais e temáticos se apresentam como indispensáveis na delimitação deste recorte. Dessa forma, para garantir a exequibilidade do trabalho, os dados analisados estão inseridos no espaço de tempo que vai de novembro de 2016 a novembro de 2017. O início deste período coincide com o encerramento do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – no qual o grupo esteve ampla e diretamente envolvido –, e com uma reconfiguração das estratégias do Movimento mediante a inserção de novas pautas (essencialmente de cunho moral). O fim, por sua vez, foi delimitado tanto pelo redirecionamento efetivo das atenções do grupo para as disputas eleitorais de 2018, quanto pela minha ida ao III Congresso Nacional organizado pelo coletivo.

A participação no evento anual do MBL auxiliou, ainda, na escolha dos filtros temáticos utilizados no recorte de pesquisa. Ao cruzar assuntos abordados durante o Congresso, e temas predominantes nas postagens feitas pelo MBL em seu Facebook no espaço de tempo pré-definido, identifiquei quatro narrativas gerais de destaque e optei por realizar a análise aqui proposta a partir delas: *a esquerda é corrupta; a esquerda é violenta; a esquerda é oportunista; a esquerda é doutrinadora.*

A quantidade de informações circulantes pertinentes à pesquisa está diretamente vinculada ao fato de tratar-se de um objeto que se insere na história do tempo imediato, marcado por uma sociedade mediada e amplamente midiaticizada (VERÓN, 2004). Para Jean Lacouture (1990, p. 331), a imagem dessa história, “tal como a percebemos, não para de mover-se, negando-se a um verdadeiro enquadramento e a uma acomodação satisfatória”. Ainda segundo o autor, embora o investigador do tempo imediato, uma vez que o vivenciando, conte com vantagens em seu trabalho de registro e interpretação dos fatos, a dinamicidade do acontecimento em curso o desafia em diversos aspectos metodológicos. Como, então, lidar com toda a vivacidade do objeto escolhido? Como captá-lo? Como mapear, coletar, e categorizar o que se mostra pertinente? Aqui, uma questão técnica precisou

---

<sup>31</sup> Um tema que possa impor ao pesquisador dificuldades na dinâmica de aproximação com objeto, necessária ao rigor científico. No texto, Shoshan (2015) refere-se, especificamente, a um trabalho de campo etnográfico com jovens neonazistas em Berlim.

ser levada em conta: se, por um lado, as TICs possibilitam o rápido acesso a números exponenciais de dados, por outro, o volume de tráfego na internet inviabiliza, em muito, a coleta manual dessas informações (ALVES, 2016). Dessa maneira, aplicativos e ferramentas de busca do *Google* e do próprio Facebook foram testadas até que eu conseguisse chegar ao todo do material de análise.

No que tange ao terceiro obstáculo listado acima, é certo que um trabalho investigativo que preze pelo rigor científico das análises exija do pesquisador uma relação de proximidade “na medida exata” com o seu objeto. Nitzan Shoshan (2015) defende que, apesar de existirem dificuldades reais no trato metodológico de determinados assuntos que cruzam o campo da antropologia, estas não devem servir de justificativa para a não realização de pesquisas que abordem, por exemplo, grupos extremistas a partir de um prisma etnográfico. O autor explica que, na realidade, “o desagradável reside no olhar do espectador”<sup>32</sup> (SHOSHAN, 2015, p. 151). Dessa forma, coube a mim, como pesquisadora, o esforço para me relacionar com o meu objeto de tal maneira que o distanciamento existente entre nós não o restringisse em algum aspecto. É preciso permitir ao que é observado, e não unicamente ao observador, o apontamento dos traços do desenho metodológico e do resultado da investigação (BONIN, 2008; MALDONADO, 2011).

A busca pelo rigor científico no manejo do objeto de pesquisa, apesar de acompanhar-me durante todo o percurso metodológico, foi reafirmada na última etapa desta atividade intelectual. Nesse estágio, passei a observar as narrativas expostas nos distintos formatos de materiais coletados, para então analisá-las a partir da retórica que as sustenta, com especial atenção direcionada às cargas emotivas impressas pelo MBL nos conteúdos publicados em sua *fanpage*. Para tanto, levei em consideração o poder emocional da retórica defendido por Aristóteles (2000, 2007) e resgatado por Nussbaum (2004). Segui inspirada, ainda, pela forma específica como Sara Ahmed (2014) realizou uma leitura atenta, direcionada, no processo de abordagem analítica das emoções presentes em discursos que circulam no domínio público; bem como pelo modelo de *Análise Retórica* proposto por Samuel Mateus (2018). A partir desse modelo analítico, formulei perguntas e defini etapas que guiaram a investigação.

Para examinar como se desenrola a dinâmica de manipulação de crenças e mobilização política de emoções no Facebook do MBL, este trabalho, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, descritivo e analítico, foi dividido em cinco capítulos. No

---

<sup>32</sup> No original: “Lo desagradable reside en los ojos del espectador” (Tradução minha).

primeiro deles retomo discussões existentes em torno de assuntos como *movimentos sociais*, *emoções* e *internet*, evidenciando que, no contexto contemporâneo, cada vez mais tais laços se (re)configuram e solidificam-se. Movimentos socialmente organizados atuam em rede e na rede; mobilizam emoções estrategicamente no ciberespaço; se constituem em um fenômeno do tempo presente. Em paralelo a esta discussão, apresentei o objeto empírico a partir de duas linhas: a autonarrativa do grupo; a narrativa construída pela imprensa. A este conteúdo, somei informações que contemplam as fases vividas pelo MBL para evidenciar a entrada de questões morais em suas pautas de reivindicação. Examinei, ainda, o processo de *celebrificação* dos líderes do Movimento (DRIESENS, 2014)<sup>33</sup>, destacando como o *status* de celebridade valida os discursos por eles proferidos, e interfere, portanto, na manipulação de crenças e mobilização de emoções junto a seus apoiadores legítimos e/ou em potencial.

No segundo capítulo, aprofundo o eixo teórico central desta tese ao explorar as vinculações contidas nas ideias de *crenças*, *emoções* e *sentimentos morais*, com o intuito de oferecer o embasamento necessário à compreensão das análises que serão apresentadas posteriormente. A essa tarefa, é imprescindível o entendimento de que crenças específicas podem ser manipuladas com o intuito de mobilizar emoções (NUSSBAUM, 2001; 2004). Ainda neste recorte do texto, dedico atenção à potência micropolítica das experiências emocionais na ação coletiva (MILLER, 1995; REZENDE e COELHO, 2010; AHMED, 2014), e trato da *empatia* como sentimento moral estrategicamente utilizado para a negação do *Outro* (HUME, 2013; SMITH, 2015).

No terceiro capítulo, dedicado às questões metodológicas, explico as escolhas feitas e apresento cada etapa de construção deste trabalho. O conteúdo foi construído com base no argumento de que a metodologia precisa ser pensada como dimensão que guia o pesquisador em todos os níveis de elaboração do material científico, “como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na captura e fabricação pensada deste objeto” (BONIN, 2008, p. 121).

Nos dois capítulos finais da tese, à medida em que desenvolvo as análises a respeito das quatro narrativas já mencionadas, discuto o entendimento teórico das emoções nelas percebidas – e que somente através delas puderam ser mobilizadas pelo MBL. Desse modo,

---

<sup>33</sup> Para Driessens (2014, p. 09), enquanto a *celebrificação* diz respeito à “transformação de pessoas comuns e figuras públicas em celebridades”, a *celebritização* consiste num (meta) processo menos individual e mais social, em que diferentes campos da sociedade são atravessados pela lógica da celebridade (ex.: *celebritização* da esfera política, médica etc.).

no penúltimo capítulo abordo duas narrativas já consolidadas na plataforma discursiva do Movimento – *a esquerda é corrupta e a esquerda é violenta* –; enquanto no quinto e último capítulo trato de duas outras narrativas que, no momento da observação, estavam sendo construídas pelo MBL a partir da ocorrência de eventos específicos – *a esquerda é oportunista e a esquerda é doutrinadora*.

Ao problematizar as contemporâneas relações existentes entre *emoções, movimentos sociais e política* a partir do MBL, não pretendo aqui esgotar o debate. Almejo contribuir academicamente com estudos acerca das possibilidades de mobilização política das emoções em um contexto marcado pela presença massiva das TICs; bem como levar esta discussão para outros espaços da sociedade, de maneira que reflexões clichês possam gradativamente ceder espaço a olhares mais críticos em direção ao uso político das ferramentas de comunicação disponíveis na atualidade.

## 1- O Movimento Brasil Livre e o uso da internet como espaço para engajamento

Embora, atualmente, possamos enxergar vinculações possíveis entre *movimentos sociais, internet e emoções*, essas interseções nem sempre existiram – sobretudo no que tange ao uso da *web* –, ou sequer se apresentaram de modo semelhante ao que vemos hoje. Utilizar-se de espaços interativos *on-line* para mobilizar estrategicamente emoções e alcançar engajamento político é algo de que somente movimentos sociais das últimas décadas puderam lançar mão.

Tendo em vista que tais laços se (re)configuram em um processo contínuo, o debate segue norteado pelo entendimento de que, no tempo presente, movimentos sociais operam em rede e na rede, criando, estimulando e beneficiando-se dos *tribunais de cólera* que figuram na internet (FREIRE FILHO, 2014), fazendo-o com a finalidade de mobilização política das mais variadas paixões. O objetivo é possibilitar, ao término deste primeiro capítulo, uma compreensão geral acerca da existência dessas vinculações, e de que modo elas se sustentam no contemporâneo, refletidas, especialmente, no Movimento Brasil Livre (MBL).

Seguindo tal linha de raciocínio, retomo nesta seção discussões que giram em torno da tríade base mencionada acima, com foco na ocupação estratégica do ciberespaço. Em paralelo a um esboço teórico sobre padrões contemporâneos de movimentos socialmente organizados (JASPER, 2016), apresento o objeto da investigação de modo a analisá-lo em toda sua fluidez e especificidade, partindo da noção de fenômeno do tempo presente (CASTELLS, 2017). Para tanto, optei por segmentar o texto em cinco tópicos: *Quem diz o quê? A autonarrativa e o enquadramento da imprensa; Ocupar a rede e articular-se em rede: um fenômeno do tempo presente; Estratégias e táticas de engajamento e manutenção de apoiadores; Mudar para permanecer: das pautas técnicas às guerras culturais; A celebração dos líderes e o híbrido fã/seguidor.*

No primeiro tópico, abordo o MBL mesclando narrativas distintas: a do próprio Movimento e a construída pela imprensa. Assinalo em que aspectos elas se intersectam, bem como discuto acerca do que pode estar por trás das contradições que nelas residem – como por exemplo, as diferentes versões sobre a procedência e o recorte temporal em que surge o movimento. Exponho, ainda, argumentos teóricos que me permitem pensar o MBL a partir da noção de *movimento social* – o de maior projeção no Brasil contemporâneo.

Na segunda e na terceira seções do capítulo, trato de um padrão organizativo dos movimentos sociais contemporâneos, bem como das estratégias e táticas de engajamento e manutenção de apoiadores levadas a cabo por esses grupos organizados na *sociedade em rede*

– considerando que a rede tecnológica tanto compõe quanto afeta o conjunto de possibilidades de atuação desses agrupamentos políticos. Com essa finalidade, desenvolvo a discussão teórica guiada, especialmente, pelas seguintes noções: *repertório da ação coletiva* (TILLY, 1995), *espaço da autonomia* (CASTELLS, 2017) e *choque moral* (JASPER, 2016).

Na quarta parte, discuto as mudanças estratégicas que garantiram ao Movimento continuidade e amplitude: o MBL relativizou, de certo modo, a centralidade que conferia a pautas políticas e econômicas, tratadas de maneira técnica; paralelamente, com posturas morais bem definidas, passou a jogar outro tipo de jogo, colocando em campo, também, temáticas novas à realidade do grupo. Para desenvolver essa discussão, exploro, pois, a ideia de *guerras culturais* (HUNTER, 1991).

No último tópico do capítulo, trato de como o processo de *celebrificação* (DRIESSENS, 2014) de líderes do Movimento pode influenciá-lo positivamente, conferindo ainda mais autoridade à fala desses indivíduos, e ampliando a possibilidade de engajamento de novos seguidores. Abordo, também, o modo como o *capital de visibilidade* (HEINICH, 2014) adquirido por essas figuras célebres pode ser convertido em apoios dos mais distintos atores estratégicos – outros movimentos sociais, líderes religiosos e/ou político-partidários, imprensa, governo etc. Por fim, discorro sobre a noção de híbrido fã/seguidor percebida no cenário de atuação do MBL, e que é habilmente explorada pelo grupo.

## 1.1- Quem diz o quê? A autonarrativa e a narrativa da imprensa

Em uma matéria publicada pelo *Nexo Jornal*<sup>34</sup> em janeiro de 2018, estudiosos brasileiros foram convidados a discutir a pertinência do uso da expressão *movimentos sociais* para classificar grupos e manifestações populares recentes. Quando diretamente indagados sobre o que seria um movimento social, Pablo Ortellado<sup>35</sup> e Euzeneia Carlos<sup>36</sup> ressaltaram aspectos diferentes na tentativa de conceituação do termo. Ortellado definiu brevemente movimentos contemporâneos como “grupos organizados que mobilizam ações voltadas para determinado objetivo político”; Carlos enfatizou que tais movimentos são coletividades constituídas por atores diversos – indivíduos, grupos e organizações – que interagem mediante laços informais e estão engajados em uma proposta que vise algum tipo de contestação. Apesar de ambos os entrevistados terem ressaltado o fato de não haver consenso em torno do significado do conceito, as respostas dadas ao veículo, por si só, nos falam sobre sua amplitude – ou mesmo imprecisão.

Essa dificuldade com o tratamento conceitual é sintomática. Se em outros recortes espaço-temporais as definições forjadas pareciam dar conta daquilo que se apresentava como movimento social, a ideia de delimitar um conceito e pensar uma *fórmula* para abordagem teórica desse tipo de organização/ação coletiva, no contexto atual, se mostra cada vez mais distante. Tampouco é coerente que resgatemos antigos padrões para entendermos esse objeto no contemporâneo, tendo em vista que se trata de fenômenos dotados de historicidade: se no tempo presente as tecnologias, lutas e demandas sociais são outras, também são distintos os esforços teóricos que possam perceber o que essas organizações/ações coletivas têm de novidade. Alberto Melucci (2001) resume a questão quando afirma que, para que possamos superar a dificuldade de localizar pragmaticamente o objeto *movimento social*, é imprescindível que deixemos de lado a tentativa de encaixar a realidade em molduras conceituais obsoletas; em detrimento disso, precisamos desenvolver teorizações menos rígidas, coerentes com a apreensão da prática social.

A literatura desenvolvida acerca da temática nos mostra que, para dar conta do que seriam movimentos socialmente organizados, e, então, diferenciá-los, pesquisadores empenhados em construções conceituais utilizaram-se de adjetivos como *clássicos*,

---

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/12/O-que-s%C3%A3o-%E2%80%98movimentos-sociais%E2%80%99.-E-como-est%C3%A1-o-debate-sobre-o-uso-do-conceito>. Acesso em: 14 jun. 2018.

<sup>35</sup> Professor de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>36</sup> Professora de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

*tradicionais, velhos, novos*, ou, até mesmo, *novíssimos* movimentos sociais. Quando essas classificações já não dizem o suficiente a respeito do que são os fenômenos, surge, portanto, a necessidade de compreensão dessas organizações coletivas a partir da roupagem que elas possuem no contemporâneo; muito mais como atores sociais passíveis de serem analisados em sua fluidez e complexidade que como objetos rotulados e, logo, engessados nestes rótulos.

Mesmo reconhecendo a importância de esforços conceituais para o campo científico, acredito que, no contexto desta pesquisa, partir de uma definição rígida do que vem a ser um movimento social na contemporaneidade tende a limitar a abordagem do MBL como objeto de análise. Sendo assim, busco tratar do Movimento como fenômeno do tempo presente, que se desenrola e é observado de maneira simultânea; abordando-o a partir de suas características específicas, num fluxo que vai muito mais do objeto às teorias, e sem a intenção de forjar definições.

\*\*\*

Não são poucos os textos que circulam na internet com a pretensão de, em certa medida, explicar o que é o Movimento Brasil Livre: “Não é uma banda de indie-rock, é a vanguarda anti-Dilma”<sup>37</sup>; “engodo partidário”<sup>38</sup>; “franquia americana”<sup>39</sup>; “fenômeno”<sup>40</sup>; “o grupo da mão invisível”<sup>41</sup>; “de liberais anticorrupção a guardiães da moral”<sup>42</sup>; “partido político”<sup>43</sup>; “célula terrorista de extrema direita”<sup>44</sup>; “movimento político”<sup>45</sup>; “antissistema”<sup>46</sup>; “‘startup’ que surgiu para fazer protestos”<sup>47</sup>. Seja em veículos da grande imprensa, em meios alternativos, ou em páginas pessoais com claro posicionamento político-ideológico, é possível

---

<sup>37</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638\\_389650.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>38</sup> Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Movimento-Brasil-Livre-MBL-um-engodo-partidario/4/36209>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/558321-movimento-brasil-livre-mbl-e-junho-de-2013-uma-franquia-americana-que-depois-do-impeachment-esta-presente-no-movimento-escola-sem-partidoq-entrevista-especial-com-marina-amaral>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>40</sup> Disponível em: <http://politicodobrazil.com/?p=1346>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>42</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691\\_598049.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html). Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-mbl-e-um-partido-politico-admite-kim-kataguiri-07rbcpdkjkemdy6pklw83416z/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/o-mbl-e-uma-celula-terrorista-de-extrema-direita>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-que-e-o-mbl-movimento-politico-que-acusa-o-facebook-de-censura-7ez4y6bfdnhjt46811d2fgob/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>46</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/antissistema-mbl-quer-ate-virar-partido/>. Acesso em: 01 jul. 2019.

<sup>47</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638\\_389650.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html). Acesso em: 01 jul. 2019.

perceber a diversidade de narrativas que giram em torno da definição do que vem a ser o movimento objeto desta pesquisa. Além da já descrita dificuldade teórica de encaixar um fenômeno do tempo presente em construções conceituais rígidas, os rótulos dados ao MBL nos títulos das matérias evidenciam, em muito, a necessidade de afirmação e/ou negação do grupo – o que é de fácil assimilação se considerarmos o cenário de um país em efervescência política.

Mas afinal, como podemos entender o MBL? Para tentar responder a esse questionamento, opto por colocar lado a lado discussões teóricas contemporâneas acerca do objeto *movimento social*, e aspectos relevantes de duas narrativas que emergem de *lugares* distintos: a autonarrativa do grupo e a narrativa da imprensa. Se, ao longo da história, o conceito em questão esteve intimamente ligado a ideias e ações ditas de esquerda – direitos trabalhistas, lutas identitárias, questões ambientais etc. –, o primeiro passo para compreender o MBL é desvincular-se dessa premissa. No Brasil, temos observado, nos últimos anos, uma ascensão de organizações coletivas direitistas (GALLEGO, 2018), com pautas próprias, mas padrões organizativos que nos permitem pensá-las a partir da noção de *movimento social*.

Ao enxergar os movimentos sociais como “ações coletivas de caráter sócio-político e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”, Maria Glória Gonh (2011, p. 336) defende que, na realidade histórica, esses agrupamentos sempre existiram e continuarão a existir, apesar de manifestos mediante diferentes estratégias – da simples denúncia às pressões indiretas e diretas (nesse último caso, mobilizações, passeatas, marchas, enfrentamento da ordem constituída, atos de desobediência civil etc.). Manifestar-se de maneiras singulares, na prática social, em recortes de espaço e de tempo variados, decorre de inevitáveis atravessamentos políticos, econômicos, culturais, sociais e tecnológicos, os quais garantem a essas coletividades novas formatações.

Para tratar das organizações coletivas do contemporâneo, James Jasper (2016, p. 16), por sua vez, utiliza lentes analíticas culturais e elabora pensamentos que destacam “a ação e a intenção – o subjetivo – sem ignorar a estrutura e as limitações” dos movimentos sociais. Para o autor, embora não exista uma fronteira clara entre movimentos sociais e outros fenômenos como revoluções, motins, partidos políticos e grupos de interesse, algumas características, quando somadas, auxiliam na definição do que seria um movimento socialmente organizado. Sendo assim, como já dito na introdução desse trabalho, em uma linguagem comum “os movimentos sociais são esforços persistentes e intencionais para promover ou obstruir

mudanças jurídicas e sociais de longo alcance, basicamente fora dos canais institucionais sancionados pelas autoridades” (JASPER, 2016, p. 23).

A *persistência* indica que tais movimentos vão além de eventos isolados, com começo, meio e fim pensados previamente, como reuniões e assembleias; ela pode levar ao desenvolvimento de organizações formais, apesar de esse modelo de estrutura não ser um pré-requisito básico para a configuração de um movimento social. Em 1º de novembro de 2019, o MBL comemorou cinco anos de atuação contínua. Apesar de haver divergência acerca do recorte temporal em que surge a organização coletiva, as narrativas da imprensa pouco, ou quase nada, questionam essa informação. Alguns observadores, atentos aos atores políticos coletivos que eclodiam sucessivamente sob o pano de fundo das Jornadas de Junho, afirmam que já em 2013, “como balão de ensaio” (SANTOS e CHAGAS, 2018, p. 196), o MBL registrou contas em redes sociais, fez postagens tópicas, e logo excluiu os perfis *on-line*. Assim como atitudes posteriores, acredito que a saída de cena tenha sido estratégica, tendo em vista que em 2013 muitas outras coletividades do gênero estavam disputando protagonismo. Era preciso recuar e pensar o momento de se apresentar ao Brasil como melhor opção para enfrentar a esquerda.

Em uma coluna publicada na revista *Veja* em novembro de 2015<sup>48</sup>, Reinaldo Azevedo, à época entusiasta do MBL, parabenizou o Movimento pelo seu primeiro ano de atuação, e esclareceu aos leitores – em muito, justificando – o contexto de surgimento do coletivo. A narrativa do jornalista, por sua vez, conferiu à emergência do Movimento um tom de espontaneidade. Azevedo afirmou que um grupo de esquerda, inconformado com a reportagem de capa da *Veja* relacionando as imagens de Lula e Dilma ao escândalo do “Petrolão”<sup>49</sup>, invadiu a sede da Editora Abril acusando o veículo de tentar interferir nos resultados das eleições.

Indignados com a selvageria e certos de que o país que repudiava o extremismo minoritário das esquerdas tinha de mostrar a cara, moças e moços identificados com o liberalismo concluíram que era preciso organizar um movimento em defesa dos valores essenciais da democracia que tivesse a coragem de enfrentar,

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/ha-um-ano-nascia-o-mbl-que-se-espalhou-por-todo-o-pais-1-aniversario-e-comemorado-em-acampamento-pro-impeachment/>. Acesso em: 04 jul. 2019.

<sup>49</sup> O termo foi cunhado pela imprensa em 2014 para tratar de um escândalo de corrupção envolvendo a Petrobras no contexto da Operação Lava Jato empreendida pela Polícia Federal do Brasil. Partidos políticos e empresas teriam desviado milhões de reais da estatal, e o caso ficou conhecido mundialmente. Algumas perguntas e respostas publicadas pela *InfoMoney* sintetizam o esquema. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/economia-e-politica-direto-ao-ponto/especial-resumao-completo-sobre-a-operacao-lava-jato-e-o-petrolao/>. Acesso em: 12 jul. 2019.

pacificamente, o esquerdismo nos fóruns de debates – inclusive nas redes sociais – e também nas ruas. Uma semana depois, estava criado o MBL.

Em sua autonarrativa construída atravessando distintas plataformas de comunicação – sites de redes sociais (perfis próprios e de apoiadores), espaços institucionais, páginas midiáticas, palanques políticos etc. – desde o início o MBL se propôs *persistente*; não carregava em si a ideia de pontualidade e/ou brevidade. Ao longo dos anos de atuação, o Movimento foi dos ideais anticorrupção e liberais econômicos às pautas atravessadas por questões morais – táticas necessárias à permanência do protagonismo. Na matéria acima mencionada, Reinaldo Azevedo falou, ainda, sobre esse aspecto: “já ouvi aqui e ali que isso tudo é fogo de palha; que essa meninada logo se cansa. [...]. Não me parece que assim seja. O que mais aprecio no MBL é que seus integrantes não estão ocupados apenas com o impeachment”.

Nas narrativas oriundas dos dois *lugares* já citados, são apontadas vinculações entre possíveis falhas da esquerda e consequente aproveitamento de oportunidade da direita política representada pelo MBL. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*<sup>50</sup>, Pedro Ferreira, um dos líderes do Movimento, declarou que o MBL havia preenchido uma lacuna existente no cenário político brasileiro, que contava, até então, com uma esquerda de roupagem romantizada e militante, e com uma direita envelhecida e conservadora. Para a jornalista Marina Amaral, que se dedicou a acompanhar as mobilizações no país desde junho de 2013, o grupo não ocupou um espaço vacante, deixado especificamente pela esquerda, “ele criou seu espaço de forma planejada e patrocinada pela direita representada nas fundações americanas”<sup>51</sup>.

Quando o assunto é o recorte temporal de surgimento do MBL, as narrativas da imprensa e do Movimento, na maior parte das vezes, se intersectam; o mesmo não pode ser dito sobre a forma de financiamento e a origem – no sentido de *inspiração* – do coletivo. Ao serem questionados sobre quem financia o grupo, a resposta do MBL costuma ser padrão: “pedimos doações em nosso site e em nossa página, apesar disso, não conseguimos juntar dinheiro o suficiente para a maioria dos eventos, portanto, temos que tirar do nosso próprio

---

<sup>50</sup> Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/10/1820495-um-dos-fundadores-e-lideres-do-mbl-tambem-e-cantor-do-bonde-do-roler.shtml>. Acesso em: 16 jul. 2019.

<sup>51</sup> Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/558321-movimento-brasil-livre-mbl-e-junho-de-2013-uma-franquia-americana-que-depois-do-impeachment-esta-presente-no-movimento-escola-sem-partidoq-entrevista-especial-com-marina-amaral>. Acesso em: 04 jul. 2019.

bolso”<sup>52</sup>. A narrativa da imprensa, todavia, vai em sentido oposto: portais brasileiros seguem dedicando longos textos às especulações em torno das fontes de renda que viabilizam a existência do Movimento – para além da venda de produtos da sua loja *on-line* e das doações espontâneas de apoiadores comuns. Em matéria publicada pela revista *Piauí*<sup>53</sup> em outubro de 2017, o jornalista responsável divulgou detalhes sobre um esquema de doações – nem sempre muito espontâneas – feitas por grandes empresários brasileiros. As mensagens abaixo dizem respeito ao que supostamente acontecia no grupo de WhatsApp criado para manter diálogo com esses empresários, vistos como potenciais financiadores:

A tabela de Excel que fazia as vezes de livro-caixa passou dias sem registrar novos doadores, o que incomodou um dos participantes. No dia 17 de agosto, logo cedo pela manhã, ele decidiu pressionar os demais. Escreveu: “Agora, sem querer dar uma de moderador chato, tem um pessoal que ta cagando pra preencher essa xls. tudo em branco ainda. xls ja ta aqui faz quase tres semanas. das duas, uma: ou quem nao preencheu nao lê esse grupo faz semanas e nao viu o pedido pra preencher, ou simplesmente ta cagando mesmo pro mbl rs. em ambas as hipóteses, acho que a pessoa nao deveria estar aqui. right?”

E voltou à carga, 15 minutos depois: “Acho que temos graus de afinidades diferentes no grupo, nem por isso penso em excluir os que ainda não se sentem 100% prontos para contribuir de forma efetiva. Se não conseguirmos mostrar o valor dessa parceria entre nós que estamos alinhados, sinal que estamos fracos contra os reais adversários, e gosto da ideia de ter o contraponto “razoável” aqui dentro... mas claro, alguma hora, cada um tem que tomar a decisão: avaliou, discutiu, pensou... entao ou se engaja mais ou abre espaço pra outro.”

A pressão funcionou. No dia seguinte, as doações de 37 integrantes já somavam 8510 reais mensais<sup>54</sup>.

As controvérsias sobre as doações não param por aí. Apesar da negativa do MBL, a imprensa especula que há, ainda, duas outras fontes de financiamento: partidos políticos e entidades norte-americanas. As legendas teriam dado apoio logístico e financeiro para que manifestações fossem realizadas desde o período em que o alvo do grupo era a destituição da ex-presidenta Dilma Rousseff: “áudios mostram que partidos financiaram MBL em atos pró-impeachment”<sup>55</sup>. Alimentando a narrativa da imprensa, um ex-dirigente do

---

<sup>52</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527\\_427203.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html). Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>53</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>54</sup> Assim como a revista *Piauí*, optei por preservar as mensagens trocadas tal como foram escritas, sem fazer correções ortográficas.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/05/27/maquina-de-partidos-foi-utilizada-em-atos-pro-impeachment-diz-lider-do-mbl.htm>. Acesso em: 08 jul. 2019.

Movimento detalhou a forma como as doações eram feitas e como os líderes agiam diante do fato<sup>56</sup>:

O MBL se modificou bastante desde a votação do impeachment no Congresso. Uma coisa que eu quero que fique clara é que o movimento recebeu dinheiro do PMDB. Não só do PMDB mas de alguns outros partidos, mas vou citar o PMDB em especial porque o nome do partido foi falado internamente nas reuniões. É um assunto que a gente nunca levou para fora dos grupos internos, dos núcleos. O MBL tem vários grupos abertos para quem diz simpatizar com a causa, e essas situações não são levadas para esses grupos, são tratadas em grupos internos. Essa questão do PMDB ter destinado fundos para pixulecos, panfletos, movimentação de pessoas que foram a Brasília acompanhar o impeachment sempre foi tratada com bastante tranquilidade, porque eles passavam para a gente que o PMDB era uma peça fundamental no impeachment.

Assim, o MBL caminharia com o PMDB até a votação e depois não seria mais possível porque a gente sabe, acho que hoje tem mais deputados e senadores do PMDB envolvidos em processos, sendo investigados por corrupção que o próprio PT. Como uma das pautas que a gente sempre carregou abertamente foi o combate à corrupção, a orientação que a gente tinha para falar para as pessoas era essa: “Olha, a gente não apoia o PMDB, a gente está caminhando com o PMDB até o impeachment, porque o impeachment é impossível, é inviável sem o apoio do PMDB, mas que logo depois a situação seria revista”

Quanto às fundações americanas supostamente vinculadas ao MBL, essas seriam, além de financiadoras, as fontes de inspiração e de formação política-ideológica do Movimento. Dentre os textos que circulam na imprensa acerca do assunto, é da *Pública - Agência de Jornalismo Investigativo* o material mais completo: “A nova roupa da direita”<sup>57</sup>. De acordo com a reportagem publicada em junho de 2015, O MBL seria a célula de ação do Estudantes pela Liberdade (EPL). O material conta com uma esclarecedora declaração de Juliano Torres, o diretor executivo do EPL:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas [Network] e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: “os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas”. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. [...] criamos a logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10

---

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/pmdb-deu-dinheiro-casa-e-carro-para-o-mbl-ex-dirigente-do-movimento-fala-ao-dcm-por-sacramento/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

mil *likes* na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguiiri] e Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra Dilma e coisa do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança.

O EPL consiste, pois, numa versão local do Students for Liberty, que, por sua vez, é “uma organização-chave na articulação entre os *think tanks* conservadores americanos – especialmente os que se definem como libertários – e a juventude ‘antipopulista’ da América Latina”. Para desenvolver seus programas de formação política liberais e libertaristas no Brasil, conta com financiamento de fundações estrangeiras, dentre elas a Charles G. Koch Charitable Foundation – de onde se origina a narrativa de que o MBL é patrocinado, também, pelos irmãos Koch, norte-americanos herdeiros da empresa familiar de refino e distribuição de petróleo Koch Industries<sup>58</sup>.

No que tange à *intencionalidade* mencionada por Jasper (2016, p. 24) em seu conceito de movimento social, “a palavra ‘intencional’ vincula tais movimentos a cultura e estratégia: pessoas têm ideias sobre o que desejam, e como consegui-lo, ideias que são filtradas tanto pela cultura quanto pela psicologia individual”. O *propósito* é uma unidade básica dos movimentos socialmente organizados, mesmo que este consista na transformação dos próprios membros – o que é comum em organizações coletivas religiosas e de autoajuda. Quando surgiu, o MBL se dizia empenhado em combater a corrupção e difundir ideias liberais econômicas; desde então, coloca-se ao lado direito da política partidária brasileira e, como dito na postagem feita dias após o lançamento de sua página no Facebook, a intenção do grupo é trabalhar para se chegar a um cenário de “MAIS BRASIL, MENOS PT”<sup>59</sup>.

Com foco na negação irrestrita da esquerda – representada, de modo geral, na imagem do PT –, o coletivo, a partir de certo momento, passou a dar pistas de que seu propósito era ir além (dando um passo por vez). O MBL tem, pois, um projeto de poder: após as eleições de 2018, passou a contar com quatro deputados e dois senadores eleitos<sup>60</sup>, e planeja expandir este número; já tentou emplacar um dos líderes do grupo, Kim Kataguiiri (DEM), no principal cargo da Câmara dos Deputados, o que lhe garantiria posição oportuna

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/jornal-ingles-the-guardian-fala-da-ligacao-entre-o-mbl-e-os-irmaos-koch/>; <https://www.institutoliberal.org.br/blog/economia/fake-news-dos-irmaos-koch-por-detras-mbl/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/posts/272733782850772>. Acesso em: 02 dez. 2017.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/apos-eleger-uma-bancada-mbl-rediscute-atuacao-e-cogita-partido.shtml>. Acesso em: 08 jul. 2019.

para seguir com as negociações políticas imprescindíveis ao propósito do Movimento – compartilhou, à época, a *hashtag* #KimNaPresidencia<sup>61</sup>.

Além de um objetivo claro, o MBL possui bem delineado o trajeto a ser percorrido, o modo como deve agir para alcançar aquilo que deseja. Nega tudo que possa estar vinculado à já desgastada imagem da esquerda política brasileira; não costuma silenciar diante das frequentes e distintas polêmicas que surgem num país em crise; propõe que seja feita uma espécie de *nova política*; projeta em seus líderes uma imagem jovem, moderna e firme – e vende a *marca* com maestria; utiliza-se de dinâmicas comunicacionais eficazes no contexto de uma sociedade que se conecta em rede: rápida, direta, atraente; faz alianças estratégicas; *joga* com as emoções da audiência.

Especialmente após as eleições de 2016, quando o MBL elegeu sete vereadores e um prefeito, começaram a surgir questionamentos sobre o quão apartidário era, de fato, o grupo que “nasceu com a negativa aos partidos políticos”<sup>62</sup>. Em 2017, Kim Kataguiri já afirmava que o Movimento agia como um partido político liberal, embora não fosse um oficialmente<sup>63</sup>; aqui, já se diziam suprapartidários, ao invés de apartidários. Até o primeiro semestre de 2019, as informações disseminadas davam conta da real possibilidade de o MBL criar o próprio partido para as disputas eleitorais de 2022, como publicado em maio do mesmo ano pela página *O Antagonista*<sup>64</sup>: “o MBL aguarda o sinal verde do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para começar a coletar assinaturas para a criação de um partido político. A intenção do grupo é que a nova sigla possa disputar as eleições em 2022”. Sobre essa passagem de movimento suprapartidário à legenda, Kim Kataguiri explicou, em 2018, que “foi uma mudança natural desde 2016. É natural que tenha mais esta atuação”<sup>65</sup>. Caso se confirme, a (con)fusão entre movimento social e partido político vai de encontro à lógica da *não institucionalidade* mencionada por Jasper (2016).

A condição de não institucional distingue os movimentos sociais estruturalmente de partidos e grupos de interesse, uma vez que esses são “partes regulares e permanentemente

---

<sup>61</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mblmeriti/photos/a.677528139102558/957406161114753/?type=3&theater>. Acesso em: 06 jul. 2019.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/10/02/grupo-que-se-dizia-apartidario-mbl-elege-pelo-menos-8-politicos-a-21699059/>. Acesso em: 08 jul. 2018.

<sup>63</sup> Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/o-mbl-e-um-partido-politico-admite-kim-kataguiri-07rbcpdkjkemdy6pklw83416z>. Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/mbl-quer-criar-partido-para-eleicoes-de-2022/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>65</sup> Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2018/12/16/apos-eleger-cinco-deputados-e-dois-senadores-mbl-quer-virar-partido/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

financiadas da maioria dos sistemas políticos” (JASPER, 2016, p. 24). É comum, porém, que movimentos socialmente organizados, em seus processos de luta em torno de determinada causa, acabem por criar e/ou manter relações próximas com entidades desse tipo. Essas e outras organizações, assim como indivíduos – líderes políticos e/ou religiosos (de movimentos similares e/ou de oposição), artistas, intelectuais, profissionais da mídia etc. – são atores estratégicos para ações coletivas do gênero. Os seus diferentes lugares de fala e capacidades de influência fazem que com tais atores estejam sempre observando uns aos outros; quando oportuno, estarão vinculados ou de lados opostos.

Com o MBL não é diferente. Ao longo dos seus cinco anos de atuação, o Movimento aproximou-se de distintos atores estratégicos coletivos e/ou individuais<sup>66</sup>. Escolheu as siglas por meio das quais foi possível lançar seus candidatos – DEM (Democratas), MDB (Movimento Democrático Brasileiro), PSC (Partido Social Cristão), PROS (Partido Republicano da Ordem Social) e Novo (Partido Novo). Fez alianças com agentes políticos dos três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Apoiou projetos quando alinhados aos pensamentos do grupo; deixou de defendê-los quando não mais considerava pertinente. Usou os espaços tradicionais e alternativos da imprensa. Explorou a autoridade conferida às falas de celebridades, intelectuais de campos diversos e líderes religiosos; além de construir dinâmica própria de validar determinadas falas, como veremos nos últimos capítulos desta tese.

Em uma matéria intitulada “Por renovação do Congresso, movimentos independentes disputam espaço com partidos”<sup>67</sup>, o jornal *El País* entrevistou líderes de movimentos sociais de diferentes alinhamentos político-ideológicos para tratar do que chamam de *tendência*. Police Neto, membro da Rede de Ação Política pela Sustentabilidade (Raps) explicou que, indo de encontro aos tradicionais partidos políticos, “esses grupos pregam o que os partidos não faziam: formação. Os partidos têm fundações, mas não são o espaço de formação. Os partidos antigos formam dentro da própria máquina pública”. Apesar de haver suposta pretensão em institucionalizar o grupo nos moldes de uma legenda, o MBL se lançou como movimento social, e foi nesse formato que conseguiu protagonismo no cenário político brasileiro, o que viabiliza enxergá-lo através da lente analítica aqui exposta.

---

<sup>66</sup> MBL dá as mãos a evangélicos e ruralistas por Brasil mais liberal, diz jornal. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/2016/05/02/mbl-da-as-maos-a-evangelicos-e-ruralistas-por-brasil-mais-libera-a-21694800/?utm\\_hp\\_ref=br-movimento-brasil-livre](https://www.huffpostbrasil.com/2016/05/02/mbl-da-as-maos-a-evangelicos-e-ruralistas-por-brasil-mais-libera-a-21694800/?utm_hp_ref=br-movimento-brasil-livre). Kataguirí: tomaria um ‘um chopp’ com qualquer um por projetos liberais. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tveja/paginas-amarelas/kataguiri-tomaria-um-chopp-com-qualquer-um-por-projetos-liberais/>. Acesso em: 08 jul. 2019.

<sup>67</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526330396\\_211070.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/14/politica/1526330396_211070.html). Acesso em: 08 jul. 2019.

## 1.2- Ocupar a rede e articular-se em rede: um fenômeno do tempo presente

No final dos anos 90, Melucci (1999) já discutia o padrão organizacional de um tipo de ação coletiva a que o autor nomeia *rede de movimento*. Esta seria composta por atores distintos, que apesar das divergências, estão conectados uns aos outros através de nós, pontos comuns, em determinado contexto de interesses e de oportunidades; compartilham, portanto, uma cultura de movimento e uma identidade coletiva. Em estudos mais recentes, Castells (2017) desenvolve argumento semelhante ao afirmar que os movimentos sociais da contemporaneidade (o todo) são compostos de indivíduos (as partes) que, por dadas razões, conectam-se mentalmente com outros e possibilitam, assim, um processo comunicativo, o qual, em última instância, leva à ação coletiva.

Por acreditar que conhecer as raízes de um movimento social “não responde à questão de seu nascimento”, Castells (2017, p. 27) abre mão do debate sobre causas estruturais da insurgência desse tipo de organização coletiva e direciona seu olhar para o *processo*. Nessa dinâmica analítica, reconhece tais movimentos como emocionais e, por essa razão, parte do plano individual; programas e estratégias políticas viriam depois, quando do surgimento de uma liderança, “mas o *big bang* do movimento social começa quando a emoção se transforma em ação”. Neste sentido, é coerente pensar que caso o Brasil não estivesse envolvido em certa atmosfera de insatisfação e temor em relação ao longo governo do PT, o MBL não teria encontrado território propício para emergir e, rapidamente, alcançar a projeção que lhe garantiu protagonismo.

Castells (2017) recorre à teoria da inteligência afetiva<sup>68</sup> para apontar o *medo* e o *entusiasmo* como emoções mais relevantes para a mobilização social e para o comportamento político. Enquanto o medo afasta, reside no entusiasmo o ponto de partida em direção a determinada atitude, e a este vincula-se a *esperança*, rotulada pelo autor como “afeto positivo”<sup>69</sup>. O fragmento de texto abaixo sintetiza a relação que o pesquisador (2017, p. 28-29) explora entre essas e outras emoções no processo de surgimento desse tipo de organização coletiva:

[...] para que surja o entusiasmo e aflore a esperança, os indivíduos precisam superar a emoção negativa resultante do sistema motivacional de evitação, a ansiedade. A ansiedade é a reação externa sobre a qual a pessoa ameaçada não

---

68 Ver: NEUMAN, W. Russel et al (Orgs). *The affect effect: Dynamics of emotions in political thinking and behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

69 Em seu texto, Castells (2017) não faz distinção entre os termos emoção e afeto.

tem controle. [...] leva ao medo e tem sobre a ação um efeito paralisante. A superação da ansiedade no comportamento sociopolítico frequentemente resulta de outra emoção negativa, a raiva. Esta aumenta com a percepção de uma ação injusta e com a identificação do agente por ela responsável. A pesquisa neurológica mostra que a raiva está associada ao comportamento de assunção de riscos. Quando o indivíduo supera o medo, emoções positivas assumem o controle, à medida que o entusiasmo ativa a ação, e a esperança antecipa as recompensas por uma ação arriscada<sup>70</sup>.

Para que sujeitos singulares possam estar vinculados a ponto de formarem uma rede de pensamentos e ações interconectados, a ativação emocional desses indivíduos precisa ser comunicada, compartilhada com pares em potencial. Tal processo depende de duas exigências mínimas: o acordo cognitivo entre emissores e receptores da mensagem, e um canal de comunicação satisfatório; atendidas essas demandas, forças empáticas unirão os sujeitos em nós fixados a partir de ideias e valores comuns. Castells (2017) ressalta que o êxito desse encadeamento de experiências atomizadas, a resultar na formação de um movimento social, em muito depende da velocidade com que ativações emocionais e informações circulem sustentadas pela indignação, alimentadas pelo entusiasmo e motivadas pela esperança de que é possível alcançar aquilo que se deseja.

À certeza da existência de movimentos sociais por toda a realidade histórica (GONH, 2011), soma-se o fato de que este processo de circulação esteve, ao longo do tempo, amparado em dispositivos comunicativos diversos – desde os discursos acalorados nas ágoras gregas, que se prolongavam por serem posteriormente transmitidos de pessoa a pessoa, como uma espécie de boato; até a impressão e distribuição de materiais com mensagens subversivas; ou mesmo o uso da imprensa alternativa em uma dinâmica *de um para muitos*. A ampla disseminação das TICs garantiu ao século XXI a alcunha de *era da informação*, e, neste cenário, a internet se configura como a tecnologia do nosso tempo; espaço de materialização das redes sociais digitais em que são criadas as “condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se” (CASTELLS, 2017, p. 199).

Trato aqui da internet não como uma simples ferramenta, um *novo* aparato tecnológico que tem como papel *sui generis* ser um canal de transmissão de dados. Ao invés

---

<sup>70</sup> A despeito de acessar e concordar com essa e outras discussões empreendidas por Castells (2017), no segundo capítulo desta tese esclareço o porquê de não tratar de emoções como experiências passíveis de serem encaixadas na simples oposição positivo/negativo. Vale adiantar que o arcabouço teórico a partir do qual sustento o debate sobre as experiências emocionais considera inadequado classificá-las desse modo, uma vez que estariam vinculadas a julgamentos delineados a partir de situações específicas em que tanto o observador quanto o objeto observado se encontram. Essas variáveis invalidam os rótulos, estando sempre atreladas aos seguintes questionamentos: positivas/negativas para quem? Em que contexto? (SOLOMON, 2015).

disso, enxergo essa tecnologia como um espaço que oferece condições de possibilidade para que os atravessamentos entre *movimentos sociais* e *emoções* se desenrolem de uma forma um tanto peculiar. A lógica que valida a análise é simples: se temos três ingredientes e um deles é substituído, a dinâmica e/ou o resultado do que está sendo produzido deverá ser, de alguma maneira, modificado.

Junto-me, portanto, aos que defendem o argumento de que as TICs não são as responsáveis imediatas pela emergência dos movimentos sociais contemporâneos, mas são *agentes* (facilitadores) da (re)configuração de estratégias e táticas que seriam possivelmente outras caso efetuássemos a troca, por exemplo, da própria internet por qualquer um dos mecanismos de comunicação possíveis. Citando Van de Donk *et al.* (2004), Marcus Pereira (2011, p. 12) acrescenta que “[...] a internet não determina as inovações no campo das mobilizações dos movimentos. A internet provoca a inovação, mas esta deve ser organizada e disseminada”.

A ocupação massiva desse espaço *on-line* e o uso amplificado de dispositivos móveis regem o que Castells (2017) chama de *sociedade em rede*; possibilitam aos contemporâneos movimentos socialmente organizados a presença e a atuação nos espaços horizontais e reprogramáveis das redes digitais. Se a existência de movimentos sociais depende da união de indivíduos heterogêneos – com suas redes neurais, morfológicas singulares – em uma coletividade, configurando uma rede de sujeitos conectados por pontos comuns, essas tecnologias permitem, por sua vez, que tais movimentos se vinculem a diversos outros em uma dinâmica de atuação em rede – neste caso, tecnológica – baseada na logicidade rizomática habitual do ambiente *on-line*. “A tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado” (TORET, 2014 *apud* CASTELLS, 2017, p. 190).

Para além dessa lógica dos rizomas, ao contrapor a internet a outros meios, Baym (2010) lista três aspectos diferenciais e bastante explorados desse mecanismo de comunicação: a *interatividade*, a *estrutura temporal*, e a *mobilidade*. Os ambientes digitais oferecem condições para que a interação entre indivíduos e/ou coletividades se dê de maneira fluida, através de conversações; estas interações, por sua vez, podem se materializar de modo sincrônico ou não, independentemente de onde estejam os emissores e os receptores das mensagens, tendo em vista a portabilidade possível.

De acordo com Cristine Hine (2016), os estudos sobre a internet percorreram um extenso caminho dos anos 1990 até aqui, não sendo mais observada como um espaço distinto,

rigidamente separado de outros ambientes da vida ordinária; ao longo deste percurso, teria adquirido especificidades do tempo presente, tornando-se *incorporada, corporificada e cotidiana*. A primeira característica torna-se perceptível com o notável desuso da expressão “ficar *on-line*”, isso porque a internet atravessou de tal forma o nosso dia a dia que hoje a utilizamos de maneira despercebida, como um componente das nossas rotinas pessoais e profissionais. A autora sublinha que “os dispositivos móveis encorajam essa incorporação, à medida que mais e mais pessoas possuem acesso a essas interações mediadas digitalmente, durante todo o dia e em movimento” (HINE, 2016, p. 15-16).

Tal incorporação da internet oferece condições de possibilidade para que ela seja vista, também, como um fenômeno corporificado, uma vez que o “ficar *on-line*” deixou de ser um modo distinto de experiência, ocorrendo de maneira paralela e complementar a outros meios materializados de ser e de atuar no mundo. Acerca dessa característica, vale salientar que, por nossos corpos não distinguirem, a princípio, determinada vivência *on-line* de uma *off-line*, uma experiência no âmbito virtual é capaz de suscitar respostas emocionais tanto quanto qualquer outro tipo de experiência (HINE, 2016), o que oferece densidade ao argumento central da tese que aqui defendo. Por fim, a cotidianidade da internet – terceiro aspecto diferencial desse mecanismo de comunicação no tempo presente –, reside no fato de tanto ela quanto as variadas plataformas que a compõem serem tratadas como algo dado, já não possíveis de serem deslocadas dos distintos campos da vida corriqueira sem danos à *sociedade em rede*.

Independentemente dos mecanismos de comunicação disponíveis ao longo da realidade histórica, os movimentos socialmente organizados a todo tempo constituíram-se, como já vimos, em articulações de indivíduos ligados por interesses comuns; as quais seriam os “tijolos na construção da interação humana, e nada acontece sem elas” (JASPER, 2016, p. 105). Quando os dispositivos que viabilizavam a circulação de informações e de emoções e, por conseguinte, a estruturação dessas redes possuíam características que demandavam mais rigidez e hierarquização, tais aspectos refletiam no padrão organizativo das coletividades. Para pensar os movimentos sociais do contemporâneo como redes que, inseridas na rede, atuam em rede, é basilar que tenhamos ciência, portanto, do quanto as características dos dispositivos utilizados e, logo, das dinâmicas comunicativas entre sujeitos engajados nestas coletividades determinam as especificidades organizacionais do próprio movimento: “quanto mais interativa e autoconfigurável for a comunicação, menos hierárquica será a organização e

mais participativo o movimento. É por isso que os movimentos sociais em rede na era digital representam uma nova espécie em seu gênero” (CASTELLS, 2017, p. 29-30).

A despeito das profusas causas que funcionaram como gatilho para a emergência dos movimentos na *sociedade em rede*, Castells (2017, p. 192-198) defende que, quando somadas certas características, é possível que enxerguemos a existência de um padrão nesta espécie de coletividade típica do século XXI. Estes movimentos sociais, seriam, pois, conectados em redes de múltiplas formas; validados quando da ocupação urbana; tendo o *espaço da autonomia*<sup>71</sup> como nova ambiência; simultaneamente locais e globais; espontâneos em sua origem, normalmente desencadeados por “uma centelha de indignação”; *virais*; que passam da indignação à esperança através da deliberação no *espaço da autonomia*; sem liderança; sustentados no “companheirismo”; cooperativos e solidários por se inserirem na lógica de horizontalidade das redes; autorreflexivos; em princípio, não violentos; raramente programáticos; voltados para a mudança dos valores da sociedade; e políticos num sentido fundamental<sup>72</sup>.

A maneira como o MBL se conecta em rede é multimodal, vai além da internet e dos dispositivos móveis, incluindo redes sociais *on-line* e *off-line*, bem como perpassando redes pré-existentes – dentro e fora da organização – e aquelas formadas enquanto atua o movimento. Com esse padrão organizativo, o grupo não possui um centro único identificável, dispensando a posição da liderança formal (isolada) para então coordenar e deliberar suas ações mediante múltiplos núcleos. Apesar de terem maior ou menor destaque, são no mínimo quatro os nomes que podem ser vistos como líderes nacionais do Movimento – Kim Kataguirí, Fernando Holiday, Arthur do Val e Renan Santos. É a partir desses núcleos, nem sempre rigorosamente alinhados quanto aos seus posicionamentos – os quais são, a todo tempo, negociados em prol da unidade –, que a organização coletiva é regida.

Castells (2017, p. 192) sublinha que, por se tratar de estruturas com um centro de comando algo heterogêneo, as chances de vinculação aos movimentos contemporâneos são amplificadas, tendo em vista que estes se constituem “de redes abertas, sem fronteiras definidas, sempre se reconfigurando segundo o nível de envolvimento da população em geral”. A disposição em rede reduziria, ainda, a vulnerabilidade do movimento frente a

---

<sup>71</sup> Conceito explicado mais adiante, quando da explanação das características listadas acerca de um possível padrão existente nas ações coletivas do século XXI.

<sup>72</sup> A aceitação de tais características não é unânime. Para alguns estudiosos, determinados aspectos atrelados aos movimentos sociais do tempo presente refletem, de certo modo, uma visão otimista de Castells quanto às potencialidades das recentes organizações coletivas que eclodiram pelo mundo. No que diz respeito ao MBL, como veremos a seguir, nem todos esses aspectos se encaixam sem que sejam feitas ressalvas.

ameaças de repressão, isso porque, além de serem poucos os alvos claramente expostos, reside nesse modelo organizativo a capacidade de reconstituição enquanto houver um número mínimo de participantes dispostos a seguirem conectados por ideias e valores comuns – não raro, o processo de reconstituição resulta, também, no surgimento de grupos dissidentes.

Apesar de normalmente emergirem nas redes digitais de sociabilidade, os movimentos sociais do tempo presente são reconhecidos e validados quando partem para a ocupação momentânea (manifestações) ou contínua (ocupações) dos espaços urbanos. Foi graças à sua capacidade de mobilizar pessoas e ocupar as ruas que o MBL conseguiu projetar a sua *marca* em uma posição de protagonismo. Ao transitar entre o *espaço dos fluxos* (situado na internet e nas redes de comunicação sem fio) e o *espaço dos lugares* (prédios simbólicos, praças públicas, ruas etc.), o grupo constitui um terceiro e novo sítio, o *espaço da autonomia*, que seria a forma espacial peculiar aos movimentos sociais em rede. Acerca deste novo espaço, Castells (2017, p. 193) explica que

[...] só se pode garantir autonomia pela capacidade de se organizar no espaço livre das redes de comunicação; mas, ao mesmo tempo, ela pode ser exercida como força transformadora, desafiando a ordem institucional disciplinar, ao reclamar o espaço da cidade para seus cidadãos. Autonomia sem desafio torna-se retirada. Desafio sem uma base permanente para a autonomia no espaço dos fluxos equivale a um ativismo interrompido.

O MBL é mais um dos movimentos sociais que eclodiram ao redor do mundo, em uma ascendente onda de direita, compartilhando uma retórica comum (GALLEGO, 2018); é, pois, local (situado em um contexto específico) e global (inspirado por, e alinhado a uma tendência política-ideológica mundial). Quanto à espontaneidade da origem desses agrupamentos humanos, Castells (2017, p. 194, grifos meus) enfatiza que, independentemente do motivo da indignação, “a gênese situa-se num apelo à ação proveniente do *espaço dos fluxos*, que visa a criar uma comunidade de prática insurgente no *espaço dos lugares*”. Neste sentido, mais importante que o conteúdo base do apelo seria o impacto da mensagem sobre os múltiplos e difusos receptores “cujas emoções se conectam à sua forma e seu conteúdo”. Entra aqui, pois, a importância das TICs na mobilização social contemporânea. Hoje, enxergamos como natural a necessidade de haver dada movimentação nas redes (*espaço dos fluxos*) antes que se dê, de fato, a ocupação das ruas (*espaço dos lugares*). Sem o uso dessas tecnologias – especialmente a internet –, o MBL não teria encontrado condições tão favoráveis para multiplicar, rápida e amplamente, o seu pensamento.

Na afirmação de que esses movimentos são *virais* residem duas ideias: a primeira delas diz respeito à velocidade de propagação de mensagens atreladas à ação organizativa – em especial imagens relativas a mobilizações –, o que se mostra como essencial nas estratégias retóricas de engajamento do MBL; a segunda, por sua vez, trata do efeito da exposição de movimentos que se desenrolam por toda parte. Esta propagação viral, ao fazer circular, de maneira veloz e contínua, informações sobre diferentes protestos que estão acontecendo em pontos geográficos e contextos culturais mais distintos, acaba por desencadear a esperança da possibilidade de mudança e, por conseguinte, inspirar ações mobilizadoras.

Contudo, antes da ação concreta, a passagem necessária da indignação à esperança acontece, por deliberação, no *espaço da autonomia* – em assembleias e comitês por elas designados. Esta dinâmica deliberativa costuma dispensar lideranças rígidas e vai de encontro à lógica de funcionamento da política instituída, com representantes e representados bem definidos. Tal característica seria, pois, resultado imediato de uma das causas comuns dos movimentos sociais da contemporaneidade: a descrença na política institucionalizada e consequente rejeição desta.

Castells (2017, p. 195) ressalta que, a um só tempo, trata-se “de um procedimento organizacional e de um objetivo político: estabelecer os alicerces de uma futura democracia de verdade praticando-a no movimento”. Das características que o autor vincula aos movimentos sociais do tempo presente, esta é uma das mais controversas quando aplicada ao MBL. Todavia, a não existência de líderes é, quase sempre, algo questionável. A discussão precisa ser feita no sentido de pensar que lugar ocupam, como atuam e o que representam as lideranças dos movimentos contemporâneos, Jasper (2016, p. 147) defende que:

Líderes surgem em quase todo ambiente social, quer uma organização esteja ou não estruturada para lhes oferecer posições oficiais. Não é necessário que falem mais, mas as pessoas respeitam o que dizem. Eles chegam com boas ideias e as fazem funcionar. Líderes [decisivos e simbólicos] aparecem até mesmo em grupos em que há um rodízio na ocupação de posições, que dão voz igualmente a todos e que tomam outras medidas destinadas a evitar que apareçam. Ainda assim eles surgem.

A despeito dessa espontaneidade sugerida por Jasper (2016) como sendo algo possível e comum na emergência de lideranças, o que se percebe com o MBL é a presença de

um conjunto de líderes nacionais bem definidos<sup>73</sup>, escolhidos estrategicamente para ocuparem distintos papéis na execução do projeto de poder do Movimento, e continuamente reforçados como tais. Nota-se, portanto, uma dinâmica de deliberação muito mais vertical e descendente que, de fato, horizontal e, logo, descentralizada. Este padrão organizativo que conta com múltiplos núcleos – com mais, ou menos, poder de decisão – garante à organização social certa horizontalidade sob o prisma de quem a busca, o que é atrativo.

Desse modo, o MBL segue, na realidade, ao encontro da lógica de funcionamento da política instituída, com representantes e representados claramente postos. Ao longo dos seus cinco anos de atuação, o grupo passou de apartidário para suprapartidário; se antes dizia combater todos os vícios estruturais da *velha política* – com ênfase na corrupção –, hoje, mantém ligações próximas com partidos políticos e já não nega a possibilidade de se tornar um em breve. Aqui reside, pois, um ponto contraditório: mesmo combatendo a estrutura e modo de funcionamento da dita *velha política* – hierarquizada em seus partidos e profundamente afetada pela corrupção –, uma linguagem descolada e líderes jovens não são suficientes para afastar o Movimento, de todo, desse modelo de atuação. Logo, é possível afirmar que não há, concretamente, o que Castells (2017, p. 195) chamou de produção dos “próprios antídotos contra a disseminação dos valores sociais que desejam combater”. Como veremos ao longo desta tese, as estratégias e táticas de combate dos valores negados são, na maior parte das vezes, outras.

É pouco frequente, também, que esses movimentos se concentrem em um único objetivo, logo, são raramente programáticos. Das singularidades dos indivíduos que se envolvem na ação coletiva vêm as mais variadas demandas, oriundas de motivações diversas, as quais dificultam a elaboração de um programa fechado em finalidades específicas. Este aspecto é, para Castells (2017, p. 197), “tanto sua força (um amplo poder de atração) quanto sua fraqueza (como se pode realizar alguma coisa quando os objetivos a serem alcançados são indefinidos)”. Como veremos mais adiante, dessa dispersão de objetivo decorrem mais consequências positivas que negativas para o MBL, posto que a aproximação com o ator político escolhido pode se dá por meio de um único ponto nodal, uma única bandeira comum dentre as várias dispostas, e aqui se destaca a aversão à esquerda política.

A última das características listadas por Castells (2017, p.198) reside no quão políticos – em um sentido fundamental – são estes movimentos típicos da *sociedade em rede*,

---

<sup>73</sup> A lógica das lideranças também alcança os níveis regionais (normalmente estaduais) e locais (estes presentes em cada cidade onde o MBL possui núcleo de atuação).

“particularmente, quando propõem e praticam a democracia deliberativa direta, baseada na democracia em rede”, projetando uma “nova utopia” de democracia sustentada na interação entre comunidades locais e virtuais. Arrisco dizer que esse pensamento sobre a democracia é o aspecto mais otimista apontado pelo autor. Na ascendente onda de movimentos sociais de direita – em que se inclui o MBL – o conservadorismo defendido elimina um tanto do pluralismo inerente a noção de democracia, independentemente dos espaços ocupados por tais organizações coletivas. Em uma espécie de defesa antecipada, o autor explica que utopias não são necessariamente fantasias: elas se tornam forças materiais ao serem incorporadas à mente das pessoas, inspirando sonhos, norteando ações e engendrando reações. Assim como o liberalismo, o socialismo e o comunismo (ideologias políticas modernas) teriam se originado de utopias e adentrado nas raízes dos sistemas políticos, o que os movimentos do tempo presente propõem, na prática, é uma utopia original, situada na cultura da sociedade em rede e firmada na autonomia do sujeito frente às instituições sociais.

Em um estudo realizado na primeira década dos anos 2000, José Alberto Machado (2007) se questionava sobre o que aconteceria aos movimentos sociais e à ação coletiva: o futuro próximo reservaria aos movimentos um padrão organizativo de grandes redes articuladas através da *web*? O autor afirmava acreditar que as práticas desses movimentos estariam passando por mudanças, mas ponderava suas colocações por enxergar que, até aquele momento, a complexidade dessas transformações não havia sido suficientemente estudada:

Não há como negar que nos deparamos com tendências muito fortes de transformação, principalmente no que se refere às formas de organização e atuação dos movimentos sociais. Tais redes, assim como outras formas de organizações conhecidas, são caracterizadas pelo voluntariado, reciprocidade e modelos horizontais de comunicação e intercâmbio. Nisso não há novidade. O que chama a atenção é que tais elementos foram enormemente potencializados com o uso das tecnologias de informação (MACHADO, 2007, p. 270).

Enquanto Machado (2007) arriscava algumas constatações e lançava questionamentos, Castells (2017), na segunda década dos anos 2000, trouxe análises que, de certo modo, se propuseram a oferecer respostas às indagações que giravam em torno de um possível padrão emergente de movimentos sociais. Recorrendo a pensamentos desenvolvidos por Anthony Giddens, Alberto Melluci, Stuart Hall e pelo próprio Castells, Machado (2007) buscou sumarizar as características que seriam típicas destes agrupamentos humanos, combinando interpretações próprias com enfoques outros sobre movimentos sociais e

identidade. Além de tratar de especificidades que coincidem com parte das listadas por Castells, Machado sinaliza alguns aspectos que merecem ser apontados junto a tudo que já foi dito, tendo em vista que, a meu ver, corroboram na assimilação de um padrão de movimentos sociais da *sociedade em rede*.

O primeiro desses aspectos diz respeito ao “minimalismo organizacional-material”, bastante defendido pelo MBL. Os movimentos do contemporâneo dispensam uma sede física e a comodidade vinculada a essa infraestrutura; telefone e endereço postal tornam-se itens secundários, bastando somente que haja acesso à internet, independentemente de onde estejam fisicamente situados os membros do movimento – até que seja necessária a ocupação do *espaço dos lugares*. Machado (2007, p. 274) sublinha que “a possibilidade de operação a um custo muito baixo incentiva a associação individual, a emergência de novos movimentos sociais e as associações dos movimentos entre si”, os quais possuem existência dinâmica – segundo aspecto que merece ser apontado.

A dinamicidade da qual fala Machado (2007) está sugerida no próprio termo *movimento*, substantivo masculino que deriva de *mover*. Neste sentido, os movimentos sociais do tempo presente podem emergir, traçar e alcançar determinados objetivos, causar impacto real e repercussão, ganhar amplitude por razão de um fato político – como o fez o MBL com o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff – e, de maneira dinamicamente semelhante, se desfazer enquanto organização coletiva (passado o fato que o moveu, com o objetivo alcançado ou o peso do fracasso), ou renovar-se e seguir adiante, com novas metas e, possivelmente, estratégias revisadas. Quanto ao Movimento aqui estudado, veremos que, no recorte de tempo da pesquisa, essa renovação reside, especialmente, na ampliação de pautas e na aproximação com partidos políticos.

Karine Goss e Kelly Prudêncio (2004, p. 81) ressaltam que, “como os atores coletivos são ‘temporários’, essas redes fazem e desfazem seus nós, tornando problemática a definição de movimentos sociais como sistemas fechados. Em outros termos, o campo de ação permanece, mas não seus atores”. Tais atores podem tanto abandonar movimentos por não mais se identificarem com suas causas e/ou formas de atuação – o que não garante o fim deles, tendo em vista tratar-se de sistemas abertos e naturalmente renováveis –, quanto estarem enredados simultaneamente com diversas organizações coletivas com as quais se alinham em algum aspecto. É válido destacar que essa é mais uma das características que pode atravessar todos os movimentos sociais teorizados ao longo da realidade histórica; contudo, ela se fortalece com a (re)configuração dos fatores *tempo* e *espaço* dada em um

contexto de disseminação das TICs. Na observação da *fanpage* do MBL, é comum a presença de comentários que apontam para um apoio parcial ao Movimento; não há, necessariamente, uma total concordância entre o que defende o grupo e aquilo que pensam seus múltiplos apoiadores – estes podem estar vinculados ao coletivo por um único nó/ideia. Como veremos, as partes se alinham mais facilmente quanto ao que buscam negar.

Esta participação simultânea em movimentos diversos – para Machado (2007, p. 275), “circulação de militantes” – ratifica a ideia de que estas organizações não são um modelo de comunidade, em que sujeitos compartilham necessariamente de uma gama de valores comuns. O que temos, na realidade, são indivíduos unidos em pontos nodais, por ideias e valores muito específicos; nestes nós, diversos outros pensamentos e interesses de cada um dos envolvidos<sup>74</sup> acabam por ficar de fora, os quais, por sua vez, podem ser contemplados em outros movimentos socialmente organizados. Assim, é natural “a participação de um mesmo indivíduo em diferentes movimentos sociais, compartilhando um interesse com pessoas que, em outras dimensões da vida social, têm aspirações, valores e crenças bem diferentes” (MACHADO, 2007, p. 276).

Em suma, se nos primeiros anos do século XXI estudiosos do campo ainda se indagavam sobre o que seriam os movimentos socialmente organizados da *era da informação*, atualmente estas organizações coletivas já nos permitem observar padrões organizativos – essencialmente afetados pelo uso massivo das TICs – que viabilizam afirmá-las como um fenômeno do tempo presente. Por exibirem-se em formatos tão diversificados, os movimentos sociais do contemporâneo tornam impraticável o esforço para tentar encaixá-los em construções conceituais rígidas. De acordo com Melluci (1996, p. 22) o conceito de movimento social “será sempre objeto do conhecimento construído pelo analista”, uma vez que “não coincide com a complexidade empírica da ação” – e é nesta esteira em que me coloco para realizar o tratamento analítico do objeto MBL.

Sobre os movimentos sociais contemporâneos e o papel da internet e dos dispositivos móveis em sua configuração, Machado (2017, p. 268-269) sublinha que estas

---

<sup>74</sup> Embora não seja foco da minha discussão, é válido mostrar em que rumo segue a abordagem de Machado (2017, p. 276) sobre a questão da identidade: “esta circulação de militantes nas redes através das múltiplas identidades pode ser associada com uma das características da contemporaneidade, segundo Hall: a fragmentação das identidades – antes unificadas e estáveis. Para esse autor, com a ‘multiplicação’ dos sistemas de representação cultural, o indivíduo passa a ser confrontado por uma multiplicidade de identidades possíveis ‘com cada uma das quais pode se identificar ao menos temporariamente’ (Hall, 2004: 13). Castells, ao falar da construção social da identidade, refere-se a ‘identidade de projetos’ quando ‘os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance constroem uma nova identidade’ (Castells, 2001: 24). Para ele, a ‘identidade de projetos’ está relacionada à construção de projetos de vida por prolongamentos da identidade e experiências do indivíduo, os quais dão espaço ao surgimento de novos sujeitos (id., ib.: 26).”

formas de organização e articulação de indivíduos e coletivos em rede eram impossíveis de se materializar, de tal maneira e com tal alcance, há alguns anos:

A matéria-prima básica dessa nova forma de organização é a informação gerada e eficazmente distribuída. Este poder resulta da ampliação da capacidade de produzir, reproduzir, compartilhar, expressar e difundir fatos, ideias, valores, visões de mundo e experiências individuais e coletivas em torno de interesses, identidades e crenças – e em um espaço muito curto de tempo. [...] Agrupando dezenas ou até centenas de organizações de diferentes portes e universos culturais, linguísticos e identitários diversos, com base na infraestrutura da rede mundial, elas conseguem agregar eficiente e eficazmente o descontentamento, para gerar amplas e complexas sinergias em ações globais.

Castells (2017, p. 199), por sua vez, ressalta que há uma conexão fundamental, mais densa, entre a internet e os movimentos sociais em rede: “eles comungam de uma cultura específica, a cultura da autonomia, a matriz cultural básica das sociedades contemporâneas”. Neste sentido, e alinhada, de certa maneira, à ideia de *repertórios* da ação coletiva proposta por Charles Tilly (1995), discutirei a seguir sobre as estratégias de engajamento levadas a cabo por estes movimentos típicos do tempo presente, considerando as especificidades de um cenário marcado pela disseminação massiva das TICs, o uso intensivo dos *sites* de redes sociais, e a exploração do fator emoção com fins políticos.

### **1.3- Estratégias e táticas de engajamento e manutenção de apoiadores**

Se a presença massiva das TICs é fator diferencial para que enxerguemos um padrão contemporâneo de movimentos sociais, é pertinente observar, sob esse mesmo pano de fundo, as estratégias e as táticas de engajamento e de manutenção de apoiadores levadas a cabo por esses grupos organizados na *sociedade em rede*. Apesar de sabermos que a internet e os dispositivos móveis são mecanismos de comunicação acessados somente nas últimas décadas, e que, sem eles, movimentos anteriores conseguiram recrutar participantes e levá-los a ações exitosas, é difícil pensar nesse tipo de processo hoje, sem remeter, direta e imediatamente, ao *espaço dos fluxos*. A rede tecnológica tanto compõe quanto afeta o conjunto de possibilidades de atuação dos movimentos do tempo presente.

Diante dessa premissa, a noção de *repertório* da ação coletiva cunhada por Tilly (1995, 2006, 2008) e aprimorada ao longo de anos de trabalho se apresenta, pois, como adequada para introduzir a abordagem que aqui pretendo realizar. Emprestado da gramática musical, o termo diz respeito ao leque de maneiras de se fazer política em dada realidade

histórica. Quando do primeiro esboço do conceito, o sociólogo norte-americano buscava enxergar padrões compartilhados de ação coletiva, centrando-se muito mais na forma que no conteúdo. Defendia, pois, que um ator singular – fosse ele individual ou coletivo – possuía um repertório de meios, situado em determinado momento histórico, e o empregava de modo estratégico. Não tardou para que surgissem questionamentos: sendo atrelado a momentos históricos específicos (um século, por exemplo), o mesmo *repertório* estaria ao alcance de todo e qualquer ator social desta época? Ou seria relativo a atores particulares, de maneira que outros ficassem de fora? Em que *lugar*, de fato, residiria o *repertório*? No contexto histórico? No ator? Ou em uma combinação possível desses dois *lugares*?

Cerca de 20 anos depois das ideias originais, Tilly (1995, p. 30) reconheceu imprecisões na sua noção de *repertório*, agora afirmando-o como algo que só existe na ação compartilhada, não sendo peculiar a este ou aquele grupo/indivíduo isolado, mas residindo nas estruturas de conflito: “cada rotina no interior de um repertório estabelecido de fato consiste de uma interação entre duas ou mais partes”. Essas rotinas seriam postas pelo *repertório*, mas a escolha de qual seria levada adiante e o modo específico de uso seriam facultados aos atores sociais; os quais, por sua vez, definiriam seus passos guiados pelo andamento das interações, em uma espécie de jogo tático: para uma manifestação pacífica, cartazes e megafones; para enfrentar a resistência policial em confrontos diretos, coquetel molotov.

Referindo-se a inovação e difusão, o autor ressalta que o repertório de dado momento histórico tanto é limitado, quanto se apresenta como limitador da potência inovadora dos atores sociais, haja vista que estes costumam atuar sem ir muito além do perímetro das possibilidades existentes. Neste contexto, Tilly (1995) já enxergava que, de uma época a outra, permaneciam somente aqueles conjuntos de rotinas de interação que fossem capazes de sobreviver ao teste da experiência: “como cada uso é peculiar, variações se inventam no curto prazo. No longo, sobrevivem e se difundem inovações bem-sucedidas, ‘emprestadas’ por outros atores em novas circunstâncias” (ALONSO, 2012, p. 26).

Nessa fase de nova revisão do conceito, as críticas giraram em torno do argumento de que, a despeito do esforço para inserir questões culturais no debate, a cultura apareceria ainda como prática, “sem dimensões cognitivas, afetivas, simbólicas ou morais; o sentido, por exemplo, ritual das ações nunca entra em consideração” (ALONSO, 2012, p. 27). A saída encontrada por Tilly (2006, 2006) foi rever sua construção conceitual, introduzindo a noção de *performance*, que viria a suplantiar a ideia de *rotina* como unidade mínima do *repertório*. A

princípio, como vimos, o sociólogo desenvolvia um trabalho que se alinhava às invariâncias na ação coletiva engendrada em diferentes circunstâncias e espaços geográficos; posteriormente passando a um argumento centrado na noção de repertório de confronto, em que a interação entre atores diversos era fator chave. Neste esforço último de revisão do conceito<sup>75</sup>, Tilly se distanciou de um pensamento estruturalista e trabalhou para compreender de que forma os agentes sociais manejam, em suas *performances* (conflituosas), os *repertórios* disponíveis.

A ênfase na *performance* colocou em pauta questões que até então não haviam sido focadas pelas lentes analíticas do sociólogo: os aspectos de criatividade, improviso, negociação e adaptação das ações coletivas. Tilly (2006, 2008) defendia que as *performances* que compõem o *repertório* são, ao mesmo tempo, *modulares* e *singulares*; a modularidade diz respeito ao fato de que uma mesma ação coletiva pode ser reconhecida em diferentes contextos; uma passeata será sempre vista como uma passeata, seja no Oriente Médio ou na América do Sul, em regimes totalitários ou democráticos, com pautas ambientais ou políticas partidárias, e atores sociais vinculados por *laços* mais *fortes* (e persistentes) ou *fracos* (e temporários). Essas ações coletivas, entretanto, não sofrem um processo automático de transferência, mas, sim, passam por dinâmicas de negociação e adaptação condicionadas pelas características locais, o que as tornam, em algum aspecto, singulares.

Nesta linha de raciocínio, Tilly (2008, p. 14) lança mão da metáfora do teatro para afirmar que “no interior de um limitado conjunto [o *repertório*], os atores escolhem quais peças irão encenar aqui e agora, e em qual ordem”, tudo isso orientados por *scripts* compartilhados, a partir dos quais seria possível improvisar. A criatividade envolvida nas *performances* permite, pois, que cada uma delas se particularize. Utilizando metáforas musicais muito exploradas pelo sociólogo, Angela Alonso (2012, p. 31) sintetiza:

A transferência de repertórios é, então, processo relacional e disputado (pelos agentes em interações conflituosas), histórica e culturalmente enraizado (o peso da tradição) e condicionado pelo ambiente político nacional (as estruturas de oportunidade). Experiências sociais específicas requisitam as transferências e condicionam a adoção, pois que os atores em litígio lidam com o repertório como os músicos de jazz com suas partituras: triam, mitigam, acentuam, exageram, conforme seus parceiros e seu público. Longe de espontâneo e solipsista, o improviso é calculado e orquestrado entre os membros da banda, para produzir certo efeito. O jogo entre a fórmula e a circunstância dá às performances duas caras, simultaneamente modular e singular.

---

<sup>75</sup> O trabalho foi interrompido em 2008, com a morte do autor.

Decidir entre esta ou aquela estratégia de engajamento é parte, pois, da dinâmica performática, não mecânica, dos movimentos sociais. Sidney Tarrow (2009) destaca que a noção de *repertório de conflito* é, por assim dizer, *estrutural e cultural*, abarcando tanto o que as pessoas fazem quando estão envolvidas em ações conflituosas, como o que sabem fazer, e o que os outros esperam que façam. Os *repertórios* não são, portanto, estáticos; modificam-se em função de fatores como as mudanças tecnológicas (as quais podem ser apropriadas de modos distintos); o contexto político (que envolve necessariamente questões culturais e econômicas); e as expectativas dos outros quanto às atitudes dos que fazem parte da organização coletiva.

No Brasil, desde as Jornadas de Junho de 2013, a sociedade tem engajado-se, continuamente, em ações coletivas que ocupam redes e ruas de modo simultâneo. As pautas difusas que marcaram esse período histórico ganharam contornos mais bem definidos nas eleições presidenciais de 2014 e no posterior processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, compondo um cenário repetidamente rotulado de *polarização política*. Em ambas as ocasiões, os que eram contrários e favoráveis à presidenta foram respectivamente classificados – especialmente pelo olhar do *Outro* – como sendo pertencentes às esferas ideológicas da direita e da esquerda no país, gerando incessantes enfrentamentos. Neste campo prolífero de acontecimentos políticos, amplamente atravessados pelas TICs, grupos socialmente organizados dos mais distintos alinhamentos passaram a acessar *repertórios* e pensar suas *performances* em termos do que pode/deve permanecer e do que demanda revisão/adaptação.

Como bem destacou Tilly (2008) em seus últimos estudos, se o contexto inspira nova forma de política, o *repertório*, por sua vez, muda em conformidade. O Brasil se fez arena para ações coletivas; não como exceção, mas como componente de “uma galáxia em expansão de novas formas de movimentos sociais” (CASTELLS, 2017, p. 12), inspirados por razões próprias e, até certo ponto, similares. Em nosso território nacional ganhou espaço o que Esther Solano Gallego (2018) chama de “ódio como política”<sup>76</sup>, engendrando fortes embates desenrolados no *espaço da autonomia*, com a exploração intensa da comunicação mediada e

---

<sup>76</sup> A expressão alude ao livro “O ódio como política: a reinvenção da direita brasileira”, organizado por Esther Solano Gallego e lançado em meio às turbulentas eleições presidenciais de 2018. Ao apresentar a obra, Vladimir Safatle (2018, p. 01) faz a seguinte síntese: “Este livro apresenta um panorama amplo e diversificado da consolidação das direitas pós-ditadura militar no Brasil. É uma reunião de textos fundamentais para a compreensão da radicalização da política brasileira diante do colapso da Nova República a partir das manifestações de 2013”.

amplo engajamento da sociedade civil – a qual, em outros momentos de inquietação social semelhante, mostrou-se, em grande medida, apática.

Recrutar, sustentar, decidir etc. Para cada passo a ser dado, os movimentos sociais têm, portanto, a possibilidade de acessar *repertórios* – conjuntos de práticas já utilizadas em outros momentos, possivelmente por outros atores e em outras circunstâncias – e performar a partir deles. Nessa parte do trabalho, a ênfase residirá nas *performances* de engajamento político que adentram de modo acentuado o campo das emoções via, especialmente, a exploração dos espaços interativos da internet. Se faz necessário, pois, expor as características comuns das dinâmicas de recrutamento de apoiadores levadas a cabo por movimentos sociais da contemporaneidade. As práticas das quais falaremos mais adiante não são exatamente novas, mas negociadas, adaptadas a partir do que havia no *script*, além de circunstanciais.

\*\*\*

Qualquer que seja o compromisso estratégico de uma coletividade, os significados produzidos para alcançar seus objetivos estão situados, de acordo com Jasper (2016) em três grandes eixos: coerção, dinheiro e palavras. Embora movimentos sociais possam lançar mão de tudo que está contido nos eixos mencionados, o uso da persuasão os define de uma forma geral. Logo, é pertinente tanto considerar o lugar da retórica na atuação desses movimentos, tomando-a como “uma cultura empregada para exercer determinados efeitos sobre outros”, quanto enxergar a política, nesse contexto, como um conjunto de *performances* que incorporam “informações, sentimentos e moralidade, destinado a inspirar outras pessoas” (JASPER, 2016, p. 42). Sendo assim, podemos ter convicção do protagonismo que as emoções ocupam na orientação do engajamento de indivíduos e coletividades, visto que, em meio a ambientes complexos, elas nos falam sobre “o que valorizamos, o que nos atrai, o que nos repele”.

O processo de recrutamento de apoiadores é longo, contínuo e gradativo, e os mecanismos que mobilizam as pessoas são os mesmos que as mantêm coesas como peças imprescindíveis de ações coletivas socialmente estruturadas. Seja para recrutar participantes em uma fase inicial, ou quando o movimento já está funcionando a pleno vapor, o acesso às redes sociais – e não me refiro somente às possibilitadas pelos ambientes *on-line* – se mostra imperativo. O esforço demandado por parte dos que estão imersos nos primeiros estágios de uma organização coletiva (normalmente um pequeno e concentrado grupo) é inversamente proporcional à aproximação que estes possuem com redes de solidariedade; organizações de protesto que possam servir, oportunamente, como

janela de atuação; ou algum evento passível de ser transformado em um *choque moral*, atraindo rapidamente outros atores individuais e coletivos (JASPER, 2016, p. 91).

Pelo fato de o *corpus* de análise deste trabalho estar situado em um recorte de tempo em que o MBL já se apresentava como ação coletiva consolidada, interessou-me pensar estratégias de engajamento no sentido de ampliação e manutenção de apoiadores. Assim sendo, um dos primeiros pontos destacados por Jasper (2016) e que merece atenção diz respeito aos indivíduos serem mais, ou menos, *biologicamente disponíveis*. O que significa dizer que, quando uma rede qualquer é acessada pelo movimento social com o intuito de engajá-la em suas ações, nem todos os participantes estão igualmente prontos a este tipo de aproximação/vinculação, haja vista que outros contratos sociais podem inibi-los. Dada a heterogeneidade das redes, somente em raras ocasiões há, portanto, uma espécie de *recrutamento em bloco*, em que atores coletivos são arregimentados sem grandes perdas – as igrejas, com seus fiéis seguidores, costumam ser bons exemplos deste tipo de prática. Foi adentrando nessa esfera da sociedade que o MBL, ao explorar, por exemplo, a temática da criminalização do aborto, conseguiu ampliar, em alguma medida, seu leque de apoiadores.

Outro ponto que merece destaque é o ato de que se os movimentos socialmente organizados possuem redes de contatos acessíveis, mas, por outro lado, estruturam as informações do jogo de modo pouco convincente/impactante, o processo resultará, possivelmente, falho. É imprescindível, pois, que estes movimentos tenham consciência da necessidade do *alinhamento de quadros*, “vinculando novos temas a problemas sociais com que as pessoas já se preocupem” (JASPER, 2016, p. 122). Somente assim atores externos poderão perceber a relevância das pautas, entendendo suas origens e entusiasmando-se o suficiente para fazer algo a respeito.

Uma outra variável que interfere nesse processo é o tipo de relação que mantemos com os recrutadores, o que coloca em cena as nossas orientações emocionais. Não costumamos ter posicionamentos ideológicos bem definidos para cada dilema que a realidade histórica nos apresenta; o que temos são pensamentos sutis, por vezes inconscientes, sobre o mundo que nos cerca e as pessoas que dele fazem parte, além de intuições morais que nos ajudam a diferenciar o certo do errado. A dinâmica de transformação desses sentimentos em ideologias é, em muito, condicionada pela forma como se dá o vínculo com o *Outro*:

Os recrutadores contam suas próprias histórias, mas também estimulam potenciais recrutas a contar as suas, esperando que estes percebam nesse

processo que suas experiências não são incomuns, mas parte de um padrão mais amplo compartilhado com outros. [...]. Uma narrativa nos envolve quando gostamos da pessoa que a conta, confiamos nela ou pelo menos simpatizamos com ela. Parte dessa simpatia vem da própria história, mas também pode ter estado ali desde o começo se já conhecemos a pessoa ou se ela parece ser alguém em quem confiaríamos caso a conhecêssemos (JASPER, 2016, p. 123)

A relação direta entre conhecer/gostar/simpatizar, e a aderência a determinada ação coletiva será explorada no último tópico desse capítulo, quando trato de laços peculiares que membros do MBL mantêm com seus líderes – estes, figuras célebres, aqueles, híbridos de fãs/seguidores. Mesmo não sendo unânime, esse tipo de vinculação confere autoridade às lideranças do movimento, fortalecendo-o enquanto ator coletivo e, logo, ampliando as possibilidades de alcance de apoiadores em potencial.

Apesar de as redes sociais pré-existentes na organização coletiva serem ambientes favoráveis à ação de recrutamento, este não é o único caminho possível. Uma perturbação pontual e intensa na vida de uma pessoa – *choque moral* – pode levá-la a sentir a necessidade de se envolver em determinada causa: uma mulher que sofreu sucessivos abortos e, por este motivo, enxerga cada vez mais distante o sonho da maternidade, está propícia a tomar partido pela defesa da vida (mesmo que embrionária) e se posicionar contra esse tipo de atitude; tal pensamento encontraria em movimentos sociais antiaborto uma espécie de zona de conforto e estímulo para a luta. Jasper (2016, p. 124) acentua que um estado de choque emocional é capaz de, para além de paralisar as pessoas, despertar nelas um sentido de urgência, transformando-o em medo e indignação e, em última instância, impelindo-as à ação propriamente dita. O autor (2016, p. 125, grifos meus) utiliza a expressão *choque moral* para

[...] abordar o sentimento inquietante, perturbador, que surge quando acontece alguma coisa que lhe mostra que o mundo não é como você pensa, que alguém é mais repulsivo, que um problema é mais grave do que você tinha imaginado. Os choques morais abalam seu senso de realidade de normalidade, e por vezes levam a uma profunda avaliação da sua vida e de seus valores. São eficazes quando nos surpreendem, quando nos oferecem uma conexão solidária com outros seres humanos e possivelmente quando nos permitem expressar uma emoção que anteriormente desconhecíamos. Costumam nos ajudar a entender nossos próprios sentimentos e intuições morais – não nos impõem outros. Ao examinarmos nossas sensibilidades morais, eles podem ter implicações que dificilmente esperaríamos.

Inquietações morais deste gênero podem também afetar simultaneamente um grande número de pessoas e, por esta razão, configurar-se em cenários de mobilização fundamentais para movimentos consolidados recrutarem novos seguidores. Em se tratando de uma situação

potencialmente polêmica e de expressivo conhecimento público – por exemplo, a atuação desmedida da polícia diante de protestos pacíficos, ou a expulsão desumana de refugiados –, a audiência costuma já estar atenta, bastando que os recrutadores a levem à interpretação *correta* dos fatos. Esta dinâmica de fazer entender o ocorrido seria, portanto, uma forma de canalizar o *choque moral* no sentido da ação coletiva.

A despeito de poderem surgir ao acaso e serem posteriormente canalizados, é válido salientar que os *choques morais* (individuais e coletivos) são também estrategicamente construídos nas narrativas dos movimentos sociais; prática da qual se vale o MBL e, por esse motivo, foco da pesquisa que aqui me proponho a desenvolver. Sobre dificuldades encontradas, Jasper (2016, p. 126) esclarece:

Quando ativistas tentam criar seus próprios choques morais, enfrentam um problema: aquilo que provoca em alguns públicos a indignação e a solidariedade pode simplesmente incomodar a grande maioria. Aqui vemos [...] o dilema da inovação: se você for rápido demais na tentativa de mudar os sentimentos das pessoas, pode acabar perdendo seu público; se for lento demais, pode não obter as mudanças que deseja.

O *enquadramento da culpa* seria outro componente cognitivo e emocional que facilitaria a dinâmica de vinculação a movimentos sociais. Podemos até nos indignar diante de uma catástrofe natural que resulte na morte de pessoas, mas só nos indignaremos e reagiremos com ação de protesto se encontrarmos um culpado social – por exemplo, o governo, que não tomou medidas cabíveis para evitar ou amenizar, em algum aspecto, a catástrofe. Jasper (2016, p. 129-130) sublinha que, nesta definição de vilões (culpados) e vítimas (inocentes), a melhor retórica a ser adotada pelos movimentos combinaria a demonização de pessoas específicas como sendo as responsáveis por problemas sociais, e “ideologias mais abstratas que imputam problemas a sistemas impessoais como o capitalismo”. Essa combinação se sustenta no argumento de que “sem exemplos pessoais as ideologias são maçantes, e vilões individuais são inexplicáveis sem uma teoria do motivo pelo qual fazem coisas ruins”.

O esforço por culpabilizar algo ou alguém tem um fundamento complementar – no caso do MBL, o culpado é sempre a esquerda, personificada especialmente na imagem do ex-presidente Lula. De acordo com Jasper (2016, p. 131), uma vez que emoções que despertam sensações negativas nos atraem de maneira mais imediata e urgente, o apontamento de culpados se torna algo essencial e estratégico; “a demonização de vilões, a atribuição de culpa, a indignação pelas vítimas: tudo isso aumenta o nosso senso de ameaça e urgência”.

Esse tipo de senso – sobretudo fundado em ataques à nossa dignidade – seria, pois, outro facilitador da dinâmica de vinculação a movimentos sociais, a quem cabe a tarefa de evidenciar que o risco é real. Vale salientar que, assim como o medo, o senso de ameaça pode tanto paralisar quanto impelir à ação; é preciso que os recrutadores tornem a opção pelo agir menos adversa, mais atraente, alimentando a crença de que resultados positivos serão alcançados.

Para sustentar apoiadores e garantir a persistência do movimento socialmente organizado, novas estratégias podem somar-se às utilizadas no engajamento inicial. De acordo com Jasper (2016, p. 137), a proximidade com outras pessoas, por si só, é capaz de desencadear “vários processos de sentir-pensar. O resultado é um pico de energia emocional que associamos ao encontro, ao grupo que o organizou, e à causa pela qual estamos lutando”; mas isso não é o suficiente. É preciso trabalho habilidoso para que, a despeito dos momentos críticos, as energias que circulem no grupo sejam revigorantes e, de algum modo, prazerosas. Que outros incentivos podem ser requeridos pelos participantes?

A noção de pertencimento é primordial. Um sujeito só vai permanecer vinculado a determinado agrupamento humano enquanto se notar parte desta totalidade. Seja fundamentado em identidades coletivas já historicamente consolidadas (raça-ethnicidade, gênero, religião), ou forjando as suas próprias<sup>77</sup> – o que o autor nomeia de *identidades de movimento* –, o movimento necessita fazer com que estas bases identitárias possam servir ao processo de identificação dos sujeitos com o grupo, haja vista que a sua lealdade ajuda a mantê-lo envolvido. Sobre a ideia de uma homogeneidade absoluta, Jasper (2016, p. 141) afirma:

Toda identidade coletiva é uma *ficção necessária*: é necessária para o recrutamento na maioria dos casos, assim como para apresentar demandas a autoridades em muitos deles, mas é sempre uma ficção, já que encobre muitas diferenças entre indivíduos. Por esse motivo, vários grupos recentes têm evitado cuidadosamente qualquer afirmação de identidade, fazendo a opção oposta.

Para que as diferenças existentes não acabem por enfraquecer e/ou desarticular o movimento, é comum que aqueles que estão à frente da organização tentem *inventar* esta homogeneidade. Com esta perspectiva, posturas organizacionais costumam ser revistas, negociadas; como medida extrema, membros que insistem em ideias dissonantes podem ser

---

<sup>77</sup> Jasper (2016) define a *nação* e a *classe* como sendo as duas grandes identidades coletivas dos últimos 200 anos, inicialmente promovidas por movimentos sociais.

excluídos. O fato é que, para além deste tipo de atitude, a coesão do grupo depende da densidade com que duas formas de aproximação entre os participantes se apresentam: uma delas seria o conjunto das *emoções recíprocas* que eles nutrem (respeito, amor, admiração, confiança etc.); a outra, o das *emoções comuns* direcionadas a atores externos (em uma organização coletiva antiaborto, os envolvidos irão compartilhar do ódio e da aversão pelos que defendem, em alguma medida, a prática). Esse tipo de raciocínio é resgatado na construção da tese central desta pesquisa, quando trato da afirmação do *nós*/negação do *Outro*, e do uso estratégico da empatia.

Em tempos de movimentos sociais ocupando a rede e se articulando em rede, é indispensável que atentemos para o *uso* e a *apropriação* dos espaços interativos da internet – especialmente os *sites* de redes sociais – nas dinâmicas de engajamento e de manutenção de atores distintos. Enquanto o conceito de *uso* pode ser entendido como o “emprego habitual” de um objeto, uma tecnologia ou um tipo de discurso; a ideia de *apropriação* implica resignificação de práticas e/ou dispositivos tecnológicos (MARTÍN-BARBERO, 2004), aludindo, pois, ao ato de não empregar somente “as habilidades e competências requeridas pelo meio técnico, mas também várias formas de conhecimento e suposições de fundo que fazem parte dos recursos culturais trazidos [pelos sujeitos ativos] para apoiar o processo de intercâmbio simbólico” (THOMPSON, 2001, p. 29).

Temos, assim, que há uma dialética dos *usos* e das *formas de uso* constituídas como formas de *apropriação*. [...] há uma trama, ligação, pacto, tensões e disputas entre aquilo que é da *ordem do uso* – o que é proposto, embutido, pré-determinado, codificado e estabelecido como finalidade para produtos midiáticos, textos e tecnologias de informação e comunicação – e o que é da *(des)ordem da apropriação* – margens de manobra, astúcias, bricolagens, maneiras de empregar, formas desviantes etc. (MEDEIROS *et al*, 2011, p. 06-07).

Neste sentido, muito mais que pensar o modo como a midiaticização afeta as práticas comunicativas, vale questionar sobre o que as pessoas fazem com a comunicação midiaticizada nesta dinâmica de apropriação das TICs (BAYM, 2010). Isso porque, a forma e a intensidade com que essas tecnologias atravessam o meio social estão condicionadas tanto pelas características técnicas impostas desde a sua elaboração, quanto pela maneira como os usuários irão se apropriar delas e forjar outros caminhos no perímetro das possibilidades reais.

Na prática de ocupar estrategicamente os *sites* de redes sociais com fins de mobilização política de emoções, os movimentos do contemporâneo acessam, portanto, os

*repertórios* (TILLY, 1995; 2006; 2008) de ações coletivas disponíveis, analisam as possibilidades de apropriação dos espaços *on-line* e, investindo na ideia de sociabilidade que neles reside, traçam caminhos convenientes para executar seus planos. Como ressalta Recuero (2014), a exploração dessas ferramentas se dá pela potencialidade comunicativa a elas inerente, o que tanto instiga novas interações, como viabiliza formas diferentes de conversação. Essa capacidade de (re)invenção contínua garante legitimidade ao olhar que João Freire Filho (2014, p. 01) direcionou aos espaços interativos da *web*:

A Internet figura, na atualidade, como um inexplorado arquivo e tribunal das mais vastas emoções. Blogs, comunidades e fóruns *on-line* abarcam narrativas, performances, flagrantes e testemunhos emotivos de diversos atores e grupos sociais. As manifestações de alegria, asco, rancor ou tristeza costumam suscitar, por sua vez, comentários solidários ou desfavoráveis da audiência.

É cada vez mais comum e, logo, perceptível que os *sites* de redes sociais se apresentem como verdadeiros *tribunais* e *arquivos de cólera cotidiana*. Os que ocupam esses espaços de sociabilidade se sentem livres (e, em determinadas situações, até impelidos) para expor seus julgamentos acerca do *Outro* – seja uma pessoa, uma ideia, ou um acontecimento – , sem que a possibilidade de censura os afete a ponto de paralisá-los.

Estes *arquivos e tribunais de cólera* encontram na combinação de *persistência*, *replicabilidade* e *abrangência* dos *sites* de redes sociais (BAYM, 2010), um conjunto de características técnicas favoráveis à sua concretude e exploração por parte dos movimentos socialmente organizados. Nancy Baym explica que a noção de persistência diz respeito ao armazenamento automático de tudo aquilo que foi posto no ambiente virtual. Se, por um lado, este armazenamento e a permissão para acesso posterior acaba por (re)configurar as variáveis de *tempo* e de *espaço*; por outro, esta possibilidade de comunicação assíncrona abre brecha para que a informação seja consumida fora de contexto, e sem que o emissor da mensagem tenha controle sobre o destino da sua *fala*, o que pode gerar conflitos de interesse.

A possibilidade de replicação imediata do que está posto nas ambiências virtuais é um dos aspectos que diferencia a internet de outros meios de comunicação. O processo é fácil (acessível a qualquer um que esteja ocupando os espaços *on-line*), rápido, e quase perfeito, no sentido de que originais e cópias se confundem à primeira vista. Uma vez mais há a perda de controle do fluxo da informação: qual o contexto de origem? Onde, e com que finalidade, está sendo compartilhada? A *abrangência*, por fim, alude ao radical alcance de visibilidade que a internet é capaz de proporcionar a dada mensagem, mesmo que não haja garantia de audiência

(BAYM, 2010). Esta amplitude de circulação de conteúdo pode tanto atingir sujeitos pares (e, assim, ampliar redes de apoio), quanto atores dissonantes (instigando desacordos).

A partir da seguinte situação hipotética, podemos pensar a relação direta dessas três características técnicas com a ideia de *tribunal de cólera*: em sua página pessoal no Facebook (aberta ao público), X emitiu opinião sobre um candidato à presidência; mesmo que tenha desistido da exposição minutos depois, excluindo a postagem, há a possibilidade de Y e Z terem, por algum motivo, armazenado aquela informação por meio de uma cópia da tela (*persistência*); o que, de fato, aconteceu. Y tem visão ideológica contrária à de X, e resolve compartilhar o conteúdo em um grupo político-partidário *on-line* do qual faz parte (*replicabilidade*) – sem contextualizar as bases da *fala* e sem a autorização prévia do seu autor. Em pouco tempo, a postagem feita por Y no referido espaço ganhou proporções de alcance (*abrangência*) e foi alvo de julgamentos desmedidos, atingindo, inclusive, a reputação de X (que os membros da coletividade em questão, a princípio, desconhecem). O *tribunal de cólera* já estava instaurado. Como veremos ao analisar as postagens do MBL no Facebook, jogadas táticas específicas possibilitam que movimentos sociais criem, estimulem e explorem esses *tribunais*, com a finalidade de mobilizar emoções politicamente.

Em síntese, as características dos espaços interativos da internet são favoráveis à prática de construção e disseminação de narrativas que, lançadas por movimentos sociais, têm como finalidade mobilizar emoções para conseguir engajamento político. Explorar estrategicamente os agitados *tribunais de cólera* seria, a meu ver, uma espécie de “manobra” (MEDEIROS *et al*, 2011, p. 07) de uso dos *sites* de redes sociais; *performance* moldada criativa e circunstancialmente a partir de uma combinação estruturada pelo que tem a dizer a realidade, e pelos *scripts* disponíveis nos *repertórios* de ação coletiva.

#### **1.4- Mudar para permanecer: das pautas técnicas às guerras culturais**

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, *estratégia* significa a “arte militar de planejar e executar movimentos e operações de tropas, navios e/ou aviões, visando a alcançar ou manter posições relativas e potenciais bélicos favoráveis a futuras ações táticas sobre determinados objetivos”; já *tática* diz respeito à “parte da arte da guerra que trata da disposição e da manobra durante o combate ou a iminência dele” (FERREIRA, 2004). Tais definições se inserem numa linguagem típica de guerrilha, e são as primeiras a aparecerem na busca das respectivas palavras no dicionário citado. Os termos, se

levemente deslocados da acepção de origem, servem para pensar o MBL e as mudanças de atitude necessárias à sua permanência, como veremos a seguir.

Em outubro de 2017 e julho de 2019, os veículos *Le Monde Diplomatique Brasil* e *El País* publicaram, respectivamente, os textos “O conservadorismo moral como reinvenção da marca MBL”<sup>78</sup> e “MBL usa aborto para reposicionar marca”<sup>79</sup>. Além de ambos se referirem ao Movimento como *marca*, os conteúdos publicados têm em comum o fato de abordarem aspectos da dinâmica de reconfiguração do objeto empírico desta pesquisa. Servem, portanto, à defesa do argumento de que, para se manter protagonista em meio à intensa perturbação política experienciada pelo Brasil nos últimos anos, o MBL precisou se reinventar. O grupo foi, então, das pautas técnicas às pautas morais, criando e, ao mesmo tempo, suprindo demandas de uma sociedade marcada pela forte presença de religiões conservadoras – o que serviu, ainda, à amplificação de princípios e costumes alinhados a esse conservadorismo.

Se considerarmos novembro de 2014 como data em que o MBL iniciou propriamente suas atividades, foram menos de dois anos até que o coletivo pudesse comemorar o êxito de sua empreitada inaugural antiesquerda: o *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rousseff. Nesse período – que opto por chamar de primeira fase do MBL – eram essencialmente duas as bandeiras que sustentavam o Movimento: pregar o liberalismo econômico e combater a corrupção. Defendendo tais pautas e fazendo alianças com atores políticos estratégicos, o grupo conseguiu ampliar, gradativamente, o número de apoiadores, e encontrar as condições de possibilidade para ir adiante com o seu projeto de poder – não sem que passasse por transformações.

Diferentemente do que aconteceu com alguns dos movimentos sociais que ganharam destaque nas Jornadas de Junho de 2013, o MBL tinha, desde o princípio, uma clara estratégia de atuação: pautas bem definidas; objetivos delineados e opositores escolhidos; posicionamento apartidário; e um método de trabalho centrado numa linguagem direta, informal e com um humor ácido – ajustado às demandas de uma sociedade conectada em rede. Pedro Ferreira, integrante do grupo, falou ao *El País* sobre a imagem repaginada da direita política que o Movimento pretendia *vender*:

Partimos da tese de que faltava estética e apelo para difundir na sociedade uma visão de mundo mais liberal. A esquerda contemporânea desenvolveu uma

---

<sup>78</sup> Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

<sup>79</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289\\_751812.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html). Acesso em: 16 jul. 2019.

roupagem romantizada para seus ideais e, assim, formou uma militância consistente. Era preciso – com o perdão da ironia – revolucionar o liberalismo<sup>80</sup>.

Se tomarmos a *estratégia* como algo pensado a médio/longo prazo, antes da execução de um plano – seja ele qual for –, as ações táticas, por sua vez, ocorrem no desenrolar daquilo que foi planejado, regidas pelas condições impostas ao longo do percurso. Desse modo, a ampliação, e mesmo a mudança de pautas do Movimento, permitem ser vistas como táticas necessárias à cruzada antiesquerda. Mas que condições podem ter exigido tais mudanças?

Passado o período de esforços concentrados no afastamento definitivo de Dilma Rousseff, o MBL entra no que chamo de segunda fase do Movimento. Sem o objetivo de precisar datas, enxergo nos últimos dois meses de 2016 os passos iniciais desta nova etapa, em que as pautas são ampliadas e passa a haver uma aproximação do grupo com siglas partidárias. Em entrevista concedida ao *El País*<sup>81</sup> em outubro de 2017, o coletivo negou que tivesse mudado sua agenda de reivindicações e assegurou que se mantinha “coerente na defesa de suas bandeiras, elogiando ou criticando as mesmas posturas ou políticas públicas desde 2014”. Todavia, os fatos nos levam a questionar tal negativa.

Quando os ânimos em torno do *impeachment* se acalmaram e a exploração de ideias neoliberais não era o suficiente para manter o povo mobilizado, o MBL se viu obrigado a redirecionar sua atenção e, até certo ponto, rever a sua forma de trabalho. No texto publicado pelo *Le Monde Diplomatique*<sup>82</sup> em outubro de 2017, o jornalista responsável já afirmava que o Movimento estava agindo de acordo com a lógica de mercado:

[...] fizeram algo próximo do que no marketing se chama “rebranding” (embora sem mudar a identidade visual, mas as estratégias de sua organização, a sua filosofia operacional). A aposta foi no velho conservadorismo brasileiro em relação aos costumes, à moral e à cultura, algo com muito mais chance de sucesso.

Mantendo sua proposta de fazer política com uma linguagem *descolada*, as mudanças táticas se deram, mais especificamente, na ampliação das pautas e na passagem de Movimento apartidário para suprapartidário – o que ainda os manteria, em algum termo,

---

<sup>80</sup> Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 17 jul. 2019.

<sup>81</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691\\_598049.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html). Acesso em: 17 jul. 2019.

<sup>82</sup> Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

distantes da *velha política*, afetada pela estrutura de partidos. Quanto à adequação de sua agenda de reivindicações, a colunista Eliane Brum enfatizou que O MBL vinha lançando mão dessa tática desde 2017, quando se deu conta do “potencial de usar os temas chamados ‘morais’ para manter o ódio ativo e os seguidores mobilizados. A estratégia funcionou (muito) bem quando uma massa de brasileiros se deixou convencer de que o grande problema do Brasil eram os pedófilos nos museus”<sup>83</sup>. Em matéria publicada pelo *El País*<sup>84</sup> também em outubro de 2017, o pesquisador Fábio Malini comentou esse processo de reconfiguração do Movimento:

O MBL segue a tendência das redes e como a internet vive da atualização contínua dos fatos, está forçado a também mudar constantemente. A pauta do impeachment cessou depois de 2016, forçando o movimento a buscar novas agendas. Como o MBL se comporta como partido [...], ele precisa ganhar institucionalidade com as agendas. E as agendas que têm mais popularidade estão no campo do comportamento, mais à direita do próprio MBL, o que acabou forçando um movimento de direita moderada a migrar para um populismo conservador.

A movimentação tática se deu no momento oportuno. No pós-*impeachment*, o MBL estava aliado ao presidente Michel Temer (MDB), que em meados de 2017 já se tornara “um verbete de dicionário para político corrupto”<sup>85</sup>. Não interessava, portanto, manter centralizada a bandeira anticorrupção. Era preciso explorar outros terrenos, e foi aí que adentraram no campo da *moral* e dos *bons costumes*. Aqui já circulava, principalmente nos canais de oposição, a alcunha de *liberais na economia e conservadores nos costumes*. Como afirmou a jornalista Brum, a forma que o MBL encontrou para se esquivar de explicações acerca do fato de silenciarem diante dos atos corruptos praticados por Temer – presidente projetado no cargo com a ajuda do Movimento – foi criar um “falso inimigo”: “[...] e assim, em 2017, com o povo perdendo direitos, o desemprego e a pobreza aumentando e a popularidade de Temer despencando, de um dia para o outro o grande problema nacional virou a pedofilia nos museus”. O MBL passara a travar, com a esquerda política, uma *guerra cultural*<sup>86</sup>.

<sup>83</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289\\_751812.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html). Acesso em: 17 jul. 2019.

<sup>84</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691\\_598049.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/politica/1506459691_598049.html). Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>85</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289\\_751812.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html). Acesso em: 17 jul. 2019.

<sup>86</sup> O pedido de suspensão do Queermuseum Santander é um dos exemplos mais emblemáticos e explorados pela narrativa da imprensa para explicar aos leitores a *guerra cultural* travada pelo MBL. Mais informações em “Como fabricar monstros para garantir o poder em 2018”: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732\\_431246.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/30/opinion/1509369732_431246.html). Acesso em: 25 jan. 2018.

Na literatura específica, não há consenso em torno da gênese do fenômeno. Entretanto, é normalmente atribuída a James Hunter (1991) a responsabilidade por forjar o conceito de *guerra cultural* a partir do que enxergara na sociedade norte-americana, especialmente no final da década de 1980. O termo se refere à ampla inserção de pautas *morais* no debate político – o que, à época, acirrou a oposição entre conservadores e progressistas. Temas como a legalização do aborto e de drogas recreativas, os direitos dos homossexuais e o controle de armas passaram a ser colocados em debate, dividindo ideologicamente não só agendas políticas reivindicativas, mas a sociedade de um modo geral. *Guerra cultural* é, pois, uma tensão política e social que ocorre no âmbito da cultura – da produção artística, da reflexão, dos símbolos e dos valores etc. – mas que não se restringe a ela. Não é uma simples disputa político-partidária, mas um conjunto de batalhas que colocam em jogo o que cada lado combatente enxerga como essência da nação – e que, logo, não deve ser modificado.

Acerca do posicionamento das partes que *guerrilhavam*, em seu livro publicado no início dos anos 1990 – *Culture Wars: the struggle to define America* – Hunter (1991, p. 311) fez afirmações que podem, sem grande perda de sentido, ser transferidas para o contemporâneo:

Uma forte tendência no lado progressista da divisão cultural, então, é defender o pluralismo moral como um bem social e encorajar uma correspondente expansão da tolerância. A tendência do outro lado é rejeitar o pluralismo moral como um mal social e fazer o que for possível para inibir sua possível expansão<sup>87</sup>.

Com posições claramente conservadoras – exceto no que tange às ideias econômicas liberais –, o MBL vai de encontro à noção de pluralismo moral, conferindo ao próprio grupo e aos seus apoiadores as escolhas morais certas/boas, e projetando no *Outro* opositor, as moralmente erradas/más. No período que identifiquei como segunda fase do Movimento, o grupo não deixou para trás os argumentos técnicos em torno de assuntos econômicos, nem a negação da esquerda político-partidária, mas foi além: projetou taticamente para um primeiro plano do debate público, com um viés conservador, pautas *morais* como aborto, drogas, ideologia de gênero, doutrinação política, direitos humanos, cotas raciais, armamento, maioria penal etc., alimentando o que Hunter (1991) chamou de rejeição ao pluralismo

---

<sup>87</sup> No original: “A strong tendency on the progressivist side of the cultural divide, then, is to defend moral pluralism as a social good and to encourage a corresponding expansion of toleration. The tendency on the other side is to reject moral pluralism as a social evil and to do whatever possible to inhibit its possible expansion” (Tradução minha).

moral. Alinhados ao pensamento do sociólogo, Gallego *et al.* (2017, p. 36-37), defendem que, no contemporâneo:

A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo.

Um trabalho quantitativo que desenvolvi a partir de seis eixos temáticos – economia, política, saúde, educação, cultura e segurança<sup>88</sup> – aponta que, entre novembro de 2016 e o mesmo mês de 2017, o MBL fez cerca de 3.660 *posts* com imagens estáticas em sua página do Facebook. Como mostram os gráficos abaixo, se, no mês inicial (novembro de 2016), as publicações se concentravam nas pautas políticas, no mês final da coleta de dados (novembro de 2017) as demais temáticas ganharam ou, de um modo geral, mantiveram seus espaços nas discussões lançadas pelo Movimento em sua *fanpage*, ratificando tanto o argumento da *guerra cultural*, quando da negação constante do *Outro* opositor (Gráfico 2 e Gráfico 3).

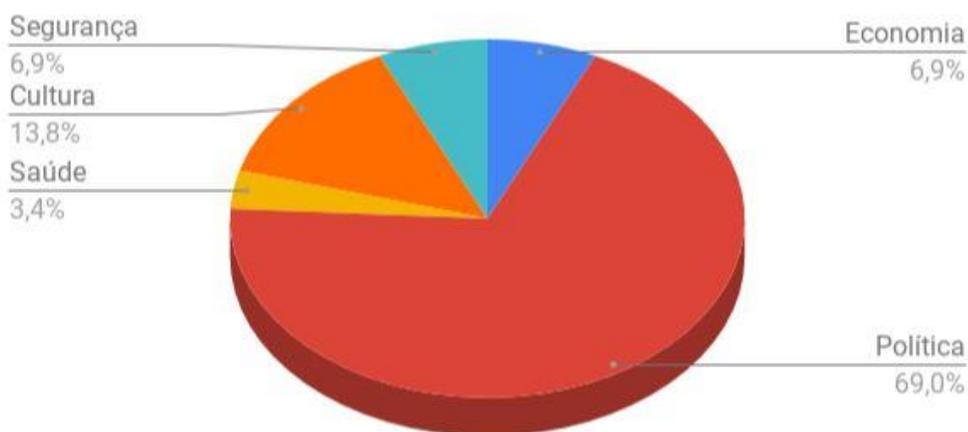


Gráfico 2: Distribuição de *posts* por tema no Facebook do MBL - Novembro/2016  
Fonte: a autora (2020)

<sup>88</sup> A partir de cada eixo temático, optei por escolher uma pauta do MBL a ser considerada (Economia - Privatização; Política - Acusação do ex-presidente Lula; Saúde - Criminalização do aborto; Educação - Escola sem Partido; Cultura - Queermuseu; Segurança - Armamento). O recorte foi necessário à exequibilidade do trabalho quantitativo – de 3.664, passei a 916 *posts* válidos –, o que garantiu uma amostragem consistente para corroborar com o argumento defendido neste tópico do capítulo.

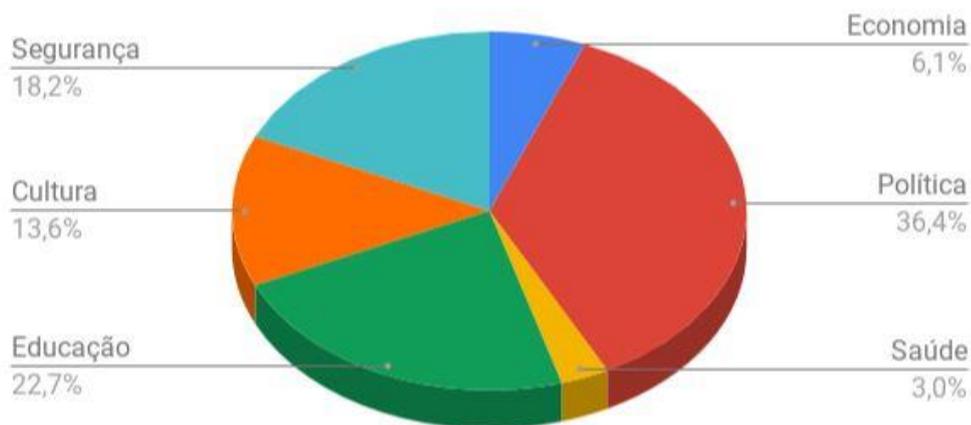


Gráfico 3: Distribuição de *posts* por tema no Facebook do MBL - Novembro/2017  
Fonte: a autora (2020)

Somadas aos dados quantitativos, as análises das distintas narrativas corroboram com o argumento de que estamos experienciando uma *guerra cultural* no Brasil. No atual cenário, não enxergo esforços reais no sentido de encerrar esse tipo de disputa; pelo contrário: os que compõem cada diferente viés político-ideológico têm pensado suas estratégias e táticas de modo a usufruir dos potenciais benefícios que surgem em meio às crises.

Para Gallego *et al.* (2017, p. 38), mesmo a relação entre discurso moral e política não sendo, precisamente, algo novo, “antes, porém, o discurso moral era instrumentalizado pelo político, e agora parece que ocorre o contrário”. Complementando tal pensamento diria, pois, que o discurso moral tem instrumentalizado não só a narrativa política, mas a política partidária como um todo e as relações sociais, tendo em vista uma nação imersa nos constantes e intensos embates contemporâneos.

No vídeo publicado em outubro de 2018 e intitulado *Guerra Cultural - VOCÊ FAZ PARTE DELA*<sup>89</sup>, Arthur do Val, líder do MBL, falou aos seus seguidores acerca do quanto o *cenário de guerra* exige conhecimento dos participantes para que não sejam vencidos:

A gente tem que entender que a gente está numa guerra cultural. E muito mais do que aprender a votar, fazer uma campanha política, que seja... a gente tem que mudar a cabeça das pessoas, e você só muda a cabeça das pessoas despejando informação [...] para que essa pessoa pare, pense, e que ela tenha munição para se defender desse tipo de revolucionário, desse tipo de pessoa que quer usar os outros como massa de manobra.

<sup>89</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zhaujEuQYBs>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Em matéria veiculada pelo jornal *Nexo*<sup>90</sup> em março de 2019, Eduardo Wolf<sup>91</sup> e Esther Solano Gallego<sup>92</sup> comentaram a popularização do termo no país. Para Wolf, a disseminação da ideia decorre de um intenso trabalho da direita nos espaços virtuais, a qual, amplamente influenciada pela direita norte-americana, “fez circular na última década um conjunto de teorias sobre como se dá a dominação da esquerda na cultura e na sociedade, e como a *guerra cultural* é a grande guerra a ser travada para ‘salvar’ o país”. Ainda de acordo com o entrevistado, mudanças estruturais no pano de fundo da cultura também contribuíram para a popularização do termo. Se durante mais de quatro décadas houve uma consolidação e expansão da hegemonia da esquerda nos circuitos culturais (os meios artísticos, dados setores da imprensa, do mercado editorial e da universidade), as coisas começaram a mudar entre os anos de 2006 e 2008; hoje, conforme Wolf, o cenário é outro:

[...] há editoras, professores, alunos, artistas, cineastas, escritores e intelectuais que nada devem ao universo da esquerda. Pelo contrário, se caracterizam pelo ataque à esquerda e pela defesa do liberalismo, do conservadorismo ou variantes, além de oferecerem uma espécie de “contra-cânone” para os autores de consenso e celebração usual no Brasil. Simplesmente não existia nada disso (em escala significativa) no Brasil desde antes da década de 1960. Pela primeira vez em muitas décadas, portanto, há efetivamente dois lados em um conflito de ideias.

Solano enfatizou que, nessa guerra simbólica, são privilegiados argumentos em defesa da moral, dos bons costumes, de Deus, da família tradicional; o aborto, por exemplo, não seria discutido “em termos de saúde pública, mas em termos de ‘pecado’”. Em detrimento de um *opositor* – com quem se estabelecería um debate –, na *guerra cultural* o que se tem é a existência de “um inimigo a ser aniquilado em uma guerra política, dialética e altamente simbólica; princípios morais se tornam um instrumento bélico”. Para o MBL, o inimigo é a esquerda, e não se trata de um caso isolado, uma vez que, em diferentes países, grupos de extrema direita estão alinhados a uma mesma retórica, que usa a dinâmica de *guerra cultural* como estratégia eleitoral.

A despeito de o foco deste trabalho residir no que defino como segunda fase do MBL, em se tratando de um objeto do tempo presente, ativo e, logo, dinâmico, seria

---

<sup>90</sup> Disponível em:

<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2019/03/10/O-que-%C3%A9-%E2%80%98guerra-cultural%E2%80%99-E-por-que-a-express%C3%A3o-est%C3%A1-em-alta>. Acesso em: 20 jul. 2019.

<sup>91</sup> Apresentado na matéria como: doutor em Filosofia pela USP, editor do “Estado da Arte” e autor de *Guerra cultural: ideólogos, conspiradores e novos cruzados*, com publicação prevista para 2019.

<sup>92</sup> Apresentada na matéria como: doutora em Ciências Sociais pela Universidad Complutense de Madrid, professora de Relações Internacionais na Unifesp e organizadora de *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*.

inapropriado ignorar as mudanças posteriores a esse momento. Com a aproximação do pleito eleitoral de 2018, o Movimento – já seguro no que tange à abordagem das pautas morais – utilizou-se da lógica das *guerras culturais* para seguir negando a esquerda e eleger atores políticos estratégicos ao seu projeto de poder. Durante as eleições presidenciais, o grupo foi acusado de disseminar *fake news* e esteve sob a ameaça de ter a sua *fanpage* apagada da plataforma Facebook<sup>93</sup>; o que não aconteceu e nem, aparentemente, o intimidou. Na reta final do pleito, o coletivo se aproximou do atual presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL) e trabalhou para elegê-lo. Passados seis meses do início da gestão, O MBL, não mais alinhado politicamente ao chefe de Estado, alimentou na imprensa – involuntariamente, acredito eu – a narrativa de que a disputa teria ganhado novos contornos, sendo “da direita com a direita, pelas almas, pelos cliques e pelos votos”<sup>94</sup>.

Uma reportagem publicada no *Le Monde Diplomatique*<sup>95</sup> em outubro de 2017 afirmava que, àquela época, o MBL vinha se reinventando constantemente, “e resolveu apelar para táticas mais fáceis, falando mais às entranhas de seu público do que à racionalidade”<sup>96</sup>. Riscaram um fósforo e acenderam um pavio em sua cruzada moralista contra a arte, gerando um efeito manada”. De certo modo, o conteúdo ratifica o argumento central da tese e o que pretendo afirmar com o “mudar para permanecer” que está posto no título deste tópico: “se a marca MBL estava severamente comprometida, seus desvios estratégicos conseguiram manter a sua posição de grande influenciador no campo da direita”.

Atualmente, enxergo que o Movimento tem repensado sua estratégia levando adiante as táticas bem-sucedidas (*repertórios*), como as alianças políticas, a ampliação das pautas, e a própria lógica de *guerra cultural*. Quanto à estética *descolada* da linguagem, os líderes do grupo têm declarado que ela precisa ser repensada. Em entrevista concedida ao *El País*<sup>97</sup> em julho de 2019, Fernando Holiday afirmou:

Acredito que a gente ajudou a simplificar o debate político de uma forma perigosa, resumindo tudo a memes e aumentando a tensão política. Nesse

---

<sup>93</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/facebook-retira-do-ar-196-paginas-sob-acusacao-de-fake-news/>. Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>94</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289\\_751812.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/03/opinion/1562163289_751812.html). Acesso em: 23 jul. 2019.

<sup>95</sup> Disponível em: <http://diplomatique.org.br/o-conservadorismo-moral-como-reinvencao-da-marca-mbl/>. Acesso em: 16 jul. 2019.

<sup>96</sup> Cumpre frisar que, apesar de a fala indicar certa separação entre razão e emoção, a base teórica deste trabalho vai de encontro a tal pensamento. Entendemos o “táticas mais fáceis” como sendo a mobilização de emoções; estas, por sua vez, diretamente vinculadas à racionalidade dos indivíduos.

<sup>97</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621\\_458153.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561649621_458153.html). Acesso em: 23 jul. 2019.

sentido, acho que o MBL precisa e já está fazendo essa autocrítica de tentar qualificar o debate político como um todo, algo menos simplificado e não tão polarizado como a gente fez no passado. Nos nossos encontros regionais temos escutado nossa militância e feito autocrítica diante de nossa militância. E acho que faz parte do caminho natural do crescimento e do amadurecimento político pelo qual estamos passando.

Continuando com o argumento de que o MBL pode ser pensado a partir de suas distintas fases, na terceira delas<sup>98</sup> – que passou a ganhar forma, especialmente, no pós-eleições 2018 – o Movimento seguiu rumo a uma institucionalização do grupo como um partido político um tanto híbrido: *liberal na economia e conservador nos costumes*. Uma vez mais o ator social em questão se alinhara às demandas simbólicas da sociedade do tempo presente para garantir a continuidade de seu projeto de poder. Neste sentido, uma tática amplamente acessada pelo grupo e que merece destaque é a exploração do discurso de autoridade conferido às pessoas célebres, como veremos a seguir.

### **1.5- A *celebrificação* dos líderes e o híbrido fã/seguidor**

“Sou fã engajado do MBL pela coragem que estes garotos têm”. Esta foi a frase final dita pelo empresário Flávio Rocha durante a sua fala no III Congresso Nacional do MBL. À época cotado para ser o candidato à presidência que teria o apoio da organização coletiva, Flávio Rocha não foi o único palestrante a se referir ao grupo projetando uma relação de fã e ídolo. Outras atitudes do público presente reforçaram, ainda, esta projeção: fila para autógrafa, para registro de imagens, para um rápido aconselhamento, para um abraço. Qualquer proximidade com líderes nacionais do Movimento parecia garantir àquelas pessoas algum tipo de satisfação. Isso se torna compreensível se partirmos das seguintes premissas: os expoentes do MBL são vistos como dignos de serem celebrados, e os fãs mantêm vínculos emocionais com aquelas figuras que resolvem celebrar (FREIRE FILHO, 2007; 2013). Nesse cenário, é válido compreender como e por que questões do *mundo das celebridades* alcançam outros espaços sociais possíveis – inclusive o campo da política – e, especialmente, são exploradas de maneira estratégica.

Olivier Driessens (2014) argumenta que a celebridade se tornou uma espécie de característica que define a sociedade midiática. O autor diferencia as noções de *celebrificação e celebritização*: enquanto esta trata de uma dinâmica centrada no indivíduo, a

---

<sup>98</sup> Em um esforço de atualização do tema, abordo nas considerações finais desta tese significativas mudanças ocorridas com o MBL, especialmente entre o segundo semestre de 2019 e o início de 2020.

partir da qual pessoas comuns ou figuras públicas adquirem o *status* de sujeitos célebres; aquela diz respeito a um processo social em que as mais distintas esferas da sociedade passam a ser afetadas e a absorver a lógica da cultura da celebridade. Cumpre frisar que *celebritização* de dado campo social não implica na *celebrificação* de todos os agentes desse campo.

Sem grande esforço, é possível assimilar o processo de *celebritização* da esfera política ao pensar em agentes do Executivo, Legislativo e Judiciário que, nos últimos anos, estiveram sob os holofotes, tendo as faces pública e privada de suas vidas exploradas pela indústria midiática, e consumidas por uma audiência. O preço a ser pago pela constante e irrestrita exposição da imagem do sujeito célebre é, inquestionavelmente, alto. Contudo, é esta mesma exposição que, ao viabilizar o acúmulo de certo prestígio, confere autoridade à fala destas pessoas. Nathalie Heinich (2012) acessa a *Teoria dos Capitais* de Pierre Bourdieu para defender que, na cultura da celebridade, existe um tipo próprio de *capital social* relacionado a ampla exposição, o qual a socióloga francesa nomeia *capital de visibilidade*. Assim como os capitais simbólicos dos quais trata Bourdieu, este tipo de capital pode ser convertido em ganhos abstratos e concretos.

Mesmo fazendo a ressalva de que a função social do discurso da celebridade não está, ainda, estabelecida, Driessens (2014, p. 09) afirma que “[...] o status de celebridade dá a aqueles que o possuem um poder discursivo, ou uma voz que não pode ser ignorada (MARSHALL, 1997), devendo funcionar como um símbolo geral para o sucesso (BELL, 2010, p. 49)”. Esta validação da fala tem sido estrategicamente usada nos profusos *jogos* político-ideológicos do Brasil contemporâneo, dos quais também fazem parte os movimentos socialmente organizados. Desse modo, é pertinente pensar que a dinâmica de *celebrificação* dos líderes do MBL em muito os interessa; logo, arrisco afirmar que pouco teve de espontâneo, se tratando de uma decisão tomada a partir da consideração dos prós e contras aí envolvidos.

Desde a sua emergência, o MBL buscava ser visto; o papel de coadjuvante nunca foi o suficiente para o seu projeto de poder, e o esforço pelo protagonismo passa pela lógica que domina a cultura da celebridade. Para Driessens (2014, p. 09), o sujeito célebre é “um recurso valioso a ser usado em lutas de poder”, e o Movimento conta com este artifício em dois níveis: internamente, na figura de seus líderes nacionais (Kim Kataguirí, Fernando Holiday, Arthur do Val e Renan Santos); e externamente, utilizando-se da imagem e da autoridade conferida a celebridades *comuns* que, de algum modo, alinham-se ao seu projeto. Sobre o

segundo caso, é frequente que, em suas postagens, o MBL recorra a falas de determinadas figuras célebres quando essas servem ao reforço do que o grupo está defendendo/acusando. Tais celebridades se encaixam, ainda, em dois grupos aparentes: de um lado estão aquelas que são abertamente apoiadoras e parceiras do Movimento (o comediante Danilo Gentili, a ex-jogadora de voleibol Ana Paula etc.); de outro, aquelas que *emprestam* a imagem – e o seu *capital de visibilidade* – ao grupo por ocasião de algum evento específico.

O *capital de visibilidade* do qual trata Heinich (2012), além de acumulável e passível de ser transmitido a outras pessoas, pode ser mensurado. A capacidade de transferência ou de extensão desse tipo de capital serve para pensar o quanto o MBL – celebrificado em suas lideranças – pode ser, para vários outros atores políticos coletivos e/ou individuais, aquele ator estratégico a quem convém estar próximo, alinhado. No que diz respeito ao aspecto quantitativo, uma das formas de contabilizá-lo é considerar o número de seguidores em sites de redes sociais. Kataguirí, Holiday, Arthur do Val (Mamãe Falei) e Renan Santos acumulam em suas páginas no Facebook, respectivamente, os valores aproximados de 1,4 milhões, 664 mil, 1,4 milhões e 8,6 mil<sup>99</sup>, o que, por si só, os diferencia da drástica maioria de seus seguidores. A esta diferença Heinich (2012) nomeia *condição de dissimetria*: quanto maior o desequilíbrio entre o número de pessoas que conhecem um indivíduo e o número de pessoas que esse indivíduo conhece, maior o seu *capital de visibilidade*.

Com um pensamento alinhado ao de Heinich (2012), José Van Dijck (2013) acredita que ter muitos seguidores em perfis de redes sociais vai além de uma questão numérica, sugerindo um consistente indicador social de relevância. O autor forja o conceito de *sociabilidade automatizada* para discutir o que poderia estar contido naquilo que a princípio se resume a um dado quantitativo. Para Van Dijck, a possibilidade de mensurar os olhares (visualizações) direcionados a determinada pessoa, marca etc. confere aos números um papel fundamental na construção de uma imagem socialmente relevante. Não por acaso o MBL – assim como diversas outras figuras públicas – se esforça para somar o maior número possível de seguidores e, mais importante, tornar pública esta informação quantitativa, uma vez que, como vimos, nela reside algo de ordem qualitativa que muito importa ao seu projeto de poder.

A lacuna que existe entre pessoas comuns e figuras célebres confere a essas últimas uma dupla natureza: ordinária e extraordinária, corriqueira e espetacular, humana e sobre-humana (MORIN, 1969). Em uma matéria publicada na ocasião de lançamento do primeiro livro de Kim Kataguirí – “Fãs de Kataguirí destacam sua trajetória e elogiam o MBL em

---

<sup>99</sup> Dados coletados em 10 de julho de 2019.

lançamento no Rio”<sup>100</sup> –, o editor da página *Boletim da Liberdade* entrevistou convidados que teceram elogios reforçando o aspecto *extraordinário* da jovem liderança: “eu acho [ele] uma figura admirável”; “é uma referência inspiradora”. Um dos entrevistados afirma, ainda, que “essa galera nova se identifica muito com o Kim”.

Para Edgar Morin (1969), as pessoas comuns mantêm com seus ídolos uma relação que se sustenta num duplo e contínuo movimento: ao mesmo tempo em que os fãs enxergam a celebridade como uma espécie de Deus no Olimpo, projetando-a num lugar distante; eles se identificam com atitudes corriqueiras dessas figuras célebres, o que garante a sensação de proximidade. Dessa forma, a relação entre fã e ídolo se sustenta, pois, no duplo movimento de *projeção* e *identificação*. Driessens (2014, p. 10) enfatiza que “não obstante a paradoxal natureza das celebridades como ordinárias e extraordinárias, elas ainda estão distantes do comum”, e é devido a esta posição que sujeitos célebres garantem especiais validade, força e amplitude aos seus discursos.

Quando Morin, em 1962, desenvolveu o pensamento em questão, tratava mais especificamente das estrelas do cinema. Aqui, todavia, aproprio-me de termos de sua discussão teórica para refletir acerca de benefícios possíveis garantidos ao MBL diante da *celebrificação* de suas lideranças. Segundo o sociólogo francês, os indivíduos célebres eram vistos como modelos de conduta (distantes, mas imitáveis); neste sentido, é coerente pensar os líderes do Movimento como modelos de condutas político-ideológicas e morais, as quais são amplamente exploradas no sentido de buscar o engajamento de novos apoiadores. Quando o MBL se esforça para passar a imagem de coerência política, retidão moral, força e coragem que “só a juventude é capaz de levar adiante”, espera que haja aí um processo de *projeção* que os valide como figuras importantes, que devem ser admiradas e seguidas; e de *identificação*, capaz de fazer com que os potenciais apoiadores se sintam parte dessa promessa de mudança.

A noção de *aparato cultural da celebridade* cunhada por Tom Mole (2007) auxilia, também, na compreensão dos processos macro (social, de *celebritização*) e micro (individual, de *celebrificação*) citados acima, bem como na relevância de trazê-los ao debate teórico desta pesquisa. O aparato é composto por três pilares que mantêm entre si uma relação de total interdependência: o *indivíduo* célebre, que pode simplesmente ser conhecido pela sua notoriedade, sem que tenha atrelado à sua imagem uma grande façanha, ato heroico ou habilidade especial (BOORSTIN, 1992); a *indústria* midiática, que projeta e mantém este

---

<sup>100</sup> Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/10/30/fas-de-katagui-destacam-sua-trajetoria-e-elogiam-o-mbl-em-lancamento-no-rio/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

sujeito nos espaços da fama; e a *audiência*, que demanda e consome estes *produtos* (TURNER, 2004).

Adequando essas concepções teóricas ao objeto da pesquisa, os líderes do MBL seriam os sujeitos célebres. Nesse papel, não se encaixam na noção contemporânea de *celebridade* delineada por Daniel Boorstin, (1992) – de pessoas conhecidas por serem conhecidas –, tendo em vista que a fama neles projetada deriva, essencialmente, de ações empreendidas com êxito, como a concretização do *impeachment* de Dilma Rousseff – o que, para muitos, foi um ato heroico –, ou mesmo a habilidade de ampla e contínua mobilização política. A indústria que está por trás deste tipo peculiar de celebridade, por sua vez, é marcada pelo uso intensivo das modernas TICs – com foco nos espaços virtuais de sociabilidade e circulação de dados – e imersa em um cenário de ebulição política com novos *valores-notícia* em pauta. A audiência, por fim, se materializa no híbrido fã/seguidor.

Se temos um tipo de celebridade um tanto peculiar, é natural que tenhamos, também, um fã com particularidades. Dialogando com estudos da cultura da celebridade e com discussões teóricas que dão conta de estratégias de engajamento político no tempo presente, questiono: quanto do comportamento de fã pode estar contido nas atitudes dos seguidores do MBL, e de que modo esta relação é capaz de colaborar com o êxito do Movimento. Parto, pois, de uma noção contemporânea do fenômeno da idolatria, em que o fã, a despeito de manter vínculos emocionais com seus ídolos, o faz não de uma posição servil e/ou passiva, mas como sujeito ativo e produtivo. Essa condição envolveria, de acordo com John Fiske (1989b, *apud* FREIRE FILHO, 2007, p. 82), um engajamento “entusiástico, partidário, participativo”.

Fortemente engajados, os seguidores do MBL demonstram, de várias maneiras, esse papel ativo na relação com o Movimento: multiplicam, a todo tempo, informações disseminadas pelo grupo e/ou que o favorece; não bastasse o trabalho da *equipe memeira* do coletivo, produzem conteúdo em paralelo e o fazem circular; quando convocados, ocupam as ruas com faixas e cartazes – as redes *on-line*, por sua vez, são ocupadas continuamente; assumem funções de liderança em grupos regionais; investem tempo e, se necessário, dinheiro para se sentirem parte do MBL. Para além das pessoas comuns, atores políticos estratégicos, como exposto no início deste tópico, também mantém com o grupo uma relação de fã quando o apoiam publicamente, emprestando a visibilidade que suas imagens possuem e, logo, a autoridade de suas falas, garantindo ao Movimento uma outra forma de acumular *capital de visibilidade*.

Conforme Freire Filho (2013, p. 02) “são as emoções que, de fato, conferem tom, dinamismo, colorido e significados às interações e aos projetos humanos, servindo, em certas circunstâncias, como catalisadoras de mobilizações coletivas — com índole progressista, conservadora ou reacionária”. Os seguidores do MBL mantêm, para além de aproximações objetivas e práticas (político-ideológicas), vínculos emocionais com o Movimento, e esse tipo de ligação, como visto, pode ser estrategicamente explorada no sentido de se conseguir apoio político. Se pensarmos a partir da noção do híbrido fã/seguidor, enquanto os laços emocionais servem ao MBL como meio para alcançar engajamento às suas causas, ao híbrido em questão eles garantem sensações de proximidade e pertencimento ao grupo; logo, estes se sentem também responsáveis pelos objetivos políticos logrados em coletividade, e o sentimento de *dever cumprido* só reforça os laços firmados.

Barbara Rosenwein (2017) propõe uma noção de *comunidade emocional* que se adequa à discussão aqui apresentada. A autora defende a coexistência de múltiplas comunidades desse tipo, e cada uma delas seria regulada pelo que os seus membros identificam como válido (e que deve ser estimulado) ou ameaçador (e que deve ser proibido) para a manutenção do espaço imaginário. Se pensarmos a existência de uma *comunidade emocional* formada pelo MBL e seus fãs/seguidores, e inserida num contexto de intensas mobilizações políticas, é possível enxergar o que foi definido como válido e como ameaçador. Para que haja uma ininterrupta mobilização de emoções de modo a garantir engajamento contínuo, é válido – e estratégico – para o Movimento estimular aquelas que reforcem o *nós* enquanto coletividade, e, ainda mais especialmente, aquelas que neguem o *Outro* externo, a ameaça. É proibido, portanto, compartilhar das mesmas emoções que esse *Outro*, *colocar-se no lugar*, ter qualquer tipo de empatia, como veremos no próximo capítulo desta tese.

Não é necessária uma imersão, de fato, na página oficial do MBL no Facebook para que se perceba a existência de uma *comunidade emocional* peculiar, bem como dos *tribunais de cólera* (FREIRE FILHO, 2014) tratados anteriormente. Ainda conforme Rosenwein (2017), essas comunidades em muito seriam moldadas pelos julgamentos feitos em torno das emoções que regem outros grupos. Dessa maneira, pensando o MBL como movimento social centrado numa espécie de cruzada antiesquerda, se as comunidades emocionais desse último espectro político-ideológico estabelecem como *regra*, por exemplo, vincular à pauta das cotas raciais emoções que despertem sensações positivas, cabe ao MBL e seus fãs/seguidores tratar desta mesma pauta mobilizando emoções que possibilitem sensações negativas no observador.

Aproximando dos estudos da cultura da celebridade, é como se estivéssemos lidando com a lógica de fãs e *haters*: se na comunidade emocional *X* se estabeleceu que o ódio deve ser direcionado ao sujeito/ideia/comunidade *Y*, em *X*, os seus participantes podem até compartilhar outros tipos de emoções entre eles e, também, direcionados a *Y*, desde que nenhuma delas se oponham ao ódio definido como válido e esperado dentro do espaço imaginário (FREIRE FILHO, 2013).

Retomo, pois, a noção de *aparato cultural da celebridade* (MOLE, 2007) para finalizar a defesa do argumento exposto neste tópico. A esfera política foi atravessada pela lógica da cultura da celebridade. Os líderes do MBL passaram pelo processo de *celebrificação* (DRIESSENS, 2014), são, agora, *indivíduos* célebres; como tais, possuem *capital de visibilidade* que garante às suas falas e posicionamentos certa autoridade. A *indústria* projeta e se beneficia da exposição contínua da imagem dessas lideranças – polêmicas, vale destacar. A *audiência* não se faz somente de fãs; mas estes, de um modo geral, admiram, inspiram-se, copiam, defendem seus ídolos. Não são sujeitos passivos; agem de acordo com seus princípios morais, e irão se aproximar daqueles que, em algum termo, compartilhem desses princípios.

Como figuras célebres, os líderes do MBL têm ao seu alcance algo como um atalho, um meio mais rápido – apesar de não necessariamente mais fácil – de alcançar o engajamento político imprescindível ao seu projeto de poder. A partir, ainda, de *comunidades emocionais* e contando com o híbrido fã/seguidor, a estratégica mobilização política de emoções se desenrola, sem sombra de dúvida, em um território propício. Tendo sido apresentado o objeto empírico da pesquisa, cabe agora discutir, mais profundamente, relações possíveis entre crenças, emoções e sentimentos morais na ação coletiva.

## 2- Crenças, emoções e sentimentos morais na ação coletiva

*O que é emoção?* Dada a polissemia do conceito, para se chegar a uma resposta possível é preciso que definamos a que área de pensamento estamos direcionando a pergunta. Discussões sobre os papéis da *razão* e da *emoção* sustentam teorias oriundas das ciências humanas e médicas, e de um modo geral, duas são as perspectivas comumente exploradas: enxergar tais noções como opostas; ou considerá-las dimensões complementares, mais, ou menos imbricadas uma na outra. Indo ao encontro de um debate cognitivista que enxerga as experiências emocionais como uma espécie de prática social, neste capítulo objetivo oferecer a base teórica necessária ao entendimento das questões centrais desta tese, que se sustentam na potência política das emoções.

No primeiro tópico, exponho o conceito de *emoção* a partir, especialmente, de pensamentos cognitivistas, os quais negam qualquer caráter puramente instintivo (*forças cegas*) e enxergam a experiência emocional como algo construído socialmente, vinculado de modo direto à razão e, portanto, às crenças que cada indivíduo possui (NUSSBAUM, 2004; REZENDE e COELHO, 2010; FREIRE FILHO, 2014; AHMED, 2014). Em paralelo, discuto a construção social dessas crenças sublinhando o fato de que elas não se configuram como dadas e encerradas em si, mas dinâmicas, contextuais, logo, passíveis de transformação. Em um subitem deste tópico, apresento a visão neoestóica de Nussbaum acerca do conceito de *emoção*, reforçando o argumento aristotélico de que, construindo e/ou manejando crenças, somos capazes de mobilizar emoções.

Já na segunda seção do capítulo, recorro aos pensamentos de Ahmed (2014) para tratar do modo como as experiências emocionais, ao demarcarem limites que separaram o *nós* do *Outro*, agem na formação do corpo coletivo. Para desenvolver o argumento, abordo a noção de micropolítica das emoções, destacando como, neste plano, há tanto o reforço de hierarquias estabelecidas em um nível macrossocial, quanto a possibilidade de reconfiguração e/ou contestação dessas (MILLER, 1995; REZENDE e COELHO, 2010). Nesta lógica argumentativa, acesso ainda os estudos de Adam Smith (2015) para tratar de como determinadas emoções se mostram guias morais que, por assim serem, podem ser estrategicamente exploradas com fins políticos.

No último subitem do texto, explano a noção de *empatia* como sentimento moral (HUME, 2013; SMITH, 2015)<sup>101</sup>, relacionando-a com um possível uso estratégico por parte dos movimentos socialmente organizados. O debate teórico serve à fundamentação do argumento de que, para se manterem coesos enquanto coletividade, os movimentos sociais afirmariam relações empáticas entre os seus membros, e, ao mesmo tempo, negariam qualquer possível aproximação do gênero com o *Outro* (externo, diferente, oposto) – distinguindo, dessa maneira, *emoções recíprocas* de *emoções comuns*. Finalizando este capítulo e já introduzindo análises que virão mais adiante, desde aqui apresento constatações quem têm como objeto as narrativas construídas pelo MBL.

## 2.1- Creio, logo sinto: uma abordagem cognitivista das emoções

Em meio eventos das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, especialistas de áreas distintas foram desafiados pela imprensa a identificar razões possíveis para a formação daquele corpo coletivo emergente. Cientistas políticos, sociólogos, psicólogos e entusiastas do tema, cada qual sob o seu prisma analítico e impelidos pela imediatez que os veículos de comunicação exigem, buscaram validar argumentos construídos no embalo das manifestações<sup>102</sup>. Neste cenário, incomodara-me a presença de explicações rasas que, ao partirem de um lugar de fala legitimado e circularem rápida e amplamente pelas plataformas midiáticas, corroboravam com a construção de uma *verdade*: os sujeitos individuais ali estavam graças a uma espécie de comportamento de manada.

Era urgente esclarecer a organização e a intensidade de permanência do corpo *estranho* que ocupava as ruas do país. Como um atalho teórico, as teorias das multidões foram amplamente exploradas na mídia. Para os que creditavam os acontecimentos recentes à essas teorias, os agrupamentos populares eram vistos como *espaços* em que o sujeito perderia a sua capacidade racional frente à gama de sentimentos ali compartilhados, formando um corpo único e impulsivo (LE BON, 1963). A indignação generalizada do povo brasileiro era tomada, portanto, como uma espécie de combustível; seguindo com a analogia, os protestos eram

---

<sup>101</sup> Cumpre frisar que, até o século XVIII, o termo *empatia* sequer existia no idioma inglês (*empathy*); em vez disso, os referidos autores utilizavam a expressão *sympathy*.

<sup>102</sup> Construídas no calor do momento, as explicações costumavam partir de uma certeza (*verdade*), e seguir rodeadas de dúvidas e especulações, como mostra o fragmento de texto publicado originalmente em 18 de junho de 2013: “o desafio homérico de todos que não deixaram as emoções tomarem conta da razão é justamente canalizar essa revolta para algo construtivo. Mas como? Como dialogar com argumentos quando cem mil tomam as ruas e sofrem o contágio da psicologia das massas?”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/alucidez-contra-as-ondas-da-bocalidade/>. Acesso em: 08 out. 2019.

chamas, que se espalhavam sem controle. A narrativa construída pelos especialistas sugeria que integrar os grupos era uma (re)ação de ordem emocional, algo *contagante*, que ultrapassava limites da racionalidade. Ao mesmo tempo em que garantia lugar de destaque às motivações emocionais, a narrativa indicava, nas entrelinhas, uma hipotética separação entre objetividade e subjetividade, mente e corpo, razão e emoção.

Fosse no decorrer do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, entre 2015 e 2016, ou, mais recentemente, durante as eleições presidenciais de 2018, o caráter passional das formações coletivas políticas voltou à tona. Apesar de questionáveis, uma vez mais as teorias das multidões (LE BON, 1963) foram acessadas e apropriadas de modo a constituírem um pano de fundo teórico válido (à primeira vista), para a assimilação de acontecimentos contemporâneos específicos. Considerando a amplitude que reside no conceito de *emoção*, a quem serve, pois, pensá-lo como oposto ao (ou destacado do) entendimento de *razão*? Não sendo noções antagônicas, em que dimensão tais conceitos se intersectam? Esses questionamentos norteiam a escrita deste tópico, que expõe a relação entre emoções e crenças a partir de uma corrente cognitivista. Mesmo que brevemente, é oportuno reconhecer a multiplicidade de sentidos atribuídos ao termo antes de abordar, de fato, o conceito de *emoção* utilizado para fundamentar esta tese.

A palavra *emotione*, de base latina, é uma derivação tardia da expressão *ex* (fora, para fora) *motio* (movimento, comoção). Em sua origem, o termo não mantinha relação com a ideia de vida afetiva: na primeira década do século XIX o *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1813, p. 664) definia *emoção* como “motim”, “alvoroço”, “união do povo”, aludindo a um cenário de descontentamento diante de levantes populares, e, logo, tratando da inquietação dos corpos e da agitação entre os corpos – que se daria sem que a razão fosse acessada. Em uma fase posterior, o foco na movimentação do corpo social cedeu lugar às perturbações internas do corpo individual – numa lógica de interiorização das emoções –, as quais eram tomadas como puros movimentos físicos, viscerais; o resultado era uma não abordagem de possíveis valores que envolvem o *sentir* ou *não sentir* determinada emoção. Freire Filho (2017, p. 02, grifos do original) afirma ser a definição do *Dictionnaire Universel* (1727) mais nítida quanto ao deslocamento da emoção do “terreno semântico dos tumultos sociais” para o espaço dos “abalos fisiológicos, afetivos ou morais”:

*Emoção*. Medo, inquietação, tremor, alvoroço, movimento extraordinário que agita o corpo ou o espírito, e que perturba o temperamento ou a estabilidade. A febre é percebida pela *emoção* do pulso. Um exercício violento causa *emoção*.

Um homem apaixonado sente emoção ao ver sua amada; um homem corajoso, ao ver seu inimigo. *Um juiz deve ser calmo e isento das emoções do ódio e da cólera. Não é a razão que toca os espíritos grosseiros e que os faz agir — é a emoção, e o ardor com que ela consegue abordá-los.* Utiliza-se, também, para referir-se a um começo de rebelião. É perigoso estar no meio de uma *emoção* popular.

Em dicionários contemporâneos, é comum que encontremos o termo associado à afetividade – o que, como mostrado anteriormente, não acontecia em suas primeiras aparições. De acordo com a definição do *Michaelis - Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa*, *emoção* seria a “ação de sensibilizar (-se)”, “uma perturbação dos sentimentos”<sup>103</sup>. Já no *Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*, a mesma palavra significa “ato de mover (moralmente)”, “perturbação ou variação do espírito [...]; abalo moral; comoção”; no âmbito da psicologia seria uma “reação intensa e breve do organismo a um lance inesperado, a qual se acompanha de um estado afetivo de conotação penosa ou agradável” (FERREIRA, 2004).

O tratamento pouco elucidativo não é uma particularidade dessas publicações, nem, tampouco, de um campo específico de estudo. No que diz respeito à Ciência da Comunicação, ao fazer um levantamento em 24 obras nacionais e internacionais – entre dicionários e enciclopédias –, Freire Filho (2017) constatou o quanto as abordagens são raras – somente cinco das 24 obras expuseram a palavra-chave – e rasas, dificultando o debate sobre a potência política das emoções. Para além da questão da superficialidade no tratamento do conceito, o autor enfatiza:

A conceituação das emoções como entidades naturais, componentes elementares de nossa constituição biológica, reações instintivas pré-programadas, cuja função foi definida ao longo da marcha evolutiva da espécie humana, obscurece a percepção das possibilidades de análise política e cultural das emoções como produtos históricos, práticas e performances construídas socialmente (FREIRE FILHO, 2017, p. 64).

Em espaços virtuais dos mais variados – *blogs*, *sites* de redes sociais, páginas de veículos de comunicação etc. –, com frequência notamos a presença de textos que objetivam explicar, didaticamente, o que seria uma *emoção*; todavia, a lógica da superficialidade também predomina. Nestes materiais, o uso da comparação como estratégia explicativa sugere

---

<sup>103</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/emo%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 10 out 2019.

o quão complexo continua sendo o entendimento do conceito. De um modo geral, as abordagens traçam o seguinte percurso: indicar o que *não seria* uma emoção a partir da exposição do que *seria* um sentimento, um afeto, uma paixão etc. Se esquivam, pois, de colocações mais precisas acerca do conceito que motivou a elaboração do conteúdo, e, não raro, caem no equívoco da separação já mencionada: “as emoções são reflexos inconscientes do ser humano e os sentimentos são mais conscientes e relacionados com a avaliação das emoções<sup>104</sup>”.

Em paralelo à existência de materiais que se propõem objetivos e de fácil acesso, teóricos cognitivistas e não cognitivistas, mediante a elaboração de densos conteúdos, defendem aquilo que entendem por *emoção*. Os que fazem parte desta última corrente se concentram nas sensações, estados corporais, argumentando que as alterações fisiológicas precedem a nossa consciência de estar emocionado. De acordo com o filósofo pragmatista William James (1884, p. 189-190), expoente não cognitivista, primeiro reagimos a determinado evento (estímulo emocional) e, depois, chegamos ao sentimento da emoção; tal processo se daria de maneira direta, sem a mediação de julgamentos: “as mudanças corporais seguem diretamente a PERCEPÇÃO do fato excitante, [...] a nossa percepção dessas mudanças assim que elas ocorrem É a emoção<sup>105</sup>.” Conforme este raciocínio, encontrar um urso (fato excitante), assustar-se (manifestação fisiológica) e correr (assimilação emocional) é uma sequência equivocada. Nós não choramos porque estamos tristes, mas, sim, estamos tristes porque choramos, sentimos medo porque trememos, tudo isso após ser afetado por um evento *perturbador*. James (1884, p. 197) é incisivo ao fazer a seguinte afirmação: “recuse-se a expressar uma paixão, e ela morre”<sup>106</sup>.

Como a tese aqui construída se sustenta na potência política das emoções, é pertinente ir ao encontro de uma perspectiva cognitivista, renunciando à teoria das multidões como chave explicativa para o engajamento alcançado pelo MBL, bem como afastando-me de qualquer outra separação entre as noções de *razão e emoção*. Ao optar por esta via teórica, me alinho aos que, desde o início dos anos 1980, questionam a disposição hierárquica em que emoções são vistas como nocivas à razão por se tratarem de “agitações ancestrais, ruídos primitivos” (FREIRE FILHO, 2013, p. 01). Para fazer uma análise política, é necessário tomar a emoção, pois, como pensamento encarnado; situado, sim, no corpo, sem que isso

---

<sup>104</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/emocoes/>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>105</sup> No original: “The bodily changes follow directly the PERCEPTION of the exciting facts, and that our feeling of the same changes as they occur IS the emotion” (Tradução minha).

<sup>106</sup> No original: “Refuse to express a passion, and it dies” (Tradução minha).

signifique que seja algo *natural* (ROSALDO, 1984; ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990; FAJANS, 2006).

Diferentemente dos não cognitivistas – que se dedicam a olhar para a experiência somática, corporal – os que defendem a existência de uma dimensão cognitiva na emoção acreditam que nela reside a capacidade de julgar e apreender o valor das coisas à nossa volta. Estes teóricos, como veremos, ultrapassam duas visões limitantes (e, diria, limitadas): primeiro, os pensamentos naturalistas, que enxergam as emoções como pré-culturais, experiências situadas na formação biológica do corpo humano que, por assim ser, são universais; segundo, os argumentos subjetivistas, construídos a partir da noção de que as emoções emergem de um núcleo íntimo do indivíduo (particular), deslocado do mundo exterior e, desse modo, passíveis de serem assimiladas unicamente pelo crivo da psicologia (REZENDE e COELHO, 2010).

Para reforçar a desconstrução das duas concepções teóricas expostas acima, imaginemos um casamento entre pessoas do mesmo sexo e as emoções possivelmente mobilizadas nos observadores locais do evento. No cenário cultural *X*, em que o ritual é um processo civil comum, aceitável e, até, esperado, a provável consequência é a mobilização de uma felicidade partilhada, com reduzidas chances da experiência de *choque moral*. Já no cenário *Y*, o casamento entre indivíduos do mesmo sexo é legalmente proibido, socialmente construído como algo moralmente reprovável, o que tende a mobilizar nos espectadores emoções da ordem da repugnância e da indignação. Não pretendo, com esse exemplo hipotético, afirmar que lei e moral andam lado a lado; o que vemos é um mesmo objeto sendo capaz de despertar emoções discrepantes, regidas pela maneira como cada grupo de observadores – imerso em sua paisagem cultural particular – enxerga o evento externo.

Desse modo, é válido pensar a emoção como sendo situada, vinculada a determinado contexto cultural e, ainda, dependente de situações sociais específicas (eventos, acontecimentos). Temos, portanto, duas preocupações a serem consideradas em uma abordagem contextualista: a primeira delas, já discutida, diz respeito ao fato de as emoções não serem universais e nem localizadas no íntimo do ser humano, emergindo conforme a longa exposição a determinada paisagem cultural. A segunda preocupação, por sua vez, trata de como o próprio significado das emoções pode variar dentro de um mesmo grupo social, a depender das circunstâncias em que se manifestam (ABU-LUGHOD e LUTZ, 1990; REZENDE e COELHO, 2010). Lila Abu-lughod e Catherine Lutz explicam que o contextualismo inova por se inspirar na noção foucaultiana de discurso. A proposta teórica

parte da premissa de que o discurso é uma fala que mantém com a realidade uma relação de formação – em detrimento de um vínculo de referência. Neste entendimento, o real não antecede o que é dito sobre ele, mas, sim, é estruturado por aquilo que se diz a seu respeito.

Sobre emoções e contexto, é válida a seguinte síntese: o que sentimos com relação a dado objeto está diretamente vinculado ao que pensamos sobre ele; o que pensamos, por seu turno, é resultado de crenças específicas, moldadas, inicialmente, a partir da longa exposição a determinada cultura. No processo de pensar/sentir há, pois, um julgamento necessário, uma espécie de valoração das coisas: o quão positiva ou negativamente determinado objeto me afeta e/ou afeta os que estão próximos a mim? Se um membro do grupo social *Y*, por dado motivo, passar a conviver com o grupo *X*, em desacordo com os olhares nativos, é possível que siga reprovando a união civil homoafetiva, uma vez que, devido às suas crenças (diferentes), ao menos por algum tempo continuará enxergando no modelo de casamento em questão razões para sentir-se enojado, indignado. Isso porque, como destacam ainda Claudia Barcellos Rezende e Maria Cláudia Coelho (2010, p. 11), as emoções “são tributárias das relações sociais e do contexto cultural em que emergem”.

Ao falar sobre afetações positivas e/ou negativas, não quero aqui induzir ao pensamento de senso comum de que emoções podem assim ser rotuladas. Duas perguntas costumam ser úteis como ponto de partida para a elaboração do argumento contrário: emoções são positivas e/ou negativas para quem? Em que sentido? Robert Solomon (2015) se dedica ao desmonte do que ele diz ser o mito das “duas qualidades de uma emoção”, fundado em uma separação superficial que remete a um entendimento primitivo e apresenta, dessa maneira, as emoções como muito mais simples e unidimensionais do que realmente são. Para o filósofo cognitivista, o problema residiria não na “valência” positivo/negativo, mas no fato de a maior parte das emoções ser “‘mista’, em termos de julgamentos constitutivos<sup>107</sup>” (SOLOMON, 2015, p. 276), o que inviabiliza que elas sejam tomadas através de uma oposição única.

Tomemos a raiva como exemplo. Caso fôssemos estimulados a encaixar emoções distintas em duas categorias extremas, polarizadas, é provável que a raiva compusesse a extensa lista de experiências emocionais vistas como *negativas*. Sem o conhecimento teórico aqui exposto, esta seria uma resposta óbvia e, como dito, falseada. Para alguns, se sentir

---

<sup>107</sup> No capítulo que se dedica à desconstrução do mito mencionado, Solomon (2015, p. 277) expõe uma considerável lista com julgamentos constitutivos possíveis: “isto é bom/ isto é ruim; isto me dá prazer/isto me causa dor; isto me faz feliz/isto me deixa triste; isto é certo/isto é errado; isto é uma virtude/isto é um vício; aproximação/afastamento” etc.

enraivado é uma experiência ruim, desagradável, nada prazerosa; para outros, uma garantia de prazer, de sensações boas (*positivas*). Reforçando o argumento de que emoções demandam uma abordagem contextualista, Solomon (2015, p. 278) explica que, embora a raiva exiba uma atitude negativa com relação ao seu objeto,

[...] o fato de ser apropriado sentir ou expressar raiva é uma questão de contexto e sujeita a antigas divergências. Para muitas pessoas, sentir raiva também é ruim, mas é difícil dizer se isso se deve ao dissabor da emoção, ou a consequências ruins esperadas, ou aos anos de advertências morais e religiosas contra a raiva.

Para desfazer o mito das “duas qualidades de uma emoção”, é imprescindível que tenhamos em mente, ainda, as diferentes perspectivas que precisam ser consideradas nas relações possíveis entre o *eu* (corpo que sente a emoção), o *Outro* (objeto da emoção), e um *terceiro* (observador externo). No que diz respeito à relação *eu/Outro*, a mesma emoção que, sentida por mim, pode me garantir sensações positivas, é capaz de projetar no meu objeto uma experiência emocional completamente distinta<sup>108</sup>: a raiva pode me deixar feliz, mas o objeto da minha raiva, se concretizada, por exemplo, em atitudes violentas, certamente não sentirá o mesmo prazer que eu. Já no que tange à relação *eu/terceiro*, posso me sentir bem, feliz, ao expressar raiva com relação a dado objeto, mas esta emoção é moralmente reprovável na cultura da qual faço parte, logo, sentir raiva seria errado sob o olhar do observador externo, algo *negativo*.

Vários fatores levam a diferentes conclusões quanto aos valores atribuídos às emoções, tentar rotulá-las presos a uma única dimensão seria, portanto, pouco inteligente. Como alerta Solomon (2015, p. 281), as consequências da emoção podem ser “morais ou imorais, a emoção pode ser gratificante ou frustrante, pode ser provocada por circunstâncias desejáveis ou indesejáveis, pode ser socialmente aceita ou desestimulada, culturalmente elogiada ou condenada”, e esta dinamicidade inviabiliza pensá-las mediante a rigidez de categorias prontas e acabadas.

### **2.1.1- Emoções sob a perspectiva neoestoica de Nussbaum**

Na mesma linha de estudiosos que enxergam experiências emocionais como fundamentalmente contextualizadas, a filósofa Estadunidense Martha Nussbaum (2001; 2004)

---

<sup>108</sup> O contrário também é válido. O amor que sinto por alguém pode me levar a fazer o melhor por esta pessoa (objeto da emoção); mas este amor pode ser doentio, resultando em sensações negativas para mim.

elabora um olhar neoestóico acerca do conceito de *emoção*. Em sua dinâmica teórica, a filósofa cognitivista revisita o estoicismo<sup>109</sup> entendendo que, não obstante haja uma importância basilar em sua psicologia, alguns aspectos – considerados por ela implausíveis – demandam contra-argumentação. Ao defenderem a noção de que emoções envolvem julgamento, os Estoicos acreditam que as coisas do mundo se apresentam a nós e, a partir daí, temos a capacidade de aceitá-las, negá-las ou ignorá-las; a decisão estaria sempre sob o nosso poder, logo, assentir seria um ato voluntário. Nussbaum (2001, p. 38) percebe neste pensamento uma “visão voluntarista extrema da personalidade, juntamente com uma exigente doutrina de automonitoramento”<sup>110</sup>.

Desse modo, embora compartilhe com os Estoicos do argumento central de que emoções e crenças caminhem lado a lado, a autora enxerga com ressalvas essa forma de percepção do julgamento. Para a cognitivista, o ato de julgar contido na ideia de emoção não reside exatamente nas possibilidades listadas acima. Nussbaum (2001, p. 39) acredita que sempre que aceitamos “a maneira como o mundo se apresenta como sendo a forma como o mundo é”<sup>111</sup>, já aí estamos julgando. Este é, inclusive, o argumento usado pela autora para defender a capacidade de sentir emoções das crianças e animais – o que o estoicismo, de imediato, descarta.

De acordo com a corrente cognitivista neoestoica, emoções são, elas próprias, julgamentos, pensamentos valorativos; ao invés de suportes, são componentes essenciais da inteligência humana: “sem desenvolvimento emocional, falta uma parte de nossa capacidade de raciocínio como criaturas políticas<sup>112</sup>” (NUSSBAUM, 2001, p. 03). Outros aspectos essenciais cercam o conceito de emoção aqui abordado; para a autora (2001, p 19), estas “envolvem julgamentos sobre coisas importantes, [...] nos quais, avaliando um objeto externo como relevante para o nosso próprio bem-estar, reconhecemos nossa própria necessidade e

---

<sup>109</sup> Doutrina filosófica fundamentada nas leis da natureza e idealizada pelo pensador Zênão de Cítion na Grécia Antiga. Os estoicos acreditavam que o ser humano seria capaz de alcançar a felicidade plena na medida em que vivesse centrado em suas virtudes (razão, conhecimento), isolando os seus vícios (paixão), os quais seriam um mal absoluto.

<sup>110</sup> No original: “they developed an extreme voluntarist view of personality, coupled with an exigent doctrine of self-monitoring” (Tradução minha).

<sup>111</sup> No original: “Whenever they accept a way the world seems as the way it is, they can be said to have judgment in my sense” (Tradução minha).

<sup>112</sup> No original: “Without emotional development, a part of our reasoning capacity as political creatures will be missing” (Tradução minha).

incompletude diante de partes do mundo que não controlamos totalmente”<sup>113</sup>. Ao envolverem pensamentos as emoções, são, ainda, uma espécie de norteadores morais.

Chegar a tal conclusão exigiu um longo percurso teórico; o abordarei a seguir enfatizando aquilo que for essencial à tese por mim defendida. A princípio, utilizo como guias as três características básicas que, de acordo com Nussbaum (2001, 2004), diferenciam uma experiência emocional de apetites corporais e/ou estados de ânimo sem razão: emoções possuem objeto, este objeto é intencional, e a relação mantida com ele envolve crenças. Cada um desses aspectos será explorado de modo a provar a validade do argumento da pesquisadora neoestoica bem como, em segunda instância – feitos os devidos ajustes –, o meu argumento: o MBL maneja crenças estrategicamente para mobilizar emoções e, assim, alcançar o engajamento político necessário ao seu projeto de poder.

A primeira das três características atribuídas a uma emoção diz respeito à existência de um objeto<sup>114</sup> a que direcionamos os nossos pensamentos, e que não está sob o nosso controle – quando sentimos raiva, sentimos raiva de algo ou alguém. A segunda característica situa a primeira, no sentido de eliminar interpretações equivocadas acerca do papel que desempenha: o objeto da emoção é sempre intencional. Com tal afirmativa, alguns argumentos estão sendo postos pela autora; não é o objeto que define uma emoção nem, tampouco, é nele que residem as experiências emocionais, uma vez que são “vagos”. Ao falar sobre intencionalidade, Nussbaum (2001, p. 28) se refere a um movimento que parte do sujeito da emoção em direção ao objeto, aludindo ao fato de que olhamos para ele “através de nossa própria janela<sup>115</sup>”, o que pode resultar em um olhar preciso, ou não. Desse modo, o objeto não seria simplesmente o alvo a que direcionamos as nossas emoções, mas algo a que atribuímos valor – o medo de que um evento terrível possa vir a acontecer só existirá caso a vítima provável tenha alguma importância para o sujeito da emoção. Intencionalidade, portanto, traz algo de subjetividade, “é distinta de um tipo mais mecânico de direcionamento” (NUSSBAUM, 2001, p. 28).

Com o intuito de tornar mais compreensível sua posição teórica, a autora (2001) se debruça sobre o misto de emoções experienciadas por ela quando da morte da sua mãe, indicando o quão complexas podem se apresentar para todas as partes envolvidas – o sujeito

---

<sup>113</sup> No original: “Emotions, I shall argue, involve judgments about important things, judgments in which, appraising an external object as salient for our own well-being, we acknowledge our own neediness and incompleteness before parts of the world that we do not fully control” (Tradução minha).

<sup>114</sup> Nussbaum (2001) ressalta que este objeto tanto pode ser real e presente, quanto ter deixado de existir, ou nunca ter existido de fato.

<sup>115</sup> No original: “Looking at the object [...] through one's own window” (Tradução minha).

da emoção, seu objeto, e os observadores possíveis. Com relação a um mesmo objeto, Nussbaum relata ter vivido, quase que simultaneamente, o reconhecimento de um amor maior, a longínqua esperança de que o fato não fosse real, a dor da perda irreparável, o medo dos dias que viriam sem a presença materna etc. Tudo isso porque a maneira como enxergamos um objeto (intencional) depende dos valores que atribuímos a ele; caso a genitora não fosse vista como digna de tamanha importância, as emoções envolvidas no evento seriam, certamente, outras. A importância (valor) que conferimos aos objetos de nossas emoções está relacionada à nossa constante busca por um bem-estar.

Para compreender o que há de semelhante entre experiências emocionais das mais distintas – medo, raiva, amor, alegria, ciúme, pesar etc. – e, desse modo, separá-las de “forças cegas”, impulsivas, que concernem somente a sensações do corpo, Nussbaum (2001, 2004) mergulhou numa longa tradição da filosofia Ocidental, iniciada por Aristóteles com o debate sobre a arte da retórica. Desta imersão decorre o argumento de que emoções envolvem crenças, pensamentos valorativos acerca de determinado objeto – a terceira e última das características listadas. Aristóteles acreditava ser possível mobilizar emoções mediante o manejo daquilo que o público tomava como verdade; a retórica, quando bem aplicada, seria o caminho para reconfigurar crenças existentes ou, ainda, construir novas. Se os oradores não eram capazes de despertar em seus ouvintes perturbações corporais de modo direto, o faziam acessando e atravessando pensamentos valorativos a respeito de determinadas situações.

Com este raciocínio, Nussbaum (2001, 2004) defende que cada experiência emocional estaria diretamente ligada a um conjunto de crenças específicas, e este seria o fator que distinguiria as emoções umas das outras. Se uma pessoa acreditar ou deixar de crer na família de crenças *Y*, não sentirá ou deixará de sentir a emoção *Y* equivalente. Pensemos duas emoções comuns: medo e raiva; agora imaginemos de que modo elas se refletem em nossos corpos. É provável que uma ou mais perturbações viscerais atravessem as duas cargas emocionais indicadas, impossibilitando que consigamos diferenciá-las a partir deste aspecto. O medo emerge quando alguém sente que algo de ruim pode ocorrer a si mesmo ou a pessoas próximas; a raiva, quando se acredita sofrer por algo injustamente; já o ritmo acelerado dos batimentos cardíacos e/ou reviravoltas no estômago podem estar em qualquer dos dois *lugares* emocionais; – ou em nenhum deles, a depender de cada pessoa. As crenças guiam, pois, a dinâmica de identificação das emoções.

Para reforçar o argumento, Nussbaum (2001) trata da maneira como reagimos emocionalmente diante de crenças equivocadas ou falsas – neste segundo caso, sustentadas

em eventos inverídicos. Se as nossas emoções não dependessem da maneira como enxergamos e julgamos os eventos externos, fatos irreais, narrados por um terceiro, seriam incapazes de despertar qualquer experiência emocional em nós. Todavia, uma vez que, mesmo sendo falsos, acreditamos na narrativa e os enxergamos como verídicos e relevantes, nos deparamos com o território propício para a emergência de certas emoções – as quais tenderiam a cessar caso comprovada a falsidade da situação que as originou.

Há, ainda, as crenças tidas pela autora como sendo razoáveis. Imaginemos que alguém de nossa confiança nos chega com a informação de um acidente automotivo envolvendo um ente querido que, no momento do acontecido, deveria estar na estrada mencionada pelo informante e, ainda, costumava dirigir de maneira imprudente. Neste cenário, é provável e razoável que, mesmo sendo incerto, acreditemos no fato narrado e sintamos a carga emocional envolvida no pesar – ao menos até que o contrário se confirme<sup>116</sup>. Nussbaum (2001, p. 46) complementa o argumento explicando que “as emoções, assim como crenças, podem ser verdadeiras ou falsas [...], justificadas ou injustificadas, razoáveis ou irrazoáveis. O fato de haver uma emoção depende de quais são as crenças pessoais, não de serem verdadeiras ou falsas”<sup>117</sup>. O debate não é, portanto, sobre sinceridade: sentir algo em decorrência de uma crença inverídica não quer dizer que a emoção seja, também, falsa; esta seria, ao invés disso, “errada”, “inapropriada”, contudo, real.

É certo que experiências emocionais movem corpos individuais e coletivos. Se emoções derivam de crenças – pensamentos valorativos acerca de determinado objeto – e estas crenças podem ser alteradas mediante o uso da retórica, é pertinente pensar que, nas plataformas digitais massivamente exploradas no contemporâneo, reside em narrativas bem construídas uma potência política mobilizadora. Como vimos, sejam os fatos e argumentos verdadeiros ou não, as emoções tendem a mudar no mesmo ritmo e direção das crenças manejadas e/ou construídas pelos disseminadores da mensagem. Nesta linha de raciocínio, posso afirmar que, uma vez *jogando* com pensamentos valorativos, o MBL é capaz de fazer emergir em seu público-alvo *emoções comuns* e *emoções recíprocas* necessárias à negação do *Outro* opositor, bem como à ampliação e manutenção do próprio corpo político coletivo.

---

<sup>116</sup> Nussbaum (2001) esclarece ainda que nossas crenças podem ser contraditórias, especialmente em caso de longa exposição à crença inicial. Neste cenário, mesmo havendo o esforço para desconstruí-la mediante uma nova crença, a emoção primeira pode prevalecer.

<sup>117</sup> No original: “The emotions, like other beliefs, can be true or false, and (an independent point) justified or unjustified, reasonable or unreasonable. The fact of having an emotion depends on what the person's beliefs are, not on whether they are true or false” (Tradução minha).

Até o início do século XX, a categoria movimentos sociais designava de maneira restrita o movimento operário<sup>118</sup>, aludindo às ações organizativas desta classe – expressas em mobilizações, sindicatos e, por vezes, partidos políticos (GOSS e PRUDÊNCIO, 2004; DOIMO, 1995). Neste contexto, o incipiente debate acadêmico em torno do objeto estava atravessado por pensamentos marxistas, alinhado com o fato de que tais movimentos – tidos como *clássicos* – eram sustentados pelos operários e buscavam direitos para os trabalhadores e a conquista do Estado.

Entre 1930 e 1960, a sociologia passou a atentar para as teorias da desmobilização política em detrimento das teorias da revolução. A mudança de direcionamento teórico se amparava no argumento de que o individualismo priorizado na sociedade moderna teria resultado na moldagem de “personalidades narcísicas, voltadas para a autossatisfação e de costas para a política” (ALONSO, 2009, p. 50). Sob este pano de fundo, os estudos da época defendiam que a mobilização coletiva se dava devido à irracionalidade dos sujeitos ou mesmo à “explosão reativa de frustrações individuais”, o que não era suscetível de ser canalizado pelas instituições. Aqui, emoção e razão estariam situadas em lados opostos, eliminando uma a outra, o que vai de encontro à concepção adotada neste trabalho, cujo argumento é de que emoção contém racionalidade, pensamento, não se tratando, pois, de algo instintivo (NUSSBAUM, 2004; REZENDE e COELHO, 2010; FREIRE FILHO, 2014; AHMED, 2014).

Os acontecimentos que se desenrolavam nos mais diversos campos sociais na década de 1960 redefiniram o cenário, pondo à prova a tese da desmobilização política. Mais recentemente, Jasper (2016) retomou o debate acerca da potência mobilizadora que reside nas emoções, ajustando as lentes analíticas que guiam discussões contemporâneas acerca do objeto movimento social para conseguir enxergar o valor e a complexidade das experiências emocionais neste campo de estudo, sem colocá-las em oposição à racionalidade. Conforme os pensamentos do autor, para entendermos o que une os sujeitos em torno de um projeto específico precisamos atentar para as emoções por eles experienciadas. Nesta linha de raciocínio, me disponho aqui a enxergar o que *está por trás* do sentir, negando que se tratem de fenômenos naturais, instintivos, irracionais, em relação aos quais somos passivos. Sigo ao

---

<sup>118</sup> No referido momento histórico, este tipo de mobilização social clássica não era, contudo, exclusivo. Apesar disso, formas distintas de reivindicação – especialmente no que diz respeito à natureza e a finalidade – foram deixadas à parte das narrativas acadêmicas acerca do assunto. O próprio movimento feminista, mesmo atuando fortemente desde o final do século XIX, permaneceu fora do debate em questão.

encontro de um debate que trata das emoções como guias morais, cercadas de pensamentos, valorações, planos.

## 2.2- A potência política das emoções e a moldagem do corpo coletivo

Ao longo das últimas páginas me dediquei a falar do que *são* emoções; recorri a autores que fazem este tipo de esboço conceitual, focando naquelas abordagens que, como dito, são úteis à tese que aqui desenvolvo. Se objetivo olhar para o MBL e discutir a potência política das emoções explorada em suas estratégias de engajamento, cabe então tratar da seguinte questão: a que serve a emoção na moldagem dos corpos sociais? Para a pesquisadora britânica Sara Ahmed (2014), as emoções servem exatamente à definição da diferença entre o *eu* e o *Outro*; agiriam, pois, na construção de identidades. Ao invés de enxergar o *Outro* como diferente e, por esta razão, odiá-lo, a autora acredita que a sequência lógica seria *eu odeio o Outro e, por isso, o vejo como diferente*.

De acordo com Ahmed (2014), a emoção não reside no objeto em si, nem, tampouco, na subjetividade do indivíduo que a experiencia. Alinhada ao que Nussbaum (2014, 2017) afirma sobre os objetos das nossas emoções serem vagos e intencionais, a autora recorre aos pensamentos de Descartes para argumentar que nós não amamos ou odiamos pelo simples fato de um objeto ser bom ou mau, mas, sim, por ele se apresentar como benéfico ou maléfico a nós. A forma como enxergamos o objeto da nossa emoção depende, então, da leitura que fazemos dele, das nossas avaliações, e para que isso seja possível, é necessário que haja contato – mesmo que virtual – entre as partes envolvidas. Dito isso, a autora defende que é neste contato entre sujeito e objeto que as experiências emocionais residem, revelando-se *reação* em detrimento de *ação*, tendo em vista que o que sentimos e o modo como agimos são moldados pelo que o *Outro* comunica.

Uma vez que envolvem “(re)ações” frente aos objetos com os quais mantemos contato, Ahmed (2014, p. 08) classifica as emoções como *relacionais*. Estas reações, por seu turno, podem ser tanto de direcionamento quanto de afastamento: “a atribuição de sentimento a um objeto (sinto medo porque você é amedrontador) é um efeito do encontro, que afasta o sujeito do objeto. As emoções envolvem tais formas afetivas de reorientação”<sup>119</sup>. A depender

---

<sup>119</sup> No original: “The attribution of feeling to an object (I feel afraid because you are fearsome) is an effect of the encounter which moves the subject away from the object. Emotions involve such affective forms of reorientation” (Tradução minha).

de quem o leia e das circunstâncias em que isso acontece, o objeto citado pela autora poderia ser visto, também, como benéfico, viabilizando, assim, um movimento de aproximação.

De maneira estratégica, o MBL mobiliza *emoções recíprocas* e *emoções comuns*, as quais servem, respectivamente, à coesão de seu corpo político coletivo (aproximação), e à negação do *Outro*, que é externo ao grupo e opositor (afastamento). Estas emoções regem, como sugere Ahmed (2014), a definição de quem é parte do *nós* e quem, sendo o *Outro*, diverge da nossa identidade. Como discutirei mais adiante, em se tratando do MBL, este *Outro* precisa ser continuamente negado – sejam ideias, comportamentos, sujeitos, ou organizações coletivas quaisquer –, tendo em vista que é esta a base da dinâmica de engajamento e manutenção de seguidores do grupo, materializada em narrativas que se dedicam, somente em menor escala, a afirmar o *nós*. Para além de servir à definição de identidades, delineando quem pode (possibilidade) fazer parte do corpo coletivo em questão e quem deve (obrigatoriedade) ser projetado para o lado externo, as emoções são ininterruptamente mobilizadas e canalizadas pelo Movimento com o objetivo de seguir se beneficiando da potência política que aí reside.

Quando, continuamente, há o manejo de crenças para mobilizar emoções e reforçar quem deve ocupar cada *espaço* – de inclusão (*nós*) ou exclusão (o *Outro*) –, é esperado que, como sugere Ahmed (2014, p. 10), determinados *rótulos* sejam *impressos* nos objetos das experiências emocionais. Para a autora, “é através das emoções, ou de como reagimos aos objetos, que superfícies ou limites são criados: o ‘eu’ e o ‘nós’ são moldados por, e até tomam a forma de, contato com os outros”<sup>120</sup>. Se considerarmos que há uma diferença de intensidade entre os esforços empreendidos pelo MBL para afirmar o *nós* como movimento político capaz de representar os anseios da população, e o *Outro* como oposição desestruturada política e moralmente e, logo, incapaz de exercer o papel de representante, é pertinente pensar que as imagens projetadas nos objetos das *emoções comuns* e *recíprocas* tenham, também, pesos diferentes.

O MBL captou as nuances do cenário político em que atua, optando por, em detrimento das *emoções recíprocas*, focar na mobilização de *emoções comuns* direcionadas ao *Outro*, em uma lógica de afastamento. Diante de um governo de esquerda longo e desgastado, porém ainda dotado de capital político, melhor que focar na apresentação de um novo projeto é trabalhar, antes disso, para o enfraquecimento do que se mostra como oposição real. O

---

<sup>120</sup> No original: “It is through emotions, or how we respond to objects and others, that surfaces or boundaries are made: the ‘I’ and the ‘we’ are shaped by, and even take the shape of, contact with others” (Tradução minha).

Movimento age para que sejam fixados os *rótulos* de ameaçador, imoral, responsável por ações injustas etc. na esquerda política brasileira. Com tais rotulações em certa medida consolidadas, se torna mais simples a tarefa de engajar novos sujeitos individuais e coletivos à causa. O processo se repete: os potenciais seguidores, ao sentirem medo, nojo e raiva, diferenciam, por exemplo, quem é ameaça e quem está se sentindo ameaçado; como resposta, diferem quem é o *nós* e quem é o *Outro*, reforçando continuamente esta classificação identitária e facilitando a chegada de novos apoiadores.

Neste aspecto micropolítico explorado pelo MBL, e para o qual estou voltando minha atenção, as emoções são abordadas em seu potencial de “dramatizar/alterar/reforçar a dimensão macrossocial em que são suscitadas e vivenciadas” (REZENDE e COELHO, 2010, p. 75). Seria o plano micro o espaço em que as relações interpessoais – nas quais emergem as experiências emocionais individuais – ganham “molduras” oriundas de um plano macro. Por acreditar que emoções, de certo modo, *imprimem* imagens nas superfícies de seus objetos, Ahmed (2014, p. 04) afirma ser fácil enxergar como as experiências emocionais estão ligadas à manutenção de hierarquias: “[elas] se tornam atributos dos corpos como uma maneira de transformar o que é ‘inferior’ ou ‘superior’ em traços corporais”<sup>121</sup>. O nojo acaba tornando-se um caso mais palpável para a assimilação desse argumento, uma vez que costuma ser uma reação percebida *no* corpo, mas que não resume suas motivações ao corpo *em si* (MILLER, 1997). Para além de secreções e características físicas estranhas aos padrões da sociedade, atitudes que firmam convicções morais podem também suscitar esta emoção. O nojo<sup>122</sup> se vincula, pois, a certos paradigmas sociais e culturais que lhe atribuem sentido.

Quando discute a capacidade micropolítica das emoções, William Miller (1997) defende que o nojo e o desprezo figuram lado a lado, como experiências emocionais que demarcam *status*. Tomemos o desprezo como exemplo de uma situação hipotética. Se um indivíduo X sente desprezo por Y, neste contato, X projeta Y em um *lugar* inferiorizado. Y, por sua vez, se sente humilhado diante do desprezo de X; neste caso, de acordo com o autor, poderia tanto ver-se realmente rebaixado – reforçando os *status* de superior/inferior, igual/diferente –, quanto ir na contramão e sentir, também, desprezo pelo observador, sendo que em uma direção menos convencional, que segue de baixo para cima. Miller acredita que, nas sociedades tradicionais, é o *desprezo para baixo* que adentra com mais intensidade a cena

---

<sup>121</sup> No original: “Emotions become attributes of bodies as a way of transforming what is ‘lower’ or ‘higher’ into bodily traits” (Tradução minha).

<sup>122</sup> Retomo esta e outras emoções - explorando suas particularidades - à medida que elas aparecem no material de análise exposto nos dois últimos capítulos desta tese.

pública, sendo as sociedades modernas democráticas mais propícias a assimilarem o *desprezo para cima*. Desse modo, o pesquisador conclui que determinadas emoções podem servir, também, à contestação de hierarquias macrossocialmente estabelecidas, assumindo, como no caso do desprezo, uma nova função micropolítica.

Assim sendo, afirmar e contestar hierarquias são papéis micropolíticos possíveis das emoções. Ahmed (2014) reforça que tais experiências são regidas por relações de poder que projetam significados e valores no *Outro*. Rezende e Coelho (2010) corroboram com o argumento quando afirmam que as emoções emergem atravessadas por “estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais”. Desse modo, as emoções funcionariam como guias morais, servindo à forma como nos enxergamos e enxergamos ao *Outro*, bem como à maneira como agimos com relação a nós e aos objetos das nossas experiências emocionais. É comum que nos aproximemos daquilo que lemos como benéfico a nós, e nos afastamentos diante do oposto, regidos por emoções de repulsão e de atração.<sup>123</sup>

Também recorrendo aos exemplos do nojo e do desprezo, Rezende e Coelho (2010, p. 87) reafirmam o argumento de Miller (1997) quando sintetizam que emoções desse gênero “realizam um trabalho excelente de vinculação entre os níveis macro e os níveis micro da experiência pessoal e da macro organização social, costurando hierarquias e normais morais aos afetos e sentimentos”. Para tratar de emoções e moralidade, recorrerei especialmente às discussões desenvolvidas por Adam Smith (2015) em torno do que nomeia *Teoria dos sentimentos morais*<sup>124</sup>. Entendamos como sentimentos do tipo servem a um trabalho micropolítico de inclusão/exclusão social, e, por este motivo, como podem ser estrategicamente explorados na ação coletiva.

### 2.2.1- Emoções e moralidade

A noção de *simpatia* foi o *lugar* teórico explorado por David Hume (2000; 2013) e Adam Smith (2015), expoentes da filosofia moral britânica do século XVIII, com o objetivo de discutir vinculações possíveis entre sentimentos e moralidade. Os autores compartilham do argumento central de que, em sendo capaz de se colocar no lugar do outro, seríamos levados a

---

<sup>123</sup> As emoções se encaixam nestes dois grupos de ação de maneira individualizada. Uma emoção que me repele pode, na mesma circunstância, atrair outra pessoa.

<sup>124</sup> Além de um argumento teórico, *Teoria dos sentimentos morais* é o título de umas das obras clássicas de Adam Smith. No material, o autor se dedica a abordar a *simpatia* como sentimento moral, discutindo o que leva um ser humano a estar mais ou menos disposto a identificar-se com a emoção do *Outro*.

agir de modo virtuoso, sempre pensando e direcionando nossas ações a essa alteridade; o que serviria à manutenção de laços sociais. Como veremos a seguir, Hume e Smith discordam em alguns aspectos; e os termos *simpatia* e *empatia* alimentaram o debate em paisagens culturais distintas – este último emergindo somente no final do século XIX.

Uma das preocupações da filosofia moral do século XIX era o papel assumido pelas paixões na vida pública. Neste cenário, pensadores da época se dedicaram a entender o que leva o ser humano a agir moralmente. Se, alinhados ao que Charles Taylor (2013) nomeia *Teoria da Moralidade Extrínseca*, alguns filósofos enxergavam Deus e o Estado como fontes morais, Hume (2000; 2013) e Smith (2015) traçaram um movimento de projeção dessas fontes para o íntimo do indivíduo. Os que defendiam as fontes morais externas apostavam na razão como mediadora das ações virtuosas: o agir em favor do outro só era possível graças ao receio de ser punido por Deus – na vida terrena e além – ou pelas leis do Estado, bem como devido à espera por benefícios possíveis resultantes de comportamentos morais justos. Uma vez envolvendo interesse, havia, então, um cálculo racional (TAYLOR, 2013).

Santo Agostinho é o responsável por um dos primeiros esforços teóricos para pensar a internalização das fontes morais; de acordo com o filósofo, é olhando para o seu interior que o homem encontrará a Deus. Descartes revisa esta colocação ao defender que o indivíduo, fazendo este movimento de voltar-se para dentro, não deveria buscar a Deus, mas, sim, a diretrizes que possam guiar suas atitudes (TAYLOR, 2013) – pensamento que atravessou a configuração de uma identidade moderna centrada na ideia de *self*, e que sustenta, em muito, os argumentos de Hume (2000; 2013) e Smith (2015). Para os autores, as nossas fontes morais são internas, estão situadas no nosso íntimo e orientam as nossas condutas. Em detrimento da razão por si só, aqui, seriam os sentimentos os mediadores das ações virtuosas, o que garante que os sujeitos sociais ajam por *sentirem* ser certo/errado, ao invés de obedecerem a Deus e/ou às leis do Estado.

Indo de encontro ao argumento de que razão e virtude estariam alinhadas, assim como paixão e vício, Hume (2000) defende que a razão não pode ser entendida como lugar isolado da distinção entre o bem e o mal, tendo em vista que, sozinha, ela seria “impotente”, não teria a capacidade de motivar qualquer ação. O filósofo acredita que o indivíduo é dotado de uma faculdade própria da natureza humana, um *senso moral* que permite a ele perceber o quão virtuosa ou não é determinada atitude: a perspectiva de uma ação despertaria no sujeito sentimentos *belos* ou *feios*; ações virtuosas e não virtuosas levariam o indivíduo a experimentar, respectivamente, sensações agradáveis e desagradáveis, prazerosas e

desprazerosas, o que funcionaria como indicador de atitudes certas ou erradas. “A moralidade, portanto, é mais propriamente sentida que julgada, embora essa sensação ou sentimento seja em geral tão brando e suave que tendemos a confundi-lo com uma ideia” (HUME, 2000, p. 510).

Hume (2000) enxerga o sentimento moral da *simpatia* como fonte para a identificação de ações virtuosas e não virtuosas, tendo em vista que se trata da capacidade de o sujeito contemplar e experimentar, em si, as paixões vividas por uma outra pessoa. Para o autor, a *simpatia* permite que paixões atravessassem corpos distintos, como numa espécie de contágio emocional. Tal contágio, por seu turno, tem sua intensidade medida pela proximidade – não somente física – entre o sujeito da emoção e quem o observa; seríamos afetados mais fortemente por aquelas experiências emocionais vividas por pessoas que, de algum modo, importem a nós. O filósofo ressalta que aquilo que, a princípio, seria a ideia de um sentimento, posteriormente se torna em nós, observadores, o próprio sentimento.

Imerso nas discussões desenvolvidas por Hume (2000), em 1759 Smith (2015) publica a obra intitulada *Teoria dos sentimentos morais*. Como indicado no início deste texto, os autores compartilham de alguns argumentos centrais: a existência de uma faculdade humana que guia o sujeito ao encontro de ações virtuosas; a relação direta entre proximidade (do sujeito da emoção observada) e simpatia; e a crença em uma potência situada neste sentimento moral que age para manter indivíduos coesos enquanto sociedade – uma vez que reside na *simpatia* a capacidade de se projetar no lugar do outro, compartilhando de suas vivências emocionais. Os filósofos acreditam, ainda, que em uma experiência simpática conciliamos interesses próprios com atitudes éticas voltadas para a alteridade, por esta razão o sentimento moral serviria à manutenção de laços sociais.

Diferentemente da noção de contágio emocional apresentada por Hume (2000), Smith (2015) defende que a *simpatia* se dá graças à possibilidade de imaginarmos o lugar do outro; imaginando, o observador compartilharia da emoção do sujeito observado. Assim sendo, ao invés de uma emoção atravessar os corpos *disponíveis* das partes envolvidas, como sugere Hume, a experiência emocional para Smith é compartilhada na medida em que razão e sentimentos se alinham na dinâmica imaginativa. Apesar de os termos utilizados pelos autores indicarem, é válido enfatizar a diferença existente entre os modos como os observadores experimentam a emoção do *Outro*: para Hume, a *mesma* emoção migra entre os corpos envolvidos. Já para Smith, o observador compartilha da emoção observada no outro uma vez que a imagina; logo, não se trata da mesma e exata experiência emocional.

Smith (2015) argumenta ainda que existem dois tipos de *simpatias*, sendo o segundo deles mais forte: as que emergem pela simples observação de uma paixão (a gargalhada de uma criança desconhecida avistada na rua é capaz de provocar alegria no observador); e as que demandam a compreensão de um contexto. Neste último caso, estando a emoção observada inserida em um cenário específico, o observador realizaria um julgamento moral baseado em dois fatores: o motivo que despertou a paixão no outro seria proporcional, razoável, adequado?; os efeitos da paixão seriam benéficos ou maléficos? As respostas, por sua vez, seriam moldadas pela simpatia sentida (ou não) quando feitos os questionamentos; quanto mais consonância entre as partes envolvidas, mais forte a simpatia tende a se apresentar, indicando o que seria moralmente certo ou errado.

Se as noções de piedade e compaixão são seletivas quanto às emoções do outro que devem ser compartilhadas, a simpatia teria um caráter mais amplo. Trata-se de um sentimento experimentado, mais ou menos fortemente, diante de toda e qualquer paixão, e não só de paixões tristes. Um indivíduo pode simpatizar com a alegria e/ou a dor do outro, bem como com o ressentimento ou o ódio, a depender do julgamento moral que empreende. Outro aspecto que diferenciaria simpatia de compaixão e piedade é o fato de que, enquanto essas estariam situadas em uma relação sujeito/objeto, tendo em vista que as sentimos *por* alguém; aquela residiria num vínculo mais linear, de sujeito/sujeito, uma vez que sentimos *com* o outro observado a mesma paixão.

Alguns estudiosos questionam a potência benevolente da simpatia até aqui abordada. Se somos passíveis de sentir *com* o outro qualquer emoção por ele experimentada, a simpatia pode, também, se apresentar como ameaça à ordem social por viabilizar o compartilhamento de maus sentimentos (CSENTEI, 2012). No campo da política, a ideia ganhou forma mais alinhada à noção de contágio emocional e envolvendo relações estabelecidas de poder. As classes mais abastadas temiam que o compartilhamento intenso de paixões por meio da simpatia pudesse ameaçar a ordem vigente, tida como natural. Sob um prisma oposto, o mesmo sentimento moral era apontado como discriminador, já que orientava ações virtuosas limitadas a determinados contextos e pessoas – que tendem a ser, de acordo com Smith (2015) as mais poderosas em termos financeiros<sup>125</sup>.

Em outros campos de estudo – como medicina, literatura e astronomia – a noção de simpatia ganhou contornos teóricos múltiplos e variados. Se pensarmos unicamente as contribuições de Hume (2000) e Smith (2015), ainda assim temos, nos dias atuais e

---

<sup>125</sup> É esta a linha de raciocínio central explorada por Adam Smith em *A riqueza das nações* (2017).

popularmente, um entendimento algo distinto daqueles propostos pelos filósofos. No *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* *simpatia* seria “tendência ou inclinação que reúne duas ou mais pessoas”, “pessoa muito simpática”, “atração que uma coisa ou uma ideia exerce sobre alguém”, ou ainda “ritual posto em prática, ou objeto supersticiosamente usado, para prevenir ou curar uma enfermidade ou mal-estar” (FERREIRA 2004). É ao termo *empatia* que, hoje, costumamos atrelar o esforço moral de se *colocar no lugar do Outro*. A seguir, além de explorar brevemente a emergência da palavra, discutirei como, no cenário político brasileiro contemporâneo, a empatia figura como emoção usada estrategicamente pelo MBL com a finalidade maior de negação do *Outro*.

### 2.2.2- O uso estratégico da *empatia*: negando o *Outro* para afirmar o *nós*

Ao entrar na instalação construída para se parecer com uma caixa de sapatos gigante, o público é convidado a escolher um sapato, calçá-lo e, então, ouvir depoimentos que falam sobre perda, superação, luto, amor, preconceito e exclusão, e refletem temas como diversidade, violência social e direitos humanos. A proposta da mostra, vinda de Londres, é *fazer com que o público sinta empatia pelo próximo*<sup>126</sup> (grifo meu).

Foi assim que o *Guia Folha* divulgou a exposição *Caminhando em seus sapatos*, oriunda do Museu da Empatia e instalada no Parque Ibirapuera, em São Paulo, nos dois últimos meses de 2017. De acordo com matérias<sup>127</sup> que circularam à época de seu acontecimento, o projeto objetivava fazer com que o visitante pudesse ter uma experiência “empática e sensorial” ao ouvir relatos pessoais e, por meio dessa imersão, colocar-se no lugar do outro, sentir na própria pele o que esse outro estaria passando. Ao propor uma vivência do tipo, o projeto reforçava o entendimento cada vez mais presente acerca de um *imperativo da empatia*<sup>128</sup>. Há uma exigência moral, para além das nossas fontes internas, demandando que sejamos empáticos, seja com alguém próximo, com o desconhecido, em casa, no trabalho etc.

---

<sup>126</sup> Disponível em: <https://guia.folha.uol.com.br/exposicoes/outros-espacos/museu-da-empatia-ibirapuera-parque-2528775601.shtml>. Acesso em: 06 set. 2019.

<sup>127</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/agenda/museu-da-empatia-convida-olhar-o-outro-no-parque-do-ibirapuera/>; <https://casacor.abril.com.br/noticias/experimente-a-empatia-dentro-de-uma-grande-caixa-de-sapato-no-ibirapuera/>. Acesso em: 06 set. 2018.

<sup>128</sup> A expressão alude à obra publicada por Freire Filho em 2010, intitulada *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. No material, o autor se dedica a criticar a imposição social de uma felicidade a todo custo.

Ao se dedicar a fazer uma genealogia dos sentimentos morais, Tatiane Leal (2019, p. 49) afirma que a paisagem cultural que antecede a emergência da empatia foi marcada pela popularização da ideia de *direitos humanos*. Recorrendo aos estudos de Ute Frevert (2011), a pesquisadora explica que, enquanto “a sociedade civil filantrópica pensava a alteridade com um olhar de compaixão, os movimentos sociais deste período orientavam suas reivindicações em outra direção, estabelecendo demandas por justiça”. Aos trabalhadores, por exemplo, era reservada toda a simpatia do movimento trabalhista; e isso importava mais que os serviços filantrópicos oriundos das classes mais abastadas. A noção de *simpatia* perderia, então, sua aura essencialmente inclusiva e benevolente, devendo ser dirigida somente àqueles que compartilhavam dos mesmos interesses, desejos e necessidades. É neste pano de fundo que emerge a ideia de *empatia*.

Apesar de ser, hoje, um termo recorrente nos mais diversos *espaços* da nossa vida em sociedade e, não raro, ser usado como sinônimo de *simpatia*, foi somente no final do século XIX, no campo da estética, que a noção teórica de *empatia* ganhou seus contornos iniciais. Oriunda do alemão *Einfühlung*, a ideia era que, colocados diante de obras de arte, os observadores seriam capazes de experimentar sensações prazerosas graças a um processo de identificação. Mesmo a relação estética do experimento residindo no contato sujeito/objeto, a perspectiva era que se pensasse, também e a partir daí, o processo em que seria possível acessar e conhecer os estados mentais de outros indivíduos –, neste caso, mediante o contato sujeito/sujeito. Leal (2019) ressalta que, neste pensamento, é possível reconhecer a influência de Hume (2000) acerca do que o autor entende por *simpatia*, tendo em vista que diz respeito à possibilidade de nos transportarmos para o lugar do outro graças à capacidade de projeção dos nossos próprios sentimentos neste corpo diferente.

A partir da tradução da palavra grega *empathia*, o termo foi introduzido no inglês em 1909 pelo psicólogo Edward Titchener. Neste momento, o sentimento moral em questão era visto como “um tipo de experiência mental introspectiva cinestésica que teríamos ao observar, especialmente, expressões afetivas humanas”, as quais poderiam ser contempladas *no outro* e “*sentidas nos músculos da mente*” (DEBES, 2015 *apud* LEAL, 2019, p. 50). Alguns autores criticaram esta visão alegando existir, na ideia de sentir *no outro*, uma fusão problemática entre o observador e o sujeito observado: na dinâmica da empatia não deveria haver perda do *self*, mas, sim, um sentir *com* o outro, de modo que as diferenças das partes não fossem apagadas.

Para além dessas, são diversas as definições que, oriundas de campos de estudo distintos, foram construídas ao longo do tempo em torno da ideia de empatia. Numa visão macro da filosofia moral, ações simpáticas e empáticas compartilhariam da característica base de enxergar – no sentido de reconhecer – o lugar do outro. Citando Frevert (2011), Leal (2019, p. 51) sintetiza:

A empatia seria uma dimensão quase física da simpatia [...], uma imitação espontânea do sentimento de alguém, como se sentisse o próprio indivíduo. Enquanto a simpatia dependia de uma projeção imaginativa que marcava certa distância que diminuía o grau das paixões vivenciadas pelo observador (algo como “eu sinto dor pela sua dor”), a empatia seria a incorporação profunda e direta dessas emoções (“eu sinto sua dor”).

Não é este o único ponto que merece destaque na diferença das emoções exposta por Leal (2019) em seu trabalho de recuperação do conceito. Enquanto é esperado que tenhamos *empatia* com o outro distante, diferente, com aquele a quem odiamos, ou mesmo a quem reprovamos moralmente; a *simpatia*, para ser experienciada, demanda um tipo especial de reconhecimento – o que, para Smith (2015), se traduz na ideia de admiração. Os pensamentos do filósofo sugerem, ainda, uma outra diferença: a forma como ele acreditava ser, na ação simpática, o processo de se colocar no lugar do outro – examinando o contexto como se estivesse, de fato, o enxergando do mesmo ângulo que enxerga o sujeito observado<sup>129</sup> – extinguiria da experiência emocional a subjetividade do observador (valores, experiências de vida etc.). Visões contemporâneas da *empatia*, por sua vez, se desprendem de várias preocupações atreladas à *simpatia* e que a tornam, de certo modo, excludente – contexto, proximidade, motivação –, atentando para o ponto de vista *do Outro*, e não para o julgamento moral construído por quem o observa.

Desse modo, se fossemos pensar em uma ordem, “a empatia seria uma resposta anterior à simpatia, sendo um processo de conhecimento e participação nas emoções do outro que seria prévio a qualquer atitude tomada em relação a elas” (DEBES, 2015, *apud* LEAL, 2019, p. 53). Para o MBL, negar a empatia é estratégia de bloqueio deste primeiro passo de aproximação; é medida preventiva para que as emoções despertadas ao se colocar no lugar do outro opositor não venham a se somar a tantas outras que, juntas, podem culminar em ações éticas e politicamente direcionadas na contramão daquilo que se espera. Leal (2019, p. 53) enfatiza que, se sozinha a empatia apresenta suas limitações, quando associada a outros

---

<sup>129</sup> Para se referir a este pensamento de Smith (2015), Leal (2019, p. 52) usa a expressão “tomar emprestado” o olhar do outro, reforçando a fidedignidade do que devemos sentir com esta experiência emocional.

sentimentos morais – como a indignação, a vergonha e a raiva diante de algo considerado injusto – ela é capaz de “promover impactos éticos e motivar ações políticas”. O contexto de efervescência política e emocional do Brasil contemporâneo garante as condições de possibilidade para que tanto o estímulo quanto a negação de uma empatia possível assumam papel relevante.

Um dos argumentos que defendo nesta tese é a negação de qualquer relação empática, por parte do MBL, em direção ao *Outro* externo e opositor. Dada a potência de construir e reforçar laços sociais que reside na empatia, o Movimento, ainda que explore a emoção de modo recíproco (entre os seus apoiadores), se concentra especialmente em negá-la diante de ocasiões que têm chances de ultrapassar diferenças político-partidárias. Esse pequeno desvio da curva pode trazer consequências negativas à coesão do corpo coletivo. Injustiças severas, mortes precoces e/ou trágicas são alguns exemplos de situações em que há a possibilidade de barreiras políticas serem enfraquecidas ou, mesmo, superadas pontualmente caso não haja um esforço para que ocorra o contrário. O MBL atua nos detalhes; o desvio pontual preocupa e importa. Assim como propunha a noção de *simpatia* ao excluir aqueles que não são dignos deste reconhecimento, o modo como age o coletivo em questão sugere uma empatia seletiva.

Em 5 de fevereiro de 2017, o *Blog do Sakamoto* publicou um texto intitulado “Como mentiras sobre a morte de Marisa buscam evitar empatia com Lula”, escrito na ocasião da morte da esposa do ex-presidente devido a um câncer<sup>130</sup>. O autor do texto diz ter consultado um profissional que trabalha com construção e desconstrução de reputações via redes sociais para afirmar que “o objetivo, neste momento, é não deixar gerar compaixão com Lula”. À época, a narrativa construída pelo MBL no Facebook confirmava esse esforço pela negação de uma empatia possível direcionada ao ex-presidente, diante da morte de sua esposa. Desde o período em que Marisa Letícia esteve internada no Hospital Sírio Libanês até os dias seguintes ao seu velório, o Movimento intensificou postagens do gênero: “Análise de especialistas demonstra: comportamento de Lula coincide com o dos psicopatas”<sup>131</sup>; “Lula usa velório da esposa como palanque para comício raivoso contra Lava Jato”<sup>132</sup>. Conhecendo e participando das emoções do outro – como propõem as visões contemporâneas acerca da

---

<sup>130</sup> Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2017/02/05/como-mentiras-sobre-a-morte-de-marisabuscam-evitar-empatia-com-lula/>. Acesso em: 06 set. 2019.

<sup>131</sup> Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/02/05/analise-de-especialistas-mostram-comportamento-de-lula-coincidecom-o-dos-psicopatas/> [texto replicado pela página de Facebook do MBL]. Acesso em: 06 set. 2019.

<sup>132</sup> Disponível em: <https://jornalivre.com/2017/02/04/lula-usa-velorio-da-esposa-como-palanque-para-comicio-raivocontra-lava-jato/> [texto replicado pela página de Facebook do MBL]. Acesso em: 06 set. 2019.

empatia –, os indivíduos estariam mais propícios a agirem direcionados positivamente ao sujeito que despertou a ação empática. Para o MBL, é válido o esforço de manejar crenças no sentido de *desfigurar* emoções as quais, mais que outras, tendem a ser compartilhadas pelo sentimento moral da empatia.

O caso concreto da morte da ex-primeira-dama será retomado no capítulo final desta tese. Como sugerido, a narrativa disseminada pelo Movimento no Facebook se sustentava em moldar a imagem do ex-dirigente como um sujeito desumano e oportunista, reforçando que o falecimento da esposa teria sido usado por ele como estratégia política para sensibilizar e conseguir a adesão de potenciais apoiadores. Desse modo, ao invés de enxergar a dor do luto vivido e, empaticamente, sensibilizar-se com Lula, os observadores estariam sendo direcionados no sentido de um afastamento da figura nefasta e abjeta de alguém que sequer respeita a morte da própria esposa, a utilizando com fins políticos (MEDEIROS, 2017). Seria arriscado permitir que o sofrimento humano se sobrepusesse às diferenças políticas.

Com o tratamento estratégico dado às crenças, a empatia que poderia ser experienciada diante da dor de uma perda irreparável é substituída por emoções morais como repugnância, ódio, desprezo, ou pela soma dessas e de tantas outras de mesma ordem, as quais, pela potência micropolítica que possuem, reforçam a distinção entre *nós* e *elas*. Por meio de uma dinâmica empática seletiva, essas experiências emocionais, sim, podem ser compartilhadas e devem ser estimuladas entre os que fazem o MBL, mas sempre e unicamente em direção ao outro opositor. O manejo de crenças serve, pois, à contínua construção de uma imagem desfigurada daquele que precisa ser negado. Com a superfície de seu corpo moldada de tal forma, as crenças são exploradas, de maneira mais pontual, no sentido de garantir afastamento em situações que tendemos a nos colocar no lugar do outro, independente de posicionamento político partidário. Se esse *Outro* tem poder, é preciso negá-lo, em qualquer que seja a circunstância, para afirmar e fortalecer o *nós*.

Como movimento que emergiu em uma paisagem cultural amplamente atravessada pelas TICs, o MBL ocupa, estrategicamente, múltiplas plataformas de comunicação. Além das diferenças formais técnicas, por vezes as narrativas disseminadas, a depender do meio em que circulam, podem vir mais, ou menos completas, mais, ou menos diretas. Assim sendo, no próximo capítulo apresento o percurso metodológico que tracei na execução desta pesquisa, explicando a escolha pelo Facebook como espaço para a coleta dos dados que me permitiram pensar não só sobre a dinâmica da empatia seletiva, como também acerca de estratégias diferentes de negação do *Outro* para afirmação do *nós* empreendidas pelo MBL.

### 3- O percurso metodológico

Questões metodológicas atravessam os múltiplos estágios da investigação científica, desde a escolha da temática, até o tratamento analítico do material empírico (BONIN, 2008; MALDONADO, 2011). A todo tempo é preciso refletir acerca das escolhas feitas, do equilíbrio entre teoria e empiria, do quanto o objeto está sendo, de fato, *ouvido*. As incertezas naturais ao percurso metodológico determinam que a realização de uma pesquisa seja um processo pouco linear, marcado por constantes revisões. Com o objetivo de expor não só o arranjo final, mas as mudanças táticas que permitiram a construção desta tese, trago, para além de um texto técnico, reflexões que possam situar o leitor nas (in)constâncias da elaboração deste trabalho.

Nessa perspectiva, no primeiro tópico discuto a minha relação de observadora com o objeto que me disponho a analisar, centrada no argumento de que não devemos impor metodologias prontas e acabadas àquilo que queremos explorar cientificamente. A ideia é fazer um movimento contrário, que permita também a esse objeto comunicar uma maneira possível de ser abordado; seja através de métodos e técnicas amplamente utilizadas nas ciências sociais e humanas, seja por meio de algo *novo*, moldado especificamente para *ouvir* o que aquele *corpus* tem a dizer. Com esta linha de raciocínio, exponho as dificuldades no trato rotineiro de um movimento social que atua de modo totalmente oposto ao meu posicionamento político e ideológico. Reflito, pois, sobre quais emoções foram mobilizadas em mim ao longo da trajetória de pesquisa, e especialmente quando da participação no III Congresso Nacional do MBL.

Feito isso, na segunda parte do capítulo trato das idas e vindas comuns ao processo de construção de uma tese, justificando as desistências e as permanências que atravessaram todo o percurso, e, logo, possibilitaram que a análise fosse feita da maneira mais pertinente possível aos meus olhos de pesquisadora deste tema específico, e não de outro. Nesse tópico, abordo a construção do *corpus*, explicando cada critério utilizado para realizar os recortes necessários à exequibilidade da pesquisa – em que plataforma os dados foram coletados? Por que estes eixos temáticos e narrativas, e não outros? Qual período de tempo foi considerado, e por qual motivo?

Uma vez exposto este passo a passo de definição do material empírico, sigo para a terceira e última parte do capítulo, em que apresento autores e ideias que me inspiraram na realização da análise centrada nas estratégias retóricas do MBL. Argumento em favor da validade da escolha metodológica feita, e esclareço em que aspectos me inspirei e me

apropriei das ideias originais de maneira a torná-las, em conjunto, uma escolha legítima para tratar de emoções mobilizadas pelo MBL no Facebook.

### **3.1- A construção da pesquisa a partir da relação observador *versus* objeto**

“Eu não conseguiria fazer a sua pesquisa”. Ao primeiro comentário sobre o objeto empírico desta tese, é comum ouvir categoricamente – dos meus pares, vale ressaltar – afirmações dessa ordem. Também são frequentes questionamentos do tipo: “como você consegue?”, “não tinha algo mais fácil para estudar?”, “por que escolheu o MBL?”. Tais falas costumam ser acompanhadas de expressões faciais que indicam, além da dúvida, surpresa e aversão. A ideia inicial de estudar movimentos sociais e emoções partia, como exposto na introdução, de um aspecto bastante positivo; era preciso, então, superar certo encantamento pelo objeto de pesquisa do meu mestrado e manter uma distância mínima para abordá-lo como material de análise de um trabalho científico. Em se tratando de um ator social que mantém posicionamento político ideológico avesso ao meu, o esforço aqui se deu no sentido de conseguir aproximar-me da realidade empírica, sustentando, uma vez mais, a distância mínima necessária para tratá-lo com o rigor imprescindível a uma investigação acadêmica. Sendo assim, além das dificuldades técnicas naturais a um percurso metodológico, foi preciso saber lidar com as barreiras emocionais que existem nessa relação específica de (eu) observador *versus* (MBL) objeto.

Desde o início, havia a consciência de que a decisão de analisar o MBL me reservaria obstáculos um tanto peculiares. Para responder às indagações recorrentes, costumava afirmar que a definição do objeto não foi um processo unilateral: de minha parte, existia o interesse em estudar movimentos sociais e emoções; da realidade empírica, surgia a demanda por analisar um ator social coletivo que, a despeito do seu pouco tempo de atuação, ocupava papel protagonista em meio a um cenário de efervescência política e deixava transparecer a importância do manejo das emoções na sua dinâmica de engajamento.

Para explorar cientificamente a relação entre movimentos sociais e emoções, certamente havia uma lista de outras lentes analíticas e objetos empíricos passíveis de serem abordados; todavia, a facilidade do trabalho não garantiria pertinência e relevância. Seria uma falha desenvolver a análise tal como proposta nessa tese ignorando o papel do MBL frente às mobilizações políticas que resultaram, dentre vários outros fatores, numa nação dividida e engajada como não se via há algumas décadas.

Ao longo do trabalho, três questões já citadas na introdução deste texto emergiram como dificuldades metodológicas a serem contornadas. A primeira delas diz respeito à forma de abordagem de um objeto empírico que se insere na história do tempo imediato (LACOUTURE, 1990); a segunda, mais comum às pesquisas em ambientes virtuais, consiste na abundância de informações disponíveis e pertinentes para a análise; a terceira, por sua vez, reside na dificuldade pessoal no trato de um objeto que, devido ao meu posicionamento político e ideológico, apresenta-se como um *tema desagradável*<sup>133</sup> (SHOSHAN, 2015). O caráter técnico das duas primeiras acaba por, inevitavelmente, vinculá-las: a quantidade de informações circulantes válidas à pesquisa está diretamente ligada ao fato de tratar-se de um objeto que se insere na história do tempo imediato, marcado por uma sociedade mediada e amplamente midiaticizada (VERÓN, 2004).

O debate teórico já feito em torno da noção de movimento social do tempo presente auxilia na compreensão do primeiro desses três fatores dificultantes. Tinha à minha frente a tarefa de captar as nuances de um ator político com um padrão organizativo típico do contemporâneo, e que, por manter-se atuante, constrói sua história no tempo imediato. Para Lacouture (1990) a imagem dessa história, tal como a percebemos, é dinâmica, o que dificulta enquadramentos mais rígidos. Ainda segundo o autor, embora o investigador do tempo imediato, uma vez que o vivenciando, conte com vantagens em seu trabalho de registro e interpretação dos fatos, a dinamicidade do acontecimento em curso o desafia em diversos aspectos metodológicos. Voltamos às seguintes questões: como lidar com toda a vivacidade do objeto escolhido? Como captá-lo? Como mapear, coletar, e categorizar o que se mostra pertinente?

Aqui, a segunda questão técnica entrou em cena: se, por um lado, as TICs possibilitam o rápido acesso a números exponenciais de dados, por outro, o volume de tráfego na internet dificulta a coleta manual dessas informações (ALVES, 2016). Com intensa postagem de conteúdo, o MBL soma quatro contas em diferentes *sites* de redes sociais que permitem livre acesso ao público externo: YouTube, Facebook, Instagram e Twitter. Para lidar, então, com a gama de informações disponíveis e válidas à pesquisa, fez-se necessário, além da escolha da plataforma, definir filtros temáticos e temporais – o que auxiliou, porém não resolveu a dificuldade de manejo do volume de dados. Como será exposto no próximo tópico deste capítulo, foram diversas as tentativas de coletar o material utilizando aplicativos

---

<sup>133</sup> Um tema que possa impor ao pesquisador dificuldades na dinâmica de aproximação com objeto, necessária ao rigor científico. No texto, Shoshan (2015) refere-se, especificamente, a um trabalho de campo etnográfico com jovens neonazistas em Berlim.

pensados para tal finalidade, bem como a ferramenta de busca textual disponibilizada pelo Facebook. Contudo, para garantir a redução de perdas do conteúdo foco da pesquisa e, desse modo, limitar minimamente o que *diz* o objeto, foi imprescindível o investimento de tempo em um trabalho manual.

No que tange ao terceiro obstáculo listado acima, é certo que um trabalho que preze pelo rigor científico das análises propostas exija do pesquisador uma relação de proximidade equilibrada com o seu objeto. Shoshan (2015) defende que, apesar de existirem dificuldades reais no trato metodológico de determinados assuntos que cruzam o campo da antropologia, estas não devem servir de justificativa para a não realização de pesquisas que abordem temas de difícil exploração. O autor explica que, na realidade, a noção de desagradável está no olhar de quem observa; uma outra pessoa, se alinhada ou minimamente mais próxima do pensamento político ideológico do MBL, poderia enxergar o Movimento de modo diferente. Dessa forma, coube a mim, como pesquisadora, o esforço para me relacionar com o meu objeto de tal maneira que o distanciamento existente entre nós não o restringisse em algum aspecto.

Dentre os obstáculos que podem estar contidos em um *tema desagradável*, destaco a constante dificuldade em ter que lidar com as emoções mobilizadas, mesmo que involuntariamente, em mim. Sem diminuir as sensações negativas rotineiras que, no meu corpo, traduzem a carga emocional acumulada a cada postagem lida e analisada ao longo dos quatro anos de pesquisa, foi durante a participação no III Congresso Nacional do MBL que pude assimilar o quanto determinadas emoções poderiam ser paralisantes, no que diz respeito à evolução do trabalho, caso não fossem estrategicamente canalizadas. O evento possibilitou a mim, como pesquisadora, alcançar outra dimensão de *saber e sentir* o meu objeto.

Para a ocasião, vesti roupas que me pareciam adequadas, imaginando que tal atitude ajudaria a amenizar o *não pertencimento* – mesmo que unicamente sob o olhar do *Outro*. Tratei de chegar cedo ao local do Congresso. Convicta do quão oportuno seria, para o andamento da pesquisa, estar ali, a ansiedade superava o receio de não ser aceita. Os organizadores ainda andavam de um lado para o outro fazendo os últimos ajustes; mostravam-se solícitos diante de qualquer chamado. Era perceptível o ânimo e o entusiasmo que moviam aqueles jovens. Já tendo feito o credenciamento e circulado pelo espaço designado para o encontro, escolhi o lugar onde acompanharia as mais de nove horas de falas previstas para aquele primeiro dia: reservado, com pouca luminosidade, ao fundo do auditório, e com as

cadeiras próximas vazias. Não demorou para que o evento começasse e a ansiedade cedesse lugar ao medo.

Quando um dos líderes do MBL, nos minutos iniciais do Congresso, alertou para a possível presença de pessoas que não eram bem-vindas, no meu bloco de papel, típico de jornalista, já havia uma sequência de rabiscos com as primeiras impressões acerca do lugar e dos participantes. Num tom que, apesar de firme, era tranquilo e um tanto debochado, Renan Santos declarou que estava “raivoso hoje”, e falou aos presentes sobre o quanto o MBL era um “grupo visado”, logo, era provável que estivesse ali “gente infiltrada”. Aos participantes foi dada a missão de vigiar; qualquer atitude suspeita – gravações, “muitas anotações” etc. – deveria ser comunicada à organização do evento, de modo que os “infiltrados” seriam “convidados a se retirar”. Guardei o bloco de anotações e, na primeira oportunidade, descartei todas as páginas rabiscadas. Apesar de não fazer parte de nenhum dos veículos de comunicação alternativa citados – como o *Mídia Ninja* e o *Diário do Centro do Mundo* –, e de estar ali com outra finalidade que não a de vazar conteúdo para a imprensa, a sensação de medo era real, “pensamento encarnado” (ROSALDO, 1984): respiração entrecortada, coração acelerado, face pálida, mãos frias.

Mesmo com o alto custo emocional, era preciso permanecer. A atitude do líder do Movimento só reforçara a minha previsão do que viria pela frente, e do quanto aquela experiência seria academicamente valiosa. Sem o bloco em mãos e me esforçando para não esboçar reações que destoassem das desejadas e esperadas pelos organizadores e público presente, pude assimilar cada fala como extensão das postagens feitas pelo grupo em seus perfis virtuais. Enquanto determinado posicionamento despertava, em mim, raiva e desprezo – por julgá-los incoerentes, injustos e desproporcionais –, nos participantes a mesma fala mobilizava emoções como esperança e felicidade; as expressões faciais e movimentações dos corpos evidenciavam os ânimos exaltados positivamente. Estávamos, a todo tempo, emocionalmente posicionados de lados opostos.

Não era possível me desvencilhar da sensação de que, concretamente, eu estava imersa em uma *comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2017), onde determinadas emoções eram estimuladas, encorajadas – como exposto na abertura desta tese –, ao passo que outras tantas eram proibidas, a depender do destinatário – não era permitido qualquer empatia com o *Outro* externo, visto como ameaça, opositor absoluto. Para além de ter sido essencial à definição de processos metodológicos, como exposto a seguir, a intensidade emocional do evento e a exigência urgente de saber *lidar com* acabou por facilitar o contato diário com o

objeto e com todas as emoções daí decorrentes. Foi imprescindível que eu fosse capaz de assimilar duas ideias basilares: toda a raiva e todo o desprezo que sinto pelas atitudes do MBL não eliminam, em nenhum aspecto, o papel, a validade e a relevância do objeto; e é exatamente nestas características, e não nas emoções mobilizadas em mim, que deve se firmar o principal laço<sup>134</sup> entre observador e aquilo que é observado.

### **3.2- Dinâmicas da investigação e definição do *corpus***

Mesmo complexo, um texto finalizado não permite ao leitor perceber quantas idas e vindas marcaram cada etapa da construção do material. Tema, objeto, recorte, metodologia, formato de exposição; nenhum desses itens chegaram ao final do trabalho tal como foram pensados inicialmente. Neste segundo tópico do capítulo, abordo, portanto, as continuidades e discontinuidades da construção desta pesquisa, argumentando em defesa do percurso metodológico escolhido – a meu ver, o que mais se ajusta tendo em vista a dinamicidade de um objeto do tempo imediato, e o conseqüente acúmulo de informações válidas à análise aqui proposta.

Devido a um interesse prévio em pesquisar comunicação no terceiro setor, e uma curiosidade despontante acerca do papel das emoções neste meio – o que foi intensamente reforçado quando da vinculação ao Nemes –, a princípio, a ideia da pesquisa era comparar como movimentos sociais que se dizem de espectros político-ideológicos opostos (de direita e de esquerda) mobilizam emoções para alcançar engajamento do público. O tema adquiriu tais contornos graças, especialmente, às intensas perturbações políticas experienciadas pelo país desde as Jornadas de Junho de 2013. A observação dos *sites* de redes sociais de distintos atores coletivos contemporâneos me levou a refletir sobre essa mobilização emocional como estratégia retórica. Com esse propósito, escolhi dois movimentos sociais que, em 2016, se destacaram na defesa de seus pensamentos e de uma agenda reivindicativa: o Movimento Brasil Livre, alinhado à direita política, e o Levante Popular da Juventude (LPJ), situado à esquerda.

Dentre os sites de redes sociais inicialmente considerados estavam Twitter, YouTube e Facebook. Além de ser este último o espaço virtual em que ambas as organizações coletivas somavam o maior número de seguidores e, logo, maiores chances de multiplicar informação,

---

<sup>134</sup> Não falo em defesa da imparcialidade, tendo em vista que todo e qualquer discurso tem sua carga ideológica. O *principal laço* alude ao que, neste manejo de um objeto *desagradável*, precisa estar em primeiro plano quando da busca por um rigor científico.

foi nas respectivas *fanpages* – especialmente a do MBL, tendo em vista uma maior frequência de publicações – que percebi certa continuidade e completude nas narrativas elaboradas pelos grupos. Devido às limitações textuais do Twitter (até novembro de 2017, a plataforma permitia apenas 140 caracteres por postagem), e às características técnicas do YouTube (rede social voltada a publicações de vídeos), o Facebook se apresentara como o meio mais oportuno para a análise das narrativas. Como veremos mais adiante, uma vez que nele circulam fotos, *banners*, memes, textos e vídeos (próprios ou não), a proposta de focar na retórica da construção do adversário político encontraria nessa diversidade terreno fértil para seu desenvolvimento.

Segui com a ideia da comparação até o momento em que assimilei a desproporcionalidade entre os objetos empíricos escolhidos. Nas *fanpages* do Facebook, a diferença entre o número de postagens feitas pelo MBL e pelo LPJ era de, em média, oito para uma. O aspecto quantitativo das publicações se refletia, ainda, no número de seguidores<sup>135</sup>, e indicava a presença – mais, ou menos intensa – dos respectivos grupos na rede, o que era essencial para a execução da pesquisa a partir da plataforma escolhida. Ao final de 2016, para não assumir o risco de chegar a resultados equivocados em algum termo, uma vez que só devemos comparar aquilo que se é comparável; e percebendo o quanto o MBL, mesmo após o *impeachment* de Dilma Rousseff, continuou ocupando papel de protagonista frente a tantos outros movimentos – de esquerda e, até mesmo, de direita –, optei por abordar, unicamente, este grupo socialmente organizado.

Além do Facebook<sup>136</sup>, o MBL se utiliza de outros *sites* de redes sociais (YouTube<sup>137</sup>, Twitter<sup>138</sup> e Instagram<sup>139</sup>), aplicativos de mensagens (WhatsApp e Telegram) e uma página institucional<sup>140</sup> com o intuito de disseminação rápida e fácil de suas ideias<sup>141</sup>. Para Santos e

---

<sup>135</sup> Em janeiro de 2017, o Facebook do MBL somava cerca de 2,5 milhões de seguidores, diante dos 3,1 mil seguidores do LPJ.

<sup>136</sup> No Facebook (MBL - Movimento Brasil Livre), o grupo conta com aproximadamente 3.232.780 seguidores. Disponível em: <https://www.facebook.com/mblivre/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

<sup>137</sup> No seu canal do Youtube (MBL - Movimento Brasil Livre), o MBL soma cerca de 1.288.600 inscritos. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC8QAdpiEWAog3AOCCFDCOYw>. Acesso em 30 jul. 2019.

<sup>138</sup> No Twitter (@MBLivre), são mais de 465 mil seguidores. Disponível em: [https://twitter.com/MBLivre?ref\\_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor](https://twitter.com/MBLivre?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor). Acesso em: 30 jul. 2019.

<sup>139</sup> No Instagram (@mblivre), o Movimento registra 871 mil seguidores. Disponível em: <https://www.instagram.com/mblivre/?hl=pt-br>. Acesso em: 30 jul. 2019.

<sup>140</sup> Disponível em: <http://mbl.org.br/>. Acesso em: 30 jul. 2019.

<sup>141</sup> Números disponibilizados no relatório *Digital in 2018: The Americas* (<https://hootsuite.com/resources/digital-in-2018-americas>) indicam que 62% da população brasileira está ativa nas redes; desta porcentagem, o YouTube conta com 60% de acesso, o Facebook com 59%, o WhatsApp com 56% e o Instagram com 40%. Acesso em: 30 jul. 2019.

Chagas (2018, p. 201), diferentemente do que acontece no YouTube e Instagram, a *fanpage* do Movimento se apresenta como “um espaço informacional pouco coeso, que oscila entre a publicação de conteúdos próprios ou produzidos por seguidores e o compartilhamento de links julgados como de interesse de seus partidários”. Onde os autores veem pouca coesão, eu enxergo completude de narrativa. Um movimento social que se estrutura em rede e atua na rede precisa ser assimilado como um *todo* composto de *partes* distintas e alinhadas, cada uma delas contribuindo, a seu modo, com a elaboração e, especialmente, com a contextualização da mensagem transmitida pelo grupo. O simples fato de compartilhar um conteúdo oriundo de X (apoiador, parceiro) em detrimento de Y (opositor) comunica sobre o posicionamento de quem o faz.

As emoções são consideradas, aqui, como construídas socialmente (NUSSBAUM, 2004; COELHO e REZENDE, 2010; FREIRE FILHO, 2014; AHMED, 2014); à esta pesquisa, portanto, não basta a informação isolada, mas situada em determinado contexto. Apesar de ser analisado a partir do MBL, seria um equívoco pensar que tal contexto pode ser assimilado unicamente através do que é produzido pelos que dirigem o coletivo. É preciso, pois, atentar para o que reside nos diálogos e embates políticos travados com múltiplos atores sociais – sejam eles apoiadores ou opositores –, e apresentados ao público sob o ponto de vista do Movimento. Desse modo, para tratar das emoções mobilizadas pelo grupo em questão, observo não exatamente *quem*<sup>142</sup> produziu o conteúdo – se membros da própria organização social, se parceiros, se apoiadores –, mas, sim, o ator político que o expõe e a forma como o faz no *site* de rede social previamente escolhido para a coleta de dados.

Para alcançar, quantitativamente, a projeção do MBL, movimentos sociais de esquerda precisariam ser somados. Consequência da amplitude do coletivo em questão era a gama de informações disponíveis em sua *fanpage* no Facebook. Era imprescindível, pois, definir um recorte que garantisse a exequibilidade da pesquisa. No que diz respeito ao tipo de material a ser analisado, desde o início optei pela consideração da narrativa construída mediante o uso de diferentes formatos de conteúdo comunicativo: textos, memes, *banners*, fotografias e vídeos (próprios ou compartilhados). Já no que tange ao recorte temporal, a primeira ideia era fazer a coleta de dados ao longo do ano de 2017, em um cenário pós-*impeachment* e pré-processo eleitoral 2018.

---

<sup>142</sup> No próximo tópico, ao abordar as perguntas que guiam a análise, mostro que o *quem produziu* não é, para esta pesquisa, fator excludente.

Diante da quantidade de material e da consequente dificuldade de realizar a coleta manualmente, dediquei um tempo à busca de aplicativos que pudessem me auxiliar com a tarefa. Alguns deles foram testados e, ao longo do percurso, se mostraram falhos<sup>143</sup> – especialmente pela omissão de postagens que apareciam quando cruzadas as informações com as adquiridas mediante métodos diferentes de busca. Segui, então, com a coleta manual e cronológica, marcada por sucessivas interrupções decorrentes de erros de processamento da página. Em novembro de 2017, os dados não haviam sido coletados por completo, e circulava a informação de que, por usar aplicativos proibidos de multiplicação de conteúdo, a conta do MBL no Facebook poderia ser suspensa. A possibilidade de *perda* do objeto tal como estava recortado coincidiu com a realização do III Congresso Nacional do Movimento, a partir do que a pesquisa ganhou um novo formato.

Como relatado na introdução desta tese, participei do evento anual que serve, dentre outras coisas, à definição de diretrizes do MBL. Por meio das discussões que pude acompanhar pessoalmente, do material impresso entregue na ocasião, e da contínua observação das redes sociais digitais em que o Movimento está registrado, optei por realizar a coleta de dados mediante seis eixos temáticos: economia; política; educação; cultura; saúde; e segurança. A cada um desses eixos vinculei uma pauta específica, via de regra, polêmica e amplamente explorada pelo grupo: privatização; negação do ex-presidente Lula; Projeto Escola sem Partido; Queermuseum Santander; criminalização do aborto; legalização do porte de arma. Defini de três a cinco palavras-chave para realizar, uma a uma, as buscas temáticas. Aqui, não mais pretendia seguir com o ano de 2017 como recorte temporal; explicarei.

Participar do Congresso me permitiu, dentre várias outras coisas, confirmar uma mudança tática na atuação do MBL. Desde a concretização do *impeachment*, o grupo se reorganizava no sentido de ampliar sua agenda de reivindicação, indo das pautas técnicas iniciais – economia e política –, à abordagem de questões morais a partir desses e de outros eixos, como educação, cultura, saúde e segurança. Decidi, então, mudar o recorte. O início seria em novembro de 2016: dois meses após a destituição de Dilma Rousseff, quando o Movimento repensava suas estratégias de trabalho; e o fim, em novembro de 2017: momento em que o coletivo já estava taticamente renovado e posicionado, pronto para atuar num outro cenário, o de eleições presidenciais. O fim do período de análise coincide, ainda, com a minha participação no evento; foi definido, portanto, em retrospecto. Cumpre frisar que a *guerra*

---

<sup>143</sup> Pelas funcionalidades, o *NetVizz* foi o aplicativo mais explorado; todavia, também se mostrou falho em determinada etapa da coleta de dados.

*cultural* travada pelo MBL se mostrara, pois, terreno fértil para o tipo de abordagem analítica por mim pretendida.

Com a mudança de recorte e o ajuste necessário na coleta de dados, percebi o quanto de material ficava de fora do levantamento feito através do sistema de busca textual do Facebook. Caso a palavra pesquisada aparecesse no vídeo ou na imagem editada (meme e/ou *banner*), e não propriamente no texto que acompanhava a postagem, o conteúdo já seria descartado pela ferramenta. Uma vez mais me deparei com um problema metodológico que inviabilizava a coleta rigorosa do material de análise. Foi somente ao final de 2018 que, com essas idas e vindas, e compreendendo o uso central das imagens nas estratégias comunicacionais do MBL, optei por realizar a busca dentro do recorte estabelecido, cronologicamente, a partir das pastas de fotos (em que se inserem, também, memes e *banners*) e vídeos disponibilizadas na *fanpage* do Movimento. Nesta etapa do trabalho, temendo uma nova reformulação do *corpus* da pesquisa, optei por coletar a totalidade de publicações feitas na *fanpage* do MBL no período pré-estabelecido – novembro de 2016 a novembro de 2017. Em paralelo, segui identificando e separando os conteúdos, vinculando-os aos eixos temáticos e pautas apresentados acima.

Contando com uma “equipe memeira”<sup>144</sup>, o MBL explora continuamente as inúmeras possibilidades da edição criativa de imagens em suas dinâmicas de engajamento, seja no Facebook ou em outros sites de redes sociais. A linguagem textual e visualmente *descolada* se apresenta como aspecto diferencial e bastante positivo aos olhos dos apoiadores do Movimento. Se, a partir de meados de 2019, o grupo diz realizar uma espécie de “autocrítica”, sugerindo estar disposto a aprofundar o debate em torno das causas que defende, de 2014 até o início desse ano, a centralidade das imagens se somava a certa superficialidade na exposição das informações – o que considero, a todo tempo, estratégico.

A coleta de dados foi finalizada no primeiro semestre de 2019, contabilizando 3.664 imagens e 3.023 vídeos. Quanto às imagens, se encaixaram nos seis eixos e pautas previamente definidos 916 arquivos, distribuídos tal como mostra o Gráfico 4 exposto a abaixo. Já os vídeos, por abordarem diferentes temas em um único arquivo, inviabilizaram a separação de acordo com os já mencionados temas e pautas. Vale ressaltar ainda que, devido à grande quantidade e extensão desses vídeos, foram considerados apenas aqueles que não

---

<sup>144</sup> Foi assim que, orgulhosos, os líderes do MBL apresentaram, durante o III Congresso Nacional, a equipe responsável pela criação das artes divulgadas em suas redes sociais.

ultrapassaram 5 minutos de duração. Ficaram de fora, portanto, quadros fixos do MBL, como o *MBL News* e o *Teste do sofá*.

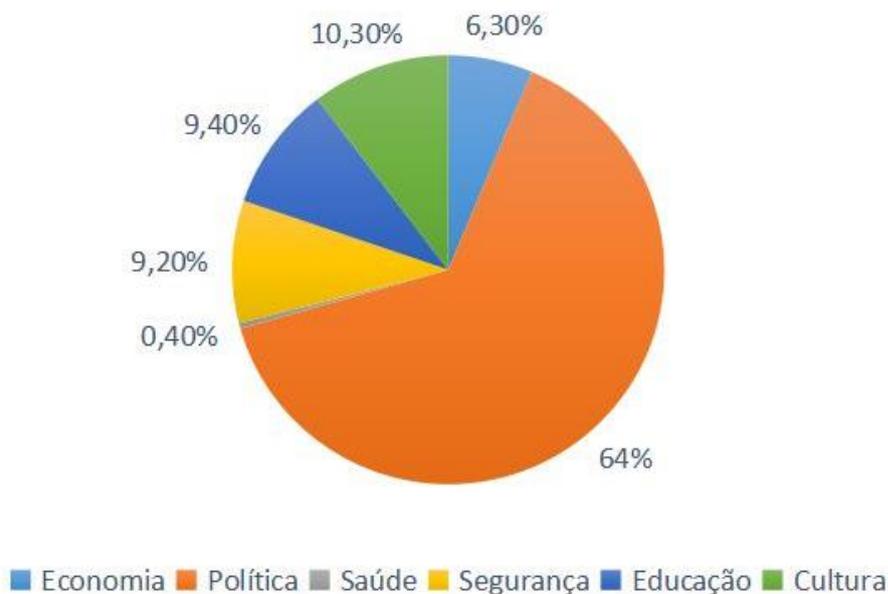


Gráfico 4: Distribuição de imagens por eixo temático  
Fonte: a autora (2019)

A despeito de todo este trabalho, o *corpus* de análise ainda não estava definido. As orientações e discussões feitas no grupo de pesquisa do qual faço parte – essenciais à construção deste material –, me fizeram pensar menos em categorizações – que poderiam ser limitantes –, e mais em narrativas. Para o desenho do *corpus*, considerei, portanto, a seguinte pergunta: quais as narrativas possíveis e predominantes na estratégica mobilização política de emoções empreendida pelo MBL no Facebook? Ao abandonar a ideia de desenvolver a análise a partir dos seis eixos temáticos mencionados acima, voltei novamente ao todo do material coletado com a intenção de listar quais seriam as narrativas que pudessem bem evidenciar a mobilização de emoções com fins de engajamento político.

Em detrimento da análise dos fatos propriamente ditos, assimilados mediante o conhecimento dos lados possíveis de uma mesma história, nesta tese me concentro em enxergar as estratégias retóricas, a maneira como essa história é narrada especialmente pelo MBL, qual o enredo construído, os personagens envolvidos, os *rótulos* dados a esses personagens num determinado tempo e espaço etc. À realidade dos fatos – caso não coincida com a exposta pelo MBL – reservei o lugar de pano de fundo, contexto ao qual recorro para compreender as emoções mobilizadas pelo coletivo em questão, mas sem me lançar em uma atividade de *fact-checking*.

De uma maneira geral, todas as narrativas estão atravessadas pela negação do *Outro* opositor, mas cada qual a seu modo, de forma mais, ou menos direta, explorando crenças distintas e mobilizando múltiplas emoções. Dentre as mais presentes no recorte de tempo definido para o trabalho, quatro se destacaram: 1- *a esquerda é corrupta* 2- *a esquerda é violenta*; 3- *a esquerda é oportunista*; 4- *a esquerda é doutrinadora*. Das 3.664 imagens e 3.023 vídeos coletados, foram considerados na análise aqueles arquivos que se encaixavam nesses quatro macro temas. Ao invés de uma abordagem quantitativa e de publicações isoladas, o trabalho final consistiu numa discussão qualitativa do atravessamento do *corpus* pelas narrativas já expostas.

Como já indicado, na análise do material opto não por abordar um formato único, ou mesmo os diferentes tipos de conteúdo postados pelo MBL (textos, fotos, vídeos, memes e *banners* – próprios ou compartilhados) de maneira segmentada. Busco, ao contrário, enxergar construções narrativas compostas de partes estruturantes distintas, analisando-as “não em grupos definidos quanto ao seu tipo de linguagem, mas sim enquanto unidades materiais-discursivas multissemióticas” (POLIVANOV e SANTOS, 2016, p. 195). Assim, todas as perguntas lançadas para identificar a mobilização de emoções perpassam a totalidade do material empírico, e auxiliam na assimilação dos elementos persuasivos que dão forma às postagens do MBL.

### **3.3- A retórica como ponto de partida para a análise**

A escolha do modelo de análise utilizado no tratamento dos dados também não se deu sem que antes eu tentasse mapear, especialmente por meio de pesquisas similares, quais metodologias já consolidadas nas ciências sociais poderiam servir à minha investigação – *Análise do Discurso, Análise Crítica do Discurso; Análise de Conteúdo*. A questão central era conhecer até que ponto essas aplicações metodológicas, com seus protocolos, dariam conta de captar as emoções contidas – mais, ou menos sutilmente – nos diferentes formatos de *posts* do MBL. Apesar de em níveis diferentes, todas elas se afastavam, em algum aspecto, do que o objeto empírico parecia demandar no sentido de uma análise mais completa. Daí decorreu a ideia de voltar a autores centrais desta tese com o intuito de encontrar pistas que pudessem me auxiliar nessa escolha metodológica.

As discussões empreendidas por Nussbaum (2004) acerca do argumento da manipulação de crenças para a mobilização de emoções destacam, com base nos pensamentos de Aristóteles (2000, 2007), o papel central da retórica política que, segundo o pensador, seria

mecanismo potente no campo emocional. Olhar, então, para o conteúdo coletado pensando-o como um esforço retórico do MBL na construção do adversário político (abjeto e odioso) passou a ser uma opção que se mostrava pertinente.

A despeito de conservar características essenciais que vêm da Antiguidade Clássica, a arte da retórica tem ganhado contornos originais frente à presença massiva das TICs. Assim como no caso dos movimentos sociais, a inserção de um novo elemento tecnológico ao modelo comunicacional aristotélico – centrado na oralidade e na presença física do orador – reformulou a relação existente entre os demais elementos da ação persuasiva. Do triângulo *orador-mensagem-auditório*, a técnica passou a sustentar-se no quadrado *orador-mensagem-meio-auditório/audiência* (FIDALGO, 2010 apud MATEUS, 2018, p. 160), sendo nomeada de *retórica midiaticizada* e encontrando algumas variáveis facilitadoras.

Tendo em vista as características gerais das tecnologias contemporâneas, é inquestionável a centralidade do uso (e do consumo) de elementos não-verbais. Em paralelo à ideia de *retórica midiaticizada*, Mateus (2018, p. 178) recorre aos estudos de Foss (2004) para tratar de um eixo específico, a *retórica visual*. Essa perspectiva teórica busca dar conta de informações não textuais sublinhando a dimensão comunicativa presente, e auxiliando na identificação das teses e proposições que as imagens, mesmo sozinhas, são capazes de *armazenar*. Trata-se de um esforço metodológico no sentido de procurar entender “os cânones retóricos à luz das particularidades das representações visuais, enfatizando principalmente a disposição (o arranjo e estrutura gráfica ou visual dos elementos)”. Assim sendo, os aspectos não-linguísticos servem ao acréscimo de uma dimensão persuasiva extra à técnica do convencimento, e a *retórica visual* “dá a ver a argumentação” (MATEUS, 2018, p. 179).

Ainda sobre a noção de *retórica midiaticizada*, António Fidalgo e Ivone Ferreira (2005, p. 151) explicam que os meios não facilitam apenas o alcance do discurso, ou se restringem a adicionar-lhes imagens; mas afetam as próprias formas da persuasão. Complementando o raciocínio, Mateus (2018, p. 42-43) pondera que muitos discursos retóricos contemporâneos parecem não recorrer ao argumento em si (*Logos*) para persuadir, optando pela estratégia simbólica do apelo (*Pathos*) ao medo, à misericórdia, à ignorância etc. Tal estratégia objetiva “provocar uma resposta emocional levando o auditório a comprometer-se em termos das suas convicções, lealdades ou compromissos” e, ainda segundo o autor, “tende a simplificar o processo de persuasão ao constituir-se enquanto atalho direto para a nossa própria forma de sentir”, atalho do qual o MBL se beneficia amplamente.

Sabendo *em que* focar – no caso, nas investidas retóricas do MBL –, me restava, então, decidir *como* fazer a leitura do material para assimilar as cargas emocionais nele impressas. Na busca por solucionar o dilema, conjuguei pistas metodológicas advindas do trabalho que Ahmed – também autora central desta pesquisa – desenvolveu em *The cultural politics of emotions* (2014), e protocolos sugeridos por Mateus (2018) ao apresentar a noção de *Análise Retórica em Introdução à retórica no séc. XXI*.

Na referida obra, Ahmed (2014) se soma aos que negam o puro estado psicológico das emoções, enxergando-as como práticas culturais moldadas no contato com o *Outro* (objeto). Para desenvolver o argumento de que emoções são capazes de gerar implicações políticas, a autora analisa, mediante leitura próxima e cuidadosa, textos que circularam com livre acesso ao público – conteúdos de sites, artigos de jornais, relatórios do governo e discursos políticos –, buscando captar a *emocionalidade* presente. Ahmed se volta tanto às figuras de linguagem – especialmente metonímias e metáforas –, quanto ao modo como os textos nomeiam e performam emoções. A pesquisadora (2014, p. 14) ressalta que os materiais não se constituem em verdadeiros “arquivos de sentimentos”; assim sendo, o que ela busca acompanhar através deles é a forma como as palavras usadas para tratar das emoções, e os objetos dessas emoções “circulam e geram efeitos; como se movem, aderem e deslizam”, isso porque “nós nos movemos, grudamos e deslizamos juntos”<sup>145</sup>.

Tal como acontece no trabalho de Ahmed (2014), em Mateus (2018) a organização da mensagem – em termos sintáticos e semânticos – guia o tratamento analítico. Conforme o autor, não obstante a multiplicidade de modos de convencimento (verbais e visuais) que compõem a arte da retórica, é possível que identifiquemos certo padrão nos princípios persuasivos, uma vez que há, nessa técnica, uma parte fixa, substancial e estruturante, e outra que se move circunstancialmente. São esses padrões detectados que guiam, portanto, a *Análise Retórica*, a qual sugere uma interpretação dos discursos “a partir das estruturas argumentativas que suportam o processo geral de persuasão e convencimento” (MATEUS, 2018). Ao examinar persuasivamente um discurso, tal análise considera, então

[...] o texto retórico enquanto unidade, e visa decompô-lo nas suas partes revelando a maneira como essas partes concorrem para, no seu conjunto, operacionalizar as estratégias de persuasão. A sua finalidade não é aclarar aquilo que o discurso afirma ou reclama; é, sobretudo, articular os modos como o orador procura persuadir o seu público através da escrita, composição visual ou oratória. Ela delinea as estruturas de constituição dos discursos sublinhando

---

<sup>145</sup> No original: “We move, stick and slide with then” (Tradução minha).

a disposição, desenvolvimento e articulação das ideias argumentativas. O seu objeto principal não é, pois, o texto discursivo, em si, mas a forma como a persuasão se realiza. Apenas se concentra no texto na medida em que ele revela a organização argumentativa da persuasão. (MATEUS, 2018, p. 190-191).

O passo a passo descrito por Mateus (2018) para a realização de uma *Análise Retórica* está dividido em três grandes etapas. Na primeira delas, o investigador pensa sobre *como* o emissor da mensagem se utiliza de estratégias retóricas visando o êxito persuasivo; bem como busca entender o *porquê* de determinadas estratégias e táticas terem sido escolhidas considerando o público-alvo e a ocasião. Essas mesmas perguntas devem dar conta, ainda, de oferecer respostas sobre o tema, o objetivo e o tom do discurso argumentativo – este último diz respeito à “atitude, postura e disposição que o orador imprime ao seu discurso” (MATEUS, 2018, p. 196).

Na segunda etapa são contempladas as atividades de identificar, organizar e interpretar os mecanismos retóricos acessados para a construção da mensagem persuasiva, atentando para a prevalência desta ou daquela *prova artística* – *Ethos, Pathos, Logos*. Na terceira e última etapa espera-se do investigador a concentração nos elementos linguísticos do discurso; aqui, Mateus (2018, p. 199) enfatiza a importância de observar a existência de padrões discursivos, “seja na repetição, regular e coerente, de palavras, seja na repetição intencional de frases (parcial ou integralmente)”.

Sem seguir à risca o protocolo estabelecido pelo referido autor para a realização da *Análise Retórica* e resgatando, também, algumas concepções de Ahmed (2014), me inspirei nos elementos analíticos essenciais da proposta metodológica – a motivação do discurso argumentativo; a exposição (ou discurso retórico em si); quem compõe o auditório/audiência; os constrangimentos ou limitações que cercam a concepção do discurso; a figura do orador na relação pessoa *versus persona*<sup>146</sup> – e, então, formulei questões<sup>147</sup> e defini etapas de trabalho que contemplassem o exame do meu objeto empírico em particular:

➤ *Quem* fala? (o próprio MBL enquanto ator coletivo; outros atores políticos que possam representar, de alguma forma, o Movimento);

---

<sup>146</sup> Na medida em que o orador assume um *personagem* para lidar com o auditório/audiência, há uma espécie de acomodação da sua figura particular em uma outra figura: a da *persona* que ele representa estrategicamente visando alcançar dado objetivo.

<sup>147</sup> Vale esclarecer que estas perguntas não foram feitas em um momento específico, com o intuito de buscar respostas prontas, objetivas; as indagações atravessaram todo o percurso metodológico, contribuindo com a construção das linhas argumentativas centrais desta tese.

- *A quem se destina a fala?* (ao público interno do MBL; a potenciais seguidores; aos seus opositores);
- Qual o *objetivo* inicial da fala<sup>148</sup>? (tratar do próprio movimento, em uma dinâmica argumentativa de afirmação do *nós*; tratar de atores externos opositores, em um processo de negação desses *Outros*);
- Quais *emoções* estão *objetivamente* postas nos materiais<sup>149</sup>?
- Quais *emoções* podem estar *sutilmente* presentes? (por meio, por exemplo, de figuras de linguagem ou discursos indiretos).

No que concerne às etapas de trabalho, foi por meio da imersão necessária à coleta de dados e à identificação das narrativas predominantes que, inicialmente, me aproximei de algumas respostas contextuais contempladas na primeira e na segunda fases do protocolo apresentado por Mateus (2018): quais são os mecanismos retóricos acessados pelo MBL e como o Movimento os explora; por que são essas, e não outras, as estratégias escolhidas para alcançar o público desejado; qual o objetivo maior e o tom do discurso.

Com os dados coletados e sistematizados, em uma fase seguinte, iniciei destacando tudo aquilo que despertasse maior atenção no material: expressões, formatação do texto, cores, disposição e edição das imagens etc. A respeito dos pontos de atenção, cumpre frisar que, pelo fato de a minha forma de acesso ao conteúdo ser a mesma de qualquer outro seguidor da *fanpage* do MBL, é provável que eles coincidam na maior parte das vezes; no entanto, é o meu olhar crítico orientado pelas perguntas de pesquisa que marca a diferença na maneira como eu, pesquisadora, interpreto o conteúdo, e como o público<sup>150</sup> de um modo geral o assimila.

Sem perder de vista a premissa de que o MBL mobiliza emoções estrategicamente, para dar continuidade a essa segunda fase de trabalho analítico foi preciso um esforço no sentido de captar aquilo que estava além do conteúdo evidente: o que poderia significar o uso da metáfora X? Da imagem Y editada de tal forma? E o que sugeriria vestimentas ou acessórios utilizados por quem aparece nos materiais publicados? O que poderia indicar a ordem do texto (algumas vezes, direta, precisa; outras, nem tanto)?

<sup>148</sup> A expressão “objetivo inicial” alude ao argumento central desta pesquisa, que reside na ideia de que o *objetivo final* do uso dessas falas pelo MBL é manipular crenças para, então, mobilizar emoções no sentido de conseguir engajamento político.

<sup>149</sup> “Postas” no sentido de exploradas com fins de mobilização política.

<sup>150</sup> Aqui considerando que os seguidores da *fanpage* são, em sua grande maioria, militantes, apoiadores e/ou simpatizantes do MBL.

Nas postagens analisadas, a mobilização de emoções é, predominantemente, menos direta e/ou objetiva; são mais escassas as publicações em que as experiências emocionais são nomeadas, ou, ainda, expostas de modo imperativo: “você precisa se indignar!”. Assim, uma leitura superficial, que não fosse além do que estava prontamente manifesto no texto/fala, seria igualmente rasa para essa proposta de trabalho. Como, então, acessar as entrelinhas? Assimilar o que estava intencionalmente dito, mas não está claramente posto? As cinco perguntas listadas acima foram norteadoras da pesquisa, mas a diversidade de formatos do material coletado demandou abordagens específicas para se chegar a uma visão geral das narrativas de persuasão.

O trabalho consistiu, pois, de uma dinâmica de análise cumulativa. No texto, coube considerar o que estava escrito e, especialmente, a forma como o conteúdo foi exposto: os termos usados, a ordem de montagem das orações, os tempos e conjugações verbais, as figuras de linguagem, a formatação etc. Nas imagens estáticas (fotografias, *banners* e memes) além de observar, sob todos os aspectos já listados, o que estava redigido, foi essencial atentar para a edição artística, para o jogo de cores, para as fotos escolhidas, para as referências externas – o que é basilar no tratamento de memes (MARTINO e GROHMANN, 2016). Nos vídeos, somado à consideração dos elementos intrínsecos aos textos e imagens, a atenção foi direcionada ao cenário, aos enquadramentos, à forma como os falantes se colocaram à frente das câmeras etc.

Independentemente de ser através de texto, vídeo, fotografia, *banner* ou meme, é certo que os argumentos utilizados na afirmação de pautas e/ou na negação do *Outro* culminaram na construção de narrativas que serviram ao estratégico manejo de crenças por parte do MBL. Se o objetivo final é mobilizar emoções para se alcançar engajamento político, o trabalho com os aspectos técnicos e formais da mensagem faz parte de um jogo retórico, é uma espécie de atalho para direcionar atenção às chaves de leitura planejadas e desejadas pelo grupo. Nos próximos capítulos, veremos as análises desenvolvidas a partir da retórica da construção do adversário político; as quais são feitas, a todo momento, considerando a existência de uma intencionalidade emocional por parte do autor, e um pano de fundo de emergência da pauta.

#### 4- A cruzada antiesquerda em duas frentes narrativas cotidianas: corrupção e violência

O uso instrumental político de narrativas construídas e disseminadas especialmente em espaços virtuais de sociabilidade não é algo exclusivo do MBL. Diferentes atores sociais do contemporâneo idealizam essas narrativas multiplataformas de modo que elas auxiliem no manejo de crenças e, logo, na mobilização de emoções específicas, as quais são orientadas ao alcance daquilo que se deseja. Peculiar ao MBL, no entanto, é a predominância de quatro narrativas – *a esquerda é corrupta, é violenta, é oportunista e é doutrinadora* – que buscam negar o *Outro* opositor, em detrimento de uma afirmação direta do *nós*, mobilizando ininterruptamente emoções que permitam que nesse *Outro* seja fixada a marca (identificação) de responsável por situações injustas e desagradáveis.

Em uma espécie de cruzada antiesquerda, o MBL se esforça para construir certa imagem de seus opositores imediatos e, desse modo, invalidá-los diante dos olhos do maior número possível de pessoas – apoiadores e potenciais seguidores. Para tanto, é imprescindível que construa narrativas consistentes, duradouras, passíveis de serem atravessadas rotineiramente por cargas emocionais. A *Análise Retórica* auxilia com a tarefa de perceber não só as emoções evidentes nos textos e imagens compartilhados, mas, sobretudo, aquelas que estão nas *entrelinhas*, e que nem sempre são recebidas pela audiência de forma consciente e crítica. Desse modo, nas emoções diretamente nomeadas e estimuladas nas narrativas há um processo de assimilação um tanto mais curto que aquele presente em postagens mais sutis, indiretas, em que as emoções, não sendo nomeadas, precisam ser compreendidas a partir das crenças que ali estão para mobilizá-las.

Todas as narrativas que identifiquei na *fanpage* do MBL entre novembro de 2016 e novembro de 2017, de um modo ou de outro, objetivam a negação da esquerda política no Brasil contemporâneo. Quatro delas, contudo, são quantitativa e qualitativamente expressivas a ponto de justificar a exploração nesta tese. Por questões metodológicas, elas serão divididas em dois grupos, sendo o primeiro deles composto por pautas cotidianas do Movimento (*a esquerda é corrupta e é violenta*), e o segundo por pautas mais factuais, que ganharam contornos bem definidos a partir de eventos específicos (*a esquerda é oportunista e é doutrinadora*). Dentre outras possíveis, tais narrativas trazem negações mais diretas; em grande parte das vezes, há a personificação dos culpados por todo o mal que supostamente aflige os que estão situados em um outro lado político – a direita que se afirma neoliberal.

Nos dois itens que compõem este capítulo, analiso materiais de formatos distintos (fotografias, *banners*, memes, vídeos e textos) explicando as narrativas do ponto de vista das

crenças manejadas e emoções mobilizadas intencional e estrategicamente pelo MBL. Para a contextualização do conteúdo elaborado e multiplicado pelo Movimento, recorro ao debate público da época, sem que, no entanto, entre no mérito de ser ou não ser *fake news*. Como dito no capítulo metodológico, a análise qualitativa consiste em um atravessamento longitudinal da totalidade dos dados, resultando em um exercício analítico mais disperso, menos pontual, uma vez que centrado em histórias contadas pelo MBL<sup>151</sup>, e não em *posts* isolados.

Apesar de as narrativas identificadas manterem diálogos umas com as outras, estabeleci limites temáticos necessários à clara exposição das análises. Ainda com o objetivo de situar o leitor nos resultados obtidos, em paralelo ao exame das narrativas desenvolvo breves discussões teóricas acerca das emoções percebidas no material. Pelo fato de serem experiências contextuais e vivenciadas pelos mais diferentes sujeitos vinculados ao MBL, ao lançar-me numa análise de emoções possíveis assumo o risco de não enxergar o que pode parecer óbvio ao próximo leitor. Dedico-me ao esclarecimento daquilo que, por outro lado, passaria despercebido caso não houvesse um esforço técnico no sentido de assimilar o que foi dito, mas não necessariamente posto (redigido, falado, estampado).

Como bem explorado por Nussbaum (2001) no caso concreto da morte de sua mãe, um mesmo sujeito é capaz de sentir, simultaneamente, diferentes emoções com relação a determinado objeto. Com toda dinamicidade aí existente, é válido afirmar que a emoção *X* pode levar à emoção *Y*, ou se somar a ela, desencadeando, desse modo, a experiência emocional *Z*. Assim sendo, para tornar as abordagens teóricas menos repetitivas, a cada uma das quatro narrativas expostas neste e no próximo capítulo vinculei a emoção que enxergo como predominante: *A esquerda é corrupta, sinta raiva; A esquerda é violenta, tenha medo; A esquerda é oportunista, trate com desprezo; A esquerda é doutrinadora, a ela nada menos que o ódio*. Como veremos, a expressividade dessas emoções específicas não quer dizer, pois, que outras cargas emocionais não tenham sido envolvidas e exploradas pelo MBL.

#### **4.1- A esquerda é corrupta, sinta raiva**

Segundo pesquisa realizada pelo *WIN/Gallup International*<sup>152</sup> em 2013 com mais de 70.000 pessoas de 69 países, a corrupção seria o problema número um do mundo (HOLMES, 2015). No Brasil, quando as Jornadas de Junho tomaram grandes proporções e se espalharam

---

<sup>151</sup> Seria esta uma definição clara e objetiva do que optamos por, neste trabalho, chamar de *narrativa*.

<sup>152</sup> A *Gallup International* foi fundada na Inglaterra, em 1947, a partir da união de 11 institutos de pesquisa de opinião espalhados por todo o mundo. Trata-se da “organização global de pesquisa mais antiga e mais conhecida”. Disponível em: <http://www.gallup-international.com/about/>. Acesso em: 25 jan. 2020.

pelo país, o debate em torno do tema foi alçado a um novo patamar, e já não se protestava apenas pelos R\$ 0,20 relativos ao aumento dos bilhetes de transporte público. Ao mesmo tempo em que eram reivindicadas melhores condições de saúde, educação, segurança, transporte etc., os atos corruptos atrelados à classe política eram vistos pelos manifestantes como a causa maior da deficiência desses serviços básicos. Desde então, fatos envolvendo políticos e corrupção multiplicaram-se nas manchetes dos jornais; em 2016 o Brasil foi eleito o 4º país mais corrupto do mundo segundo o Fórum Econômico Mundial<sup>153</sup>.

Foi nesse cenário que, imerso nos embates políticos e sociais que agitavam o Brasil da época, o MBL surgiu e alcançou protagonismo afirmando combater a corrupção e defender o liberalismo econômico. Diante de um governo petista que, apesar da crise estrutural que enfrentava, ainda possuía capital político o suficiente para ser visto como ameaça aos seus opositores, o Movimento percebeu a necessidade de empreender esforços no sentido de negação desse *Outro* em paralelo à construção de sua imagem, digamos, ainda emergente. Assim sendo, é pertinente afirmar que o fim era obter espaço político para a execução de seu projeto de poder econômico liberal; já o meio era desestabilizar e, logo, invalidar a esquerda política brasileira, seu maior adversário. Para tanto, o combate à corrupção seria a chave da disputa.

O significado do termo *corrupção* nem sempre foi o mesmo, apesar de se tratar de uma questão polêmica desde o início da história da humanidade. Leslie Holmes (2015, p. 22) explica que, em seu sentido tradicional, *corrupção* referia-se à impureza moral; a palavra, de origem latina, significaria algo que “estraga, polui, abusa ou destrói”, a depender do contexto. Com o passar dos séculos, o conceito sofreu alterações e, de uma forma geral, tem sido usado “para descrever qualquer desvio da norma que seja considerado impróprio. [...] hoje em dia o termo refere-se, primordialmente, a comportamentos inapropriados por parte de quem mantém uma posição oficial<sup>154</sup>”.

Em março de 2017, sob a gestão da presidenta Dilma Rousseff, a Polícia Federal do Brasil deu início à *Operação Lava Jato*. O trabalho objetivava apurar um esquema de lavagem de dinheiro que movimentou altas cifras em propinas, e no qual estariam envolvidos membros administrativos da Petrobras, políticos dos maiores partidos brasileiros e grandes empresários. As condições eram favoráveis para que o MBL apontasse culpados e

---

<sup>153</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/internacional/1475517627\\_935822.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/03/internacional/1475517627_935822.html). Acesso em: 20 dez. 2017.

<sup>154</sup> No original: “to describe any deviation from the norm that is considered improper. [...] the term nowadays refers primarily to improper behaviour linked to one’s official position” (Tradução minha).

conseguisse personificar, de certo modo, o problema da corrupção. As imagens do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e da então presidenta Dilma Rousseff (PT) se tonaram os principais alvos do esforço de negação da esquerda política. Passados mais de cinco anos e com a esquerda destituída da presidência do país, as reputações de Lula e Dilma continuam sendo as mais oportunas para serem, a todo tempo, desfiguradas no jogo político aqui abordado. Seja por acusações de corrupção ou por razões distintas, outros nomes também aparecem, com certa frequência, no *corpus* analisado; dentre eles se destacam Gleisi Hoffmann (PT), Marcelo Freixo (PSOL), Jean Wyllys (PSOL), Marina Silva (REDE), Eduardo Cunha (MDB), Renan Calheiros (MDB) etc.

Diante das variadas possibilidades de abordagem da narrativa construída pelo MBL em torno da afirmação de que *a esquerda é corrupta*, atendo-me especialmente às postagens que envolvem os nomes de Lula e Dilma. Estas figuras públicas, como dito, são as mais citadas pelo MBL, além de estarem fortemente vinculadas ao Partido dos Trabalhadores de um modo particular, e à esquerda de uma maneira mais ampla. Tal vinculação, contudo, nem sempre é positiva e voluntária. Veremos mais adiante quais rótulos são fixados a esses nomes por parte do MBL, com o intuito de manejar crenças e mobilizar emoções nos apoiadores e seguidores em potencial – o que resultaria em engajamento e fidelização do público.

Desde as postagens mais generalistas sobre o tema, até publicações em que o PT é citado diretamente, o MBL argumenta em sua narrativa o quanto somos prejudicados por vivermos em um país imerso na corrupção. Na Figura 1 apresentada abaixo há uma espécie de preparo do terreno para a exposição dos culpados (que acontece na Figura 2), não havendo nela qualquer esforço de afirmação do *nós* enquanto grupo político livre da atos corruptos e que, por consequência, merece ser apoiado.



Figura 1: *Banner* publicado em 12 de fevereiro/2017 expondo possível consequência da corrupção no Brasil

Fonte: Fanpage do MBL



Figura 2: *Banner* publicado em 30 de julho/2017 atribuindo ao PT o *status* de partido mais corrupto do país

Fonte: *Fanpage* do MBL

O primeiro desses dois *banners* (Figura 1) foi publicado em fevereiro de 2017 na *fanpage* do MBL, junto de um *link* para matéria da revista *Exame* intitulada “Brasil tem maior carga tributária da América Latina”<sup>155</sup>. Os dados técnicos apresentados na notícia não foram expostos na postagem, e a legenda do *banner* se limitava ao seguinte comentário: “Se houvesse retorno para a população...”. A estética do material, ao desfocar e apresentar, ao fundo, em preto e branco a bandeira do Brasil, sugere estar o país intensamente afetado pela corrupção, caindo nas trevas; a legenda, por sua vez, aproxima o leitor da situação, indicando ser ele o mais prejudicado pela alta concentração de impostos e pouco ou nenhum retorno do *investimento* obrigatório.

Considerando a coerência da narrativa macro de negação do PT, o texto sobreposto à bandeira desfocada na Figura 1 apresenta letras maiúsculas destacadas em vermelho; o que, é válido pensar, alude à cor identitária do referido partido político. O segundo *banner* (Figura 2), de maneira mais direta e em diálogo com o primeiro, cita o PT – também em vermelho e em maior tamanho – como principal responsável pela corrupção no país. A postagem, de julho de 2017, vem acompanhada de uma legenda curta e irônica – “PT liderando nas pesquisas!” –, com um tom debochado típico da retórica amplamente explorada pelo MBL. Ao fundo, a bandeira do Brasil, sugerindo a imagem e semelhança do estado em que a nação se encontra, aparece com cores desgastadas e marcas de destruição: o país está em pedaços, e você faz parte dele.

A Figura 2 conta ainda com um *link* para acesso a conteúdo publicado pela página *O Antagonista* – site de notícias parceiro do MBL, fundado em 2015 pelo ex-redator-chefe da revista *Veja* Mario Sabino, e o ex-colunista Diogo Mainardi<sup>156</sup>. O material vinculado apresenta um título com a mesma carga irônica – “O PT é o número 1”<sup>157</sup> – e se limita a expor, em não mais que quatro linhas e sem *link* para a fonte dos dados, as informações redigidas no *banner* do MBL, afirmando serem resultados de entrevistas realizadas pelo

---

<sup>155</sup> Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/brasil-tem-maior-carga-tributaria-da-america-latina/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

<sup>156</sup> A título de curiosidade: em maio de 2018, os jornalistas em questão lançaram a revista digital *Crusoe*, pensada para “ser uma ilha no jornalismo brasileiro – uma ilha na qual o leitor terá o essencial para sobreviver em meio ao oceano de notícias enviesadas ou simplesmente falsas. [...]. Sem agendas ideológicas empoeiradas, sem interesses que não sejam a defesa da verdadeira democracia representativa, dos bons cidadãos e do capitalismo que distribui oportunidade a todos. O capitalismo da meritocracia, não o cartorial ou o da cleptocracia. Vamos fiscalizar incansavelmente o poder, não importa o partido, porque esse é o maior papel da imprensa. Disponível em: <https://crusoe.com.br/sobre/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

<sup>157</sup> Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/o-pt-e-o-numero-1/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

*Ipsos*<sup>158</sup> nas quais o povo brasileiro foi interrogado tendo como pano de fundo a *Operação Lava Jato*.

Mesmo que não apontem nomes de pessoas físicas responsáveis pela corrupção que assola o país, o cenário em que essas publicações específicas foram feitas e as mensagens *sutilmente* transmitidas são fatores oportunos para levar o leitor a pensar no quanto a sua vida é afetada, injustamente, por (ir)responsabilidades de terceiros. A narrativa pretende reforçar a ideia de que os valores pagos em impostos, que deveriam ser revertidos em serviços públicos de qualidade ofertados à população, estão sendo usados indevidamente, por meio de esquemas de corrupção, para beneficiar políticos – especialmente aqueles que fazem o Partido dos Trabalhadores. A identificação de culpados, como discutido no primeiro capítulo desta tese, facilita o engajamento em torno de determinada pauta; não por acaso o MBL lança mão dessa estratégia continuamente.

A Figura 3 foi compartilhada a partir do Facebook do MBL - São Paulo<sup>159</sup>, e reforça a narrativa exposta nos *banners* anteriores (Figura 1 e Figura 2). Sem rodeios, tanto o texto postado quanto a arte – de autoria não visível – associam a imagem de Lula ao Partido dos Trabalhadores, identificando um responsável pelos atos corruptos que afetam a estabilidade política e econômica do país. Os apoiadores que restaram são os “esquerdopatas”, “cegos”; um grupo numericamente tão insignificante que, mesmo quando aglomerados para exaltar o seu ídolo político, lembram uma cena de duelo nos filmes de Velho Oeste, em que ruas esvaziadas permitem que o feno circule livremente pelos espaços antes ocupados. O feno posto no canto inferior esquerdo da imagem sugere, pois, local deserto, abandonado tal como estaria o ex-presidente, ainda que ele pense que “o povo brasileiro o ama”.

---

<sup>158</sup> *Instituto Ipsos*. Empresa de pesquisa e de inteligência de mercado fundada na França em 1975 e que está presente em 87 países, incluindo o Brasil.

<sup>159</sup> Além de uma página central – que foi utilizada para a construção do *corpus* desta tese –, o MBL possui perfis paralelos que, ligados a determinados estados e municípios, tratam da atuação do grupo de uma forma mais geograficamente específica. Disponível em: <https://www.facebook.com/mblsp/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

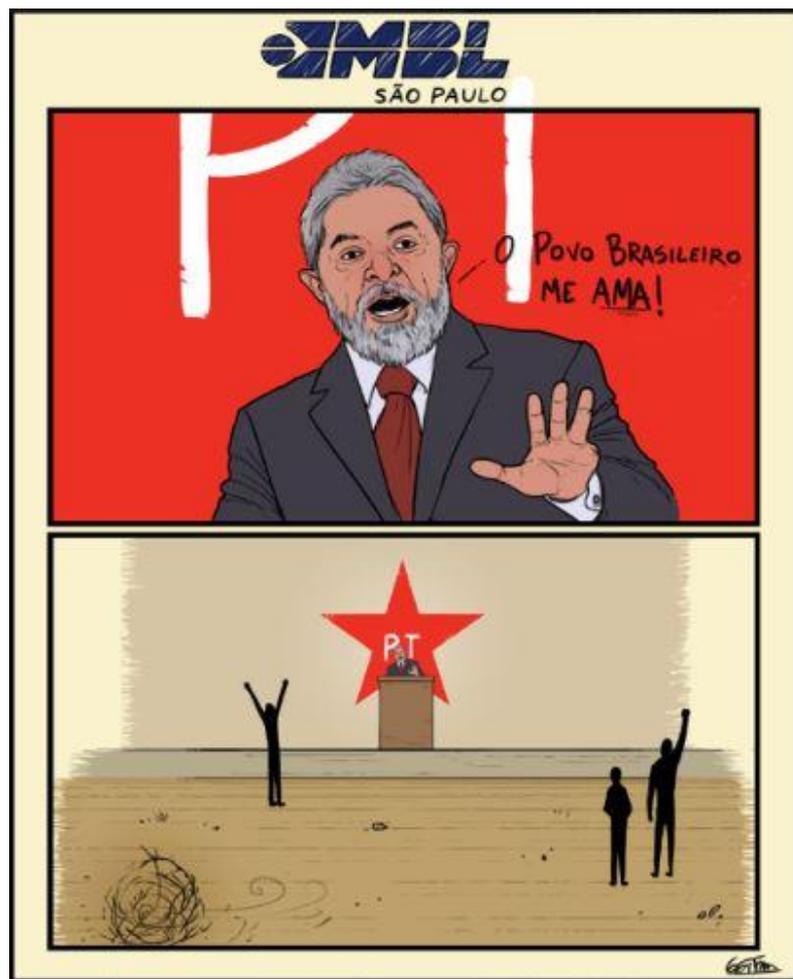


Figura 3: Arte publicada em 20 de setembro/2017 para reforçar a imagem de Lula como símbolo principal do PT, identificando um responsável pela corrupção  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Apesar de também não disponibilizar *link* para acesso às informações, o texto que acompanha a Figura 3 apresenta alguns resultados obtidos com pesquisa que teria sido realizada pela *Qualibest*<sup>160</sup>, dando consistência às afirmativas de que o PT é a sigla mais corrupta e Lula uma figura pública desacreditada politicamente – somente poucos seguiriam o apoiando, e, diante dos relatos, fazê-lo seria algo questionável:

Uma pesquisa fornecida (sic) pela Qualibest sobre como os brasileiros veem Lula e o atual momento político do país deu conta de que o ex-presidente e seu partido estão com uma péssima imagem perante o povo.  
Veja os resultados:  
— Lula tem 59% de rejeição dos eleitores, a maior entre todos os potenciais candidatos;

<sup>160</sup> *Instituto Qualibest*. Fundada em 2000, se apresenta com a primeira empresa de pesquisa de mercado *on-line* do Brasil. Disponível em: <https://www.institutoqualibest.com/>. Acesso em: 04 dez. 2019.

- Para 52%, Lula deveria estar preso e seus filhos ficaram ricos com dinheiro da corrupção;
- Para 86%, o PT é o partido mais corrupto do país;
- Mais da metade dos eleitores diz que não votaria em Lula ou em alguém que Lula recomendasse.

Ao observar cronologicamente as publicações feitas entre novembro de 2016 e novembro de 2017 em torno da narrativa de que *a esquerda é corrupta*, é perceptível como a exploração da imagem de Lula é realizada, especialmente, regida pelas denúncias que envolvem o referido nome em processos judiciais motivados por supostos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro, organização criminosa, tráfico de influência e obstrução da justiça. Contudo, para manter a agitação emocional necessária ao seu projeto de poder, não convém ao MBL atacar a figura do ex-presidente somente nos momentos em que novas denúncias emergem. Desse modo, a cronologia dos fatos narrados é, com bastante frequência, interrompida por postagens que se referem a acontecimentos passados e/ou possibilidades futuras, mas que, ainda assim, servem ao trabalho de manejar crenças específicas para incitar emoções e fazer com que *laços fracos* se transformem em *laços fortes* de engajamento político (GRANOVETTER, 1973; RECUERO, 2007, 2009).

Por vezes, as publicações sequer estão relacionadas a algum acontecimento em particular, mas não deixam de ser úteis ao fortalecimento da narrativa em questão, como mostra a Figura 4 exposta abaixo. Na postagem, a legenda coloca o ex-presidente como sujeito da oração, para que não reste dúvidas quanto à sua responsabilidade: “Lula teve acesso a tudo que foi feito nos últimos anos no Brasil. Nomeou ou foi aliado de TODOS os responsáveis pelos maiores esquemas de corrupção, tinha a chave do BNDES, etc”. Além de reforçar o que está escrito no *banner*, o texto se encerra com uma afirmativa recorrente nas publicações do MBL, que alimenta uma *revolta útil*: “É ele o chefe da quadrilha. Ele tem de ser preso já”.

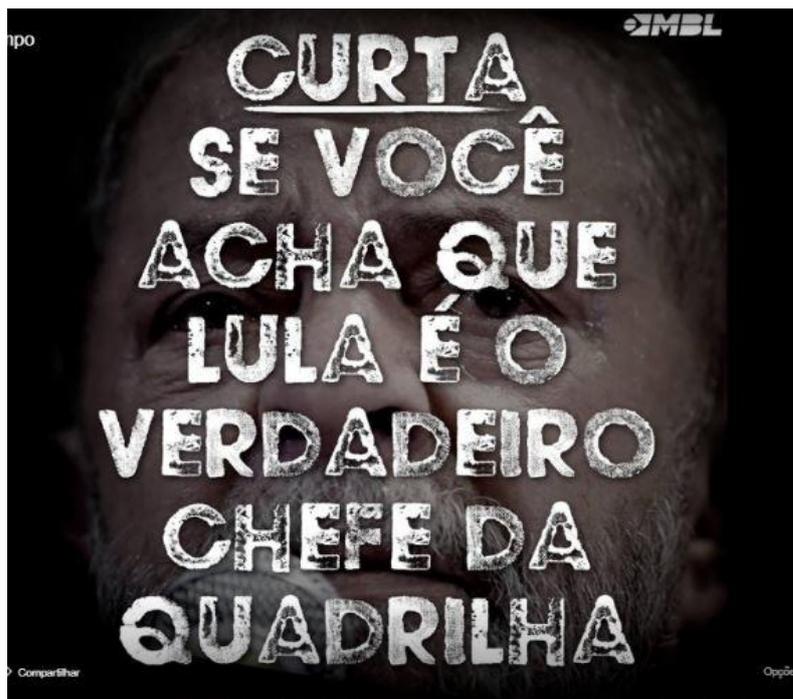


Figura 4: *Banner* publicado em 05 de julho/2017 como estratégia direta de interação/engajamento envolvendo a negação de Lula  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Na dinâmica de engajamento empreendida pelo grupo em seu Facebook, o convite à interação pontual na página – “CURTA SE VC ACHA QUE ELE É O VERDADEIRO CHEFE DA QUADRILHA” –, além de ser uma dentre várias outras táticas, deixa evidente aos observadores o quanto eles não estão sós neste processo de negação: na postagem, foram contabilizados os números médios de 6,1 mil reações, 330 comentários e 520 compartilhamentos<sup>161</sup>. Um ator político já consolidado, quantitativa e qualitativamente relevante, passa aos seus apoiadores e seguidores em potencial a sensação de segurança e alta expectativa em torno da causa por eles compartilhada, garantido uma espécie de zona de conforto para o engajamento. Como destaca Van Dijck (2013), a possibilidade de mensurar os olhares direcionados a determinado sujeito confere aos números um papel fundamental na construção de uma imagem socialmente expressiva.

Em linhas gerais, a narrativa circular construída pelo MBL primeiro sugere que a corrupção é a principal causa da deficiência na qualidade de serviços públicos básicos – saúde, educação, segurança etc. –, uma vez que as verbas que deveriam suprir as demandas

<sup>161</sup> Por se trata de uma página que permite livre acesso e que possui características peculiares – vide a discussão feita sobre *tribunais de cólera* (FREIRE FILHO, 2014) no Capítulo 1 desta tese –, as reações contabilizadas na postagem acima (Figura 4) não indicam, em sua totalidade, apoio ao MBL. De todo modo, os números evidenciam o desequilíbrio existente entre as reações que sugerem concordância e as que indicam discordância: 6 mil Curti, 40 Amei, 35 Grr (reprovação), 14 Haha, 3 Triste, 2 Uau.

dessas áreas são desviadas para atender interesses pessoais de uma minoria. Na sequência, essa narrativa identifica o PT como sendo o partido político mais corrupto e, logo, o agente causador dos mais variados danos à população. O terceiro momento, expressivo para o MBL, se trata do *enquadramento da culpa*. Para Jasper (2016), nessa definição de vilões e vítimas, a melhor retórica a ser adotada pelos movimentos combinaria a demonização de pessoas específicas como sendo as responsáveis por problemas sociais. É na figura do ex-presidente Lula, portanto, que o movimento social aqui estudado aposta a maior parte de suas moedas.

Ainda conforme o autor (2016, p. 131), uma vez que emoções que despertam sensações negativas nos atraem de maneira mais urgente, o apontamento de culpados se torna algo essencial e estratégico; “a demonização de vilões, a atribuição de culpa, a indignação pelas vítimas: tudo isso aumenta o nosso senso de ameaça e urgência”. Esse tipo de senso – sobretudo fundado em ataques à nossa dignidade – seria, pois, outro facilitador da dinâmica de vinculação a movimentos sociais, a quem cabe a tarefa de convencer que o risco é real. Se o senso de ameaça, assim como o medo, pode tanto paralisar quanto impelir à ação, é preciso que os recrutadores tornem a opção pelo agir menos adversa, mais atraente, alimentando a crença de que resultados positivos serão alcançados – como por exemplo, a libertação do país das *mãos sujas* que sustentam a esquerda corrupta.

No conjunto de postagens exposto abaixo (Figura 5), mesmo que não levemos em conta, por hora, as informações redigidas e a edição artística, podemos perceber a maneira como a figura de Lula é explorada pelo MBL em paralelo ao discurso da corrupção e de tantas outras *falas* acusatórias. É recorrente o uso de fotos desvinculadas do contexto originário, sugerindo ser o ex-presidente um homem raivoso, tomado pela cólera, descontrolado e, logo, ameaçador. Ao responsabilizá-lo por atitudes incorretas e injustas, de grandes proporções e reincidentes, o MBL busca mobilizar raiva na audiência; ao apresentá-lo como uma ameaça real e constante, incita o medo. A todo tempo experiências emocionais são orquestradas pelo grupo e, como defende Ahmed (2014), esse tipo de ação fixa, no corpo desse *Outro*, marcas, rótulos que determinam a forma como ele deve ser observado, bem como a direção dos nossos movimentos – se de afastamento ou de aproximação.



Figura 5: Conjunto de postagens que repetem fotografias descontextualizadas para sugerir uma imagem raivosa de Lula  
 Fonte: *Fanpage* do MBL

Para incitar raiva na audiência, o MBL projeta em Lula a maior parte da responsabilidade pelos danos decorrentes dos esquemas de corrupção; nesta dinâmica, expõe as altas cifras teoricamente movimentadas, as supostas formas de funcionamento desses esquemas, bem como aponta, sem rodeios, quais seriam as reais vítimas desse processo: o *cidadão de bem*. O esforço por projetar no ex-presidente a imagem de um sujeito ameaçador – já em diálogo com a narrativa de que *a esquerda é violenta* – conta, também, com variadas frentes temáticas de ação no Facebook, sejam elas diretamente ligadas às pautas principais do MBL, ou mesmo àquelas moldadas a partir de determinados acontecimentos, às quais Prado e Prates (2019) nomeiam, respectivamente, pautas *cotidianas* e *factuais*<sup>162</sup>.

<sup>162</sup> Em um estudo que analisou, a partir do Facebook, publicações do MBL entre setembro e outubro de 2018, Prado e Prates (2019) optaram por chamar de *cotidianas* as postagens relacionadas às pautas principais do grupo e de *factuais* aquelas que ganharam forma diante de acontecimentos.

Em maio de 2017, durante etapa paulista do 6º Congresso do Partido dos Trabalhadores, o ex-presidente proferiu a seguinte frase: “Essa mesma imprensa que dizia que o PT acabou, dizia todo dia: amanhã, o Lula vai ser preso. Faz dois anos que eu ouço isso. Se eles não me prenderem logo, quem sabe um dia eu mando prendê-los por mentir”<sup>163</sup>. Tendo como pano de fundo acusações frequentes e desmedidas por parte da imprensa, Lula continuou sua fala afirmando que, se eleito presidente em 2018, iria regulamentar os meios de comunicação no Brasil. Tratava-se de uma *pauta factual* oportuna para compor o jogo do MBL.

Diante do ocorrido, o Movimento, assim como determinados veículos da grande imprensa<sup>164</sup>, estamparam em suas manchetes os supostos *ataque e ameaça* feitos pelo ex-chefe de Estado aos jornalistas brasileiros. Aparentemente, o jornal *O Globo* optou por alterar o título da notícia, que a princípio foi publicada como “Lula diz que se eleito vai mandar prender jornalistas que mentiram sobre ele”, e posteriormente editada para “Lula diz que se eleito irá regulamentar os meios de comunicação”<sup>165</sup>. Na postagem (Figura 6), a não disponibilização do *link* da matéria sugere que interessava ao MBL manter o título original e fora de contexto, de modo a alimentar, sem restrições do gênero, a negação da esquerda política, personificada na imagem de Lula.

---

<sup>163</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/lula-diz-que-se-eleito-ira-regulamentar-os-meios-de-comunicacao-21303658>. Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>164</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,lula-diz-que-se-eleito-vai-mandar-prender-quem-espalha-mentiras-contr-a-ele,70001765673>. Acesso em: 10 dez. 2019.

<sup>165</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/lula-diz-que-se-eleito-ira-regulamentar-os-meios-de-comunicacao-21303658>. Acesso em: 10 dez. 2019.



Figura 6: *Banner* publicado em 06 de maio/2017 para reforçar a imagem de Lula como ameaça real  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Com isso, o grupo pretendia convencer a audiência de que, além de corrupto, o ex-presidente seria uma ameaça real à liberdade de expressão e, também, à integridade física dos brasileiros; um sujeito descontrolado e, portanto, incapaz de voltar a ocupar qualquer cargo público, uma vez que estaria contra o povo. Abaixo, o texto que acompanhou a publicação da Figura 6:

Lula diz que vai prender jornalistas se voltar ao poder

É um atestado de que não passa de um covarde que *odeia* (grifo meu) a democracia e a imprensa livre, um aspirante a ditador pronto para perseguir opositor tal qual os regimes mais sanguinários que este mundo já viu.

Nos últimos 100 anos, o Brasil infelizmente teve duas épocas perigosas para a imprensa. Durante a ditadura Vargas e durante o regime militar. A foto abaixo é de Vladimir Herzog, preso e morto em 1975.

“Um povo que não conhece a sua história está condenado a repeti-la” - Edmund Burke

À imagem do jornalista Vladimir Herzog<sup>166</sup> morto, chocante por si só, o MBL vinculou, sem a devida contextualização, a fala do ex-presidente, projetando o petista comopositor ao povo brasileiro – que “odeia a democracia” –, e o comparando a ditadores “sanguinários”. A morte concreta, mesmo que deslocada em termos temporais, assusta ao aproximar o público de uma situação dada como possibilidade real. Acreditar na chance de que algo ruim pode acontecer a mim e/ou aos meus próximos desperta o medo. Nussbaum (2001) explica que tal emoção pode ser experienciada, também, com relação a um objeto imaginado e/ou falso; bastando que sejamos convencidos quanto à existência da ameaça.

Na narrativa construída pelo MBL em torno de Lula, o mesmo sujeito que rouba dinheiro público – do pagador de impostos, *cidadão de bem* – e, por essa razão, é uma ameaça ao bom funcionamento do Estado, ameaça roubar, ainda, a sua liberdade de expressão; e, caso necessário for, recorrerá à violência física. Posto que aludir à temática da corrupção para negar a esquerda política pode, de algum modo, não atingir o máximo de pessoas, ao somar corrupção e violência (simbólica ou não) na figura pública que personifica a esquerda, as possibilidades de apoio à causa se multiplicam.

Com menos frequência, mas de modo semelhante, o MBL responsabiliza Dilma Rousseff por alguns dilemas enfrentados no Brasil. Na Figura 7, informações de gastos da ex-presidenta são diretamente vinculados ao pagamento de impostos que cabe ao povo brasileiro. A mensagem transmitida, apesar de não claramente posta, sugere à audiência que o seu dinheiro está servindo às regalias de uma única pessoa, ao invés de retornar à população como prevê o funcionamento das taxações obrigatórias. A “Dilmãe” ganha o presente que *você* pagou a contragosto; ela, certamente, está feliz, já *você* está sendo lesado, precisa se revoltar. A alcunha que une o nome de Dilma à figura materna surgiu, com um aspecto positivo, entre os seus apoiadores; o MBL, por sua vez, resgata o apelido com ironia, vinculando o termo à ideia da “mamata” e criticando os excessos e ilegalidades supostamente cometidos por ela quando esteve à frente do Estado.

---

<sup>166</sup> Vladimir Herzog foi assassinado em 25 de outubro de 1975, no prédio onde funcionava o Destacamento de Operações de Informações (DOI). Na ocasião, os torturadores forjaram uma cena de suicídio para se esquivar da responsabilidade pelo crime. Mais informações sobre o jornalista podem ser acessadas na página do *Instituto Vladimir Herzog*. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/o-instituto/>. Acesso em: 11 dez. 2019.

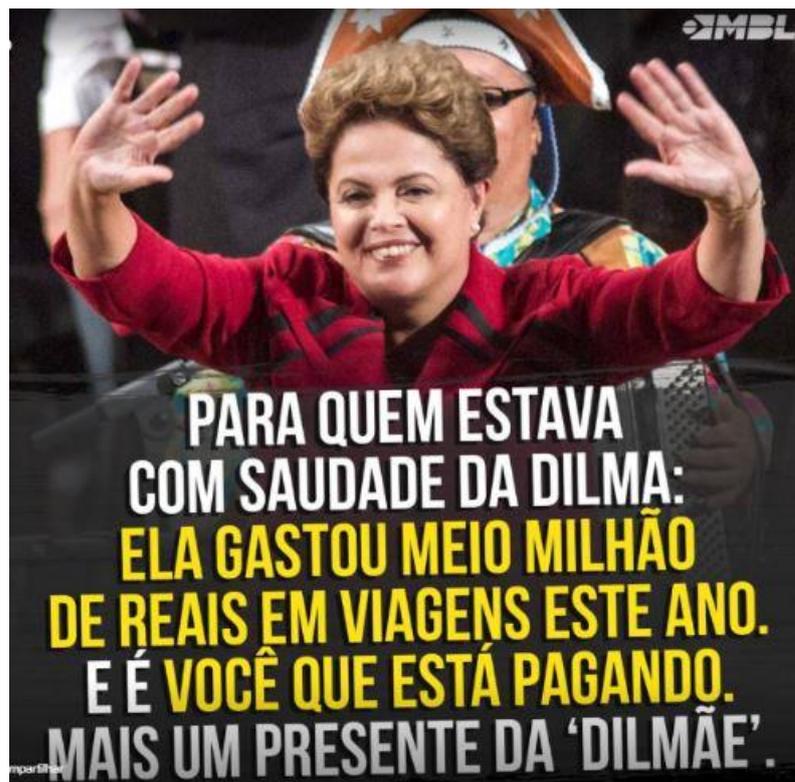


Figura 7: *Banner* publicado em 17 de julho/2017 para responsabilizar Dilma por altas despesas que seriam bancadas pelo brasileiro  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A publicação acima segue acompanhada de um *link* para acesso à matéria da revista *Exame*<sup>167</sup>, e, assim como a maior parte das postagens feitas na *fanpage* do MBL, não há nada no conteúdo que indique uma afirmação do *nós*. O texto da referida revista, não explorado pelo MBL na postagem, explica como funciona o pagamento de benefícios a assessores durante toda a vida daqueles que ocuparam a presidência do país<sup>168</sup>, afirmando que Dilma se destaca na comparação dos gastos uma vez que estava fazendo um “périplo para contestar o impeachment”.

Assim como no caso anterior envolvendo Dilma Rousseff, a indignação contra Lula é incitada pelo MBL na medida em que o grupo explora a crença de um suposto sucesso imerecido logrado pelo ex-presidente. Na postagem abaixo (Figura 8), o MBL afirma que Lula faz parte da reduzidíssima porcentagem dos mais ricos do país, o que seria incoerente

<sup>167</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-gasta-triplo-do-que-antecessores-com-viagens-21598212>. Acesso em: 14 dez. 2019.

<sup>168</sup> “Segundo decreto de 2008, todo ex-presidente tem direito a oito servidores de livre nomeação, além do uso de dois carros. A Presidência paga, por toda a vida dos ex-presidentes, salários, diárias e passagens desses assessores. O combustível e os custos com veículos também estão garantidos. O ex-presidente não tem despesas próprias custeadas”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/dilma-gasta-triplo-do-que-antecessores-com-viagens-21598212>. Acesso em: 14 dez. 2019.

com o que prega sobre concentração de riquezas, bem como iria de encontro ao que alega possuir. Na publicação – com ausência de fonte informativa – a imagem de um sujeito raivoso e descontrolado cede lugar à uma foto que, descontextualizada e inserida em outra narrativa, pretende *vender* à audiência um Lula debochado: eu sou rico, acumulei bens; vocês confiaram, acreditaram em mim, continuam pobres e prejudicados pelas minhas atitudes. Indignação e raiva estariam sendo mobilizadas simultaneamente.



Figura 8: *Banner* publicado em 20 de julho/2017 para evidenciar o sucesso imerecido de Lula  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Por vezes, as imagens de Dilma e de Lula são postas lado a lado na dinâmica de negação do *Outro* empreendida pelo Movimento. Na publicação abaixo (Figura 9), ao acusar os governantes petistas de privilegiarem as empresas em detrimento do povo, o MBL toca em uma das principais bandeiras desse governo – a distribuição de riquezas –, indicando que nem ao menos essa questão foi respeitada pelos referidos presidentes; o povo foi, e segue sendo, enganado. Ao induzir a esse pensamento, o MBL aproxima de sua causa aqueles que, com informações do tipo, passam a se enxergar como parte do conjunto de traídos e, logo, prejudicados. O *link* que acompanha a publicação dá acesso a uma matéria veiculada no *blog*

direitista *O implicante*<sup>169</sup>. Ao que tudo indica, a página produzia conteúdos alinhados às pautas do MBL e se soma às mais de 190 outras que foram retiradas do ar desde julho de 2018 sob acusação de “desinformação”<sup>170</sup>, o que impede a consideração do material na narrativa aqui analisada.



Figura 9: *Banner* publicado em 07 de agosto/2017 que responsabiliza, em paralelo, Dilma e Lula por gastos indevidos

Fonte: *Fanpage* do MBL

Na legenda do *banner*, a ironia prevalece – “Não é possível... LOGO ELES?” – e incita um ressentimento político na audiência, posto que Dilma e Lula representam, na narrativa, as *mãos sujas* de corrupção que têm movido o Partido dos Trabalhadores ao longo da última década. O sujeito ressentido experimenta uma presença reprimida de desejos e sentimentos, uma espécie peculiar de raiva, difícil de conhecer e decifrar, que atribui ao outro a responsabilidade de seu infortúnio (KEHL, 2004); uma emoção que está diretamente relacionada à humilhação (injustiça) e a falta de reconhecimento. Em *Genealogia da moral*,

<sup>169</sup> Antes de sair do ar em 2018, o *blog* antipetista já esteve envolvido em outras polêmicas. Em 2015, a *Folha de São Paulo* denunciou que a empresa Appendix, do advogado Fernando Renato Garcia Gouveia, responsável pela página *O Implicante*, “recebeu, de junho de 2013 a março deste ano, pagamentos mensais no valor de 70 mil reais” do governo Alckmin. O *link* para acesso ao conteúdo original da *Folha* apresentou problema. Disponível em: <https://blogdadidadania.com.br/2015/04/pt-de-sp-promete-esgotar-meios-para-investigar-caso-implicante/> , <https://www.brasil247.com/geral/implicante-sai-do-ar-e-nao-deve-mais-voltar>. Acesso em: 17 dez. 2019.

<sup>170</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/facebook-retira-do-ar-196-paginas-sob-acusacao-de-fake-news/>. Acesso em: 17 dez. 2019.

Friedrich Nietzsche (2009) busca compreender qual a gênese da palavra *bom*. Para alcançar o seu objetivo, ao mesmo tempo em que tenta refutar teses consistentes acerca do assunto – desenvolvidas, principalmente, pelos utilitaristas ingleses –, Nietzsche (2009, p. 16-17) argumenta que:

[...] o juízo “bom” não provém daqueles aos quais se fez o “bem”! Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, vulgar e plebeu. Desse *pathos da distância* é que eles tomaram para si o direito de criar valores [...].

Com a rebelião escrava da moral, os *plebeus, comuns, baixos* – vistos como inferiores pelos nobres – desenvolveram, por sua vez, um raciocínio diferente: aos nobres atribuíram, em primeira ordem, o juízo de mau; em segunda ordem relacionaram o juízo de bom à sua própria imagem. Já aqui o ressentimento passa a ser visto como algo criativo e que dá origem a valores: lhes sendo negada a possibilidade de uma reação verdadeira diante de uma situação humilhante, resta-lhes uma vingança imaginária. Neste sentido, além de uma condição existencial frente ao mundo, o ressentimento seria um estado reativo, que emerge em resposta a determinado conjunto de circunstâncias desagradáveis aos sujeitos afetados e perante o qual eles são impotentes. Enquanto o tipo do senhor (ativo) possui a capacidade de esquecer e de acionar reações; o tipo do escravo (reativo) é marcado pela sua memória prodigiosa, pelo não esquecimento que o faz remoer as suas insatisfações. O homem do ressentimento seria, portanto, para Nietzsche (2009), aquele que não reage.

Acerca dos últimos eventos políticos que se desenrolaram no Brasil, Freire Filho (2015, p. 416) explica que eles nos levam à certeza de estarmos testemunhando “um inaudito reconhecimento público da presença do ressentimento em nossa história, nossas relações sociais e nossa vida política”. As Jornadas de Junho de 2013, as diversas operações anticorrupção, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e as conturbadas eleições presidenciais de 2018 evidenciaram a existência do ressentimento no povo brasileiro – que, ao que parece, deixou de ser algo circunstancial. O caos que se instalou no país a partir dos anos de 2013 – início do enfraquecimento do governo petista – fez com que se desse uma espécie de partilha de desgosto, indignação e raiva. Aqueles que defendem a mesma causa passaram a buscar seus pares e a ampliar a corrente de emoções que, de certa forma, os une.

O fato é que temos nos deparado com um povo indignado e ressentido a quem não basta permanecer remoendo as suas mágoas. Apesar de suas ações se aproximarem, em alguns aspectos, do pensamento Nietzscheano, diferenciam-se num ponto crucial: o tipo brasileiro ressentido reage, não é impotente (MEDEIROS, 2017), e é nisto que o MBL aposta quando, estrategicamente, maneja crenças para mobilizar tal emoção; uma vingança imaginada não seria o suficiente. O Movimento atribui ao *Outro* o juízo de mau e assume para si a representação do bem, do moralmente correto, da esperança de transformação política. Os eventos listados acima ratificam a capacidade de reagir do sujeito ressentido brasileiro, que, como conta a história recente, foi além dos testemunhos e desabafos raivosos lançados em páginas *on-line*. De acordo com Maria Rita Kehl (2004, p. 12), o sujeito ressentido é, antes de tudo, “alguém incapaz de esquecer ou de perdoar; é um que não quer se esquecer, ou que *quer não se esquecer*, não perdoar, não deixar barato o mal que o vitimou”.

O MBL incita e canaliza o ressentimento para o *agir* quando faz sua audiência crer que, ao longo dos 13 anos de governo petista – especialmente vinculado às imagens de Lula e Dilma –, o verdadeiro *cidadão de bem* foi injustiçado, humilhado, não reconhecido. Diferentemente de outras emoções que surgem nesta análise, a mobilização do ressentimento exige que o fator tempo seja habilmente explorado pelo MBL quando do manejo de crenças. Não basta tentar despertar uma espécie de raiva com relação, unicamente, a algo ocorrido no presente; é preciso convencer a audiência de que essa experiência emocional tem sua base em outro tempo, que ela perdura, e que seguirá incomodando caso não haja mudança. Ao tratar do ressentimento político, Hume (2013, p. 78) afirma que “revoltas populares, fanatismo partidário, obediência cega a líderes sediciosos” se apresentam como alguns dos efeitos mais perceptíveis “ainda que menos louváveis, dessa simpatia social na natureza humana”.

Além de vincular, com recorrência, as imagens de Lula e Dilma, o MBL aproxima tais figuras públicas a diversas outras que também são objetos de negação do Movimento e/ou têm potencial para servirem a este fim. Ao que parece, a tática consiste em somar os supostos erros dessas pessoas de modo a fortalecer a história contada de que elas são moralmente reprováveis, merecedoras de todas as emoções que levem à rejeição e ao afastamento. Aqui, o fator tempo também se faz presente; nenhum erro do *Outro* deve ser esquecido. Visualmente, as imagens são postas lado a lado, editadas de modo a apresentarem o máximo de semelhança – como na lógica da mimese – apelando ao público para que as compare. A Figura 10, que exhibe essa tática de extensão da culpa em diferentes abordagens, conta com publicações feitas

em 2 de novembro e 3 de dezembro de 2016, 6 de julho e 7 de novembro de 2017 (da esquerda para a direita).



Figura 10: Publicações que apelam para a aproximação/comparação de imagens a serem negadas pela audiência

Fonte: *Fanpage* do MBL

Para além de atores políticos que, voluntariamente ou não, alimentam o que muitos optam por chamar de *polarização* do Brasil contemporâneo, na última das publicações que compõem a Figura 10 um nome atípico é exposto, o de Suzane Von Richthofen<sup>171</sup>. A imagem da assassina é explorada ao lado da figura de Lula para mobilizar a indignação a partir da crença de que as regalias do *Outro* são imerecidas. Compondo a ampla narrativa de que coisas absurdas e inaceitáveis acontecem no país, a legenda da postagem é curta e direta: “Revoltante”. Ao igualar os supostos crimes cometidos por Lula ao assassinato pelo qual a jovem é responsabilizada, o MBL compara, estrategicamente, termos jurídica e moralmente

<sup>171</sup> Suzane Louise Von Richthofen assassinou seus pais, em 31 de outubro de 2002, com a ajuda de seu namorado e de seu cunhado. Ela foi julgada em São Paulo em julho de 2006 e sentenciada a 40 anos de prisão.

incomparáveis, construindo nas entrelinhas a *verdade* de que o governo petista é uma ameaça próxima e real, logo, deve ser temido e combatido.

Como já discutido, Ahmed (2014, p. 13) defende que “o trabalho da emoção envolve a aderência de sinais ao corpo: por exemplo, quando os outros se tornam ‘odiosos’, então as ações de ‘ódio’ são direcionadas contra eles”<sup>172</sup>. Na tática do MBL, a noção de *sticky* (aderir, colar, fixar) parece ir um passo além. Primeiro há o esforço por rotular a pessoa *X* como responsável por atitudes injustas, maldosas, reprováveis, fazendo dele o *ser odioso*; depois, ao apresentar a imagem desse sujeito paralelamente à figura de outros (*Y*), o Movimento objetiva que as características fixadas em *X* mediante a mobilização de emoções se estendam a *Y*, aderindo a ele e ampliando o circuito de negação de opositores reais e imaginados.

Nas narrativas do MBL, essa tática de projetar imagens paralelas para assemelhar e fixar rótulos em ambas as partes pode ser percebida – metodologicamente falando – em duas vias, as quais, por vezes, se fundem em algum ponto da curva e, ao fim, possuem objetivo comum: a negação da esquerda. A primeira delas, mais recorrente, independe de eventos específicos e consiste em vincular as reputações políticas de Lula e Dilma – ininterruptamente atacadas – à de outros atores. A segunda via, por sua vez, é mais factual, tendo em vista que depende de acontecimentos que acabam por atribuir características diminutivas a outros sujeitos: nessas ocasiões, suas imagens são utilizadas para reforçar a negação, especialmente, dos ex-presidentes já mencionados, como se pode perceber na Figura 11 apresentada abaixo.

---

<sup>172</sup> No original: “The work of emotion involves the ‘sticking’ of signs to bodies: for example, when others become ‘hateful’, then actions of ‘hate’ are directed against them” (Tradução minha).



Figura 11: *Banner* publicado em 23 de agosto/2017 com o objetivo de vincular e negatar por extensão a imagem de Lula  
Fonte: *Fanpage* do MBL

No caso exposto, o acontecimento seria o acúmulo de inquéritos no Superior Tribunal Federal que envolvem o nome de Renan Calheiros (MDB). Ao divulgar a possibilidade de uma aliança política entre o senador alagoano e o ex-presidente, o MBL tenta convencer o público de algo, de fato, impraticável: é como se ocorresse, a partir de então, a divisão dessas responsabilidades entre os referidos nomes, o que seria um motivo a mais para a audiência negar a imagem de Lula. Aqui, a corrupção pode ser pensada como sujeira, algo que contamina e demanda que os identificados como sujos sejam isolados de modo a não afetarem, por uma espécie de *contágio*, a pureza do *Outro*.

Em resumo, a lógica seria: Lula errou e tem vínculo com a pessoa *X*, logo, ela também pode ter culpa e merece ser negada por extensão e em conjunto; a pessoa *X* errou e tem proximidade com Lula, conseqüentemente, à imagem já rotulada do ex-presidente se somarão os erros da pessoa *X*. De modo mais, ou menos, direto, o alvo último da negação é um só, e o atalho utilizado pelo MBL é o manejo de crenças e a mobilização de emoções. Vale salientar que a negação da qual trato neste trabalho não seria uma simples marcação de diferença – o *nós* e o *Outro* –, nem tampouco uma mera oposição. O esforço empreendido

pelo MBL para negar a esquerda consiste na intenção de um apagamento, eliminação política dos que a compõem, como sugere o título desta tese – “Devemos implodir o que resta de seus castelos” – extraído do vídeo *Nós somos o MBL*<sup>173</sup>, publicado na *fanpage* do Movimento em 24 de novembro de 2017 e já discutido na introdução deste trabalho.

O *fetich*e com a prisão de Lula, notado pela frequência e tipo de material produzido em torno do assunto (Figura 12), é algo que corrobora com tal afirmação. Aprisioná-lo seria restringir possibilidades de atuação política, eliminá-lo como provável candidato às eleições de 2018. Ao limitar a atuação de Lula, a esquerda estaria, também, limitada, enfraquecida; em tese, adentrando no caminho sem volta do apagamento. Nos conteúdos publicados na *fanpage* do MBL – inicialmente editados para estampar *outdoors* –, a estética das grades e dos trajés de prisioneiro ditam o padrão aplicado à imagem do ex-presidente. Na última das postagens – feita em 13 de julho de 2017 e acompanhada da legenda “HAHAHAHAHAHA” –, a projeção de grades unicamente sobre a fotografia oficial de Lula sugere à audiência que somente ele cometeu tantos erros a ponto de merecer a perda de sua liberdade. Se os outros chefes de estado erraram, não o fizeram de forma tão intensa; a negação precisa estar claramente direcionada, focada no petista.

---

<sup>173</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 20 dez. 2019.



Figura 12: Conjunto de publicações que exploram a possibilidade de Lula prisioneiro  
 Fonte: Fanpage do MBL

Nas publicações que envolvem a temática, é comum que o MBL apele a um tipo de humor peculiar: ácido, sarcástico. Mesmo se tratando de um humor mais *denso* (no sentido de pouco sadio) e, a meu ver, questionável, esse tipo de estratégia comunicativa tem funcionado para o Movimento uma vez que reafirma a negação do *Outro* ao inferiorizá-lo mediante o riso. Para Linda Hutcheon (1995), a ironia expõe a atitude do falante em relação ao que está sendo dito, desse modo, é capaz de instigar uma resposta emocional. Ao comunicar algo se utilizando desse tipo específico de humor, o MBL transmite, intencionalmente, informação e avaliação – necessariamente um julgamento negativo – sobre o objeto de sua fala, a esquerda política de um modo geral. Com frequência o ex-presidente é chamado de *Lula Molusco*, *Pixuleco*, *Chefe de quadrilha*, *Comandante da Propinocracia* etc. Nas legendas das publicações que compõem a Figura 13 – todas elas datadas de 12 de julho de 2017 –, as onomatopeias serviram amplamente a uma fala irônica e debochada em torno da imagem do petista.



Figura 13: Conjunto de publicações que se utilizam de um humor ácido para tratar de possível prisão do ex-presidente Lula  
 Fonte: *Fanpage* do MBL

Da esquerda para a direita, os textos auxiliares foram os seguintes:

- LULA, VOCÊ VAI EM CANA  
 - CANA? OBA  
 - NÃO, LULA...  
 AUEHAIUEHAIEHAIUHEIUAHEUIA  
 HUEHAUEHAIUEHAIEHAIUHEIUAHEUIA

Honestíssima!

NUNCA ANTES NA HISTÓRIA DESSE PAÍS  
 AUEHAIUEHAIEHAIUHEIUAHEUIA  
 AUEHAIUEHAIEHAIUHEIUA  
 AUEHAIUEHAIEHAIUHE

O AMANHÃ ESTÁ MAIS PRÓXIMO!  
 NOVE ANOS E MEIO PRO MOLUSCO NA JAULA

Mesmo que outras emoções tenham sido notadas em meio à narrativa circular de que *a esquerda é corrupta* – indignação, ressentimento, medo –, é pertinente afirmar que fica reservado à experiência da raiva o protagonismo, uma vez que tal emoção é mobilizada por meio da crença sobre danos infligidos de modo deliberado e injusto (Figura 13). A identificação de *vilões*, a desfiguração de suas imagens, a fixação de *rótulos*, a extensão da culpa são táticas retóricas que, somadas a diversas outras que serão abordadas mais adiante, colaboram com o delineamento da figura *odiosa*, a qual, na dinâmica de engajamento do MBL, merece ser negada e apagada politicamente, construindo o caminho para um *junte-se a nós* menos obstruído.

Apesar de as crenças guiarem as experiências emocionais, não são elas, encerradas em si, que definem padrões de intensidade e duração das emoções. A forma como os pensamentos valorativos são construídos ou manejados estrategicamente pelo MBL servem a uma espécie de modulação dessas experiências. Produzir conteúdo para incitar a ira de modo quase ininterrupto funciona para que a dinâmica de engajamento por essa via não perca o ritmo necessário. Diferentemente do medo, que, a princípio, afasta, a raiva leva o sujeito da emoção a se aproximar de seu objeto com o intuito de enfrentá-lo. Para Sternberg e Sternberg (2008), a raiva é um componente do ódio<sup>174</sup>, e essa emoção é “tipicamente rápida em seu crescimento e frequentemente rápida em seu fim”<sup>175</sup>, por isso a necessidade de mantê-la ativa no público.

Como movimento de oposição à esquerda política, o MBL constrói uma *comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2007) em que sentir raiva e abjeção pelo *Outro* externo consiste em um modo de pertencimento ao *nós*. Na narrativa, há um esforço contínuo para provar aos seguidores e apoiadores em potencial que se trata de uma *ira justa* (FREIRE FILHO, 2014), tendo em vista que os males causados pela esquerda não são raros e nem insignificantes e, acima de tudo, são deliberados. A postagem abaixo (Figura 14) vai além da acusação de que *a esquerda é corrupta*, deixando a audiência atenta com a afirmação de que “a esquerda quer te enganar”. Na legenda do *banner*, o alerta é reforçado: “aqueles que hoje fingem lutar contra a corrupção amanhã sairão na rua para defender seus pares pelos mesmos crimes”.

---

<sup>174</sup> A discussão sobre o pensamento dos referidos autores será feita mais adiante.

<sup>175</sup> No original: “This component of hate is typically rapid in its growth and often rapid in its demise” (Tradução minha).

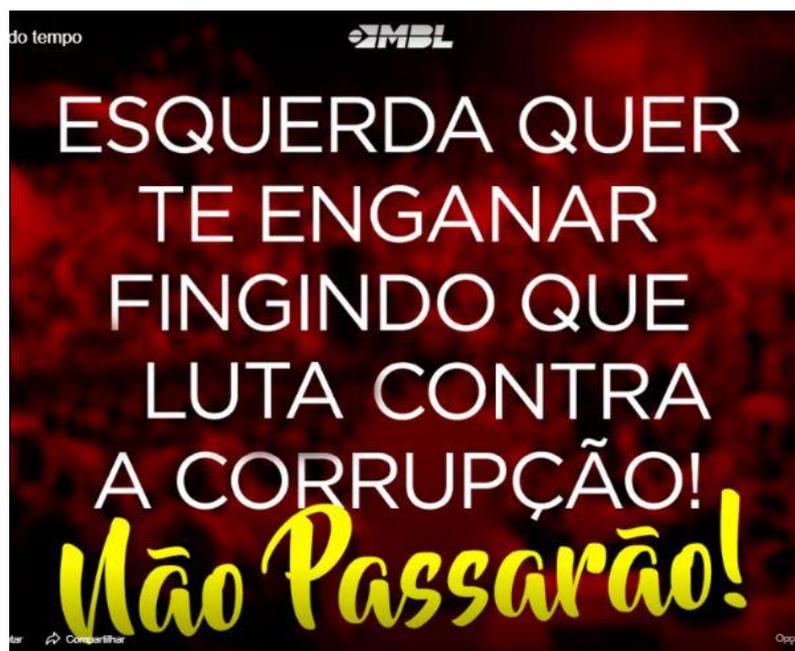


Figura 14: *Banner* publicado em 08 de novembro/2016 como alerta ao povo brasileiro  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Com a análise longitudinal dos *posts* que sustentam a história contada de que a *esquerda é corrupta*, foram identificadas algumas táticas comunicativas utilizadas na dinâmica de engajamento do MBL. A seguir, tratarei do manejo de crenças e mobilização de emoções em torno da afirmação de que a esquerda é, além de corrupta, violenta; é preciso temê-la. Como veremos, a tática de alertar o público sobre danos iminentes serve à incitação do medo. Nesta segunda narrativa, os culpados imediatos deixam de ser Lula e Dilma, e o uso de imagens apelativas dita o padrão do material construído em torno da temática.

#### **4.2- A esquerda é violenta, tenha medo**

Os protestos que se espalharam pelas ruas do país desde junho de 2013 são o principal mote para a construção da narrativa de que *a esquerda é violenta*. Para além de responsabilizar determinados atores políticos de oposição pelas marcas de vandalismo deixadas após as manifestações, o MBL os culpabiliza, também, por violência simbólica. É preciso convencer a audiência do perigo iminente, dos riscos que existem caso sujeitos posicionados à esquerda voltem a estar à frente da nação. Manejando tal família de crenças, o Movimento incita o medo no público; resta o esforço para canalizar tal emoção no sentido de não permitir que ela sirva, unicamente, à paralisação decorrente da hesitação. Como

claramente dito no vídeo *Nós somos o MBL*<sup>176</sup>, o inimigo precisa ser enfrentado, pois ele resiste e “prepara o seu retorno triunfal como lobo em pele de cordeiro”.

Castells (2017, p. 29) considera o medo e o entusiasmo como sendo as emoções mais relevantes para a mobilização social e para o comportamento político. Enquanto o medo, a princípio, afasta o sujeito do objeto ameaçador, o entusiasmo consiste no ponto de partida em direção a determinada atitude, e a este vincula-se a esperança, que, por sua vez, “antecipa as recompensas por uma ação arriscada”. O combustível para enfrentar a esquerda e todos os males deliberadamente causados por elas ao longo de mais de uma década seria a real possibilidade de um futuro melhor. Assim sendo, o MBL atribui a si a promessa da mudança, regida por uma espécie de *nova política* que, de acordo com seus líderes, se difere e combate as estruturas e práticas viciadas do modelo vigente no Brasil. O Movimento une, portanto, o medo ao entusiasmo, como veremos ao longo deste tópico.

Na postagem feita por um apoiador do MBL e replicada pelo Movimento em 3 de novembro de 2016 (Figura 15), o texto – que se assemelha a um depoimento e o MBL nomeia “homenagem” – alude a vários comportamentos ditos apropriados para uma manifestação política, e auxilia na dinâmica de transição do medo à esperança da qual fala Castells (2017). A promessa da mudança estaria nos “jovens que estavam acampados na Esplanada” e que “tiveram um papel fundamental para tirar do poder uma presidente que cometeu crime de responsabilidade e apostava que não seria punida por isso”. Na história contada, os membros do MBL seriam os heróis que salvaram o país ao impedirem que a população seguisse sendo enganada pela governante petista. Tudo isso sem que recorressem a violência material e/ou simbólica, “sem infernizar a vida dos outros”.

---

<sup>176</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 25 dez. 2019.

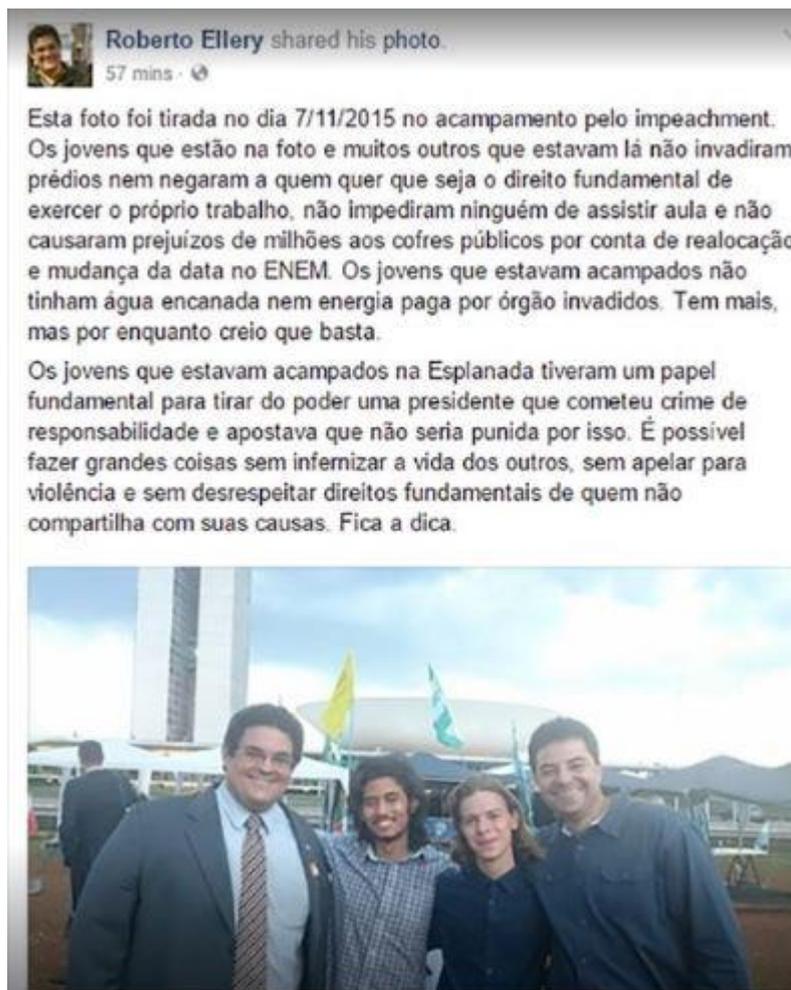


Figura 15: Imagem replicada a partir do perfil de um apoiador em 03 de novembro/2016  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Para o MBL, o seguidor que teve a sua fala replicada é um ator estratégico na dinâmica de engajamento. Multiplicar a ideia de que há reconhecimento público diante do que faz o grupo facilita a aproximação de potenciais apoiadores – ainda mais quando há um claro apontamento de quem são os vilões e quem são as vítimas. As palavras de Roberto Ellery funcionam como uma espécie de selo de validação do trabalho político desenvolvido pelo movimento social do tempo presente, e servem ainda para mostrar a audiência que *qualquer um* pode fazer parte desta mudança. Cumpre frisar que, no depoimento, há um claro desequilíbrio entre a abordagem daquilo que o grupo diz ter feito, e aquilo que os opositores supostamente fazem, indicando o quanto a narrativa da negação do *Outro* importa mais que a afirmação do *nós* – seja partindo de atores estratégicos ou do próprio MBL.

Aqui, a culpa da violência já não é atribuída diretamente a Lula e Dilma, mas aos militantes e, especialmente, aos sindicalistas ligados às siglas partidárias que fazem oposição à direita política. No conjunto de publicações exposto abaixo (Figura 16), os manifestantes de

“extrema-esquerda” são identificados como os verdadeiros destruidores da ordem, são “grupos violentos e antidemocráticos”, “vândalos” e “bandidos”, diferentemente da “gente de bem” que participaria dos protestos de direita. Na narrativa, tais grupos usam, sempre, a violência como forma de luta, desrespeitam a livre expressão ao atacarem a imprensa, destroem o patrimônio público e enfrentam, ainda, a polícia.



Figura 16: Conjunto de publicações utilizadas para atribuir à extrema esquerda a identificação de grupo violento  
Fonte: Fanpage do MBL

Os manifestantes de “extrema-esquerda” são *vendidos*, portanto, como uma ameaça real. Com as publicações que compõem a Figura 17, o MBL objetiva convencer a audiência de que você e/ou o seu patrimônio podem ser as próximas vítimas: tenha medo e junte-se a nós para enfrentar esse “câncer que se espalhou por todo o país”<sup>177</sup>! O uso de rostos desfigurados e marcas de sangue, somado a tantos outros registros fotográficos de destruição

<sup>177</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/mblivre/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 25 dez. 2019.

material – grande parte deles expostos sem que haja uma devida contextualização da paisagem capturada pelas câmeras – se configuram em uma tática de comunicação apelativa. Nos vídeos, imagens de enfrentamento entre manifestantes e policiais são constantemente expostas acompanhadas de falas que responsabilizam a esquerda por todo e qualquer dano físico e moral causado às pessoas, bem como pela depredação do patrimônio público. Se as vítimas são dignas de empatia; os culpados, por sua vez, despertam o horror e merecem ser punidos.



Figura 17: Conjunto de publicações que culpabilizam a “extrema esquerda violenta” por danos físicos e materiais

Fonte: Fanpage do MBL

Como discutido anteriormente a partir dos pensamentos de Jasper (2016), no cenário aqui estudado é pertinente afirmar que o Movimento se aproveita de eventos passíveis de serem transformados em *choque moral* e assim o faz com a finalidade de conseguir engajamento mediante a culpabilização e, logo, negação da esquerda política. Em um caso

como esse, a audiência costuma já estar atenta, bastando que os recrutadores a levem à interpretação *correta* (no sentido de conveniente) dos fatos. Essa dinâmica de fazer entender o ocorrido seria, portanto, uma forma de canalizar o *choque moral* para a ação coletiva.

Além das imagens apelativas, algumas expressões e termos utilizados contribuem com a incitação de um *choque moral*: “terrorismo”, “extrema-esquerda *ataca* polícia”, “criminosos”, “manifestante é *mutilado* por extrema-esquerda” (grifos meus). O penúltimo dos *banners* (da esquerda para a direita) que compõe a Figura 17 exemplifica bem o tipo de apelo emocional ao qual o MBL costuma recorrer: “*fascistas de vermelho* agrediram pais, mães, filhos e professores que *protestavam pacificamente* em defesa da educação. Quanto mais eles tentam vencer na porrada, mais nós os derrotamos na democracia” (grifos meus). Vilões e vítimas estão claramente postos; aqueles (o *Outro*, vândalo) se utilizam da violência, estas (o *nós*, cidadão de bem), respondem com democracia.

Outras formações sintáticas, que também colocam os *esquerdistas* como sujeito ativo da oração (*enquadramento de culpa*), tentam convencer o público de que esse grupo político é uma farsa, e o fazem acessando diversas bandeiras levantadas pela oposição, como por exemplo, o feminismo: “essa é a verdadeira face da esquerda feminista”. Sem que haja qualquer discussão paralela, a causa é simplificada e diminuída diante do fato de uma policial mulher ter sido atingida enquanto exercia a sua função. Na legenda que acompanha a postagem, o MBL se resume a afirmar que se trata de “HIPOCRISIA PURA!”, e a indagar “onde fica a luta pelas mulheres agora, esquerda? Covardes mascarados atacando uma mulher está ok?”.

Aqui, assim como em diversas outras publicações, o MBL *vende* a ideia de uma esquerda homogênea, livre de qualquer divergência de pensamento quanto às pautas que defende – como é o caso do feminismo. Sugere também que, em sendo homogêneo, esse grupo político é *palpável*, ao ponto de tratá-lo na frase como interlocutor direto. Ainda se utilizando da tática de simplificar para atingir o público mais intensa e rapidamente, o Movimento o faz quanto ao polo agressor, criando a narrativa de que a mulher teria sido agredida por alguém do sexo oposto – sem apresentar provas para sustentar o argumento – e de maneira proposital – extraindo o evento de seu contexto de origem, um embate no qual várias pessoas saíram feridas.

Já a tática de expor a esquerda política como sendo genuinamente mentirosa, de uma forma geral, consiste em tentar convencer a audiência de três aspectos, sendo o primeiro deles mais específico, e os últimos mais abrangentes. Na narrativa do MBL, o feminismo tem dois

pesos e duas medidas, logo, não é algo que mereça ser considerado; se você, mulher, não pensar como eles (os opositores que devem ser negados), poderá ser a próxima vítima. O segundo aspecto que precisa ser assimilado pela audiência consiste no argumento de que a pauta do feminismo é só mais uma em que a esquerda age de modo contraditório, posto que prega uma coisa e age na contramão. O terceiro aspecto volta para o eixo central da narrativa aqui analisada: independentemente do cenário, em relação a seus opositores a esquerda sempre agirá com violência desmedida.

Em uma outra postagem dedicada a acusação semelhante e registrada na mesma data – 13 de dezembro de 2016 –, é disponibilizado um *link* externo, da *Agência Brasil*, em que a polícia não aparece como sujeito passivo, vítima única e imediata, mas como parte ativa de um enfrentamento físico: “Policiais e manifestantes entram em confronto durante protesto na Esplanada”<sup>178</sup>. No texto, a situação é resumida da seguinte forma: “os *manifestantes jogaram* garrafas de vidro, pedras e bombas, e os *policiais responderam* com bombas de efeito moral, spray de pimenta e gás lacrimogêneo. *Policiais e manifestantes trocaram agressões físicas*. (grifos meus)”. Diante das recorrentes denúncias feitas pela esquerda alegando truculência policial, é comum que o MBL se posicione em favor desses profissionais que, segundo o grupo, são vítimas dos bandidos e, ainda por cima, são desconsiderados e atacados pelos que dizem se preocupar com os *Direitos Humanos*. Abaixo, mais uma postagem do dia 13 de dezembro (Figura 18) em que há clara defesa da polícia e acusação da extrema-esquerda que “vai para a rua armada e pronta pra guerra”.

---

<sup>178</sup> Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/policiais-e-manifestantes-entram-em-confronto-em-protesto-na-esplanada>. Acesso em: 27 dez. 2019.



Figura 18: *Banner* publicado em 13 de dezembro/2016 para responsabilizar a extrema-esquerda por atitudes violentas durante manifestação  
Fonte: *Fanpage* do MBL

O medo estabelece algo como uma barreira protetiva, mas ele, isolado, não busca a eliminação de seu objeto. Pensando a ligação do medo com outras emoções, Sternberg e Sternberg (2008) defendem que o medo e o ódio podem coexistir, apesar de indicarem, respectivamente, atividades contrárias, de hesitação e aproximação/enfrentamento. Ao referirem-se ao exemplo dos nazistas, os autores explicam que, diante da destruição por eles causada, sentir ódio – assim como medo – era quase inevitável. Ainda que não tivéssemos razões paralelas, provavelmente odiaríamos aqueles a quem mais tememos pelo simples fato de despertarem em nós tal emoção. Logo, é comum que odiemos o objeto que nos amedronta, e para o MBL, esse é mais um dos caminhos possíveis a ser traçado rumo à negação da figura odiosa da esquerda política. É essa a linha argumentativa utilizada pelo Movimento para invalidar o papel de determinados atores sociais.

Quando culpabilizar Lula e Dilma e/ou responsabilizar, de modo generalista, “os militantes de extrema-esquerda” já não parece ser o suficiente, o MBL ajusta o *enquadramento de culpa*, atacando sindicatos e entidades de classe como organizações sociais e/ou por meio dos nomes de seus prepostos (Figura 19). Na identificação de alvos estratégicos a serem atingidos no cenário da representação sindical, Guilherme Boulos (PSOL) se destaca

devido à sua atuação frente ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Seja mediante pautas factuais ou não, a imagem de Boulos é recorrentemente ridicularizada quando o assunto é a ocupação de propriedades. São feitas indagações do tipo: “por que será que Boulos e sua turma não ocuparam ainda o triplex do Lula?”; é preciso convencer audiência de que o sindicalista é um fora da lei que, ainda por cima, age com dois pesos e duas medidas.



Figura 19: *Banner* publicado em 17 de janeiro/2017 noticiando e comemorando suposta prisão de Guilherme Boulos  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Na publicação exposta acima (Figura 19), feita em 17 de janeiro de 2017, o MBL optou por chamar o membro da Coordenação Nacional do MTST de “mortadela-mor”, expressão que faz referência ao alimento processado e barato supostamente oferecido a pseudo militantes, em troca de sua presença física nas manifestações de esquerda, com a pretensão de que elas aparentem ser numericamente maiores. Recorrendo, uma vez mais, à noção de compartilhamento de culpa, o Movimento comemora a prisão de Boulos e reforça a ideia de que a esquerda, toda ela, é violenta. O *link* que acompanha o conteúdo é da página parceira *O Antagonista*<sup>179</sup>; no texto, os responsáveis se limitam a dizer o que está posto no

<sup>179</sup> Disponível em: <https://www.oantagonista.com/brasil/prisao-de-boulos-conduta-criminosa/>. Acesso em: 27 dez. 2019.

*banner*, afirmando ter tido informação privilegiada do Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Mágino Alves Barbosa Filho. De um modo geral, o militante do PSOL é apresentado à audiência como uma grande ameaça, sustentada pela seguinte *verdade*: a sua propriedade pode ser a próxima a ser invadida.

Quando os ataques são direcionados aos sindicatos e outras entidades de classe (Figura 20), aparecem com grande frequência as siglas da União Nacional da Juventude (UNE), da Central Única os Trabalhadores (CUT), do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e do MTST. Aqueles que compõem essas organizações, que vestem suas camisas e empunham suas bandeiras são, portanto, os responsáveis imediatos pelo ato violento propriamente dito. A Lula e Dilma, que não se configuram como parte concreta do conjunto que ocupa as ruas durante as manifestações, cabe a responsabilidade por incitar a violência. Ao atribuir a culpa a essas organizações sociais, o MBL encontra o mote para alavancar a sua campanha pelo fim do imposto sindical. Se os sindicatos são os sujeitos ativos da baderna, e eles são sustentados pelos impostos pagos por seus filiados, acabar com essa taxa obrigatória, é, por ordem direta, desmontar politicamente tais entidades. A mensagem passada à audiência carrega algo de promessa – “para que cenas como essa não se repitam” –; nos apoiem e nós faremos o melhor *por e para* vocês.



Figura 20: Conjunto e publicações que buscam culpabilizar determinados sindicatos e outras entidades de classe

Fonte: Fanpage do MBL

O último dos *posts* que estruturam o *banner* acima (Figura 20) atende, sozinho, a diferentes objetivos do MBL: a negação de Lula (“o maior ladrão do Brasil”), dos governos petistas de uma forma geral (que repassavam milhões aos sindicatos), e da CUT (que defende Lula e recebe dinheiro de maneira ilícita); a invalidação da greve geral do dia 28 de abril de 2017<sup>180</sup>; e a demarcação da diferença entre o *nós* (“cidadão de bem, contra a corrupção, não apoia essa manifestação”) e o *Outro* (“manifestação de quem apoia bandidos”). Como discutido anteriormente, a estética da postagem, com letras garrafais e a predominância do vermelho, para além de buscar despertar a atenção imediata, alude à cor do Partidos dos

<sup>180</sup> A greve geral nacional foi convocada por nove centrais sindicais e as frentes Brasil Popular e Povo sem Medo contra a Reforma da Previdência, a Reforma Trabalhista e a Lei da Terceirização. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/greve-geral-os-motivos-dos-protestos-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

Trabalhadores e de várias das entidades sindicais citadas, oferecendo ao observador uma imagem em que conexões estratégicas e necessárias ao engajamento já estão postas.

As diferentes narrativas produzidas pelo MBL com o objetivo maior de negação da esquerda, como dito anteriormente, dialogam umas com as outras. Sendo assim, junto da tentativa de convencer a audiência de que os esquerdistas são violentos e, por essa razão, devem ser temidos, o Movimento maneja crenças paralelas e complementares que auxiliam no processo de engajamento político. Na postagem abaixo (Figura 21), o grupo fez um esquema didático para explicar ao público o papel de cada peça do jogo: Lula, os sindicatos, e *você*. No ciclo, o trabalhador brasileiro paga os impostos obrigatórios que sustentam os sindicatos; essas entidades, por sua vez, “ajudam” Lula ao defenderem as causas do ex-presidente nas redes e nas ruas (vale ressaltar, usando da violência); por fim, o petista prejudica o *cidadão de bem*, posto que, de acordo com a narrativa, ele é corrupto e, como veremos mais adiante, oportunista.

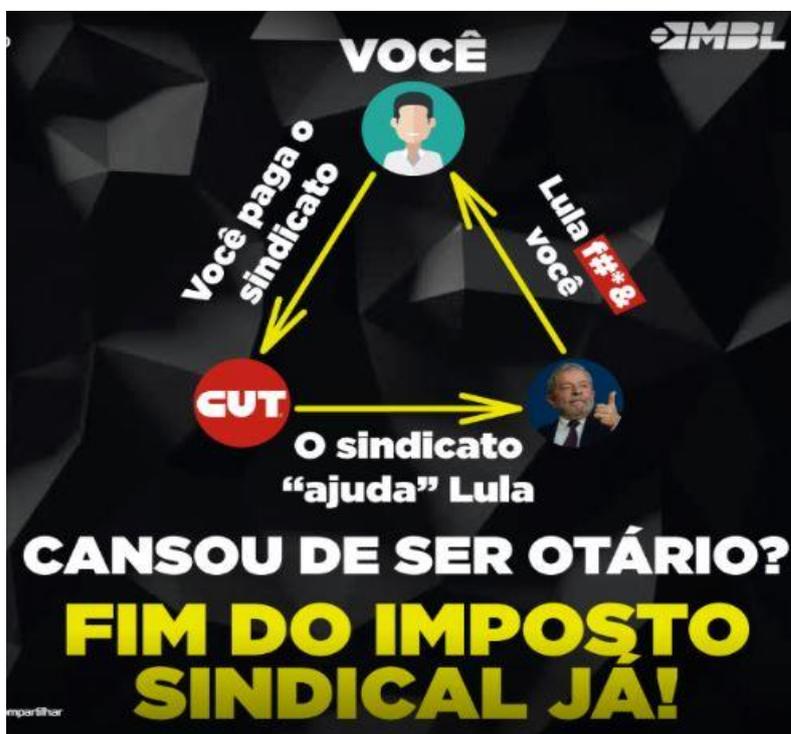


Figura 21: *Banner* publicado em 24 de abril/2017 identificando vinculações possíveis entre Lula, os sindicatos e o cidadão brasileiro  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Sem fugir à sua própria regra de superficialização do debate, o Movimento simplifica cada um dos polos envolvidos na tríade que compõe a Figura 21. Os sindicatos são apresentados como completamente oportunistas e corruptos, sem que se considere a

possibilidade de qualquer ação positiva vinda dessas entidades. Lula é narrado como um vilão cujo único objetivo de vida é prejudicar o cidadão brasileiro, enquanto o polo do cidadão é pintado como um conjunto homogêneo de pessoas totalmente honestas (representado na imagem por um homem de pele branca), no qual a corrupção não tem vez. Na narrativa, atos corruptos e o desejo por determinadas regalias só existem entre os sindicatos e Lula; aos *cidadãos de bem* cabe somente o papel de vítima, já que eles estão totalmente livres desse mal.

Após a exposição didática da ideia, o MBL questiona se você, observador, “cansou de ser *otário*” (grifo meu), ou se vai continuar sendo lesado pela esquerda sem que nada faça para mudar a situação. Aqui, o medo está sendo estrategicamente levado ao patamar da ação: se você cansou, significa que já aguentou quieto, amedrontado, por muito tempo; agora, é hora de parar de temer e de fugir, partindo para a eliminação política do *Outro*. Com o intuito de não deixar margem para interpretação equivocada, a postagem do *banner* segue acompanhada de legenda que detalha o processo: “o fim do imposto sindical é o fim de um sistema perverso que retira dinheiro do trabalhador e o coloca nas mãos do grupo político de Lula. Essa exploração tem que acabar”. Assim como acontece com a Figura 21, a maioria das publicações feitas pelo MBL termina com as seguintes orações no imperativo, e os respectivos *links*: “Ajude o MBL”<sup>181</sup>, “Acesse nossa loja”<sup>182</sup>, “Junte-se”<sup>183</sup>.

Em uma jogada tática um tanto ousada – que, a princípio, pode sugerir um *lapso de empatia* – o MBL tenta enfraquecer a esquerda incitando possíveis conflitos que podem resultar na quebra de alianças políticas. Na postagem feita em 17 de abril de 2017 (Figura 22), o grupo convida os membros da CUT a refletirem se irão continuar defendendo quem os traiu em troca de dinheiro. Mesmo se tratando de mais uma publicação em torno da campanha pelo fim do imposto sindical, aqui, o foco é deslocado; deixa de ser o ataque aos sindicalistas violentos, e passar a ser a derrubada de Lula para, ao final, desmontar a esquerda. Na legenda, nenhuma informação a mais sobre a suposta delação; o leitor segue sem saber a autoria, o contexto, o momento etc.

---

<sup>181</sup> Disponível em: <https://goo.gl/y9SXRp>. Acesso em: 28 dez 2019.

<sup>182</sup> Disponível em: <http://loja.mbl.org.br/>. Acesso em: 28 dez 2019.

<sup>183</sup> Disponível em: <http://plataforma.mbl.org.br/>. Acesso em: 28 dez 2019.



Figura 22: *Banner* publicado em 17 de abril/2017 instigando um enfrentamento entre Lula e a CUT  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Diferentemente da maioria das postagens feitas pelo MBL, em que o alvo do conteúdo produzido pode ser tanto os apoiadores quanto seguidores em potencial, nesta (Figura 22), o interlocutor imediato é um só, e ele é parte intrínseca da oposição. Diante do material atípico, ao menos duas leituras podem ser feitas: a primeira delas seria enxergar o *post* como sendo uma provocação à CUT. Ao questionar sobre a continuação do apoio e, em paralelo, afirmar que os sindicatos foram “*instrumentalizados* pelo Lula e pelo PT” (grifo meu), o objetivo do Movimento é provocar a revolta e a ira daqueles que fazem parte da organização social; no melhor dos cenários, a entidade sindical será desestabilizada em sua base, mas o MBL dispensa o seu apoio.

A segunda leitura atravessa a primeira, mas chega em um outro ponto; ao informar sobre a suposta traição do ex-presidente, o MBL estaria lançando mão de mais uma tática de engajamento, dessa vez tentando alcançar o apoio daqueles que, diante dos fatos narrados, poderiam sentir raiva do Lula e, logo, passar a negá-lo pontualmente, e à esquerda de forma mais ampla por extensão da culpa. Classificar a atitude como *ousada* tem fundamento na medida em que, sendo válida essa segunda leitura, o MBL estaria convidando para um *junte-se a nós* aqueles a quem se esforçaram por negar durante toda a sua existência; o que me leva a pensar que, independentemente de onde venha, qualquer apoio é bem-vindo ao Movimento

quando há um ambicioso projeto de poder em execução. Nesta e em outras narrativas, é possível perceber o esforço empreendido pelo grupo para que jogadas políticas do tipo não sejam vistas como simples incoerência.

Seguindo com o trabalho teórico de relacionar o medo com outras emoções e apontar variações possíveis, Jasper (2016, p. 124) acentua que um estado de choque emocional é capaz de, para além de paralisar as pessoas, despertar nelas um sentido de urgência, transformando-o em medo e indignação e, em última instância, impelindo-as à ação propriamente dita. Como temos visto ao longo deste texto, a despeito de poderem surgir ao acaso e serem posteriormente canalizados, os *choques morais* (individuais e coletivos) são também estrategicamente construídos nas narrativas do MBL, o que é facilitado com a tática de *enquadramento de culpa*. Para o mesmo autor (2016, p. 125), esse tipo de gatilho é eficaz quando nos surpreende, quando nos leva a “expressar uma emoção que anteriormente desconhecíamos”.

Diferentemente do que vimos com a narrativa anterior, a qual pretende convencer a audiência de que a *esquerda é corrupta*, aqui, é frequente a tática da comparação direta para provar ao público que *nós* somos superiores (inclusive moralmente); assim sendo, o *Outro*, violento, merece somente o nosso desprezo. Nas comparações, o MBL se afirma enquanto grupo – assumindo para si o papel de defensor da democracia – ao mesmo tempo em que se esforça para negar a esquerda política; trata-se de uma via de mão dupla interessante de ser explorada pelo Movimento. Na imagem abaixo (Figura 23), alguns *posts* que recorrem à tática da comparação e entregam à audiência uma mensagem mastigada, que demanda pouco esforço de assimilação e reduz, desse modo, as chances de interpretação distorcida (no sentido de diferente daquela objetivada pelo grupo).



Figura 23: Conjunto de publicações feitas com o objetivo de comparar e inferiorizar o *Outro* violento  
 Fonte: Fanpage do MBL

No primeiro dos *posts*, o “sem” utilizado no início de cada frase aludindo aos atos do MBL sugere, de imediato, um “com” no que diz respeito às ações da esquerda: *nós* agimos *sem* desordem; *eles* agem *com* desordem; de que lado você, observador, quer estar? Da “democracia” (que traz esperança de um futuro melhor) ou do “vandalismo” (que te amedronta)? Na terceira das postagens, o MBL e a extrema esquerda são colocados como sujeitos ativos da oração; o grupo liberal “venceu”, “começou”, “impediu”, enquanto a oposição “quebrou”, “invadiu”, “queimou”, “matou”, “depredou” (grifo meu). Além de colocar lado a lado fotografias para convencer o público da discrepância de comportamento político entre aqueles que vestem verde e amarelo e aqueles que carregam bandeiras vermelhas, o Movimento recorre a listas comparativas entre o que seria um “protesto raiz” e um “protesto mortadela”. Desse modo, textos e imagens se complementam para garantir uma

narrativa que não deixe brecha a interpretações equivocadas e que, como posto na legenda do último *banner*, são “verdades” a serem aceitas.

Ainda no esforço por diminuir determinadas organizações sociais brasileiras que mantêm pensamentos diferentes dos seus, o MBL costuma sair do contexto nacional para colocá-las lado a lado de movimentos estrangeiros, sem os devidos ajustes comparativos, na tentativa de equiparar atitudes políticas tidas como reprováveis, como mostra a legenda da imagem abaixo (Figura 24): “Charlottesville, MST, black blocks, movimento antifascistas e fascistas para nós são todos iguais!”. O MST é citado na mesma publicação em que aparece o símbolo do nazismo, o qual, ainda que deslocado do seu cenário de origem, segue mobilizando medo e indignação por continuar carregado de significados reais e aterrorizantes.



Figura 24: *Banner* publicado em 14 de agosto/2017 com o objetivo de igualar (inferiorizando) movimentos políticos nacionais e internacionais  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A essência da ideia de extensão da culpa/responsabilidade discutida anteriormente com relação à imagem de Lula volta a aparecer. Na Figura 24, o objetivo é convencer a audiência de que todos esses grupos a quem o MBL se opõe são capazes de ter atitudes cruéis e desumanas semelhantes. Já na Figura 25 e na Figura 26, a tática é fazer a audiência acreditar que se um petista agride e mata, todos os outros são capazes de recorrer à mesma atitude

quando contrariados: eles são todos iguais, por isso são ameaçadores e merecem ser negados isoladamente e em conjunto.



Figura 25: *Banner* publicado em 07 de novembro/2016 para generalizar ações da esquerda a partir de um caso pontual  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A imagem acima (Figura 25) foi publicada na *fanpage* do MBL em 7 de novembro de 2016, e na legenda o Movimento informa que o petista foi preso pelos referidos crimes quando atuava em conjunto com “outros 7 integrantes do MST”; são todos iguais e responsáveis pelos seus atos. No *post*, finalizado com a frase “sem novidades por aqui, só mais um petista preso”, o grupo disponibiliza um *link* para acesso a conteúdo da página parceira *O implicante*, que atualmente se encontra fora do ar. Na Figura 26, mais um caso de exposição da imagem de uma pessoa pública, eleita como representante do povo pelo Partido dos Trabalhadores, e que teria atitudes questionáveis, as quais, de acordo com a narrativa do MBL, poderiam ter partido de qualquer outro sujeito ligado à esquerda. Todos, sem exceção, merecem a nossa ira, medo e desprezo.



Figura 26: *Banner* publicado em 10 de fevereiro/2017 acusando vereadora petista de desequilíbrio emocional e despreparo político  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A despeito de ser mais um exemplo de ataque direto à reputação de uma pessoa ligada à esquerda – nesse caso, minimamente conhecida por ser vereadora eleita –, a postagem acima indica um recorte de gênero ao tratar eventos semelhantes de maneira um tanto diferente. O homem citado na Figura 25, suspeito de ter cometido diversos crimes, era “só mais um petista sendo preso”; já a mulher que estampa o *banner* acima (Figura 26), acusada de agressão física e verbal, é “totalmente surtada”, como diz a legenda que acompanha o conteúdo publicado em 10 de fevereiro de 2017. Ainda no *post*, o leitor pode acessar o vídeo<sup>184</sup> que provaria o ato “descontrolado” da jovem vereadora. O material tem um minuto e 22 segundos, e se inicia no momento em que um parlamentar não identificado pede para que a sessão seja suspensa, esbravejando haver um “ataque à democracia” que não será aceito. Enquanto o político segue com o pedido, a vereadora se dirige a Fernando Holiday; ao mesmo tempo, homens e mulheres presentes tentam conter sua atitude *raivosa*.

Ao longo da história, as funções delegadas aos homens e às mulheres se baseavam, em muito, na crença em uma distinção entre os gêneros quanto à capacidade de raciocinar, de controlar impulsos emocionais. A razão era vista como algo superior à emoção; por esse

<sup>184</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/watch/?v=533297226794425&\\_rdr](https://m.facebook.com/watch/?v=533297226794425&_rdr). Acesso em 29 dez. 2019.

motivo, os negócios sempre ficaram reservados ao homem, sujeito racional; enquanto ao sexo oposto restavam os rótulos de loucas, instáveis, perigosas, assim como o rotineiro diagnóstico da histeria<sup>185</sup> feminina e as consequências daí decorrentes. O distúrbio, comum e crônico, provocava sintomas – ansiedade, nervosismo, irritabilidade etc. – que, supostamente, faziam das mulheres seres incapazes de exercer controle sobre suas experiências emocionais. Com esse pano de fundo cultural, coube à mulher o espaço do lar e a função social dos cuidados com a família; era positivo, por exemplo, a presença excessiva de carga emocional no amor materno, mas a raiva, por conferir poder a quem a experencia, precisava que ser negada à figura feminina (FREVERT, 2011).

Não raro, o MBL usa os estereótipos da mulher descontrolada emocionalmente e do homem racional como ferramentas políticas. Além de redigir frases que claramente indicam um tratamento discrepante dado aos dois vereadores petistas acima expostos, no segundo caso (Figura 26), o Movimento acrescenta novos significados à publicação mediante a técnica de edição de imagem. Ao simular chamuscas espalhando ao fundo da fotografia da mulher que apresenta face ruborizada, o grupo reforça sua visão conservadora dos papéis sociais, dando continuidade à antiga tradição de afastamento de mulheres da esfera pública. Com isso, o MBL passa à audiência, no mínimo, três mensagens: a primeira delas é a de que *a esquerda é violenta*; a segunda, por sua vez, consiste na afirmação de que o sexo feminino é, de fato, descontrolado. Enquanto a jovem mulher optou pela agressão verbal e física, Fernando Holiday, homem centrado, se manteve tranquilo e pacífico.

Em síntese, acredito ser a abordagem com recorte de gênero uma posição coerente com um grupo que, como dito por alguns veículos da imprensa brasileira<sup>186</sup>, é “liberal na economia e conservador nos costumes”<sup>187</sup>. O objetivo final e maior das publicações (terceira mensagem), contudo, seria convencer o público de que *nós* somos melhores que *elas*, inclusive no que tange ao gerenciamento das nossas emoções. Em sendo superiores, somos capazes de promover mudanças que farão do Brasil um país melhor.

---

<sup>185</sup> *Histeria* vem do grego *hysterus*, que significa útero. Desde os tempos antigos, havia a ideia de que doenças mentais e descontrole emocional eram causados por problemas nesse órgão feminino; assim sendo, acreditava-se que era da natureza da mulher uma propensão ao descontrole, enquanto o homem estaria livre desse problema.

<sup>186</sup> Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/liberal-mbl-oscila-entre-o-estado-minimo-e-o-conservadorismo-moral/> Acesso em: 30 dez. 2019.

<sup>187</sup> A título de curiosidade, no quadro que o MBL nomeia *Teste do Sofá*, iniciado em junho de 2017 e veiculado no seu canal do *Youtube*, somente cinco mulheres foram convidadas a participar ao longo das 54 edições analisadas até o dia 4 de junho de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gA3iOT3ggFg&list=PLIRUVGyk5qdStEM1-mP7nW143hludMRAX&index=1>. Acesso em: 30 dez. 2019.

A tática de tentar provar a incoerência da esquerda também aparece nesta narrativa. Um dos líderes do MBL, o deputado estadual Arthur do Val<sup>188</sup>, conhecido pelo pseudônimo *Mamãe Falei*<sup>189</sup>, mantém a prática de ir a eventos da oposição para questionar pessoalmente os participantes até conseguir irritá-los e, então, registrar em vídeo as possíveis agressões simbólicas e físicas. Na postagem abaixo (Figura 27), o político *youtuber* repete a prática utilizando as imagens capturadas para deslegitimar a causa LGBT e tentar mostrar o quanto a esquerda e suas pautas são contraditórias: pregam a paz mas, dependendo de quem seja o interlocutor, agem com violência. A bandeira teria sido usada pelo manifestante como arma, e o líder do MBL teria sido “agredido sem parar pela turma ‘tolerante’”. Apesar de, no *post* feito em 13 de setembro de 2017, ser disponibilizado um *link* para acesso à íntegra do vídeo, o material encontra-se indisponível<sup>190</sup>, inviabilizando a sua análise.

---

<sup>188</sup> Quando eleito deputado estadual por São Paulo em 2018 (o segundo mais votado), Arthur do Val era filiado ao Democratas. Em novembro de 2019, no entanto, foi expulso do partido após decisão de sua Comissão Executiva Estadual diante das críticas que o parlamentar vinha fazendo à legenda. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/deputado-estadual-arthur-do-val-o-mamae-falei-e-expulso-do-dem/>. Acesso em: 29 dez. 2019.

<sup>189</sup> O pseudônimo também dá nome ao canal de Arthur do Val na plataforma *Youtube* (*Mamaefalei*), que conta com mais e 2,6 milhões de inscritos. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkSjy-IOEq-eMtarZl2uH1Q>. Acesso em: 29 dez. 2019.

<sup>190</sup> Ao tentar acessar o link, a seguinte mensagem aparece na tela “este vídeo é privado”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wsAZQMvGY0E>. Acesso em: 29 dez. 2019.



**O CARA USANDO UMA BANDEIRA LGBT COMO  
ARMA CONTRA UM MEMBRO DO MBL,  
MAS LEMBRE-SE: NÓS É QUE SOMOS OS  
FASCISTAS E ELES OS TOLERANTES.**

Figura 27: *Banner* publicado em 13 de setembro/2017 com o objetivo de deslegitimar a causa LGBT  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Mesmo enxergando o medo como principal emoção mobilizada na narrativa de que *a esquerda é violenta*, outras experiências emocionais são orquestradas pelo MBL, simultaneamente, com o objetivo final de angariar apoio para o seu projeto de poder. Nas publicações expostas abaixo (Figura 28 e Figura 29), as diferentes culpas atribuídas a atores políticos de esquerda tendem a mobilizar no observador emoções que inferiorizam o *Outro*. Há um esforço por fazer a audiência crer que os militantes esquerdistas são desumanos, incapazes de se colocar no lugar do próximo, de sentir empatia por quem quer que seja – uma pessoa acometida por doença grave ou um animal doméstico.



Figura 28: *Banner* publicado em 15 de outubro/2017 para acusar esquerdistas por atitude desumana  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A legenda da publicação acima, feita em 15 de outubro de 2017 (Figura 28), reforça o que está posto na imagem: esquerdistas haviam desejado a volta do câncer devido ao jogador botafoguense ter declarado apoio ao candidato à presidência Jair Bolsonaro (PSL); o ocorrido teria afetado o esportista a ponto de fazê-lo deletar sua conta no Instagram. Nas entrelinhas, a mensagem que o MBL pretende passar à audiência vai além, sugerindo que quem se comporta dessa forma é muito mais ameaçador do que a “onda conservadora” apontada como tal pelas “fake news”. Junto ao medo, o MBL maneja crenças para incitar o desprezo e o asco, tendo em vista que é coerente e oportuno afirmar que o sujeito que deseja uma doença a seu *semelhante* merece ser alvo de sentimentos hostis. O asco provoca a desumanização do *Outro*, o desprezo leva ao afastamento; ambas as emoções auxiliam na dinâmica de negação da figura odiosa que é a esquerda política brasileira.

A despeito do que o termo pode sugerir, o asco não está restrito à sensibilidade do corpo, posto que mantém vinculações diretas com paradigmas sociais e culturais que lhes dão sentido (MILLER, 1997). O sujeito asqueroso pode ser um moribundo, com todos os odores e

marcas físicas de sua condição; mas pode também ser alguém com atitudes moralmente reprováveis, e que fora desse contexto moral não seria capaz de, por vias semelhantes à do moribundo, despertar tal emoção. Além de incitar essa experiência emocional que afasta *do* e degrada *o outro*, o MBL faz questão de deixar claro aos seus seguidores e potenciais apoiadores o quanto eles também são, para a esquerda, “figuras abjetas”, por esse motivo é preciso um esforço contínuo para combatê-la.

Seguindo com a mesma tática de comunicação apelativa e de incitação de *choque moral*, o MBL replica em sua *fanpage* a publicação de uma mulher que narra o resgate de um filhote de gato após ele ter sido arremessado durante manifestação ocorrida em Brasília. No *link* que acompanha a publicação<sup>191</sup> (Figura 29), Aêda Cadaxa é identificada como servidora pública que se disponibilizou para divulgar o caso na internet com o intuito de conseguir ajuda para cobrir as despesas médicas, bem como alguém que pudesse adotar o filhote após possível cirurgia. Nenhuma informação sobre quem, de fato, praticou a barbaridade está posta na matéria do site *Metrópoles*. A despeito disso, na legenda da postagem o MBL faz a seguinte afirmação: “Uma crueldade sem limites. Um gato foi arremessado (!!!) durante o último ato de guerrilha da extrema-esquerda. Infelizmente, talvez ele perca a patinha”. O medo está claramente sendo incentivado, e junto dele há a incitação do desprezo. O *Outro*, aqui, é violento, sim, tenha cuidado, mas é uma violência vil, é crueldade. Portanto, é, também, inferior e, por isso, pode e deve ser eliminado.

---

<sup>191</sup> Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/gato-arremessado-durante-protesto-na-esplanada-pode-perder-a-pata/amp><https://www.metropoles.com/distrito-federal/gato-arremessado-durante-protesto-na-esplanada-pode-perder-a-pata/amp>. Acesso em: 29 dez. 2019.

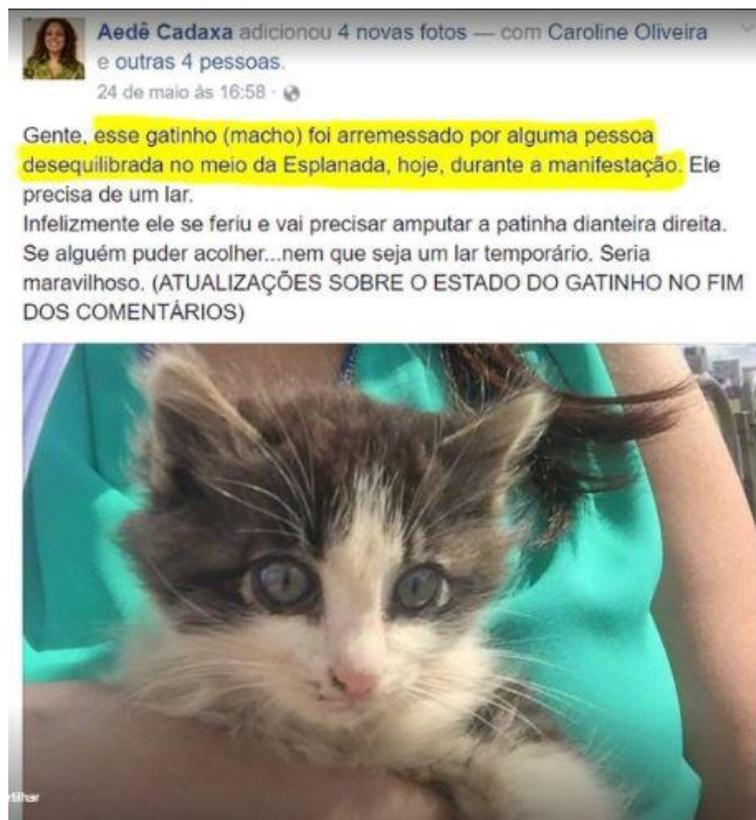


Figura 29: *Banner* publicado em 26 de maio/2017 para provar a suposta face desumana da esquerda  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Com uma só jogada, o Movimento tenta se afirmar como grupo empático e sensível diante do acontecimento trágico, bem como culpabilizar e projetar na esquerda uma imagem desumana, posto que são sujeitos que pouco se importam com o bem-estar (também) dos animais, fazendo deles arma de guerrilha. Nas entrelinhas, o MBL afirma ter sido um esquerdista o responsável pelo ato. Os militantes de extrema-esquerda não têm empatia e não merecem, em hipótese alguma, sentimento semelhante de nossa parte; se trata de mais um dos aspectos que separam o *Outro* daquilo que é o *nós*. É esse, inclusive, o eixo de sustentação da terceira narrativa que será abordada no próximo capítulo e que tem como objetivo convencer o público de que a *esquerda é oportunista* – especialmente quando se utiliza da morte de terceiros para fazer campanha política.

A observação do material coletado na *fanpage* do MBL entre novembro de 2016 e novembro de 2017 permite afirmar que as diferentes narrativas não só se cruzam, como se complementam; todas elas passando, de algum modo, pela negação da esquerda política, e nem sempre se preocupando com uma afirmação direta do *nós*. Analisar – centrada nos mecanismos retóricos acessados – as publicações que se dedicam a convencer a audiência de que *a esquerda é violenta*, vai muito além de abordar a experiência emocional do medo. Junto

a ele, o MBL maneja crenças, como vimos, para mobilizar a raiva, o desprezo, o asco, uma empatia seletiva etc., além de outras emoções que falam menos sobre o que interessa a este trabalho, e por razões metodológicas, não foram abordadas.

Na narrativa que afirma ser a esquerda violenta, vimos que as táticas da comparação e do uso de imagens e textos apelativos se sobressaem. Notamos também que os culpados diretos deixaram de ser Lula e Dilma e passaram a ser os militantes da “extrema-esquerda” – especialmente os sindicalistas “pelegos” que vivem de “mamata”. É coerente pensar que o ataque a tais atores políticos serve ao enfraquecimento de mais um dos pilares que sustentam a oposição. Sendo assim, podemos enxergar como jogada estratégica esse tipo de trégua dada aos ex-presidentes que personificam a esquerda brasileira e que, como veremos a seguir, voltam a ser os alvos imediatos do MBL.

## 5- A cruzada antiesquerda em duas frentes narrativas factuais: oportunismo e doutrinação

Todo movimento social possui pautas que deram sentido à sua criação e que seguem guiando o seu trabalho por longos períodos; como corpos políticos dinâmicos, tendem a agregar novas ideias na medida em que enxergam necessidade de atualização. Na parte inicial desta tese, discuti como, no caso do MBL, alguns assuntos se juntaram às abordagens recorrentes acerca do liberalismo econômico e da corrupção. Essa soma de novos temas à agenda, como dito, se deu em uma lógica de *guerra cultural* (HUNTER, 1991), servindo à permanência e ao protagonismo do Movimento. Em um texto que busca examinar *posts* do MBL publicados entre setembro e outubro de 2018 – tendo como pano de fundo as eleições presidenciais –, Prado e Prates (2019) categorizam as publicações coletadas entre aquelas que compõem o discurso principal do grupo e aquelas que derivam de ajustes e interpretações dos fatos pelo ator político em questão.

O primeiro bloco de *postagens*, que os autores dizem servir a um trabalho de longa duração de “instauração de uma plataforma discursiva”, tem suas publicações classificadas como *cotidianas*. O segundo bloco, com *posts* nomeados de *factuais*, “atua para homologar os sentidos do background previamente construído” (PRADO e PRATES, 2019, p. 03). Pensando tal classificação, optei pela estratégia metodológica de separar as quatro narrativas exploradas nesta tese, de modo que cada um dos capítulos finais fosse dedicado a duas delas. Primeiro, como já exposto, discuti as histórias narradas de que *a esquerda é corrupta e violenta*; mais adiante tratarei das afirmações de que esse grupo político é *oportunista e doutrinador*.

A despeito de acessar a classificação pensada por Prado e Prates (2019), considero importante esclarecer que enquanto os autores estão falando de *publicações*, eu estou tratando de *narrativas*; logo, precisei me apropriar da ideia e ajustá-la de modo que se tornasse coerente ao meu trabalho. Ao afirmar que as duas narrativas exploradas no capítulo 4 são *cotidianas*, quero com isso dizer que, no recorte de tempo definido para a análise, tais narrativas se apresentaram como algo que vinha se desenhando desde antes, que faz parte da plataforma discursiva do MBL. Os eventos que aconteceram ao longo desse período foram explorados pelo grupo para alimentar o seu discurso principal e, conseqüentemente, não permitir que determinadas emoções deixassem de ser sentidas com relação ao *Outro* que precisa ser negado.

Do mesmo modo, quando classifico as narrativas que serão abordadas neste quinto capítulo como sendo *factuais*, estou indicando que, no *corpus* observado, elas ganharam forma a partir de eventos específicos, e são eles que guiam a minha análise. A afirmação de que *a esquerda é oportunista*, como veremos, está amplamente fundada no caso da morte da ex-primeira-dama Marisa Letícia – de acordo com o MBL, o acontecimento foi usado como palanque político por Lula. Já a narrativa que afirma ser a esquerda doutrinadora ganhou forma, especialmente, graças aos desdobramentos do programa *Escola sem Partido*.

Se as postagens cotidianas servem à construção de uma plataforma discursiva própria, as *factuais* atuam para validar essa plataforma (PRADO e PRATES, 2019). Com base no *corpus* por mim analisado, eu diria ainda que determinadas pautas que surgem a partir de eventos específicos passam facilmente a compor o grupo dos temas cotidianos na paisagem de *guerra cultural* na qual o MBL está imerso. Ao fim, parece válido pensar que a todas elas está reservado algo de rotina e de novidade; o que possibilita diferenciá-las é a lente (momento da observação) usada pelo examinador. Entre novembro de 2016 e novembro de 2017, por exemplo, o assunto da doutrinação ainda estava vinculado à emergência de eventos específicos, hoje, posso afirmá-lo como temática chave de atuação do MBL. O que era, no tempo da observação, um discurso construído em torno de um evento específico (*factual*), agora pode ser visto, pois, como parte da plataforma discursiva do Movimento.

No próximo tópico, apresento a narrativa *factual* que tenta convencer a audiência de que *a esquerda é oportunista*, logo, merece ser alvo de sentimentos hostis, os quais guiam o observador no sentido de afastamento do objeto de sua emoção. No caso da morte de Marisa Letícia, a frase de ordem é: a eles, todo o nosso desprezo (e nenhuma empatia). Para manter vivo o seu projeto de poder, cabe ao MBL manejar crenças e mobilizar tais emoções estratégica e ininterruptamente, fazendo com que a esquerda seja negada em uma dinâmica que precisa manter equilibrados urgência e controle (ANJOS, 2019), como veremos ao longo deste capítulo final.

## 5.1- A esquerda é oportunista, trate com desprezo

De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, *oportunismo* seria a “acomodação e aproveitamento das circunstâncias para se chegar mais facilmente a algum resultado” (FERREIRA, 2004). Apesar de nesse significado não haver carga semântica estritamente pejorativa, é mais comum que usemos a palavra para tratar do que o *Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*<sup>192</sup> define como sendo uma “prática de conduta adotada por indivíduo que, visando poder e vantagens, acomoda-se ou aproveita-se dos fatos e circunstâncias, *sacrificando princípios morais*”, ou ainda em alusão a “procedimento ou conduta de quem, para vencer rapidamente na vida, faz *uso de métodos desleais e inescrupulosos*” (grifos meus). É exatamente nesse sentido pejorativo que o MBL aposta quando constrói a narrativa de que *a esquerda é oportunista* e, logo, precisa ser negada.

Como já indicado, abordarei tal narrativa a partir, especialmente, de publicações que envolvem a morte de Marisa Letícia Lula da Silva e o suposto uso político do acontecimento por parte de seu marido. No recorte de tempo estabelecido para a coleta de dados desta pesquisa, o conteúdo era visto como factual, tendo sido ajustado e apropriado pelo MBL para que pudesse endossar a plataforma discursiva do Movimento. A primeira postagem (Figura 30) registrada na *fanpage* do grupo acerca do assunto traz uma foto de Marisa Letícia e o anúncio do falecimento; na legenda, consta unicamente a informação de que a família já havia autorizado o procedimento para a doação de órgãos.

---

<sup>192</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/oportunismo/>. Acesso em: 01 jan. 2020.



Figura 30: *Banner* publicado em 02 de fevereiro/2017 para noticiar a morte de Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A ex-primeira-dama faleceu aos 66 anos, vítima de uma trombose venosa profunda, e o ocorrido exaltou os ânimos dos brasileiros. Apesar de sua militância, Marisa sempre optou por se manter afastada dos holofotes<sup>193</sup>. Mas, de maneira contraditória, o seu falecimento foi tratado pela imprensa e por diferentes atores sociais como um verdadeiro espetáculo da política nacional. Nesse cenário, dois polos se destacaram como parte de uma batalha de sentidos que alimentava os tribunais *on-line* (FREIRE FILHO, 2014): de um lado estavam aqueles que se compadeciam da dor da família; de outro, os que construía e alimentavam uma narrativa de desprezo e ódio ao enxergar a morte e o momento do velório como, dentro dos limites possíveis, uma estratégia política do ex-presidente Lula para recuperar posições perdidas.

Diante das possibilidades analíticas encontradas no Facebook, limites metodológicos precisaram ser estabelecidos para garantir a exequibilidade da pesquisa. Alguns dados quantitativos – como o número de interações registradas em cada postagem –, e outros qualitativos – a exemplo dos comentários feitos nas publicações – ficaram de fora das análises. Ao oferecer uma arquitetura em que observadores podem comentar os *posts* feitos

<sup>193</sup> Mais informações sobre a trajetória política de Marisa Letícia. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38841398>. Acesso em: 24 jan. 2020.

nas *fanpages*, o Facebook, enquanto *dispositivo interacional* (BRAGA *et al*, 2017), garante as condições de possibilidade para que se dê a construção de narrativas paralelas mediante processos comunicativos que envolvem diferentes sujeitos. Assim sendo, abro aqui uma exceção metodológica por considerar relevante expor o comentário proibitivo que o MBL fez em sua própria publicação (uma espécie de extensão da legenda) – “Não aceitaremos comentários desrespeitosos nesse *post*” –, bem como a resposta imediata de um dos seguidores da página<sup>194</sup>:

Não desejamos a morte de ninguém! Porém se o Lula tivesse morrido na década de 90 milhões hoje poderiam estar vivos! Bandidos desgraçados, mataram milhões e ainda matam! Ela morreu no melhor hospital do Brasil, junto dos melhores médicos, e o resto do povo? Na fila, na maca, no corredor... sem nenhum atendimento, mas pq? Pq o PT e aliados roubaram tudo!!! Tem dó? Eu não, dó eu tenho de quem tem 50, 60, 70%... de chance de viver, se tivesse atendimento de qualidade! Não de quem teve tudo isso e tirou a oportunidade de quem poderia ter!

No comentário, o mesmo seguidor que começa em um tom pacífico, afirmando não desejar a morte de ninguém, segue sua *fala* culpabilizando Lula pela morte de 90 milhões de pessoas. Ao usar o rótulo de “bandidos desgraçados”, observe que ele o faz no plural, estendendo a culpa e deixando claro que esse grupo – neste caso, formado pelo “PT e aliados” – continua sendo uma ameaça: “mataram milhões e ainda matam” (tenha medo). Bastante alinhado ao que o MBL faz em suas táticas comunicativas, o seguidor recorre à comparação para afirmar que o sucesso de Lula, de Marisa, dos esquerdistas e de seus aliados de um modo geral é imerecido (se indigne), que eles são os culpados por diversos males deliberados que afligem o brasileiro (sinta raiva). Ele não tem dó de Marisa Letícia, e sugere que ninguém mais o tenha; a empatia possível pela perda irreparável do *Outro* é totalmente dispensada.

Comportando-se de maneira tão incoerente quanto o seguidor responsável pelo comentário acima exposto, o MBL diz que não irá aceitar *falas* desrespeitosas com relação à morte de Marisa Letícia e, ao menos aparentemente, nada faz para impedi-las de circular naquele espaço sobre o qual o grupo tem total controle de exclusão daquilo que não convém, e inclusive, recorre a esse tipo de controle sempre que considera válido. Nas mais de 220 respostas diretas dadas ao comentário proibitivo do Movimento, existem aquelas registradas somente para corroborar com o que disse o grupo, bem como aquelas que debocham da

---

<sup>194</sup> A primeira resposta que apareceu no momento em que foi feito o *print* da imagem para compor o banco de dados da tese.

mensagem e a desobedecem, respondendo com alegações cruéis que alimentam um discurso de ódio em torno, notadamente, de Lula e de sua esposa falecida.

Quem se atreve a se deixar afetar minimamente com a morte da ex-primeira-dama, por sua vez, assume o risco de ser confrontado por aqueles que, até então, foram convencidos pelo próprio MBL de que a esquerda merece todos os sentimentos hostis possíveis, independentemente da situação. O preço de quebrar as *regras da comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2007) é pago, inclusive, pelo próprio MBL – o maior interessado e entusiasta dessa comunidade. Uma das respostas dadas ao comentário do Movimento sugere, de maneira debochada, que o MBL vá até o velório, pegue o caixão “e pode levar pra sua casa”; várias outras são mais diretas e usam palavras grosseiras para acusar o grupo de estar sendo incoerente e, até, injusto, tendo em vista que vários *cidadãos de bem* morrem diariamente em hospitais totalmente desestruturados, enquanto a ex-primeira-dama, esquerdista, teria tido tratamento de luxo no Sírio Libanês.

Fato é que, antes mesmo do anúncio oficial do falecimento, feito às 18h57 do dia 03 de fevereiro de 2017, acusações sobre o oportunismo do ex-presidente Lula e de aliados políticos no leito de morte da sua esposa já ocupavam manchetes e ditavam a ordem do dia nas postagens que multiplicavam em progressão geométrica em redes sociais como Facebook e Twitter – cumpre frisar, não só nos perfis do MBL. O discurso acalorado<sup>195</sup> feito por Luiz Inácio Lula da Silva no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, palco da militância do casal e onde foi velado o corpo de Marisa Letícia, foi o estopim para a construção dessa narrativa específica marcada pelo fomento do ódio e notória ausência de empatia.

No dia 5 de fevereiro de 2017, o MBL fez uma sequência de publicações com falas de atores estratégicos – todos eles masculinos – se referindo ao comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia. Como veremos a seguir, os pronunciamentos têm em comum o objetivo central de rebaixar a imagem do ex-presidente a um patamar menos humano, indigno de emoções que poderiam ajudá-lo a amenizar a dor neste momento de perda. Na Figura 31, Kim Kataguiri, líder do Movimento e deputado federal pelo DEM, convida a audiência a “ficar sempre em alerta”, uma vez que quem é capaz de agir de modo totalmente questionável diante da morte da própria esposa, “é capaz de tudo”. Na legenda da postagem, o MBL reforça que politizar a referida morte é algo “repugnante”.

---

<sup>195</sup> O discurso foi feito em 4 de fevereiro de 2017 e pode ser acessado, na íntegra, no canal do YouTube do Partido dos Trabalhadores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ywOt0XmgfGk>. Acesso em: 14 jan. 2020.



Figura 31: *Banner* publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração de Kim Kataguirí acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Se a fala de Kataguirí claramente objetiva manejar crenças para despertar o medo no observador, a breve legenda que acompanha a publicação indica que o mesmo objeto que nos amedronta merece, também, o nosso desprezo e abjeção. Miller (1997) compara tais experiências emocionais evidenciando o quão peculiar é o nojo. O autor explica que, enquanto o temor carrega consigo a ideia primeira de fuga, a abjeção demanda algo mais: ao afastamento se soma a necessidade de purificação. Isso porque há uma espécie de imposição do objeto repulsivo ao sujeito enojado; é como se tal objeto oferecesse o perigo constante de contaminação, tendo a capacidade “mágica” de invadir e perdurar caso nada seja feito – por essa razão, é preciso negar e desmontar a esquerda política.

Com relação ao nojo e ao desprezo, Miller (1997) defende que essas emoções figuram lado a lado como experiências emocionais hierarquizantes, todavia, também possuem características que as diferenciam. Se o desprezo permite que falemos de modulações e gradações (de cima para baixo, de baixo para cima, mais ou menos intenso), o nojo traz em seu idioma a ideia extremista de *tudo* ou *nada*, *puro* ou *impuro*. Para o sujeito enojado, o objeto causador nunca passará despercebido. Quanto ao desprezo, esse mesmo objeto pode se apresentar ao indivíduo da emoção como indiferente (quase invisível) ou, ainda, despertar

certa benevolência a partir da sua posição de inferioridade – o que o MBL se empenha para que, ao somar o desprezo a outros sentimentos hostis, jamais aconteça.

No caso aqui analisado, não há invisibilidade ou benevolência, mas, sim, o que Miller (1997) nomeia de *desprezo para baixo*. No contato com seus opositores – Lula e a esquerda de um modo geral –, o MBL os projeta para um lugar de inferioridade mediante um rebaixamento em termos morais e éticos de suas imagens; em paralelo, atribui a si o *status* de ator político superior. Desse modo, na dinâmica de engajamento empreendida pelo grupo, é válido pensar que a incitação do desprezo – junto a tantas outras emoções – seria um passo para a construção da figura abjeta que, como tal, despertará o nojo na audiência. Em sendo um sentimento moral, o nojo indica que o ser abjeto pode apresentar desvio de caráter, impureza ou risco de alguma espécie (MILLER, 1997), logo, deve ser temido e combatido.

Na Figura 32 e na Figura 33, as falas tratam de suposta psicopatia do ex-presidente. Se a patologização do comportamento, em outro cenário, poderia servir à defesa do responsável pelo “ato doentio”, aqui, ela é utilizada para, uma vez mais, atacar a imagem e diminuir o capital político do petista. Na legenda da primeira publicação (Figura 32), o MBL diz estar o Brasil “chocado com a psicopatia de Lula”, e disponibiliza um *link* para acesso à página do *Jornal Livre*, veículo direitista que entrevistou Augusto de Franco<sup>196</sup> e que, atualmente, se encontra fora do ar. Interessante frisar que o diagnóstico não é dado por um profissional da área médica, mas pelo referido “escritor, palestrante e consultor” estudioso da democracia e das redes sociais. Ao afirmar que a atitude do ex-presidente é algo “pavoroso”, Franco se junta, pois, a Kataguiri, colaborando para a construção da crença de que Lula é uma ameaça real.

---

<sup>196</sup> “Augusto de Franco é escritor, palestrante e consultor. É o criador e um dos netweavers [o conceito atualiza a noção de networking; está focado na ideia de que relações humanas garantem muito mais que amizades comerciais de curto prazo] da Escola-de-Redes; uma rede de pessoas dedicadas à investigação sobre redes sociais e à criação e transferência de tecnologias de netweaving. É autor de várias dezenas de livros e textos sobre desenvolvimento local, capital social, democracia e redes sociais. Augusto de Franco não possui qualquer título, certificado ou diploma escolar ou acadêmico (e mesmo se ainda possuísse, como defensor da desescolarização da sociedade, se recusaria a apresentá-los)”. Disponível em: <http://escoladeredes.net/group/bibliotecaaugustodefranco/page/quem-e-augusto-de-franco>. Acesso em: 02 jan. 2019.



Figura 32: *Banner* publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração de Augusto de Franco acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Como já discutido, os *especialistas* são atores estratégicos para os movimentos sociais contemporâneos. Devido ao lugar de fala que ocupam, quando se pronunciam tais atores conferem autoridade ao que é dito pelos grupos socialmente organizados. Para a audiência, funciona como se o discurso tivesse passado por uma espécie de filtro de validação. O caso acima é um exemplo da forma como o MBL se utiliza desses atores em mais uma tática de comunicação que visa manejar determinadas famílias de crenças para mobilizar as emoções correspondentes. A lógica é: se a nossa fala, por si só, não possui autoridade suficiente para convencer àqueles que são os nossos interlocutores, recorreremos aos *especialistas* e, com isso, diminuimos as possibilidades de questionamentos.

Nesse debate, algumas perguntas emergem: quem são os sujeitos autorizados a *produzir verdades* (convenientes) no campo discursivo do MBL? O que confere autoridade a esses sujeitos? O *corpus* desta pesquisa indica que a resposta para tais questionamentos aponta sempre em direção a atores que são legitimados por se engajarem em veículos jornalísticos (incluindo blogs) de direita, não dependendo de títulos acadêmicos e/ou validação externa. A validação do próprio Movimento, por si só, elege o discurso como

dotado de importância e expertise. Desse modo, é pertinente pensar que a autoridade dos sujeitos apresentados como sendo especialistas é, em grande parte das vezes, autorreferenciada nos veículos de direita e no discurso do próprio MBL. No caso específico de Augusto Franco, há ainda a clara recusa a outros títulos e espaços externos de validação social.

A postagem abaixo (Figura 33) segue com a ideia de patologização do comportamento de Lula, tratada na legenda como sendo uma “monstruosidade” de um “psicopata insaciável”. O ator estratégico da vez, que teve a sua voz emprestada ao MBL, é deputado federal pelo Partido Social Cristão (PSC) e aliado político do Movimento. Assim como no caso anteriormente exposto, não parece pertinente pensar que o político tenha propriedade para diagnosticar o ex-presidente como sendo psicopata. A lógica é a mesma: ao mesmo tempo em que recorre a discursos externos para validar seus posicionamentos, o MBL tem construído um processo diferente de legitimação de autoridades, baseado em outras referências de *saber* e de quem está autorizado a falar – algo que, a longo prazo, poderá enfraquecer as estruturas sociais que envolvem a ideia de discurso de autoridade.

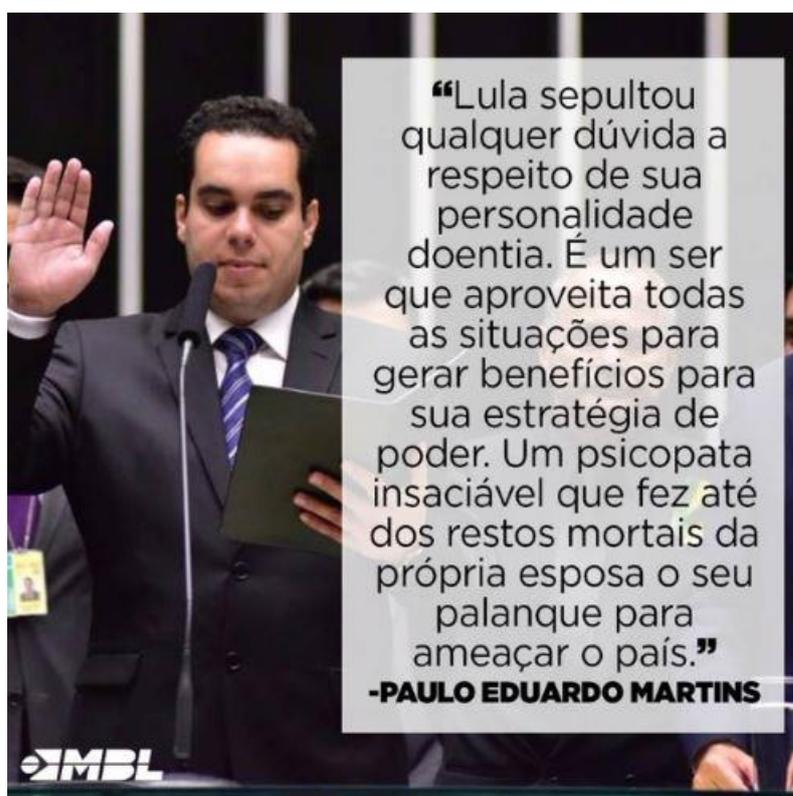


Figura 33: *Banner* publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração do deputado Paulo Eduardo Martins acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A ideia de repugnância explorada na Figura 31 e a afirmação de que Lula fez “dos *restos mortais* da própria esposa o palanque para ameaçar o país” (grifo meu), ao fim, convidam o observador a experimentar a mesma emoção: o nojo. Os termos utilizados na fala de Paulo Eduardo Martins, por si só, provocam certa ojeriza; quando lidos no devido contexto, o observador tende a sentir uma repulsa que se desloca de algo ligado ao corpo – despertado pela imagem de *restos mortais* – e adentra no campo da moral. Ao dispor as palavras tal como o fez, o deputado federal mescla duas figuras de linguagem que entregam a informação para o público de modo mais assertivo em prol da eficácia do manejo de crenças: a *hipérbole*, que alude a exageros (“psicopata insaciável”), e a *perífrase*, que diz respeito à substituição de uma palavra por uma expressão que a identifique (morte por “restos mortais”).

A última das quatro publicações padrão que foram feitas em sequência pelo MBL no dia 5 de fevereiro de 2017 (Figura 34) traz mais uma fala acusatória, dessa vez do governador do estado de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM). Na legenda da postagem, o MBL soma à declaração do ator estratégico a afirmação de ter sido o comportamento do ex-presidente “um ato de monstruosidade ímpar”. Ao colocar lado a lado a família e a pátria como alvos das ações desmedidas de Lula, ao mesmo tempo em que separa o esposo de Marisa Letícia (patriarca) do ex-presidente do Brasil (político), Caiado trata de atacar e diminuir ambas as faces. O parlamentar acusa Lula, ainda, de tentar “inverter os papéis” projetando em terceiros a culpa do que ele mesmo havia provocado. Ao final da fala, uma declaração – em destaque – para provar a superioridade moral de quem consegue se preocupar com a família do opositor: “Lula, se não consegue respeitar o Brasil, respeite ao menos sua família!”.

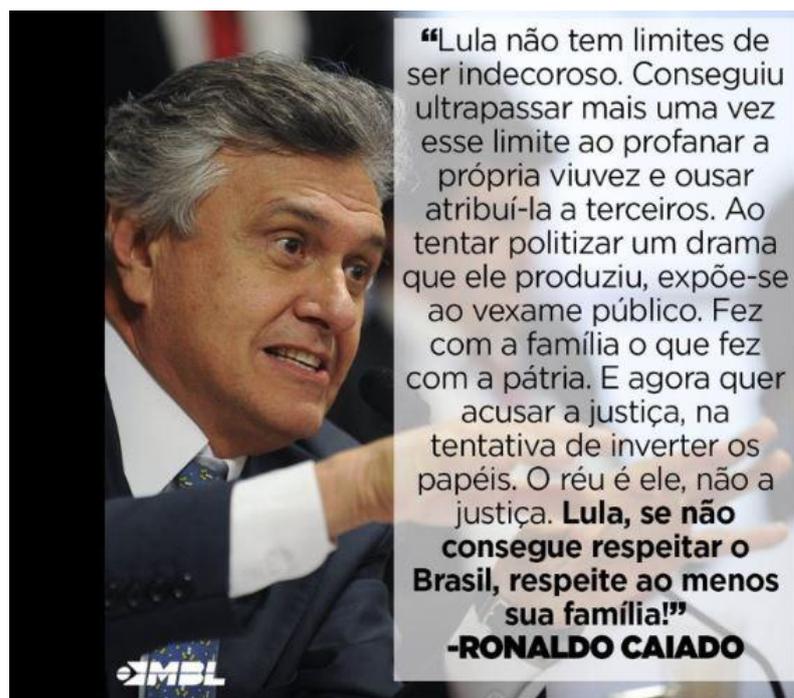


Figura 34: *Banner* publicado em 05 de fevereiro/2017 com declaração do governador Ronaldo Caiado acerca do comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Na publicação abaixo (Figura 35), que segue alinhada ao objetivo central das quatro anteriores (Figura 31 à Figura 34), o MBL replica um *tweet* da jornalista e comentarista de política do *Estadão*, Vera Magalhães. O conteúdo se diferencia dos demais já expostos por fugir da estética padrão – *box* com declaração entre aspas e foto do enunciador – e por recorrer ao humor<sup>197</sup> (ácido) em vez de usar algum tipo de *argumento de autoridade* no ataque ao ex-presidente. Por outro lado, o tom em muito se assemelha ao utilizado em outras publicações, o que me leva a pensar que poderia ser uma frase explorada pela “equipe memeira” do grupo caso ela não tivesse partido de um ator estratégico – nesse exemplo, pessoa pública e que ocupa cargo relevante em um grande veículo midiático<sup>198</sup>.

<sup>197</sup> Cumpre frisar que, a despeito de aqui o uso do humor ter sido uma exceção, esse tipo de abordagem comunicativa é bastante explorada pelo MBL em suas publicações.

<sup>198</sup> A relação do MBL com a imprensa de um modo geral é um capítulo à parte, sobre o qual comentarei no último tópico deste texto.

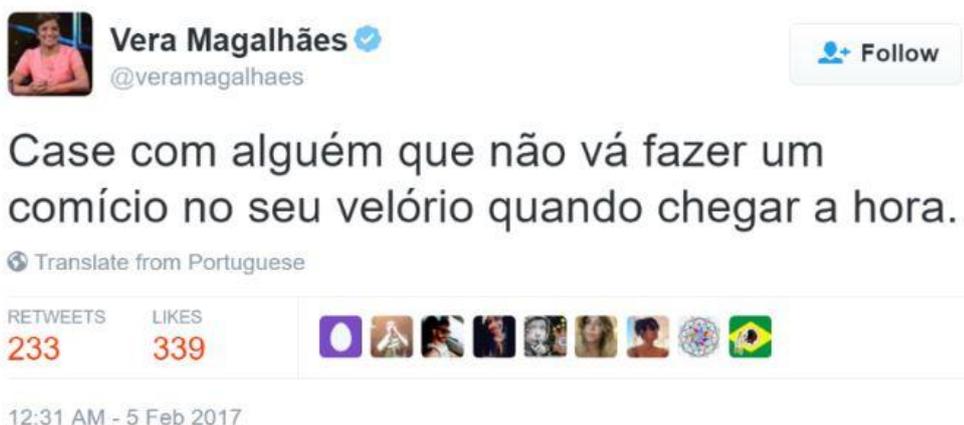


Figura 35: Fala replicada de um ator estratégico da imprensa em alusão ao comportamento de Lula diante da morte de Marisa Letícia, em 05 de fevereiro/2017  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Pensando a totalidade dos cinco *posts* já comentados nos quais o MBL se utilizou de atores estratégicos, a imagem de Lula é *vendida* à audiência como sendo um sujeito moralmente reprovável, que tem atitudes dignas de uma figura abjeta, desumana, e que, por consequência, merece e deve ser negada. A mensagem transmitida é: diferentemente *deles*, somos os donos da moral e dos bons costumes, junte-se a *nós*! Como veremos mais adiante, se o grupo político deu sinais de que pretendia poupar a imagem de Marisa Letícia durante o acontecimento de sua morte, o mesmo não fez, em momento algum, com o ex-presidente Lula; a ele, fica reservada a negação de toda e qualquer empatia.

Por toda sua trajetória política junto ao Partido dos Trabalhadores, Lula é visto como a personificação da sigla. O PT, por sua vez, é o maior representante da esquerda política no Brasil. Seja nesta ou nas outras narrativas aqui analisadas, os ataques dirigidos a Lula são pensados para que se estendam ao grupo político como um todo; da mesma forma que as investidas direcionadas a outros atores esquerdistas têm como finalidade última atingir o ex-presidente, uma vez que derrubá-lo significa, para o MBL, desmontar a esquerda. Sendo assim, imagens e textos que são estampados com outros nomes – como é o caso da Figura 36 – não sugerem mudança de estratégia do MBL; são movimentos táticos necessários para que diferentes pilares também possam ser enfraquecidos no processo de derrubada já mencionado.



Figura 36: *Banner* publicado em 05 de fevereiro/2017 acusando a deputada Luiza Erundina de comportamento oportunista semelhante ao de Lula

Fonte: *Fanpage* do MBL

Luiza Erundina é filiada ao PSOL e Deputada Federal pelo Estado de São Paulo. Devido à sua trajetória política alinhada à esquerda, não raro é alvo de investidas por parte do MBL. Na Figura 36, publicada também em 5 de fevereiro, podemos ver como o grupo tenta aproximar a imagem da militante à de Lula, de modo que a audiência os julgue pelos seus atos moralmente reprováveis e os rebaixe a um patamar de sujeitos desumanos, interessados em *fazer política* acima de tudo e de todos: “mais uma figura de esquerda sendo baixa como o sistema que defende”. Em consonância com a legenda do *banner*, a imagem da deputada é exposta em tons avermelhados que aludem à cor do Partido do Trabalhadores, o “câncer” deste país – como claramente dito no vídeo *Nós somos o MBL*. Para atacar o *Outro*, é melhor que ele seja apresentado como homogêneo, a despeito de todas as diferenças que existem dentro de qualquer alinhamento político.

Se na narrativa anteriormente analisada – *a esquerda é violenta* – Lula deixou de ser o alvo principal e imediato dos ataques desferidos pelo grupo, aqui, ele volta a ocupar tal posição. Uma vez mais é possível perceber que a afirmação do *nós* fica em segundo plano; virá em decorrência da negação do *Outro* e do desmonte de todo o seu capital político. No dia 6 de fevereiro de 2017, ainda embalado pelos ânimos que agitaram o acontecimento, o MBL



Não por acaso, a imagem do ex-presidente foi pintada com certo destaque para uma gordura que salta aos olhos. Em uma sociedade gordofóbica, representar Lula com esse corpo que transborda literalmente, que é incontável, auxilia no objetivo maior de gerar uma espécie de asco moral no público. A Figura 37 expõe uma ocasião oportuna em que o MBL incita o asco ao ex-presidente a partir de duas frentes que se mostram complementares, uma de ordem física/corporal (pela gordura excessiva e aparente, que foge ao padrão do corpo belo imposto pela sociedade), e outra de ordem moral (pelo argumento de que o político, oportunista, engana o cidadão brasileiro ao pregar o apoio aos pobres, enquanto vive na riqueza e na abundância).

Como temos visto até aqui, houve uma concentração de energia por parte do MBL para, a partir do ocorrido com a ex-primeira-dama, convencer seguidores e apoiadores em potencial do quanto *a esquerda é oportunista* e composta por sujeitos que não medem esforços quando o que está em jogo é o seu capital político. Dessa maneira, o MBL incita o *desprezo para baixo* (MILLER, 1997) enquanto trabalha na construção de uma figura abjeta e odiosa. Para não deixar brechas a apelos emocionais vindos dos seus opositores, o grupo precisa fazer a audiência crer que o objeto do desprezo não merece empatia nem mesmo em um momento de dor pela perda irreparável de alguém querido, e o faz esvaziando o significado dessa perda.

Hume (2013, p. 76-77) explica que “nenhuma paixão, quando bem representada, pode ser-nos inteiramente indiferente, porque não há nenhuma da qual cada pessoa já não tenha dentro de si pelo menos as sementes e os primeiros princípios”. Contudo, a seu favor o MBL conta com o fato de que a simpatia que temos para com pessoas distantes de nós é muito mais sutil que aquela que sentimos com relação a pessoas próximas e imediatas (HUME, 2013). Considerando que o termo distante diz respeito não necessariamente a questões espaciais, abrangendo também questões ideológicas, no contexto político em que se insere a morte de Marisa Letícia, o Movimento agiu taticamente para reforçar, em sua narrativa, as diferenças políticas que separam o *nós* do *Outro*. Com isso busca impedir que os *seus* possam empaticamente se colocar no lugar do ex-presidente, compartilhando da dor do luto.

Passado o acontecimento, a atitude de Lula diante da morte da esposa foi resgatada pelo MBL ao longo do ano, fazendo com que a narrativa de que *a esquerda é oportunista* não perdesse força. Uma observação holística do *corpus* permite pensar que ao MBL importava somar essa narrativa a todas as outras para construir, sem falhas, a figura odiosa de Lula e, desse modo, negar a esquerda brasileira, preparando o terreno para, gradativamente, engajar

novos seguidores ao projeto político da oposição que se apresentava como promessa de mudança. Nos meses que se seguiram à morte de Marisa Letícia, o dito oportunismo do petista foi lembrado por diversas vezes nas redes sociais do MBL; em alguns momentos, sem motivo específico, em outros, aludindo às declarações dadas pelo ex-presidente durante seus depoimentos à justiça.

Na Figura 38, publicada em maio de 2017, o MBL se utiliza do humor comum à sua retórica para lembrar ao público do acontecimento que deu densidade à narrativa de que *a esquerda é oportunista*. Para fazer chacota do fato de Lula ter citado o nome de Marisa quando questionado pela justiça acerca do seu patrimônio, o grupo expõe um exemplar do trabalho de sua “equipe memeira”: uma edição de imagem em que a face de Lula com um sorriso algo debochado está claramente sobreposta ao corpo de uma outra pessoa – a que teria inspirado o meme original<sup>199</sup>.

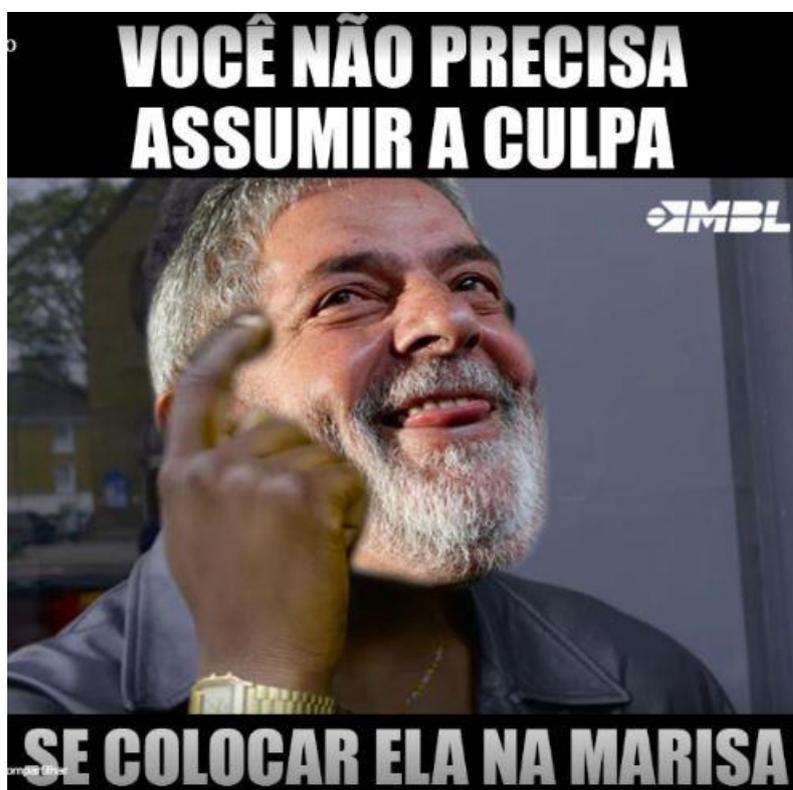


Figura 38: Meme publicado em 15 de maio de 2017 em alusão aos depoimentos dados por Lula à Justiça Federal  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Ao deslocar a fotografia do contexto original e aplicá-la em outro pano de fundo, por se tratar de um meme, a ideia é mesmo esvaziar o seu sentido primário e ressignificá-la para

<sup>199</sup> Disponível em: <https://me.me/i/very-smart-black-guy-meme-generator-d00ea5ce2c9041e0b4bce2a8eb241e86>. Acesso em: 03 jan 2019.

atender ao objetivo de quem o idealizou. Ao considerar o referido meme inserido na narrativa de que *a esquerda é oportunista*, é coerente afirmar que, neste caso, o objetivo que está por trás da *brincadeira* seria convencer a audiência de que Lula não tem escrúpulos: ele fez a morte da esposa de palanque político, culpou terceiros indevidamente, e ainda ri de tudo isso. O maior enganado é você, que continua acreditando nesse sujeito desprezível. Aqui volta também o argumento da esperteza: o ex-presidente seria um sujeito oportunista, que tenta se dar bem em qualquer situação, mesmo que necessite passar por cima de valores morais.

Os bens do casal, como mostra a Figura 39, também são assunto válido para o ataque ao ex-presidente. Na narrativa, um dos objetivos é passar a mensagem de que Lula usou do cargo público da presidência para roubar sem impedimentos – “como será que juntaram tanta grana?”. A postagem feita na *fanpage* do Movimento em outubro de 2017 expõe uma aparente contradição. O MBL iniciou sua abordagem alegando não aceitar “comentários” desrespeitosos com relação à morte da ex-primeira-dama; antes de qualquer condenação legal, o grupo condenou Lula moralmente por aludir à esposa falecida em determinadas situações; mas foram eles mesmos os atores políticos que, passados oito meses do falecimento, não hesitaram em colocar lado a lado as imagens do ex-presidente e de sua esposa para indagar acerca do patrimônio somado pelo casal. Assim, projetaram culpa, também, em uma pessoa morta, manejando a crença do sucesso imerecido do *Outro* e incitando no público indignação.



Figura 39: *Banner* publicado em 16 de outubro/2017 questionando a origem dos bens somados por Lula e Marisa Letícia  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Para compor a postagem, o MBL recorre a um link de matéria veiculada pela revista *Época200* – em que são listados itens do patrimônio do casal – e vai além do que ali está exposto. Na lógica de negar a esquerda, o grupo constrói taticamente uma acusação e lança ao público um questionamento, sugerindo que o valor foi alcançado de maneira ilícita, e a maior vítima é você, cidadão de bem. Ao destacar o montante, o Movimento sugere, ainda, que a cifra – “em apartamentos, carros e investimentos” – foi acumulada ao longo de anos, o que mobiliza o ressentimento com relação aos governos petistas.

São vários os movimentos táticos que sustentam a estratégia maior de angariar apoio político mediante o manejo de crenças e a consequente mobilização de emoções. Uma dessas táticas – percebida mais ou menos sutilmente em todas as narrativas analisadas nesta tese – consiste em deixar claro à audiência quem compõe o nós e quem faz parte do Outro, reforçando a inferioridade moral e intelectual desses (que merecem ser alvo de sentimentos hostis) e a superioridade daqueles. Assim como o MBL tenta convencer o público de que há uma espécie de compartilhamento de culpa entre as partes envolvidas na mais frágil das

<sup>200</sup> Disponível em: <https://epoca.globo.com/politica/expresso/noticia/2017/10/inventario-de-marisa-leticia-patrimonio-declarado-do-casal-lula-da-silva-e-de-r-117-milhoes.html>. Acesso em: 03 jan. 2019.

alianças políticas<sup>201</sup>, ao destacar os grandes nomes que compõem o nós, o Movimento sugere uma partilha de mérito e de reputação ilibada.

Não por acaso a figura do juiz Sérgio Moro é estratégica na composição das narrativas pensadas pelo MBL para negar o *Outro*. Ao ser visto por grande parte dos brasileiros como herói que tem trabalhado incansavelmente para salvar a pátria da corrupção que a assola, exemplo de retidão e seriedade, é oportuno que o Movimento o encaixe no grupo que faz oposição à esquerda, como mostra a Figura 40. A imagem abaixo, além de tentar provar a incoerência de Lula, reforça o argumento de que o ex-presidente e Sérgio Moro são lados opostos de uma mesma batalha, combatentes que representam, respectivamente, o mal e o bem, o errado e o certo, o raivoso e o equilibrado, a velha política e a nova política.



Figura 40: *Banner* publicado em 15 de setembro/2017 sugerindo a incoerência de Lula e os lugares opostos ocupados por ele e pelo juiz Sérgio Moro

Fonte: *Fanpage* do MBL

Diferentemente de várias outras publicações em que o MBL apresenta, sem rodeios, os referidos nomes como sendo opositores diretos (Figura 40), nessa o Movimento é um pouco mais sutil – textualmente falando – ao passar tal mensagem. A edição das cores e fotografias escolhidas corroboram com a ideia de oposição: a imagem de Lula, com um gesto

<sup>201</sup> Ver Figura 11 no capítulo 4, tópico 4.1.

autoritário, é sobreposta a um fundo vermelho, cor que alude ao Partido dos Trabalhadores. A fotografia de Moro, por sua vez, é projetada sobre o azul para demarcar a diferença e a negação da esquerda; sua face, em consonância, demonstra certo desdém quanto à fala de seu inimigo. Pensando no contexto em que se insere tal postagem, não há dúvidas quanto a quem é o “vilão” e quem é o “mocinho” da história narrada.

Na Figura 41, o MBL une ficção e realidade ao publicar imagens de combates entre personagens de três diferentes produções audiovisuais, e entre o ex-presidente Lula e o juiz Sérgio Moro. Da esquerda para a direita, são expostas as representações do bem e do mal em *Dragon Ball Z* (Goku versus Freeza), *O Fantástico Jaspion* (Jaspion versus MacGaren) e *Harry Potter* (Harry Potter versus Lord Voldemort). Na quarta e última parte da publicação, o Movimento alimenta na audiência a noção de que, também na realidade do Brasil contemporâneo, existe um combate em curso: o bem seria a justiça, representada pela figura do juiz; o mal, o ex-presidente Lula, réu em diferentes processos.



Figura 41: *Banner* publicado em 03 de março/2017 recorrendo a personagens fictícios para reforçar a oposição entre Lula e Sérgio Moro  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A análise do *corpus* desta pesquisa deixou evidente o quanto a oposição da qual trata a Figura 41 é explorada pelo MBL – inclusive de modo contraditório – em diversas narrativas

paralelas que moldam e sustentam o discurso central do Movimento. Assim sendo, o conteúdo demanda um exame mais tópic e aprofundado que a abordagem longitudinal pensada para esta tese, o que tenho a pretensão de desenvolver em um trabalho posterior, explorando os mitos construídos em torno desses dois nomes públicos em uma paisagem cultural marcada pela *celebritização* (DRIESENS, 2014) de diferentes esferas sociais.

Como já indicado em algumas partes do texto, a despeito de todo o esforço por *vender* a imagem de coerência, não são raros os momentos em que o MBL se contradiz na exposição de suas falas. Por vezes, é possível perceber que a suposta contradição é, na realidade, um movimento tático que pode trazer resultados positivos a ponto de ser mais estratégico assumir o risco da acusação de comportamento incoerente e hipócrita dentro de sua própria *comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2007), como vimos com relação à Figura 30 explorada no início deste capítulo. A narrativa que sustenta este tópico é, toda ela, contraditória. Ao mesmo tempo em que o MBL condena a instrumentalização política da morte de Marisa Letícia por parte de Lula e de seus aliados, o Movimento se utiliza do ocorrido para negar a esquerda e, assim, angariar apoio de potenciais seguidores que foram afetados pelo choque moral calculadamente mobilizado em torno do acontecimento.

Mesmo que, em alguns momentos, o MBL tenha sido vítima de um *tribunal de cólera* (FREIRE FILHO, 2014) formado dentro da *comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2007) que o próprio grupo incentivou, o esforço maior não se deu no sentido de amenizar o possível desgaste daí decorrente, mas, sim, em continuar manejando a crença de que Lula e os que fazem a esquerda de um modo geral são figuras abjetas, que merecem ser odiadas e combatidas, como mostra a publicação abaixo (Figura 42).



Figura 42: *Banner* publicado em 28 de agosto/2017 resgatando a acusação de oportunismo no comportamento de Lula  
Fonte: *Fanpage* do MBL

A postagem acima foi feita em 28 de agosto de 2017, tendo se passado mais de seis meses da morte de Marisa Letícia. O conteúdo seguiu acompanhado da seguinte legenda: “lamentável a atitude deste homem”. Além da clara reprovação do comportamento do ex-presidente, o MBL afirma, sem delongas e em destaque, que Lula é um sujeito “nojento”. Como discutido anteriormente, ao conseguir fixar rótulos nos objetos de nossas emoções, tendemos a direcionar a eles todos aqueles sentimentos condizentes com a sua imagem (AHMED, 2014); a figura nojenta merece nossa abjeção, assim como a odiosa, todo o nosso ódio. Como mostra a publicação acima (Figura 42), para que não haja grandes variações no ritmo de engajamento e mobilização política, o MBL não hesita em quebrar a cronologia dos eventos e recuperá-los quando nada mais houver de factual a ser explorado.

Até aqui, vimos por meio de três grandes frentes narrativas – *a esquerda é corrupta, é violenta e é oportunista* – o esforço empreendido pelo MBL para fazer com que tais marcas (*sticky*) pudessem aderir às superfícies corporais de seus opositores. Para encerrar essa abordagem, apresentarei abaixo a última das quatro narrativas que, dentro do período analisado, enxerguei como sendo as mais relevantes ao protagonismo político do Movimento. Assim sendo, ao tratar da *esquerda doutrinadora* busco mostrar como, mediante a exploração

dessas crenças de modo simultâneo e circular, O MBL deseja alcançar, por fim, a incitação do ódio em direção ao seu inimigo maior, a esquerda política.

## 5.2- A esquerda é doutrinadora, a ela nada menos que o ódio

Não por acaso o ódio é uma das emoções centrais na dinâmica de engajamento da qual trato nesta tese. Para Aristóteles (2000, p. 29), ele é *persistente e expansivo* na medida em que possui caráter irremediável e pode existir em direção a grupos inteiros com os quais o sujeito da emoção sequer teve contato um dia. Se ao objeto da nossa raiva desejamos a dor, àqueles a quem odiamos o sofrimento não é suficiente; com relação a esses, ainda de acordo com o filósofo, esperamos mesmo que “desapareçam”. Como temos visto até aqui, ao MBL não basta que a esquerda sofra; a experiência dolorosa, por si só, não serviria à diminuição drástica de seu capital político. É preciso que ela seja derrubada, de maneira a deixar o caminho menos obstruído à execução do projeto de poder do Movimento.

No exame da narrativa que diz ser a esquerda doutrinadora, a incitação do ódio se destaca frente a outras experiências emocionais. Assim como no tópico anterior, a narrativa aqui abordada se volta para eventos específicos, os quais enxergo como catalisadores no processo de transformação dos temas factuais em parte da plataforma discursiva do Movimento (PRADO e PRATES, 2019). Nesse sentido, me dedico especialmente a discutir o manejo de crenças e a mobilização de emoções tendo como pano de fundo desdobramentos do *Programa Escola sem Partido* registrados no intervalo de tempo que vai de novembro de 2016 a novembro de 2017.

O Programa em questão<sup>202</sup> foi idealizado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib a partir da desconfiança de que sua filha adolescente estava sendo doutrinada por um professor de história. Trata-se de um movimento político que, à época, contava com duas frentes de atuação: o anteprojeto de lei chamado *Programa Escola sem Partido*, e a associação da qual faziam parte indivíduos preocupados com, segundo palavras do próprio Nagib, “o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras” agravado por um “exército de militantes travestidos de professores”<sup>203</sup>. Em um estágio mais avançado, a ideia do advogado deu origem ao *Projeto de Lei 7180/2014*, o qual inclui entre os princípios do ensino “o respeito às convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis, dando precedência aos valores de ordem familiar sobre a educação escolar nos aspectos relacionados à educação moral,

---

<sup>202</sup> Disponível em: <http://escolasempartido.org/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

<sup>203</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/entenda-o-que-propoe-o-programa-escola-sem-partido/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

sexual e religiosa”<sup>204</sup>. Assim sendo, a mensagem central da narrativa consiste em: doutrinando, a esquerda rouba de *você* o direito de ensinar valores essenciais, e age para desvirtuar o *seu filho*, contaminando-os enquanto vítimas, até então, puras.

Aqui, bem como na narrativa de que *a esquerda é violenta*, Lula deixa de ser o alvo imediato das investidas do MBL. A grande maioria das publicações feitas na *fanpage* do Movimento afirmam de modo assertivo a responsabilidade dos professores na doutrinação dos alunos; se assim agem, é porque tais profissionais são esquerdistas. A postagem abaixo (Figura 43), feita em 7 de novembro de 2016, utiliza fotografias de crianças no ambiente escolar – sem que seja sobreposta qualquer tarja para não identificá-las – expondo cartazes e rostos pintados em um protesto contra a aprovação da PEC 241<sup>205</sup>. Na legenda, os professores são sujeitos ativos da oração, enquanto os alunos, figuras passivas que estão sendo instrumentalizadas: “A forma como esses professores têm utilizado essas crianças é algo criminoso”. Há um esforço para se passar a ideia de uma grande ameaça contra vítimas indefesas.



Figura 43: *Banner* publicado em 07 de novembro/2016 tratando ironicamente o tema da doutrinação nas escolas

Fonte: *Fanpage* do MBL

<sup>204</sup> Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=606722>. Acesso em: 12 jan. 2020.

<sup>205</sup> A PEC 241 propõe o congelamento de gastos públicos de modo que eles sejam ajustados não mais de acordo com a arrecadação, mas conforme a inflação do ano anterior. A medida, que vale por dez anos e pode ser prorrogada por mais dez, afetaria diretamente áreas fundamentais como saúde, educação e políticas sociais.

Na Figura 43, o “eles” a que o texto se refere é a esquerda política de um modo geral, a quem é atribuído o interesse pela doutrinação. Ao MBL cabe o esforço por convencer a audiência de que essa é uma via moralmente reprovável a ser cruzada para se alcançar aquilo que se deseja, e o *seu filho* deve estar sendo vítima desse comportamento sem escrúpulos, ainda que *você* não tenha percebido. Na publicação abaixo (Figura 44), feita em 12 de novembro de 2016, o Movimento recorre a uma imagem retirada da série de animação norte-americana *The Simpsons*<sup>206</sup> para esclarecer como, em tese, funciona a doutrinação nas escolas. A explicação está na legenda que acompanha e complementa a mensagem transmitida por meio do meme: “Como funciona a doutrinação nas escolas? Da mesma forma que todo argumento da esquerda. ‘Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade’”.

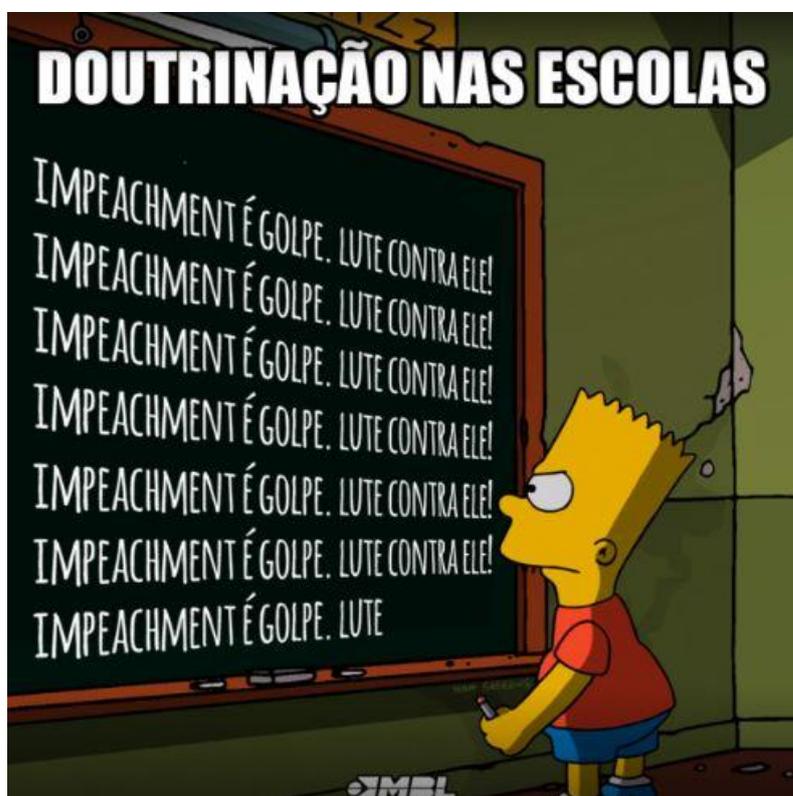


Figura 44: Imagem publicada em 12 de novembro/2016 ressignificando cena de desenho animado para acusar a esquerda de doutrinação

Fonte: *Fanpage* do MBL

<sup>206</sup> A mesma imagem é amplamente utilizada como pano de fundo para diferentes memes, bastando que haja a edição do conteúdo escrito na lousa pelo personagem Bart Simpson. Alguns sites, inclusive, facilitam a mudança da frase. Disponível em: <http://gaveta-virtual.blogspot.com/2010/06/escreva-na-lousa-de-bart-simpson.html>. Acesso em: 05 jan. 2020.

Com a publicação acima, o MBL tenta convencer a audiência de que a esquerda vai enganar o povo brasileiro em qualquer que seja a ocasião, recorrendo, para tanto, à criação de *verdades* oportunas, as quais, de acordo com a narrativa, são totalmente contestáveis e insustentáveis. Nessa linha tática, a todo tempo o grupo alerta acerca do perigo iminente de você, *cidadão de bem*, ser usurpado do direito de educar o seu próprio filho, destacando as possíveis consequências dessa falta de controle: em um futuro próximo, aquele que você gerou e cuidou pode enxergá-lo como inimigo. Os alertas também aparecem em forma de convite para participar de atos políticos realizados pelo Movimento, como mostram os exemplos abaixo (Figura 45 e Figura 46).



Figura 45: *Banner* publicado em 15 de agosto/2017 para convocar o público a participar de ato em defesa do projeto Escola sem Partido  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Pensando a plataforma discursiva do movimento, é pertinente afirmar que com a expressão utilizada no *banner* acima (Figura 45), o MBL age ao menos em duas frentes. A primeira delas é convencer a audiência de que, doutrinando livremente nos ambientes escolares, a esquerda corrupta, violenta e oportunista conseguirá impor suas próprias regras, desrespeitando a vontade dos pais – o que inclui, mas não se resume a posicionamento político ideológico. A segunda frente se apresenta como uma solução parcial ao problema

possível da primeira, que pode não se concretizar caso você, observador que se sente ameaçado, apoie a causa se juntando a *nós* – nas redes e nas ruas. Desse modo, para além de servir à negação direta da esquerda, trata-se, também, de uma tática para alcançar apoio à aprovação do projeto de lei *Escola sem Partido*.

Na Figura 46, o MBL recorre a uma outra estratégia argumentativa para convencer o público a participar da “Marcha pelo Escola sem Partido”, agendada para acontecer em todo o Brasil no dia 15 de agosto de 2017. Mesmo sem utilizar imagens de suas próprias manifestações, o grupo trata de demarcar a separação entre o *nós* e o *Outro*. Nessa lógica, primeiro expõe fotografias de protestos da esquerda (que, observe, não flagram nada além de manifestações pacíficas), afirmando diretamente que “esta é a juventude do PSOL defendendo doutrinação”; em paralelo, comunica à audiência que o *nós*, enquanto oposição, é diferente e superior – seguimos na luta incansável pelo respeito à moral e aos bons costumes.

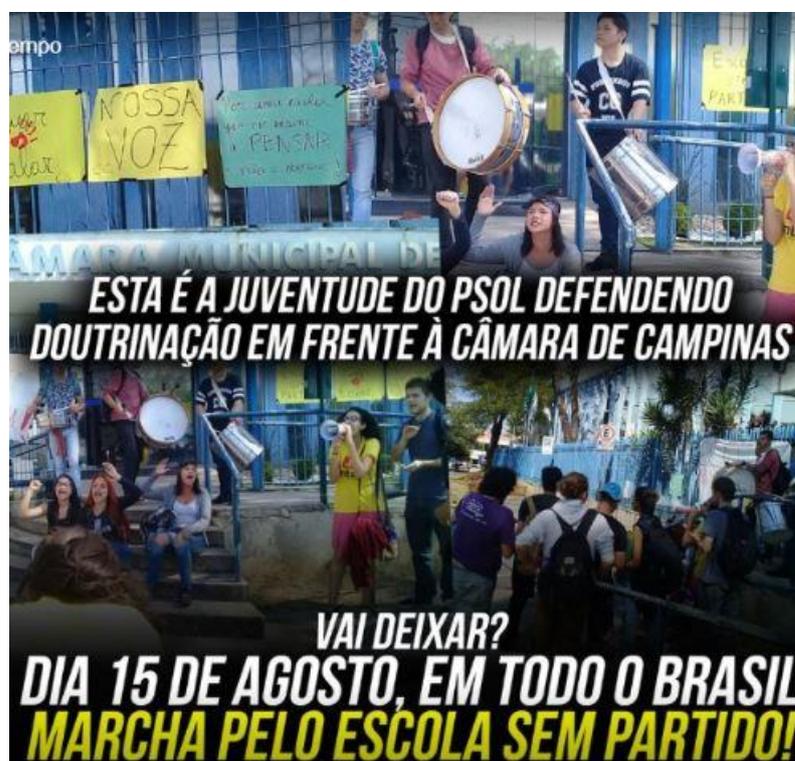


Figura 46: *Banner* publicado em 11 de agosto/2017 que se utiliza de uma acusação para estimular o público a participar da “Marcha pelo Escola sem Partido”

Fonte: *Fanpage* do MBL

Uma outra tática amplamente explorada pelo MBL consiste em utilizar suas publicações para indicar transferências de responsabilidade e de culpa, o que incitaria a ação política. No caso acima (Figura 46), ao indagar o observador se ele “vai deixar” que isso siga acontecendo, o questionamento, tal como é feito, transpassa simultaneamente a esse

observador a responsabilidade de agir no presente para combater o mal, bem como a culpa futura caso o objetivo não seja alcançado. Com lideranças bem definidas e um modelo de organização bastante vertical e descendente – que foge, em muito, de certo padrão organizativo dos movimentos sociais contemporâneos, imersos na lógica das redes, do *espaço dos fluxos* etc (CASTELLS, 2017) –, a transferência de responsabilidade à qual me refiro não adentra ao campo da tomada de decisões propriamente dita.

Em diálogo com a Figura 46, o *banner* exposto abaixo (Figura 47) faz o mesmo questionamento ao observador, todavia, expõe os rostos de parlamentares de esquerda – Gleise Hoffmann (PT), Jandira Feghali (PCdoB), Jean Wyllys (PSOL) e Lindberg Farias (PT) – rotineiramente atacados pelo MBL para que a audiência possa ligar os pontos e assimilar o perigo que há caso escolha nada fazer diante da suposta doutrinação. A imagem em algo se assemelha aos cartazes policiais de “procura-se”, incentivando a perseguição daqueles que são vistos como inimigos. No texto, em vez de afirmar que os referidos políticos são contra o projeto de lei *Escola sem Partido*, o Movimento opta por destacar que eles são “a favor de que ‘professores’ continuem doutrinando seus filhos” (grifo meu).



Figura 47: *Banner* publicado em 14 de agosto/2017 identificando figuras políticas que, supostamente, agem para facilitar a doutrinação dos “seus filhos”

Fonte: *Fanpage* do MBL

Os vilões aqui deixam de ser unicamente os professores – diminuídos com o uso de aspas – e passam a ser, também, os parlamentares esquerdistas; as vítimas, por seu turno, continuam sendo os filhos do *cidadão de bem* – sujeitos indefesos e que necessitam de serem protegidos, o que só depende da sua decisão por apoiar a nossa causa. Observe como, seja nas entrelinhas ou de modo mais direto, o MBL tenta a todo tempo provocar o interlocutor mediante um contato que simula proximidade – “*você vai deixar?*”, “*seu filho*”, “*sua decisão*” etc – e preocupação – nós estamos lutando para combater este mal.

Igualmente ao que foi percebido em outras narrativas, o grupo recorre a declarações dadas por atores estratégicos com o objetivo de garantir densidade ao seu argumento (Figura 48 e Figura 49). No entanto, a determinação de quem pode ou não assumir esse papel se afasta, como dito, da essência daquilo que nomeamos *discurso de autoridade*. Os critérios que investem determinados sujeitos de suposta expertise são outros, uma vez que essa atribuição de autoridade dispensa determinados sistemas de validação externa – como é o caso de formação técnica específica – e é autorreferenciada nos veículos de direita e nos enunciados do próprio Movimento.



Figura 48: *Banner* publicado em 17 de abril/2017 com declaração de Fernando Holiday acerca dos papéis da escola e da família na educação de uma criança  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Com as falas expostas na Figura 48 e na Figura 49, o MBL pretende oferecer algo a mais para que a audiência seja convencida de que esquerda é doutrinadora (vilã) e você é a vítima (real ou em potencial). No *banner* acima (Figura 48), o líder do Movimento e deputado pelo estado de São Paulo, Fernando Holiday (DEM), imerso na lógica de *guerra cultural* (HUNTER, 1991), desloca, sem deixar vestígios, o tema da educação para o campo da moralidade.

Em sua declaração destacada no *box*, Holiday fala aquilo que querem ouvir os defensores da “tradicional família brasileira”, recorrendo, para tanto, a uma tática que imita as regras do mercado de oferta e demanda. Na legenda da postagem feita em 17 de abril de 2017, o MBL explica que o deputado se disponibilizou a “acompanhar de perto” o cotidiano de escolas da rede pública municipal de São Paulo e, por essa razão, sofreu diversos ataques. Na visita às escolas, ele havia se deparado com “docentes e demais adeptos dessa técnica suja que é a doutrinação ideológica que visa tirar das crianças e jovens o direito de aprender um conteúdo programático de qualidade para serem transformados em militância política”.

Em um curto fragmento de texto o Movimento consegue aludir ao idioma do asco (“técnica suja”), reafirmando a face impura da esquerda; reforçar o caráter pejorativo de uma expressão amplamente explorada na narrativa que aqui analiso (“doutrinação ideológica”); e sugerir que o direito de aprender está sendo roubado das crianças e jovens, os quais, como massa de manobra, são ainda “transformados em militância política”. Uma vez mais o MBL sugere que essas crianças e jovens, alvos da doutrinação esquerdista, são sujeitos completamente passivos e incapazes de desenvolver qualquer pensamento crítico e/ou comportamento de autodefesa.

Diferentemente de outras pautas defendidas pelo grupo, nesta, o que está em jogo é a formação intelectual e moral de crianças – ameaçada pelo “aparelhamento das escolas e universidades pela esquerda populista” (Figura 49) –, fator que, para além de inflamar sujeitos já engajados em causas antiesquerda, enxergo como sendo capaz de sensibilizar pessoas as quais, em um cenário diferente, não sentiriam medo, raiva, nem qualquer outro sentimento hostil com relação a esse grupo político. Nesse sentido, diante da narrativa de que esquerdistas agem doutrinando seres que não possuem capacidade de mínima defesa, não basta a esse grupo vingança imaginada ou dor passageira, mas, sim, *apagamento* político.

O caráter expansivo do ódio serve ao MBL para que a emoção seja direcionada não somente aos ditos professores doutrinadores, mas à esquerda de um modo geral. É pertinente pensar, também, que essa experiência emocional, graças a seus aspectos perene e

irremediável, configura-se como o principal fator de incitação do Movimento. Na medida em que a esquerda se torna figura odiosa, não há volta para o sujeito que assim a enxerga e experiencia essa emoção; daí em diante a estratégia é manter o ódio ativo e mobilizá-lo em novos indivíduos, de modo que se tornem maioria e sejam capazes de, ao menos quantitativamente, desmontar a esquerda enfraquecendo o seu capital político.

Por analogia, é como se, a cada vez que o MBL conseguisse manejar crenças e mobilizar o ódio em uma pessoa, ele estivesse cruzando a linha de chegada de uma longa corrida em que fortes oponentes estiveram competindo. No percurso, diferentes obstáculos precisaram ser superados, e em cada um deles o Movimento agiu taticamente, conseguindo incitar variadas emoções que, somadas, servem à construção da figura odiosa e à consequente negação da esquerda política. Ainda assim, não notamos em publicações feitas na *fanpage* do grupo uma incitação direta e literal do ódio em si, isso porque, mesmo que esteja de acordo com as regras morais da comunidade emocional, é comum que o ódio seja “raramente reivindicado – devido a sua carga negativa, é preferível dissimulá-lo, escondê-lo ou ressignificá-lo como mero sentimento de justiça, reação equilibrada a um dano” (CHAVAUD E GAUSSOT, 2008 *apud* ANJOS, 2019, p. 45).

O *banner* abaixo (Figura 49) pode ser lido como uma tentativa dessa ressignificação do ódio como reação equilibrada. A imagem e a legenda não deixam claro o que seria esse “enfrentar” e esse “lutar”, mas passam a ideia de que existe uma ameaça real e muito grave, abrindo espaço para uma aversão ilimitada por parte do seu público. Recuperando a discussão sobre o uso de atores estratégicos, ainda na Figura 49, Luís Felipe Pondé, referência intelectual e parceiro de longas datas do MBL, inclui as universidades entre os espaços em que a “esquerda populista” age para doutrinar. Se você não quer ser vítima desse grupo, a legenda afirma que “definitivamente temos que lutar contra isso”.



Figura 49: *Banner* publicado em 16 de maio/2017 com declaração de Luiz Felipe Pondé acerca do “aparelhamento das universidades pela esquerda populista”

Fonte: *Fanpage* do MBL

Na mesma linha do *banner* acima (Figura 49), há toda uma gama de materiais produzidos pelo MBL que recorrem a imagens de pichações, protestos e, até mesmo, avaliações escolares para expor à audiência a dita face doutrinadora da esquerda. Na Figura 50, na Figura 51 e na Figura 52, o MBL recorre à tática de apresentar supostas provas materiais para validar o seu argumento e, além de negar a esquerda de um modo amplo, desmerecer especificamente as instituições públicas de ensino superior – um projeto de desmonte de um sistema de validação de indivíduos, discursos e práticas.

Na legenda que compõe a Figura 50, o MBL resume a sua fala a uma expressão que indica desconfiança – “hmmmm” –, e disponibiliza um *link* para acesso a matéria do portal de notícias *GI*<sup>207</sup> em que o leitor pode visualizar mais detalhes sobre o ocorrido. O (quase) silêncio na referida legenda é também uma tática retórica bastante utilizada pelo grupo; para Mateus (2018, p. 232) a opção por nada dizer sempre comunica algo, seja “hesitação, ignorância, provocação” etc. Tendo certeza de que apoiadores em potencial conhecem minimamente o seu posicionamento, logo, não irão interpretar o conteúdo de maneira

<sup>207</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/universitarios-sao-presos-suspeitos-de-trafico-dentro-do-alojamento-da-usp-sao-carlos.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2020.

equivocada, por vezes o MBL deixa que o leitor *tire as suas próprias conclusões*. Essa *falsa liberdade* dada ao observador é momentânea e estratégica, posto que, havendo coincidência entre os pensamentos, esse tenderá a ver coerência nas ações do ator político – o que auxilia em uma possível aproximação e posterior engajamento.



Figura 50: Imagem publicada em 22 de abril/2017 para ratificar a narrativa de que as universidades públicas são territórios férteis para comportamentos imorais  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Ao compartilhar notícia que trata da presença de drogas em uma universidade pública, o MBL generaliza o ocorrido e tenta manejar crenças que mobilizem o medo em torno do ambiente em que o seu filho irá estudar. A mensagem comunicada à audiência é a de que, nos bancos universitários, os estudantes são doutrinados e corrompidos pela esquerda, o que os leva a comportamentos ilegais e moralmente reprováveis. Em publicações posteriores, ao completar a narrativa expondo determinados acontecimentos como sendo consequência direta da doutrinação, o grupo incita o ódio no interlocutor na medida em que o convence de que tudo isso é imperdoável: um serviço público que deveria ser de qualidade – pago pelo cidadão através e impostos obrigatórios – está completamente afetado e contaminado graças a atitudes deliberadas da esquerda política.

Com a Figura 51, o MBL dá continuidade à narrativa iniciada na postagem que trata da presença de drogas na USP de São Carlos, e auxilia no esclarecimento do que eu quis dizer com falsa liberdade *momentânea* oferecida. Foi só uma questão de tempo para que o grupo deixasse claro o seu posicionamento – como o faz na referida publicação – e já não oferecesse mais tal liberdade ao leitor. Como dito, ela é, além de momentânea, falsa e estratégica, utilizada na busca por engajar novos atores políticos à causa.



Figura 51: *Banner* publicado em 22 de julho/2017 alinhado à narrativa de que a universidade pública é lugar de balbúrdia, motivo da queda em termos qualitativos

Fonte: *Fanpage* do MBL

Ao expor a informação de que “A USP perde posto de melhor universidade da América Latina”, o grupo valida a mensagem comunicada por meio do *post* anterior, e dá mais um passo rumo ao convencimento do público quanto às consequências da doutrinação: “por que será?”, “É muita militância pra pouco estudo”. Como não convém, não há informação sobre a fonte da notícia, nem há a preocupação com que o subtítulo fique visível – “Foram avaliadas 81 universidades da América Latina, sendo que, das 10 melhores, o Brasil marca presença com cinco instituições” – tendo em vista que ele enfraquece o argumento.

No *banner* abaixo (Figura 52), o MBL expõe uma questão<sup>208</sup> de prova utilizada em um processo seletivo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para reafirmar sua narrativa de que existe doutrinação nas universidades. Nesse caso, foi conveniente ao grupo apresentar a origem do conteúdo, uma vez que a matéria veiculada pelo jornal *Gazeta do Povo* gira em torno da afirmação de que a prova “exaltava Lula”, logo, deveria ser revista. Esse alinhamento entre o MBL e a imprensa, todavia, não é regra; como bem destacam Prado e Prates (2019, p 17): “a imprensa não diz a verdade, a não ser que esta esteja submetida ao regime de verdade construído pelo próprio MBL”. No material analisado, é possível perceber certa alternância entre o uso da imprensa como ator estratégico validador das *verdades* expostas ao público, e a acusação de que ela seja tendenciosa por beneficiar a esquerda política. Trata-se, portanto, de uma tática que tem como medida a conveniência.

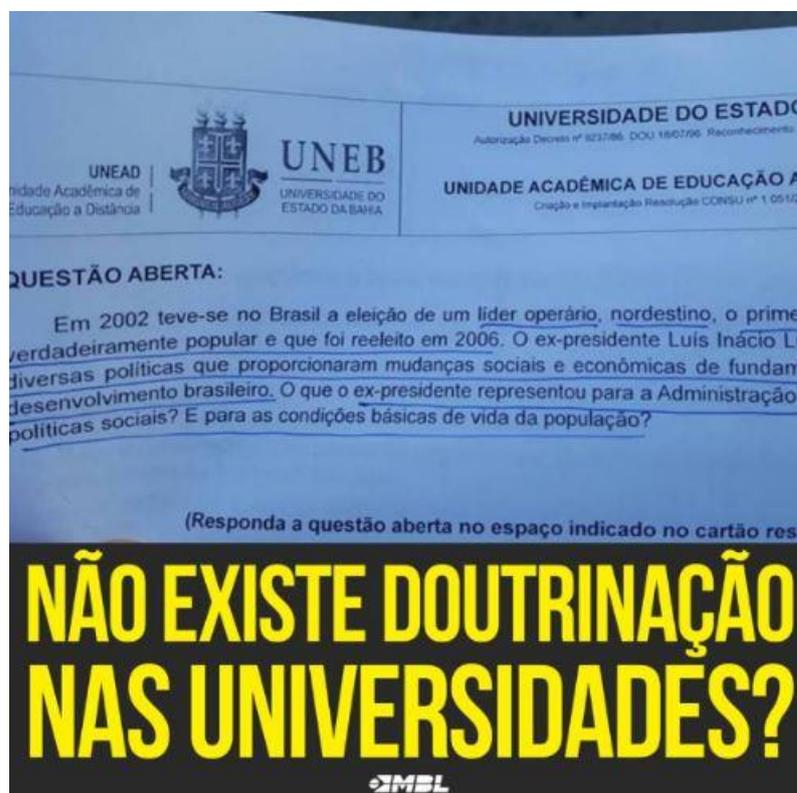


Figura 52: Imagem publicada em 26 de outubro/2017 como prova material da existência de doutrinação nas universidades públicas

Fonte: *Fanpage* do MBL

<sup>208</sup> Íntegra da questão citada na postagem: “Em 2002 teve-se no Brasil a eleição de um líder operário, nordestino, o primeiro presidente verdadeiramente popular e que foi reeleito em 2006. O ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva implementou diversas políticas que proporcionaram mudanças sociais e econômicas de fundamental importância para o desenvolvimento brasileiro. O que o ex-presidente representou para a Administração Pública do país? Para as políticas sociais? E para as condições básicas de vida da população?”

Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/universidade-anula-questao-de-prova-que-exaltava-lula-b3etua99xv3x19v319w9a1t4k/>. Acesso: 08 jan 2019.

De acordo com a narrativa, as universidades, assim como as escolas, são ambientes ocupados pela esquerda doutrinadora. Ao adentrar nessas instituições, o sujeito passa a ser mais um artefato de uma linha de produção voltada para a montagem de militantes, como sugere a imagem abaixo (Figura 53) postada na *fanpage* do MBL em 30 de agosto de 2017, e de autoria não identificada. A esteira da fábrica, mais que *montar* jovens desvirtuados, atuaria também como destruidora de sonhos – seus e dos seus filhos –, tudo isso patrocinado por atores políticos que fazem a esquerda no Brasil: PT, PSOL e UNE. Assim sendo, o Movimento tenta incitar o ódio provando-o como reação justa diante dos danos reais e imaginados causados de maneira deliberada por esse grupo político; seria, pois, um “mero sentimento de justiça” (CHAVAUD e GAUSSOT, 2008 *apud* ANJOS, 2019, p. 45).



Figura 53: Imagem publicada em 30 de agosto/2017 identificando a universidade pública brasileira como máquina de desvirtuar quem nela ingressa  
Fonte: *Fanpage* do MBL

Se aplicarmos os pensamentos de Stuart Hall (2003) ao caso aqui analisado, desconstruímos de imediato a noção de que os estudantes sejam sujeitos passivos na dinâmica de recepção das informações. Para Hall, ao entrar em contato com a mensagem emitida, o receptor tem a capacidade de realizar três tipos de leituras, de aceitação, de negação e de negociação. Sendo assim, ainda que os estudantes possam se deparar com “professores doutrinadores”, isso não garante que eles sejam, por consequência, doutrinados, tendo em vista que, ao receber as informações, podem tanto assimilá-las e aceitá-las, concordando

totalmente com o que foi dito; quanto negá-las, uma vez que ocorra discordância de pensamentos; havendo, ainda, a possibilidade de o receptor considerar a informação parcialmente aceitável e assim *negociar* em que termos irá tomá-la como verdade. Cumpre frisar que ao MBL interessa esse esforço por construir a figura do “professor doutrinador” e projetar uniformidade nessa imagem: aquele que tem como regra estar situado à esquerda.

Ainda pensando a teoria de Hall (2003) e enxergando o receptor como sujeito ativo, é coerente afirmar que, desse modo, o MBL precisa construir argumentos consistentes para que as leituras sejam, em sua grande maioria, de aceitação – o que facilita o manejo de crenças realizado pelo grupo visando angariar apoio político. Ao disseminar as narrativas de que *a esquerda é corrupta, violenta, oportunista e doutrinadora*, é preciso que o MBL se esforce, também, para que elas cheguem ao público sem muitos ruídos de comunicação que possam interferir no tipo de leitura da mensagem. Como visto até aqui, em termos gerais é esse o caminho retórico a ser percorrido para se construir a esquerda como figura que merece ser negada.

No *banner* abaixo (Figura 54), postado em 17 de novembro de 2017, o Movimento recupera a estética do vídeo *Nós somos o MBL* com o intuito de convencer a audiência de que a esquerda é um câncer que está se espalhando por todo o país, colocando em prática um plano maligno. Para tanto, se utiliza de uma imagem que compõe a identidade visual do documento *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC)<sup>209</sup> e, oportunamente, neutraliza as cores originais para sobrepor o vermelho em alusão ao Partido do Trabalhadores. Considerando a edição de imagem, o texto propriamente dito e o cenário político – em que o MBL já mantinha uma relação conflituosa com o então presidente –, é válido enxergar o material como algo pensado para aproximar as imagens politicamente deslocadas de Michel Temer (MDB) e da esquerda política, de modo que os dois alvos fossem atacados simultaneamente.

---

<sup>209</sup> “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jan 2020.

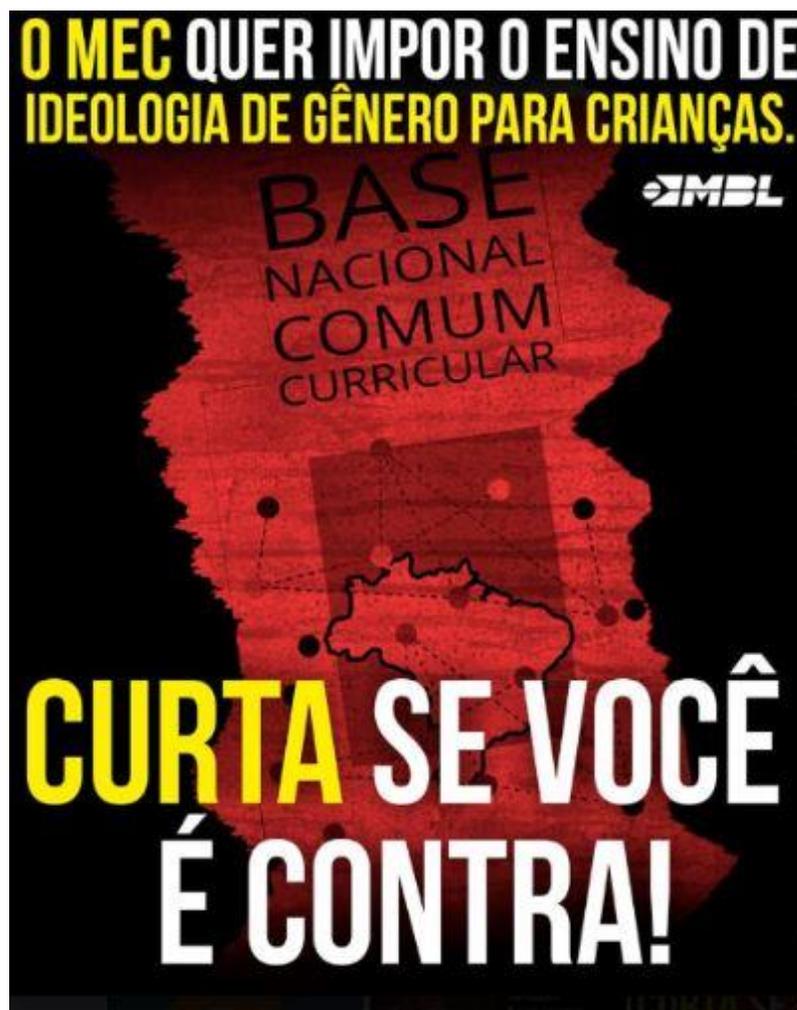


Figura 54: *Banner* publicado em 17 de novembro/2017 tratando de suposta imposição do “ensino de ideologia de gênero para crianças”

Fonte: *Fanpage* do MBL

Mesmo se referindo, especificamente, à suposta imposição do “ensino de ideologia de gênero para crianças”<sup>210</sup>, a postagem acima (Figura 54) é capaz de sintetizar, em muito, a ampla narrativa de que *a esquerda é doutrinadora*, bem como os objetivos que a conferem sentido e importância. No *banner* o MBL comunica à audiência que os vilões são os esquerdistas; as vítimas, sujeitos passivos a quem a dita ideologia de gênero será “imposta” –

<sup>210</sup> Entre os anos de 2015 e 2018 o projeto de lei *Escola sem Partido* somou diversas propostas de acréscimos. Neste contexto, o combate à “ideologia de gênero” também foi incluído. O termo seria utilizado para se referir a debates sobre sexualidade e gênero de maneira pejorativa. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15818/entenda-o-novo-projeto-do-escola-sem-partido-que-tramita-na-camara>, <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/entenda-o-que-propoe-o-programa-escola-sem-partido/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

sinta ódio. É preciso se defender desse mal, e a opção é o combate; para tanto, “junte-se a nós!”<sup>211</sup>.

De acordo com Sternberg e Sternberg (2008), o ódio pode ser pensado a partir de uma *teoria dupla (duplex theory of hate)* que, como o próprio nome sugere, é composta por dois pilares de sustentação. O primeiro deles foi nomeado de *teoria triangular do ódio (triangular theory of hate)* e serve ao argumento de que essa emoção seria mobilizada mediante a soma de três fatores: negação de intimidade, paixão e comprometimento. Tais fatores, por sua vez, estariam ligados a experiências emocionais distintas, respectivamente nojo, raiva/medo e desprezo.

Olhando em retrospecto para as três narrativas anteriormente examinadas – *a esquerda é corrupta, é violenta e é oportunista* –, é possível perceber que, em diversos momentos e por meio de distintas crenças, as emoções necessárias à experiência do ódio foram mobilizadas pelo MBL – fosse tendo como objeto Lula e Dilma, ou mesmo outros atores políticos da oposição formada pela esquerda. Partindo da premissa de que se trata de uma estratégia de médio/longo prazo e com resultados cumulativos, ao incluir o quarto e último enredo, portanto, a figura odiosa está claramente delineada.

O segundo dos pilares – *teoria baseada em narrativas (story-based theory of hate)* –, por sua vez, se dedica à assimilação da origem e do desenvolvimento do ódio; para tanto, expõe histórias possíveis que, ainda conforme os pesquisadores, levariam o indivíduo a experimentar tal emoção. Para além do fato de que todas as histórias listadas por Sternberg e Sternberg (2008) corroboram com a demarcação de diferenças entre o *nós* e o *Outro*, nas 18 narrativas discutidas há uma sequência comum de cinco passos que dão formas gerais ao enredo. Primeiro, há a revelação da face execrável do outro odiado; segundo, constrói-se a noção de que existe um plano maligno em andamento; terceiro, passa-se ao observador a mensagem de que o inimigo está se tornando cada vez mais poderoso; quarto, dissemina-se a ideia de que o opositor não é apenas uma ameaça imaginada, tendo em vista que já partiu para a ação; quinto, busca-se construir o pensamento de que a figura (agora) odiosa está logrando êxito em suas ações.

Cumpre frisar que, a despeito de algumas das 18 histórias trabalhadas por Sternberg e Sternberg (2008) estarem alinhadas às que abordo nesta tese, optei por não utilizá-las como ponto de partida da análise, deixando que o objeto comunicasse, à sua maneira, quais são e,

---

<sup>211</sup> Vale destacar que a abordagem da temática da sexualidade é algo estratégico e amplamente explorado na incitação do nojo, e o seu aprofundamento demandaria uma análise específica que extrapola os limites deste trabalho.

especialmente, como se constroem as principais narrativas por ele exploradas. De todo modo, tal como sugeriram os teóricos, é perceptível a presença de etapas padrões na construção dos enredos. No caso aqui analisado – mais do que nos três anteriores – é possível visualizar claramente a sequência sugerida pelos estudiosos, o que corrobora com o argumento de que seja nesta, e não em outra narrativa, o *lugar* em que o ódio aparece com mais veemência.

Na afirmação de que *a esquerda é doutrinadora*, a face execrável do objeto do ódio se releva, especialmente, na imagem de um grupo manipulador de crianças indefesas, o qual está ocupando todos os espaços de ensino e se tornando cada vez mais poderoso; é preciso que haja enfrentamento urgente. As provas materiais – fotos, notícias etc. – são, a todo tempo, *postas na mesa*. O Inimigo está em ação e, caso nada seja feito, alcançará o seu objetivo maior de doutrinarem em defesa da esquerda. De acordo com Sternberg e Sternberg (2008), ao cumprir com todas essas etapas, o MBL estaria direcionando aos seus opositores todo o ódio possível de ser incitado, chancelando-os como inimigos.

Ainda que eu tenha percebido a predominância de distintas emoções em cada uma das quatro narrativas analisadas, em nenhum dos casos é possível que enxerguemos essas experiências emocionais como únicas, ou mesmo como acontecendo de maneira isolada. A própria teoria pensada por Sternberg e Sternberg (2008) sugere esse atravessamento de emoções ao propor que o ódio consiste na combinação do nojo com a raiva, o medo e o desprezo. Assim sendo, e tendo em vista que a experiência do ódio consegue projetar na figura odiosa a imagem de inimigo a ser combatido, é estratégico para o MBL mobilizar essa emoção, de maneira urgente e controlada, no maior número possível de pessoas.

Ao discutir embates discursivos entre feministas e antifeministas, Júlia Anjos (2019, p. 157) destaca que, na incitação efetiva do ódio, não se pode assumir o risco de que os indivíduos mobilizados pensem haver solução simples, “um afastamento apressado típico do nojo, um desvio do olhar com desprezo, ou um enfrentamento explosivo e cheio de ira”, afinal, tal emoção se caracteriza por sua persistência. Se o problema é visto como insolucionável, o esforço para enfrentá-lo precisa vir na mesma proporção. Ao MBL cabe a tarefa de provar a esquerda política como verdadeiro monstro moral em atividade, objeto que merece todo nojo, raiva, medo e desprezo possíveis continuamente. Sendo assim, Anjos (2019, p. 158) defende que é preciso que seja criado um “senso de *urgência controlada*, algo que estimule a reação apaixonada porém que não se esgote em combustão, que sirva para engajar a audiência mas também mantê-la ao longo do tempo” (grifo meu).

Mesmo manejando variadas famílias de crenças para incitar diferentes emoções, todas as narrativas possuem aquela experiência emocional que se destaca dentre as demais. Na totalidade dos casos, posso afirmar haver o estímulo de uma *urgência controlada* – é urgente que você sinta raiva e indignação diante da esquerda corrupta, mas é importante que esse sentimento se mantenha; é urgente que você tenha desprezo e nojo pela esquerda oportunista, mas é relevante que essa sensação não desapareça etc. Se a urgência facilita o agir, o controle, por sua vez, possibilita o acúmulo de emoções estratégicas ao MBL.

Aqui, o Movimento provoca a audiência com a acusação de que seus filhos (ou mesmo você) podem estar sendo politicamente instrumentalizados pela esquerda sem que perceba e, ainda mais grave, sem que nada possa fazer – a não ser partir para o enfrentamento coletivo. Com esse enredo, é possível que o MBL atinja de modo mais efetivo aquele público que, por já somar outros sentimentos hostis com relação à esquerda, recebe este último argumento como chave para fixar a imagem da figura odiosa – o que, como dito por Aristóteles (2000), é irreversível.

O argumento da *esquerda doutrinadora* pode ser linha de chegada para alguns apoiadores que, ao final, se tornam verdadeiros fiéis. Porém, como as narrativas examinadas coexistem e são expostas de maneira circular, podem acolher, facilmente e com semelhante eficácia, seguidores em potencial. Estes novos membros já recebem, como ponto de partida, uma narrativa com alta capacidade de mobilizar ódio que pode, portanto, conquistá-los rapidamente. O imprescindível ao MBL, desse modo, é não deixar que haja interrupção em sua dinâmica de manejar crenças para mobilizar emoções e, com isso, conseguir engajamento político. O equilíbrio entre urgência e controle é, portanto, essencial.

## Conclusões

Certo dia, em uma conversa despreziosa com um amigo também acadêmico, falei, com a empolgação de quem completa a primeira volta de uma longa corrida, sobre as ideias iniciais organizadas para a introdução deste texto. Descrevi a cena dos xingamentos direcionados ao ex-presidente Lula durante o III Congresso Nacional do MBL; tamanha foi a riqueza de detalhes que, me recorde, pude sentir novamente algumas perturbações corporais que confirmavam a experiência vivida do medo, da ameaça próxima. Quando já estávamos prestes a despedir-nos, ele comentou: “se eu não confiasse em você e nem conhecesse minimamente o MBL, poderia pensar que tudo isso é fruto da imaginação, inspirada nos ‘dois minutos de ódio’ narrados por George Orwell em ‘1984’”. Ao longo da escrita desta tese, os pensamentos acerca da semelhança entre o universo descrito pelo autor e a realidade brasileira, com recorrência, me vinham à mente.

O romance foi publicado em 1949, aludindo aos regimes totalitários das décadas de 1930 e 1940. A história, tal como o título sugere, se passa em 1984, tendo como pano de fundo um futuro distópico em que a sociedade é intensamente vigiada pelo Estado, sem que haja chance de escapatória: as mesmas TVs (*teletelas*) que transmitem propagandas do regime vigente, captam imagens da audiência. Vivendo sob as imposições do governo representado pela figura do *Grande Irmão*, os moradores de *Oceania* eram obrigados a interromper suas atividades para, em determinado momento do dia, se posicionarem frente a uma tela em que a imagem de um opositor qualquer do Estado era exposta por dois minutos. Fosse por apoiar a ditadura instaurada, fosse por medo da repressão (física e simbólica) vinda da vigilância, os telespectadores deveriam xingar o inimigo ininterruptamente dentro do intervalo de tempo estabelecido. Ofensas e desejos de morte davam o tom da manifestação vigiada.

Se pusermos as duas cenas em paralelo – os “dois minutos de ódio” de George Orwell e o acontecimento narrado na introdução desta tese –, perceberemos semelhanças entre a ficção e a realidade. O ocorrido durante o III Congresso Nacional do MBL constitui uma extensão daquilo que rotineiramente acontece nos *tribunais de cólera* (FREIRE FILHO, 2014) estimulados pelo Movimento. Aos que fazem parte dessa *comunidade emocional* (ROSENWEIN, 2017), o ato de destilar ódio em direção à figura abjeta do *Outro* opositor, seja no *espaço dos fluxos*, seja no *espaço dos lugares* (CASTELLS, 2017), é algo que não deve restringir-se a uma ocasião ou, menos ainda, a um intervalo de tempo específico. A análise possibilitou o entendimento de que a mobilização política das emoções levada a cabo pelo MBL tem continuidade e intensidade, além de um caráter virulento, de modo que o seu

público jamais perca de vista a necessária eliminação do objeto odioso – a esquerda política. O grupo prefere não apostar na possibilidade, mesmo que remota, de o ódio se esvaír por falhas na memória coletiva.

Enquanto movimento socialmente organizado que emergiu e segue atuando regido pelos moldes tecnológicos da *sociedade em rede*, a todo tempo o MBL – num processo quase que natural para um coletivo político do contemporâneo – leva em consideração as peculiaridades das ambiências *on-line*. Uma vez que, mais do que potencializar, cabe à internet a função de provocar e facilitar mudanças nesses movimentos do tempo presente (CASTELLS, 2017; PEREIRA, 2011; VAN DE DONK *et al.*, 2004), essa tecnologia colaborou com a imediatez da circulação de informações e sua replicabilidade. Ela exigiu do grupo, ainda, a formulação de táticas comunicativas que dessem conta de uma audiência *flutuante* e de suas necessidades práticas de consumo – conteúdo atraente, direto, de fácil assimilação etc. Sem sombra de dúvidas, as exigências impostas por esse meio de comunicação têm grande parcela da responsabilidade no sucesso do MBL, que desde o seu surgimento se esforça para transformar *laços fracos* em *laços fortes* – passagem que indica a fidelização de um observador à determinada causa (RECUERO, 2007, 2009; GRANOVETTER, 1973).

A imersão no objeto mostrou também que, não bastasse o domínio da arte da *retórica midiaticizada* (MATEUS, 2018), o MBL tem ao seu favor o processo de *celebrificação* de seus líderes (DRIESSENS, 2014). O *capital de visibilidade* (HEINICH, 2014) por eles acumulado confere autoridade às suas falas, atrai atores estratégicos que podem agir em benefício do Movimento, e amplia a exposição das causas defendidas. Mesmo não adentrando em análises que contemplassem a fundo as nuances da audiência, foi possível perceber como, atrelado ao fato de serem figuras célebres, os jovens que fazem o MBL acabaram por estimular a emergência e atuação de um híbrido fã/seguidor, sendo este o tipo de militante que se envolve emocionalmente de uma forma intensa, além de estar disposto a realizar um trabalho desmedido em prol do coletivo e, neste caso mais específico, da negação do *Outro*.

Os líderes nacionais do MBL passam, a todo tempo, uma imagem de jovens prontos à luta pela mudança política; exemplos a serem seguidos. Utilizam, para tanto, uma linguagem *descolada*, comunicando à audiência a ideia de proximidade e pertencimento: você também é parte dessa mudança! O público, por sua vez, vincula-se ao grupo por meio de um comportamento típico do fã (MORIN, 1969), projetando seu ídolo em um lugar distante de ser alcançado, mas, ao mesmo tempo, buscando imitá-lo, posto que o admira e se identifica com o

que ele representa – o fim da velha política. Seja ocupando espaços *on-line*, ou tomando a frente nas manifestações de rua, o que se nota é uma espécie de extensão imediata de experiências emocionais entre o MBL e os seus híbridos fãs/seguidores, estando esses últimos, inclusive, sempre dispostos a darem um passo adiante rumo ao incentivado apagamento político do adversário. Aos apoiadores comuns do coletivo, o envolvimento se restringe à participação nos *tribunais de cólera*, à presença física nos protestos, e ao voto orientado.

Para alcançar um engajamento simples, ou, ainda, instigar a existência do híbrido acima citado, o Movimento explora, portanto, os aspectos facilitadores da internet – *incorporada, corporificada e cotidiana* (HINE, 2016) –, apoiando-se especialmente nas plataformas digitais para *fazer crer* a audiência acerca da necessária negação do *Outro*. Enquanto a arte da retórica ampla e diversamente acessada pelo MBL serve a esse *fazer crer*, o que leva ao engajamento, em última instância, são as emoções vinculadas a cada nova crença. O medo, por exemplo, pode inicialmente paralisar, mas quando estrategicamente canalizado, tende a impelir em direção ao enfrentamento do objeto ameaçador (CASTELLS, 2017; JASPER, 2016); enfrentamento esse que, a todo tempo, é incitado pelo MBL nas quatro narrativas expostas – *a esquerda é corrupta, é violenta, é oportunista e é doutrinadora*.

Sendo as emoções experiências cognitivas, contextuais, pensamentos encarnados (ROSALDO, 1984; REZENDE e COELHO, 2010; FREIRE FILHO, 2014; AHMED, 2014), as vivências emocionais estão diretamente atreladas àquilo que enxergamos como injusto, desagradável, promissor etc. Logo, se determinada família de crenças passar a não mais ter significação, deixaremos de sentir as emoções peculiares a cada uma delas (NUSSBAUM, 2004, 2001). Não por acaso, o trabalho do MBL no manejo de crenças é ininterrupto e ajustado à ligação entre o *crer* e o *sentir*. Ao longo dos meses considerados para a análise, há um claro esforço do Movimento para contar histórias que se apresentem ao público como sendo lógicas e consistentes, fundadas em verdades inabaláveis. Não basta afirmar que *a esquerda é violenta*; é preciso relatar casos de agressão (ou recuperar eventos antigos quando não houver algo novo a ser explorado), mostrar fotos, vídeos, recorrer aos ditos especialistas – mesmo que parte dessas *provas e argumentos de autoridade* sejam questionáveis.

As experiências emocionais estão no centro da formação e da continuidade de grupos socialmente organizados. Elas são capazes de unir sujeitos em torno de uma mesma causa e levá-los à ação coletiva, fixando no *Outro* opositor rótulos que, no mínimo, deem a entender a suposta existência de motivos justos para a sua negação e combate (AHMED,

2014). Entre as estratégias gerais de recrutamento bastante exploradas pelo MBL estão o *choque moral* – “o seu filho está sendo doutrinado”, “militantes de esquerda agridem policial mulher” etc. –, o *enquadramento de culpa* – “Lula é o maior corrupto deste país”; “Boulos invade propriedades” etc. – e o *alinhamento de quadros*. Este último se refere à preocupação em pensar novas pautas a partir de problemas com os quais a audiência já tem que lidar. Na prática, foi isso que o Movimento fez quando se lançou em uma *guerra cultural* (HUNTER, 1991) disposto a permitir que a atraente imagem de jovens liberais econômicos se misturasse à ideia de sujeitos conservadores na *medida certa*.

A manutenção desses agrupamentos humanos, por sua vez, passa por essas e por outras estratégias e táticas. Quando formados, os movimentos sociais agem em duas frentes no campo emocional, mobilizando *emoções recíprocas* – que servem ao reforço dos laços que unem o grupo – e *emoções comuns* – as quais se dirigem unicamente ao(s) alvo(s) da negação (JASPER, 2016). Explorando mecanismos retóricos, o MBL empreende esforços com a intenção de que experiências emocionais *comuns*, direcionadas, em especial, aos que fazem parte da esquerda política no Brasil, não percam força e intensidade. A cada momento novas questões polêmicas são criadas e/ou resgatadas para que sirvam tanto ao engajamento de potenciais apoiadores, quanto à acumulação de emoções que atendam à negação do *Outro* até que esse seja tomado como figura odiosa, tendo em vista que o ódio seria “irremediável” (ARISTÓTELES, 2000), e quem o experimenta passa a desejar não o sofrimento, mas a eliminação do objeto alvo.

Como sentimento moral (HUME, 2000; 2013; SMITH, 2015, 2017), a empatia é explorada pelo MBL, de um modo um tanto peculiar, no conjunto de emoções *comuns*. Em vez de mobilizar esta capacidade de *colocar-se no lugar do outro* para garantir, especialmente, a existência de um movimento coeso, o grupo a acessa da forma que mais o convém na cruzada antiesquerda. Age, portanto, de maneira a impedir qualquer empatia possível com relação ao seu opositor, mesmo quando a ocasião naturalmente demanda um olhar menos político-partidário e mais humanizado – como costuma ocorrer com o ritual do luto. Essa negação da empatia faz parte da estratégia retórica de construção do adversário político, figura abjeta e odiosa que, por atribuições do gênero, merece o desprezo dos *bons e moralmente justos*. À medida que o MBL desestimula a empatia com a esquerda política, ele define a escala de importância de suas ações: a primeira preocupação é reforçar uma aversão necessária; enquanto em segundo plano estaria o cuidado para que não surjam brechas que possam enfraquecer a coesão do grupo.

Se, desde o início, o argumento acima exposto me parecia encerrar uma das questões centrais desta tese, as análises possibilitaram uma nova (e complementar) maneira de entender a escolha feita. Reconhecendo que não há completa homogeneidade entre aqueles que se unem a qualquer que seja o movimento social, o MBL utilizou a negação estratégica da empatia com um terceiro objetivo: agregar novos apoiadores a partir da recusa compartilhada. Isso porque, estando o público bem alinhado quanto ao alvo de sua aversão (a esquerda brasileira), é mais simples unir a audiência por meio de pontos de negação do *Outro*, do que de afirmação do *nós* – especialmente se levarmos em conta que, mesmo entre os líderes do MBL, algumas temáticas de interesse público são vistas de maneiras distintas. A opção por explorar, publicamente<sup>212</sup>, a empatia (seletiva) como emoção *comum* dirigida à negação do *Outro* – em vez de experiência emocional *recíproca* a serviço direto da manutenção de *laços fortes* (RECUERO, 2007, 2009; GRANOVETTER, 1973) – revelou-se, uma vez mais, proveitosa.

Para pôr em prática o *choque moral*, o *enquadramento de culpa*, a *negação da empatia* ou qualquer outro método dentre os registrados no *script* de engajamento de novos apoiadores, é fato que o MBL explorou *repertórios* retóricos diversos (TILLY, 2008). Esses *repertórios* puderam ser esmiuçados com a análise das quatro narrativas predominantes no *corpus* da investigação: *a esquerda é corrupta, é violenta, é oportunista e é doutrinadora*. A percepção da existência de narrativas bem delineadas tanto serviu para defender o argumento central da tese aqui exposta – o MBL as constrói com o intuito de manejar crenças e mobilizar emoções que facilitem a adesão de potenciais apoiadores –, quanto se configurou no ponto de partida para que eu pudesse alcançar o objetivo maior de entender o funcionamento das dinâmicas comunicativas utilizadas pelo grupo no Facebook. A hipótese que girava em torno, especialmente, da ideia de negação do *Outro* para a afirmação do *nós* foi confirmada com a análise dos dados; esse mesmo trabalho analítico me deu uma resposta mais precisa sobre o *como* investigado: mediante uma retórica da construção do adversário político.

Com o entendimento das estratégias escolhidas pelo MBL, e a certeza da construção de narrativas circulares e complementares que fixassem a imagem desejada no adversário político, restava entender quais as movimentações retóricas táticas que sustentavam as histórias contadas. Os capítulos finais desta pesquisa foram dedicados à exposição dos

---

<sup>212</sup> A participação no III Congresso Nacional do MBL me fez inferir que há, sim, o estímulo para que os seus seguidores se ajudem, coloquem-se no lugar do outro quando necessário for, o que imagino que aconteça, também, nos grupos de *WhatsApp* que servem à organização da militância. Contudo, o que é estrategicamente tornado público no Facebook do Movimento, pelos motivos já mencionados, é essa negação da empatia.

profusos mecanismos retóricos explorados pelo MBL com a pretensão de desmontar a esquerda e, em paralelo, fortalecer o próprio Movimento. A justa e intencional disposição das palavras nos textos (ordem do discurso, figuras de linguagem etc.); a edição de imagens; o resgate de informações e tratamento calculado dessas – para simplificar, omitir ou descontextualizar sempre que conveniente fosse –; as comparações que demarcam diferenças e inferiorizam o *Outro*; bem como a tentativa (insistente) de provar a incoerência do opositor para desacreditá-lo compõem a lista de táticas de comunicação que, atravessando as quatro narrativas analisadas, serviram claramente ao manejo de crenças e à consequente mobilização de emoções.

Fugindo desses mecanismos que se revelaram regra na atuação do MBL, algumas manobras retóricas se destacaram dentre as demais por suas especificidades. Neste grupo, incluo a validação de informações por meio de discursos de autoridade que podem ser questionados pela falta de qualificação técnica de quem o profere; a quebra de cronologia para resgatar fatos e manter a memória emocional dos apoiadores ativa; a aproximação de figuras ditas culpadas para que se dê a transferência e/ou *extensão da culpa*; a apresentação do *Outro* como homogêneo, facilitando a negação em bloco; a conveniente transferência de responsabilidade para o público; a simulação de proximidade e preocupação com a audiência para garantir a noção de pertencimento ao *nós*; a busca pela ficção para tratar da realidade (duelo do bem contra o mal); e a oferta de uma *falsa liberdade momentânea* para interpretação dos fatos.

Todas essas estratégias retóricas, somadas, levaram o MBL à construção de uma imagem do adversário político oportunamente desfigurada; uma vez definida a figura odiosa, é a ela que o ódio que está por vir tende a ser direcionado (AHMED, 2014). Como indicam as abordagens feitas nos últimos dois capítulos desta pesquisa, a separação das quatro narrativas predominantes se deu por uma necessidade metodológica. Logo, apesar de terem sido expostas, por mim, paralelamente, a ideia do MBL é que elas sejam vistas, pelo público, como complementares, de maneira que as diferentes emoções a partir delas mobilizadas possam somar-se a ponto de fazer o observador passar da hesitação à ação política propriamente dita. O resultado esperado é a composição de uma audiência engajada por meio das histórias contadas, que não questione a necessidade de eliminação do *Outro*, e que esteja disposta ao enfrentamento coletivo do objeto odioso.

Concluo, portanto, que o MBL recorreu a *scripts* pré-existentes para buscar *repertórios* possíveis; atuou com manobras retóricas que viabilizaram o manejo de crenças e a

mobilização de emoções, notadamente a raiva, o medo, o desprezo, a indignação, o ressentimento e o ódio. Negou o *Outro* – que precisava ser destituído de seu capital político – para, assim, engajar e afirmar o *nós*. Construiu a imagem do adversário político convenientemente desfigurada: uma esquerda homogênea movida pela corrupção, violência, oportunismo e doutrinação. Jogou com possibilidades, mas jamais assumiu o risco de deixar que as emoções do público se perdessem no tempo e no espaço; canalizou tudo que possível, ininterruptamente, para a cruzada antiesquerda. A busca incessante pelo ódio ativo fez e faz parte do seu projeto de poder, o qual consiste em uma nação movida pela liberdade econômica, pelo conservadorismo moral, e, acima de tudo, liberta das *mãos sujas* da esquerda política, optando sempre pela negação do *Outro*, em detrimento de qualquer tentativa de diálogo.

Os múltiplos e complementares discursos retóricos seguem sendo exploradas pelo MBL visando a construção do adversário político a ser combatido. Já se passaram mais de dois anos desde o final do período estabelecido para a coleta de dados desta pesquisa – de novembro de 2016 a novembro de 2017 –, momento em que o grupo direitista colhia os frutos do sucesso pelo afastamento de Dilma Rousseff, e adequava-se às demandas específicas de uma nação cada vez mais envolvida no debate político. O país estava imerso em uma *guerra cultural* (HUNTER, 1991), ocasião em que temas corriqueiros (saúde, educação, cultura etc.) foram deslocados para o campo da moral. Neste intervalo de tempo, a despeito das muitas reviravoltas pelas quais o cenário político brasileiro passou, o MBL se manteve protagonista. Atualmente, o Movimento coloca-se como observador e crítico externo de um governo direitista que ajudou a eleger e, hoje, está em derrocada. Mesmo ampliando os alvos possíveis, estratégias e táticas retóricas centrais de negação do *Outro* para afirmação do *nós* permanecem, como mostram as imagens abaixo (Figura 55).



Figura 55: Imagens publicadas entre os meses de abril e maio de 2020 tendo como objetivo atacar o presidente Jair Bolsonaro  
 Fonte: *Fanpage* do MBL

Nas postagens que compõem a figura acima, as fotografias escolhidas para tratar de Bolsonaro, tal como registrado com o ex-presidente Lula, sugerem um chefe de Estado autoritário, descontrolado e que debocha da nação mesmo diante de um cenário crítico em que ele, pelo cargo que ocupa, deveria ser o principal responsável pela tomada de decisões assertivas. Sem realizar uma análise mais completa do material, é possível, ainda assim, perceber a construção retórica de uma imagem negativada deste novo adversário político. No último dos *posts*, por exemplo, o MBL é preciso na legenda: “Até quando este sujeito vai jogar contra?”, colocando o presidente e a população em lados opostos de um suposto duelo. As experiências emocionais do medo, da raiva, da indignação e, até, do ódio são incitadas nessas e em outras publicações feitas pelo MBL, rotineiramente, nos últimos meses.

Além de atacar de modo direto a figura de Bolsonaro, o MBL recorre, também, a outras táticas percebidas no material analisado nesta tese. Tenta igualar para diminuir em conjunto, projetar imagens lado a lado para sugerir uma *extensão da culpa*. Uma vez mais o grupo anuncia, ainda, uma batalha simbólica entre o alvo da vez e o até pouco tempo Ministro da Justiça e Segurança Pública, Sérgio Moro, como mostram as publicações que compõem a Figura 56, também extraídas da *fanpage* do Movimento.



Figura 56: Imagens publicadas em abril/2020 que evidenciam estratégias similares de construção do adversário político  
 Fonte: *Fanpage* do MBL

As postagens iniciais que estruturam a imagem acima (Figura 56) não só colocam o MBL como observador diante de dois adversários políticos igualmente desprezíveis como, em um arranjo tático um tanto ousado, sugerem haver uma aliança política entre Lula e o atual presidente, operando pela manobra retórica da soma de reputações moralmente reprováveis: “Bolsonaro ganhou um aliado na sua tentativa de aparelhar a Polícia Federal. Ninguém menos que o Lula. Entenderam agora?”,

Esses exemplos deixam claro que, não obstante afirmarem rever seus métodos de atuação, os líderes do MBL continuam explorando o campo das emoções para mobilizar e engajar. Manejando crenças, a retórica da construção do adversário político segue sem grandes modificações. Se antes o principal alvo do grupo era a esquerda (personificada na figura do ex-presidente Lula), atualmente, o nome de Jair Messias Bolsonaro, como exposto, também ocupa posição de destaque nos conteúdos que acusam e difamam – o que tem sido notado e, com frequência, criticado por apoiadores do Movimento em comentários de publicações recentes feitas na *fanpage* do Facebook.

As escolhas necessárias ao desenvolvimento da pesquisa – plataforma para a coleta de dados, recorte temporal, metodologia, autores centrais etc. – viabilizaram uma análise mais minuciosa e completa do *corpus*, contudo, naturalmente deixaram de contemplar materiais, estudos, questões e lentes analíticas que podem também servir ao amplo entendimento do objeto empírico. Ao longo do trabalho, alguns aspectos notados nas estratégias e táticas retóricas do MBL se revelaram problemáticos o suficiente a ponto de me levarem a refletir sobre possíveis investigações futuras. Destaco a construção de *verdades oportunas* amparadas

em falas de atores estratégicos ditos especialistas<sup>213</sup>, sendo eles autorreferenciados pelo próprio movimento e por meios de comunicação que servem à defesa da direita política. A longo prazo, esse tipo de manobra retórica tende a construir um processo diferente de legitimação de autoridades, baseado em outras referências de *saber* e de quem está autorizado a falar – o que sustentaria, por si só, uma nova investigação.

Os comentários deixados nas postagens do MBL garantem, também, um material denso para pesquisa. A partir deles, várias abordagens analíticas poderão ser desenvolvidas, como por exemplo a relação entre fãs e *haters*, adentrando no campo da Cultura da Celebridade; ou estudos de recepção, focados em compreender não mais o lado das ações do Movimento, mas, sim, a maneira como o seu público (diverso) recebe e lida com as informações disseminadas. Mais à moda das investigações atuais, teríamos ainda a possibilidade de tratar de *fake news*, mantendo o diálogo com as teorias das emoções aqui abordadas. Essas são só algumas das possibilidades de exame de um fenômeno do tempo presente que, como tal, garante ao pesquisador acompanhá-lo em sua existência dinâmica, ao mesmo tempo em que lhe impõe desafios próprios.

Finalizo ressaltando que, com o estudo aqui realizado, não tive a pretensão de encerrar o debate teórico feito em torno de um objeto tão dinâmico e complexo, mas, sim oferecer condições de possibilidade para que uma leitura crítica da temática possa ser feita para além dos muros da academia. O caos político instalado no Brasil, incontestável, continua a demandar novas reflexões. A despeito de ter, ou não, o MBL como objeto central do exame, é importante que percebamos a potência que reside nas emoções quando canalizadas para a ação política coletiva, e que, na medida do possível, consigamos direcioná-la para um bem maior do que o apagamento proposto na ideia de *implodir o que resta de seus castelos*.

---

<sup>213</sup> A maior parte deles não possui qualificação técnica para tratar do assunto sobre o qual foi convidado a falar.

## Referências

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction. In: ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine (Orgs.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990, p. 24-45.

AHMED, Sara. *The cultural politics of emotions*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. *Sociologia e Antropologia*. vol. 2, n. 3, junho, 2012, p. 21-41.

ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: aplicações e inovações*. São Paulo: Uva Limão, 2016, p. 67-84.

ALZAMORA, Geane; ARCE, Tacyana; UTSCH, Raquel. Acontecimentos agenciados em rede: os eventos do Facebook no dispositivo protesto. In: SILVA, Regina H. Alves da (Org.). *Redes e ruas: dinâmicas dos protestosBR*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 39-65.

ANJOS, Júlia C. Versiani dos. *Megeras (in)domadas: discurso de ódio antifeminista nas redes sociais*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 190f., 2019.

ARISTÓTELES. *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.

BARREIRA, Irllys Alencar. F. Ação direta e simbologia das “jornadas de junho”: notas para uma sociologia das manifestações. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, vol. 4, n. 1, jan-jun, 2014, p. 145-164.

BAYM, Nancy K. *Personal connections in the digital age*. Cambridge: Polity Press, 2010.

BONIN, Jiani. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. *Famecos*, n. 37, dezembro, 2008, p. 121-127.

BOORSTIN, Daniel. *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. New York: Vintage Books, 1992.

BRAGA, José Luís et al. *Matrizes Interacionais: a comunicação constrói a sociedade*. Campina Grande: EDUEPB, 2017.

CARNEIRO, Henrique S.. Apresentação - Rebeliões e ocupações 2011. In: HARVEY, David et al (Orgs.). *Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012, p. 57-64.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CSENGEI, Ildiko. *Sympathy, sensibility and the literature of feeling in the eighteenth century*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2012.

DOIMO, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ANPOCS, 1995.

DOS SANTOS, João G. Bastos; CHAGAS, Viktor. Direta transante. *Matrizes*, vol. 12, n. 3, 2018, p. 189-214.

DRIESSENS, Olivier. A celebritização da sociedade e da cultura: entendendo a dinâmica estrutural da cultura da celebridade. *Ciberlegenda*, n. 31, 2014, p. 08-25.

FAJANS, Jane. Autonomy and relatedness: emotions and the tensions between individuality and sociality. *Critique of Antropology*, vol. 26, n. 1, 2006, p. 108-119.

FIDALGO, António; FERREIRA, Ivone. Retórica Mediatizada. *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 36, 2005.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FREIRE FILHO, João. A comunicação passional dos fãs: expressões de amor e de ódio nas redes sociais. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O. (Orgs.). *Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades*. São Paulo: Intercom, 2013, p. 127-154.

\_\_\_\_\_. Comunicação, emoções e moralidade: a Internet como arquivo e tribunal da cólera cotidiana. In: 38º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, MG. *Anais do 38º Encontro Anual da Anpocs*, 2014.

\_\_\_\_\_. Correntes da felicidade: emoções, gênero e poder. *Matrizes*, vol. 11, n. 1, jan-abr, 2017, p. 61-81.

\_\_\_\_\_. Era uma vez o “país da alegria”: mídia, estados de ânimo e identidade nacional. *Intexto*, n. 34, set-dez, 2015, p. 401-420.

\_\_\_\_\_. Fãs, a nova vanguarda da cultura? In: FREIRE FILHO, João. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e a micropolítica do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 111-162.

\_\_\_\_\_. *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

FREVERT, Ute. *Emotions in history: lost and found*. Budapeste: Central European University Press, 2001.

FURETIÈRE, Antoine. *Dictionnaire universel*. Paris: La Haye, 1727.

GALLEGO, Esther Solano (Org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

GALLEGO, Esther Solano et al. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação Lava Jato e contra a reforma de previdência. *Em Debate*. Belo Horizonte, ano 9, n. 2, ago, 2017, p. 35-45.

GONH, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 16, n. 47, mai-ago, 2011, p. 333-361.

GOSS, Karine Pereira; PRUDÊNCIO, Kelly. O conceito de movimentos sociais revisitado. *Em Tese*, vol. 2, n. 1, jan-jul, 2004, p. 75-95.

GRANOVETTER, M. The strenght of weak ties. *The American Journal of Sociology*. vol. 78, n. 6, maio, 1973, p. 1360-1380.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 387-404.

HEINICH, N. *De la visibilité: Excellence et singularité en régime médiatique*. Paris: Éditions Gallimard, 2012.

HINE, Cristine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p 11-27.

HOLMES, Leslie. *Corruption: a very short introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2015.

HUME, David. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Uma investigação sobre os princípios da moral*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

HUNTER, James D. *Culture wars: the struggle to define America*. Nova Iorque: Basic Books, 1991.

HUTCHEON, Linda. *Irony's edge: the theory and politics of irony*. Londres: Routledge, 1995.

JAMES, William. What is an emotion?. *Mind*. vol. 9, n. 34, abril, 1884, p. 188-205.

JASPER, James M. *Protesto: uma introdução aos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LACOUTURE, J. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p. 2016-239.

LE BON, Gustave. *La psychologie des foules*. Paris: PUF, 1963.

LEAL, Tatiane. *A invenção da sororidade: sentimentos morais, feminismo e mídia*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro. 258f., 2019.

MACHADO, José Alberto S. Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, ano 9, n. 18, jul-dez, 2007, p. 248-285.

MALDONADO, Alberto Efendy. Pesquisa em Comunicação: Trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al. *Metodologias da pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011. p. 277-303.

MARTÍN-BARBERO, J. *Ofício de cartógrafo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá; GROHMANN, Rafael. A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens online. *Fronteiras-estudos midiáticos*, v. 19, n. 1, 2016, p. 94-101.

MATEUS, Samuel. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: Editora Labcom.IFP, 2018.

MEDEIROS, Amanda et al. Usos e apropriações das TICs: um balanço da pesquisa da pesquisa em dissertações e teses do campo da comunicação. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE. *Anais do 34º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2011.

MEDEIROS, Amanda. Eis aqui um povo ressentido: narrativas de ódio em torno da morte de Marisa Letícia. In: 11º Encontro Nacional de História da Mídia, São Paulo, SP. *Anais do 11º Encontro Nacional de História da Mídia*, 2017.

\_\_\_\_\_. *Práticas e características do jornalismo alternativo e contra-hegemônico de agência de informação: uma visão a partir da rotina produtiva da Adital*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 159 f., 2016.

MELUCCI, Alberto. *A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Challenging codes: collective action in the information age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. Getting involved: identity and mobilization in social movements. *International Social Movements Research*, vol. 1, 1998, p. 07-43.

MILLER, William. *The anatomy of disgust*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MOLE, Tom. *Byron's romantic celebrity: industrial culture and the hermeneutic of intimacy*. Basingstoke: Palgrave, 2007.

MORIN, Edgar. Os Olímpianos. In: *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1969, p. 99-103.

NEUMAN, W. Russel et al (Orgs.). *The affect effect: Dynamics of emotions in political thinking and behavior*. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUSSBAUM, Martha. *Hiding from humanity: disgust, shame, and the law*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *Upheavals of thought: the intelligence of emotion*. Cambridge University Press, 2001.

PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. In: IV Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política - Compolítica, Rio de Janeiro, RJ. *Anais do 4º Encontro da Compolítica*, 2011.

POLIVANOV, Beatriz; SANTOS, Deborah. Términos de relacionamentos e Facebook: desafios da pesquisa etnográfica em sites de redes sociais. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 179-198.

PRADO, José L. Aidar; PRATES, Vinicius. Regimes passionais do MBL na eleição presidencial de 2018. In: XXVIII Encontro Anual da Compós, Porto Alegre, RS. *Anais do XXVIII Encontro Anual da Compós*, 2019.

RECUERO, Raquel. *A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a difusão de informações em redes sociais na internet. In: VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Passo Fundo - RS. *Anais do 8º Congresso Nacional de Ciências da Comunicação na Região Sul*, 2007.

\_\_\_\_\_. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROSALDO, Michelle. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, Richard Allan.; LEVINE, Robert Alan. (Orgs.). *Culture theory: essays on mind, self, and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157.

ROSENWEIN, Barbara H. *Emotional communities in the early Middle Ages*. Ithaca: Cornell University Press, 2007.

SHOSHAN, Nitzan. Más allá de la empatía: la escritura etnográfica de lo desagradable. *Nueva antropol.* vol. 28, n. 83, 2015, p.147-162.

SILVA, Antonio Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SMITH, Adam. *A riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

\_\_\_\_\_. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

SOLOMON, Robert. *Fiéis às nossas emoções: o que elas realmente nos dizem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

STERNBERG, Robert J.; STERNBERG, Karin. *The nature of hate*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2008.

TARROW, Sidney. *Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. São Paulo: Loyola, 2013.

TEIXEIRA, Ivan. New criticism. *Revista Cult*. vol. 14, 1998, p. 34-37.

THOMPSON, John Brookshire. Comunicação e contexto social: In: THOMPSON, John Brookshire. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 19-46.

TILLY, Charles. *Contentious performances*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

\_\_\_\_\_. Contentious repertoires in Great Britain. In: MARK, T. (Org.). *Repertoires and cycles of collective action*. Durham: Duke University Press, 1995, p. 15-42.

TILLY, Charles. TARROW, Sidney. *Contentious Politics*. Londres: Paradigm Publishers, 2006.

TURNER, Graeme. *Understanding celebrity*. Londres: Sage Publications, 2004.

VAN DE DONK et al (Orgs.) *Cyberprotest: New media, citizens and social movements*. London: Routledge, 2004.

VAN DIJCK, José. *The culture of connectivity: A critical history of social media*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VERÓN, Eliseo. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

**APÊNDICE A: Teses e Dissertações publicadas no Brasil sobre o MBL**

**Teses publicadas entre os anos de 2017 e 2019<sup>214</sup>**

<b>Título do trabalho</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Área</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Quem são os grupos de direita que ganharam as ruas do país: uma análise de redes com ênfase nos atores e nas pautas do Movimento Brasil Livre e do Vem pra Rua	Movimento Brasil Livre; Vem pra Rua; Análise de redes sociais; Ativismo político.	Ciência Política	UFPE	2019
De louca a incompetente: construções discursivas em relação à ex-presidenta Dilma Rousseff	Dilma Rousseff; Feminismo; Gênero; Discurso	Estudos de Linguagem	UFMT	2019
Do cidadão ao cibercidadão: estudo das estratégias de comunicação no Facebook do Movimento Brasil Livre e da Mídia Ninja no impeachment de Dilma Rousseff	Comunicação Digital; Facebook; Movimento Brasil Livre; Mídia NINJA. Impeachment.	Comunicação	UCB	2018
Partidos-Movimento: as relações entre partidos políticos e sociedade civil no limiar do século XX	Partidos-movimento; Partidos Políticos; Sociedade Civil; Movimentos Sociais; Jornadas de Junho.	Ciências Sociais	PUC - Rio	2017

<sup>214</sup> Todos os dados foram coletados em abril de 2020, no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando na ferramenta de busca tanto a sigla, quanto o nome do Movimento Brasil Livre.

**Dissertações publicadas entre os anos de 2016 e 2019**

<b>Título do trabalho</b>	<b>Palavras-chave</b>	<b>Área</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Os usos da ideia de "nazismo" difundida pelo MBL - Movimento Brasil Livre no Facebook (2017)	Didática da História; História Pública; Usos do passado; Ciberespaço; Nazismo.	História Social	UEL	2019
Indústria cultural, narcisismo e o ódio nas redes sociais	Redes sociais; Indústria cultural; Barbárie; Narcisismo; Ódio.	Psicologia	UFG	2019
Vem Pra Rua e o Movimento Brasil Livre: uma análise marxista dos "movimentos de classe média" sob os governos de Dilma Rousseff (2015-2016) e Michel Temer (2016-2018)	Vem Pra Rua; Movimento Brasil Livre; Classes Médias; Movimentos Liberais e Conservadores; "Movimentos-apoio".	Ciências Sociais	UEL	2018
Ciberativismo nas redes sociais: um estudo do Movimento Brasil Livre no pós-impeachment de Dilma Rousseff	Ciberativismo; Conversação em rede; Redes sociais virtuais; Movimento Brasil Livre; Facebook.	Comunicação Social	PUC - RS	2018
Redes sociais digitais: um olhar para o compartilhamento de informações na organização das manifestações populares no Brasil contemporâneo	Redes Sociais Digitais; Manifestações Populares; Compartilhamento de Informações; Movimentos Sociais na Internet.	Ciência da Informação	UEL	2018

Ensino de história do tempo presente na era das redes sociais	Ensino de história; História do tempo presente; Imediato brasileiro; Redes sociais; Facebook; Narrativas; Disputa de memória; Fake news; Falseamento histórico.	Ensino de História	UFRGS	2018
Ativismo e engajamento cidadão nos meios digitais: um estudo comparativo do uso de mídias sociais por movimentos políticos da juventude brasileira	Movimentos sociais; Análise de conteúdo; Engajamento; Antagonismo político; Cidadania	Mídia e Tecnologia	UNESP	2018
Ludwig von Mises como arma política da extrema-direita brasileira	Ludwig von Mises; Neoliberalismo; Extrema-direita.	Serviço Social	UFRN	2018
Nova Direita ou Velha Direita com Wi-Fi? Uma interpretação das articulações da “direita” na internet brasileira.	Análise de redes sociais; direita; Brasil.	Sociologia Política	UFSC	2017
As paixões no ciberativismo: análise semiótica dos comentários das fan-pages do Movimento Brasil Livre (MBL) e Frente Brasil Popular (FBP)	Semiótica das paixões; Semiótica discursiva; Ciberativismo; Ciberpolítica; Facebook.	Teoria Literária e Crítica da Cultura	UFSJ	2017
Comunicação e resistência na cibercultura: movimentos net-ativistas e as controvérsias do Movimento Brasil Livre	Comunicação; Resistência; Cibercultura; Net-ativismo; Rede; Movimento Brasil Livre.	Comunicação	UFG	2017
Nacionalismo, não-violência e os novos atores engajados na política contenciosa brasileira: o caso do Movimento Brasil Livre (MBL)	Movimento Brasil Livre; Confronto político; Movimentos Sociais; Estado.	Ciências Sociais	PUC - RS	2017
"É uma batalha de narrativas": os enquadramentos de ação coletiva em torno do impeachment de Dilma Rousseff no Facebook	Enquadramentos; Impeachment; Facebook; Organizações da sociedade civil; Direita; Brasil	Ciência Política	UNB	2017

Ativismo na internet e o impeachment de Dilma Rousseff: (as estratégias de convocação dos movimentos pró e contra a presidenta do Brasil, 2014-2016)	Ativismo na internet; Impeachment; Dilma Rousseff; Movimentos Sociais; Comunicação Pública.	Comunicação e Informação	UFRGS	2017
Movimentos sociais em rede: uma aproximação das ações sociodiscursivas do “Movimento Brasil Livre”	Rede; Movimentos sociais; multimodalidade; discurso.	Linguística	UNB	2017
Identidade em ambiente virtual: uma análise da rede estudantes pela liberdade	Ambiente virtual; Movimentos sociais – direito; Mídia social; Facebook.	Ciência Política	UNB	2016
"Contra tudo isto que está aí": moralismo e política nas manifestações “Fora Dilma” em João Pessoa	Corrupção; Moralismo; Udenismo; "Fora Dilma".	Sociologia	UFPB	2016

**ANEXO A: Panfleto do III Congresso Nacional do MBL**



IMPEACHMENT AB

BRAZIL'S LOWER HOUSE  
VOTES TO IMPEACH PRESIDENT

III CONGRESSO  
NACIONAL

IMPEACHMENT!  
Câmara autoriza processo contra a presidente  
Dilma Rousseff. Paraíba diz que lutará até o  
fim da responsabilidade

FORA DILMA  
FORA PT

FOLHA DE S. PAULO  
ATO ANTI-DILMA É O  
MAIOR DA HISTÓRIA

ESTADO DE S. PAULO  
13/03/2016

SEMPRE QUE PRECISAR,  
NÓS ESTAREMOS LÁ

Bem vindo ao 3o Congresso do Movimento Brasil Livre!

Estamos muito felizes que você esteja aqui conosco. Sabemos do sacrifício que representa para muitos a livre manifestação das próprias ideias e de sua consciência; estar conosco é, antes de tudo, um ato de rebeldia.

Destarte, pedimos para que você olhe para os lados. Pouco a pouco, verá jovens e adultos, homens e mulheres, de todo o país, de todas as regiões. Gente do Pará, do Rio Grande do Sul, de Rondônia, da Bahia, de Mato Grosso. Gente que tirou dinheiro do próprio bolso para celebrar 3 anos de luta intensa contra aqueles que nos legaram pobreza, atraso e corrupção.

Sugerimos que troque experiências com eles; todos ali tem histórias a contar. Em cada cidade onde há um MBL, existe combate sendo travado. Este evento é muito maior do que as palestras e exposições. O ganho de experiência e conhecimento virá, também, da plateia. Pois é do encontro entre teoria e prática política que fomentamos nossa ação transformadora.

Esperamos que sua participação seja satisfatória. Foi um grande sacrifício realizar um evento desse porte em meio a tantos ataques, lutas e – como não poderia deixar de ser – vitórias! Fomos fundamentais na popularização de uma visão moderna e liberalizante na gestão pública. Nossa atuação colocou em cheque o discurso vitimista de sindicatos e corporações interessados em explorar o Brasil. Dos aplicativos de transporte às reformas municipais; da reforma trabalhista aos artistas desmascarados: o MBL esteve lá todas as vezes que o Brasil precisou.

Contamos com você nesse 2018 que se aproxima!

# CURIOSIDADES



Mais de 2.500.000 de seguidores no Facebook  
100 Mil seguidores no Twitter  
150 mil inscritos no youtube  
Audiencia diária 8mi



1 milhão de seguidores no facebook  
800 mil inscritos no youtube  
20 mil seguidores no twitter  
Audiencia diária de 1.5 ml

530 mil seguidores no facebook  
53 mil seguidores no twitter  
Audiencia diária de 1.2 mi



460 mil seguidores no facebook  
20 mil seguidores no twitter  
Audiencia diária de 2 ml

# PROGRAMAÇÃO

SÁBADO 11/11

VAI SER FODA!

09:30H - CREDENCIAMENTO

10:00H - COFFEE

10:30H - 11:45H - ABERTURA: A CONFIRMAR

11:45H - 13:00H - 2 PAINEL: FÉ E FILOSOFIA POLÍTICA: O BRASIL É REALMENTE UM PAÍS CRISTÃO? - LUIZ FELIPE PONDÉ, FRANCISCO RAZZO E MARTIM VASQUES DA CUNHA. MODERADOR: RODRIGO SIMONSEN

13:00H - 14:45H - ALMOÇO

14:45H - 16:00H - 3 PAINEL: PAINEL OS IMPACTOS DA REFORMA

TRABALHISTA: FLÁVIO ROCHA, PAULO EDUARDO MARTINS, DEPUTADO ROGÉRIO MARINHO. MODERADOR: RENATO BATTISTA

16:00H - 17:15H - 4 PAINEL: O PAPEL DA DIREITA NO BRASIL

PÓS-IMPEACHMENT: JOYCE HASSELMANN, DEPUTADO MARCO FELICIANO E ALEXANDRE BORGES. MODERADOR: ERIC BALBINUS

17:15H - 17:45H - INTERVALO

17:45H - 19:00H - 5 PAINEL: SEGURANÇA PÚBLICA: BENE BARBOSA, KIM KATAGUIRI, PROMOTOR MARCELO MONTEIRO E ROBERTO MOTTA. MODERADOR: ARTHUR DO VAL (MAMÃEFALEI)

19:00H - 20:30H - 6 PAINEL: GESTÃO INOVADORA NAS CIDADES:

MINISTRO DAS CIDADES BRUNO ARAÚJO, PREFEITO JOÃO DORIA JR, PREFEITO PAULO SERRA E PREFEITO NELSON MARCHEZAN JR. MODERADOR: PAULO MATHIAS

20:30H - 21:00H - 7º PAINEL: A FALÁCIA DO DISCURSO DA IGUALDADE: MAREK TROCZINSKI

DOMINGO 12/11

10:00H - CREDENCIAMENTO

10:30H - 11:45H - 1º GT: POLÍTICAS PÚBLICAS COM OS VEREADORES DO MBL: CAROL GOMES, CEZAR LEITE, DITO DORTA, FERNANDO HOLIDAY, FILIPE BARRÓS, HOMERO MARCHESE, JP MIRANDA, LEONARDO BRAGA E RAMIRO ROSÁRIO.

11:45H - 13:00H - 2 GT: A EFICIÊNCIA DA INICIATIVA PRIVADA NO SETOR PÚBLICO: FILIPE SABARÁ, GERALDO RUFINO E RODRIGO GARCIA. MODERADOR: RUBINHO NUNES

13:00H - 14:45H - ALMOÇO

14:45H - 16:00H - 3 GT: GUERRA DE NARRATIVAS NA IMPRENSA: GUILHERME FIUZA, HENRIQUE VIANA (BRASIL PARALELO) E MARCELO MADUREIRA. MODERADOR: ALEXANDRE SANTOS (SALSICHA)

16:00H - 17:15H - 4 GT: O PAPEL DO SENADO NA MODERNIZAÇÃO DO BRASIL COM OS SENADORES: RICARDO FERRAÇO E JOSÉ MEDEIROS. MODERADOR: FERNANDO HOLIDAY

17:15H - 17:45H - INTERVALO

17:45H - 19:00H - 5 GT: ECONOMIA: AS REFORMAS QUE O BRASIL PRECISA: CAIO MEGALE, PROF. MARCUS FREITAS E HELIO BELTRÃO. MODERADOR: MARCELO RAVENNA

19:00H - 20:15H - 6 GT: PAPEL DO LEGISLATIVO NO FIM DOS PRIVILÉGIOS COM OS DEPUTADOS: DANIEL COELHO, PEDRO CUNHA LIMA, ELIZEU DIONIZIO, SÓSTENES CAVALCANTE, E MARCEL VAN HATTEN. MODERADOR: KIM KATAGUIRI



## CONQUISTAS DE 2017

### Combate à Doutrinação

- Marcha pela Escola sem Partido em mais de 100 cidades
- Protocolo do projeto em mais de 50 cidades
- Aprovação do projeto, até o momento, em 5 cidades (Lorena/S.J.Rio Preto / Jundiá/ Gampinas/Pedreira)
- Coleta e entrega de 33 mil assinaturas pelo projeto em Brasília

- Perseguição da ONU ao vereador Fernando Holiday por combater doutrinação
- Debate em Brasília sobre Mensalidades em Univ. Públicas
- Principal divulgador da Reforma do Ensino Médio
- Desocupação de Escolas em São José dos Campos e Curitiba

### Guerra Cultural

- Campanha de Boicote ao QueerMuseu
- Campanha de Combate pelo Fim da lei Rouanet
- Atuação em Brasília contra a Ideologia de Gênero no MEC
- Fim da Ideologia de gênero em Jundiá (MBL/SP)
- Combate à Ideologia de gênero em Barretos (MB/SP)
- Vitória sobre a Rede Globo no caso "Peladão do MAM"

- Trabalho de Fiscalização de Fake News da Imprensa Militante
- Combate direto à ONGs Desarmamentistas
- Desmascarar Financiamento de grupos de esquerda por Fundações Internacionais

## Sindicatos e Corporações

- Autoria do Fim do Imposto Sindical (Paulo Martins MBL/PR)
- Revogação Auxílio Moradia para Magistrados (MB/DF)
- Liderança na campanha pelos apps de transporte
- Vitória pelo fim dos Privilégios Previdenciários do Funcionalismo municipal (MBL/RS)
- Corte de gastos em gabinetes de vereadores MBL
- Aprovação do UBER em Rio Claro (MBL/SP)
- Emenda à Reforma da Previdência com fipe
- Criação da Comissão para PL do Fim dos Supersalários do funcionalismo
- Uma dezena de manifestações sindicais desmascaradas por Arthur Mamãe Falei (cerca de 35 milhões de views/total)
- Liderança na Campanha pelas reformas
- Paulo Mathias (MBL/SP) lidera prefeitura regional com mais cortes de gastos e PPP's
- Holiday lidera venda da Prodan \*
- Reforma da previdência municipal de Goiânia por Silvio Fernandes (MBL/GO)
- Projetos de Revogação de Leis inúteis em SP e todo o país
- PPP's e Concessões em Florianópolis (MBL/SC)



# MBL